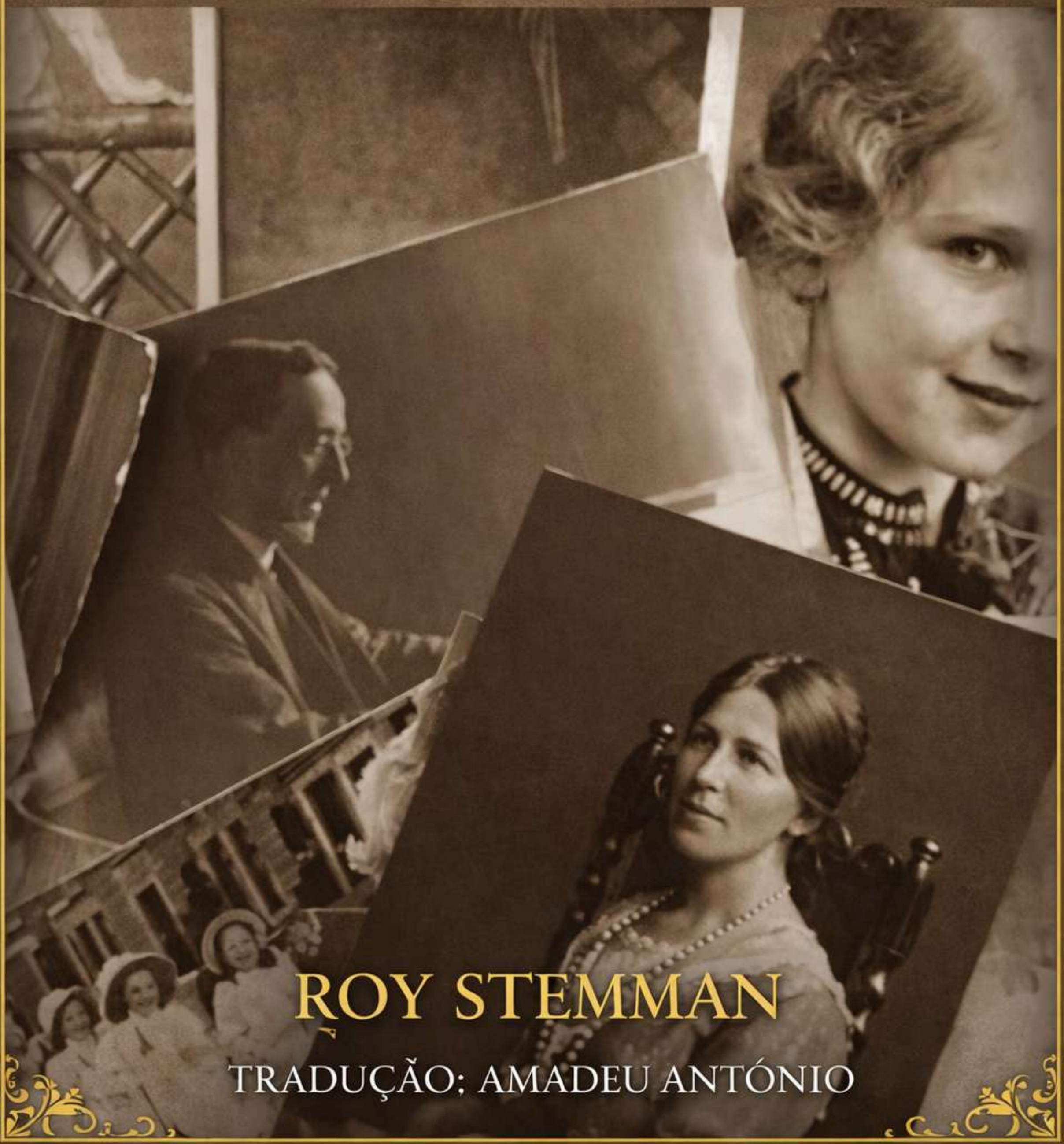
REENCARNAÇÃO

HISTÓRIAS REAIS DE VIDAS PASSADAS



ROY STEMMAN

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

REENCARNAÇÃO

HISTÓRIAS REAIS DE VIDAS PASSADAS

ROY STEMMAN 1997

ÍNDICE

Agradecimentos

Introdução
1 Crentes famosos
2 Assuntos Pendentes
3 Reencontros
4 Assunto de Família
5 Almas Gémeas
6 Almas Companheiras
7 Reencarnação de Grupo
8 À Procura de Lamas Renascidos
9 Maneira de Comportar Inaceitável
10 Talentos Especiais
11 Em Dois Pensamentos
12 Farto do Passado
13 A Vida Entre Vidas
14 No Corpo Errado?
15 Vítimas de Guerra
16 'Eu Vou Voltar'
17 Confrontados Pelos Seus Assassinos
18 De Língua Presa
19 Escavando o Passado
20 Marcado para a Vida
21 Rumo ao Futuro
22 Conclusão
Bibliografia
Índice Remissivo

AGRADECIMENTOS

Nenhum livro que examine a evidência científica para a reencarnação poderia ser escrito sem referência ao trabalho do Professor Ian Stevenson, e o meu não é exceção. Ele é o maior especialista mundial em reencarnação

e, tal como outros escritores sobre o assunto, devo-lhe uma enorme dívida de gratidão pela sua investigação pioneira e minuciosa.

Ian Stevenson, de origem canadiana, é Professor Carlson de Psiquiatria na Universidade de Virgínia, EUA, onde é também Diretor da Divisão de Estudos da Personalidade do Departamento de Medicina Comportamental e Psiquiatria. Passou muitos anos a investigar os melhores casos de todo o mundo e recorri extensivamente à sua investigação publicada (ver Bibliografia). Embora os seus estudos tenham atraído algumas críticas, tal não alterou a minha própria visão de que o seu trabalho, e o de outros, fornece um corpo formidável de evidências para o conceito de renascimento e também contribuiu grandemente para o nosso conhecimento da dimensão espiritual do homem.

Existem muitos outros a trabalhar nesta área cujos esforços admiro e cuja cooperação valorizo. A maioria dos aqui mencionados tem apoiado a *Reincarnation International Magazine*, que eu edito, e cujos arquivos formam a base de muito do que se encontra nestas páginas. Joe Fisher no Canadá, Ian Wilson na Nova Zelândia, o Rabino Yonassan Gershom nos EUA, Gaj Raj Gaur na Índia, Hernani Guimarães Andrade no Brasil e o Professor Erlendur Haraldsson na Islândia estão entre os correspondentes da revista, e é com prazer que reconheço as suas contribuições para este livro.

Outros que escreveram ou forneceram material, sem outro motivo que não o de partilhar evidências de reencarnação com outrem, incluem Guy Lyon Playfair (cuja tradução e excelente análise do livro de Andrade sobre o Padre Jonathan é citada extensamente no Capítulo 16) e Colin Wilson. David Christie-Murray, cujo livro académico sobre reencarnação é o que mais frequentemente recomendo aos interessados (ver Bibliografia), é outro dos nossos colaboradores regulares, tal como Gladys Archer, que forneceu muito do material sobre o caso do Capitão Arthur Flowerdew (Capítulo 19). O meu bom amigo Tom Barlow, hipnotizador e investigador, deu apoio ao longo de todo o projeto e prestou uma assistência valiosa de várias formas. Bob, Peter e Carl Hulme mantiveram-me diligentemente informado sobre o seu progresso enquanto investigam a vida de John Rafael (Capítulo 19).

Gaj Raj Gaur merece uma menção especial por ter viajado durante a noite para se encontrar comigo durante a minha breve visita a Deli em 1994

e, posteriormente, fornecer-me muitos casos novos de crianças que recordam vidas passadas, particularmente aqueles que apresentam marcas de nascença ou defeitos congénitos. Ninguém fez mais do que Joe Keeton para investigar o poder da mente e a capacidade de recordar vidas passadas sob hipnose. A sua esposa, Monica O'Hara-Keeton, está agora a dar a sua própria contribuição importante com um estudo detalhado da sua própria vida anterior. Estou grato a ambos pelo seu incentivo.

O meu filho Paul foi também uma grande ajuda, não só editorialmente, mas também com a tecnologia informática que desempenha um papel tão vital na edição de hoje. Quando não fui capaz de resolver um problema técnico, ele esteve sempre pronto para vir em meu auxílio.

Finalmente, não teria sido possível para mim escrever *Reincarnation* sem o apoio de Danny Lee que, além de ser o pilar administrativo da *Reincarnation International Magazine*, também atuou como meu investigador e revisor de provas neste livro, tarefas que exigiram do seu tempo muito para além do dever.

A todos os que mencionei, e aos muitos mais que também me ajudaram a colocar a evidência da reencarnação perante um público mais vasto, estou profundamente grato.

Foi um professor de educação religiosa o provável responsável pelo meu fascínio pela vida após a morte... mas pelas razões erradas. Era o Rev. E.G. Taylor, um homem grande e alegre, com cabelo à escovinha e feições angulares, que ensinava na escola do Norte de Londres que eu frequentava. Durante as suas aulas de religião, as nossas mentes tendiam a divagar, mas havia um aspeto que sempre me intrigava.

Ele ficava particularmente animado quando discutia milagres e presenteava-nos com histórias como a Travessia do Mar Vermelho e Moisés e a Sarça Ardente, oferecendo-nos depois explicações perfeitamente normais para estes eventos aparentemente milagrosos. Haveria uma certa hora do dia, sugeria ele, em que alguém que conhecesse as marés poderia conduzir um grande número de pessoas através daquele trecho de água e um exército perseguidor acabaria submerso pelas águas crescentes. O "truque" de Moisés com a sarça ardente era explicado de forma semelhante como um fenómeno natural.

Nunca investiguei estas hipóteses para ver se ele tinha razão ou não. O que me fascinava, contudo, era que um clérigo estivesse a argumentar contra a intervenção divina nestes e noutros relatos bíblicos. Na verdade, ele parecia largamente cético em relação a todas as coisas milagrosas, e teria sido um membro ideal de uma das muitas associações de céticos que parecem estar na moda atualmente. Sendo jovem e curioso, a sua abordagem apenas aumentou o meu interesse nos chamados "milagres". Em pouco tempo, eu era um ávido leitor de livros sobre investigação psíquica, Espiritismo, reencarnação e assuntos associados.

Foi apenas um pequeno passo passar de estar absorvido, confuso e fascinado por tais relatos de segunda mão sobre a vida após a morte para decidir que precisava de descobrir por mim próprio se os chamados "mortos" realmente sobreviviam à sepultura e podiam comunicar connosco. Essa decisão levou-me, já adulto, a uma rua suburbana arborizada em Golders Green, no noroeste de Londres, à casa de uma médium veterana, a Sra. Bertha Harris. Foi uma sorte tremenda ter a minha primeira sessão com alguém que, agora percebo, era uma médium extremamente boa — uma experiência que, receio, é demasiado rara hoje em dia.

Estando num estado de espírito cético, estava determinado a fazer e dizer o menos possível que pudesse fornecer pistas à Sra. Harris. Tomei a precaução de marcar a sessão sob um nome diferente e respondi apenas "sim" ou "não" às poucas perguntas que ela fez durante a sessão de duas horas. Além de uma riqueza de informações pessoais que ela não poderia possivelmente saber, mesmo que eu lhe tivesse fornecido o meu nome real antes daquele encontro, ela também me disse que os seus guias espirituais lhe estavam a dizer algo que eu próprio não poderia saber. Explicaram que eu era muito cético e que, depois, eu poderia muito bem justificar o que ela me tinha dito como "ler a minha mente".

Ela procedeu então à descrição do escritório onde eu trabalhava e disse, corretamente, que eu trabalhava com várias outras pessoas naquele escritório, mas apenas uma era um homem. Este homem era o meu chefe, mas não o "grande" chefe. A Sra. Harris estava consciente da presença espiritual de um homem que era o pai desta pessoa que ela tinha identificado. "Ele diz-me que o nome dele é Smith", continuou ela. "Lamento que seja um nome tão comum, mas não posso mudá-lo. Ele diz que as suas iniciais são W.G. ou W.J., estou a ter dificuldade em ouvir se é

um G ou um J, e ele morreu de uma condição pulmonar. Não sabe nada sobre isto e terá de verificar."

Eu estava convencido de que ela estava errada. Era verdade que o editor assistente da revista comercial onde eu trabalhava na altura se chamava Arthur Smith, mas ele falava frequentemente de visitar os pais ao fim de semana. Por isso, eu tinha a certeza de que o pai dele estava bem vivo. No entanto, era importante, para julgar a Sra. Harris e a hipótese espiritual com justiça, que eu verificasse os factos. A oportunidade surgiu durante o almoço na nossa visita semanal à tipografia. Arthur, um homem alto e magro, fumador de cachimbo, na casa dos quarenta anos, ficou bastante surpreendido com a minha pergunta, uma vez que até àquele momento não fazia ideia de que eu tinha interesse no espiritismo.

As iniciais do seu pai e a causa da morte estavam escritas num pedaço de papel que eu tinha colocado no bolso naquela manhã e que agora apresentava, juntamente com a minha explicação.

"O meu pai está morto", confirmou ele. "Morreu quando eu tinha cerca de quatro anos e a minha mãe voltou a casar. As suas iniciais eram W.G., mas não sei qual foi a causa da morte. Creio que sofreu uma lesão na lateral do corpo da qual nunca recuperou. Mas vou ver a minha mãe este fim de semana — vou perguntar-lhe."

Assim fez, e revelou na segunda-feira seguinte que o seu pai tinha morrido de uma condição pulmonar, como Bertha Harris me tinha dito, causada pela inalação de gás mostarda durante a Primeira Guerra Mundial.

Esta história pode não convencer os céticos mas, tomada em conjunto com todas as outras informações que me foram dadas, satisfez-me que alguma parte da nossa consciência sobrevive à morte e pode comunicar com este mundo sob certas circunstâncias — como quando existe um médium dotado para atuar como intermediário. Durante oito anos como editor assistente do *Psychic News*, um jornal semanal espiritualista, recebi ainda mais evidências de sobrevivência, mas nunca nada que superasse aquela primeiríssima sessão.

Continuando a minha busca por evidências satisfatórias de vida após a morte, descobri que os relatos do próximo mundo comunicados através de médiuns por guias espirituais e outros eram por vezes contraditórios. As

suas descrições diferiam. As suas crenças chocavam. Até as suas visões sobre Deus, Jesus e outras figuras religiosas nem sempre concordavam.

Na verdade, vistos de outra perspetiva, estas diferenças não são tão surpreendentes. Se alienígenas aterrassem seis naves espaciais em seis pontos diferentes da Terra e depois regressassem a casa com relatos separados dos seus encontros, os seus semelhantes poderiam muito bem questionar-se se eles teriam estado no mesmo planeta. Uma equipa alienígena descreveria um mundo no qual a neve e o gelo cobriam o chão e os habitantes estavam vestidos com peles para afastar o frio glacial.

Outro grupo falaria de pessoas de pele escura vivendo em temperaturas abrasadoras e vestindo muito pouco. Outro ainda descreveria edifícios muito altos nos quais viviam pessoas de várias cores de pele e onde viajavam em veículos. Cada um estaria a dizer a verdade, claro, e o mesmo pode ser verdade para os guias espirituais que tentam descrever o próximo mundo.

Mas o desacordo sobre se renascemos ou não é mais intrigante, e por isso comecei a fazer um estudo detalhado da evidência da reencarnação. Sabia, claro, que os budistas e os hindus acreditavam que vivíamos vidas terrenas, mas foi uma surpresa descobrir quão antiga era essa crença. Existem ensinamentos que recuam 5.000 anos e o Hinduísmo, que começou por volta dessa altura, foi também a primeira religião a incorporar a reencarnação nos seus princípios básicos. Há até evidências de que foi abraçada pelos primeiros cristãos antes de ser declarada "anátema" em 553 d.C.

Encontra-se no Jainismo e no Sikhismo, em algumas fações da fé judaica e nas fés nativas de muitos povos por todo o mundo. Só em África, por exemplo, diz-se que trinta e seis tribos acreditam na reencarnação humana e outras onze acreditam no renascimento como animais. O que isto significa é que bem mais de metade da população do nosso planeta acredita que renascemos, repetidamente.

Descobri então que, apesar desta inclinação global para a crença na reencarnação, a ideia é rejeitada por um grande número de espiritualistas na América e na Grã-Bretanha. Há muitos guias espirituais bem conhecidos que disseram não conhecer casos de renascimento. Espiritualistas proeminentes que seguem os ensinamentos destes guias argumentam que

vivemos apenas uma vida na terra e depois passamos a eternidade no mundo espiritual. Mas em França e noutras partes da Europa, bem como na América do Sul, os Espiritistas — que seguem os ensinamentos de Allan Kardec, baseados nos milhares de mensagens espirituais que recebeu no final do século dezanove através de muitos médiuns — são crentes fervorosos na reencarnação.

A lição que aprendi com o meu próprio estudo destes relatos do outro mundo é a de não considerar qualquer fonte espiritual única como "evangelho". Provavelmente existe verdade em cada uma. A última coisa que devemos fazer é permitir que tais mensagens espirituais nos tornem tacanhos ou intolerantes.

Também achei o conceito de um próximo mundo no qual o sol brilha sempre e as flores desabrocham sempre — frequentemente referido como "a Terra do Verão" (*the Summerland*) — demasiado bom para ser verdade.

O reboliço de uma vida na terra, com todas as suas excitações e armadilhas, parece ser uma "sala de aula" valiosa para aprendermos lições, e também parece lógico que possamos ter de passar por muitas salas de aula antes de estarmos prontos para nos graduarmos.

Tal como o aparente conflito nas crenças do meu professor de religião me inspirou a fazer a minha própria investigação de assuntos espirituais, também esta diferença vital de opinião sobre a natureza da nossa vida contínua após a morte focou o meu próprio interesse na área da reencarnação. Durante mais de trinta anos tenho recolhido testemunhos de pessoas que acreditam ter vivido na terra antes, noutro corpo, e percebi que existe um corpo de evidências vasto e impressionante que apoia a visão de que estas são experiências muito reais e não fantasia.

Neste livro, partilho apenas alguns dos milhares de estudos de caso registados que me impressionaram particularmente. Desde o lançamento da minha própria publicação, a *Reincarnation International Magazine*, em 1993, comecei a receber relatos de pessoas que acreditam ter provas sólidas para apoiar as suas alegações de recordarem vidas passadas. Espero que este livro também inspire alguns leitores a partilharem as suas experiências comigo.

Num nível mais profundo, acredito que a reencarnação nos oferece uma explicação para a aparente injustiça da vida. Permite a possibilidade

de que o homem rico nesta vida seja pobre na próxima, e vice-versa. Coloca os nossos males, infortúnios, morte prematura ou sofrimento a longo prazo em contexto, não como acidentes de nascimento, mas como episódios num grande esquema no qual a lei da causa e efeito — o karma — garante que o equilíbrio será sempre restaurado e que haverá sempre oportunidades para nos melhorarmos, por muito baixo que caiamos.

Neste livro concentro-me nalguns dos melhores estudos de caso e eles são apresentados para que o leitor faça o seu próprio julgamento. Este não é um livro científico, embora beba muito do trabalho de vários cientistas eminentes. Alguns dos relatos baseiam-se simplesmente no testemunho de indivíduos respeitáveis e dignos de confiança. Embora ainda existam muitas questões que permanecem sem resposta sobre a reencarnação e muito mais investigação a ser feita antes que a ciência como um todo comece a aceitar a evidência, acredito que já existe uma grande quantidade de evidências impressionantes disponíveis.

O que é indiscutível é que a aceitação da reencarnação domina as crenças e ações de um número muito elevado de pessoas. Espero que, após ler este livro, veja esta vida, e as suas possíveis vidas futuras, sob uma nova perspetiva.

Roy Stemman Outubro de 1996

capítulo um

CRENTES FAMOSOS

Crentes Militares

Um oficial do exército estava prestes a mostrar a um general recém-chegado as soberbas ruínas romanas na cidade francesa de Langres quando o visitante lhe disse: "Não precisa de o fazer. Eu conheço este lugar. Conheço-o bem". Ele dirigiu então o motorista pelas ruínas, apontando vários marcos, incluindo o campo de treino, os templos de Marte e Apolo, o fórum e o anfiteatro. No entanto, ele era americano e era a primeira vez

que visitava a cidade na qual estava prestes a assumir o seu primeiro comando — pelo menos nesta vida. A sua chegada a Langres, ao que parece, despertara a memória de uma vida que ele vivera outrora como um dos legionários de César.

O que torna esta história particularmente interessante é a identidade da pessoa envolvida. O general não era um militar desconhecido, mas o notável herói americano da Segunda Guerra Mundial, o General George "Blood and Guts" Patton, vencedor da Batalha das Ardenas. E esta era apenas uma de várias vidas passadas que ele recordava nas quais fora um guerreiro, sugerindo que desenvolvemos competências e as transportamos connosco de uma vida para a seguinte.

O General Patton também conseguia recordar-se, por exemplo, de estar junto às muralhas de Tiro com Alexandre, o Grande. Estava igualmente certo de ter sido um membro da falange grega que enfrentou Ciro II, o conquistador persa que fundou o império Aqueménida mais de 500 anos antes do nascimento de Cristo. Muito antes dos seus sucessos na Segunda Guerra Mundial, Patton conseguia recordar-se de lutar na Guerra dos Cem Anos no campo de Crécy. E também se lembrava de servir como general com Joachim Murat, o brilhante líder de cavalaria do século dezoito que foi um dos mais famosos marechais de Napoleão e, como rei de Nápoles, defendeu o nacionalismo italiano.

Além de falar abertamente sobre tudo isto, o herói americano captou os sentimentos evocados por estas memórias de vidas passadas num poema, *'Through a Glass Darkly'*, que escreveu em 1944. Um dos versos dizia:

So as through a glass and darkly The age-long strife I see Where I fought in many guises Many names - but always me!

O General Patton morreu na Alemanha no ano seguinte, após um acidente de automóvel em Mannheim.

Pouco mais de um mês antes da morte do General Patton, outro herói da Segunda Guerra Mundial — Lord Dowding — estava a causar sensação em Inglaterra com as suas opiniões frontais sobre a vida após a morte. Dowding, que dirigiu a Batalha de Inglaterra como Marechal do Ar da *Royal Air Force*, deveria ter comparecido na Universidade de Oxford no final de outubro, na companhia do General Dwight D. Eisenhower e do Marechal de Campo Montgomery, para receber o grau honorário de Doutor

em Direito Civil. Em vez disso, preferiu honrar um compromisso como orador que coincidia com a cerimónia e, assim, falou na reunião da Sociedade Teosófica no Kingsway Hall, em Londres.

«Tenho algumas razões para supor», disse ele à sua audiência, «que aqueles que semearam as sementes da crueldade abominável ao tempo da Inquisição colheram a sua própria colheita em Belsen e Buchenwald.»

Era, no mínimo, uma visão controversa, uma vez que retratava as vítimas do Holocausto como indivíduos que estariam meramente a ser punidos nos campos de extermínio pelos seus crimes em vidas anteriores. Muitas pessoas ficaram indignadas com a sua afirmação e apressaram-se a apontar os perigos de tal raciocínio. Quem são as vítimas e quem são os perpetradores? Tal como o ovo e a galinha, é impossível saber quem veio primeiro.

Contudo, Lord Dowding estava habituado a tal controvérsia e era bem capaz de lidar com os seus críticos. Tinha revelado o seu interesse pelo Espiritismo pela primeira vez no seu livro de 1943, *Many Mansions*, e as suas opiniões sobre a reencarnação apareceram numa sequela, dois anos mais tarde, intitulada *Lychgate: The Entrance to the Path*. Nestes livros, descrevia como tinha recebido mensagens espirituais de soldados, marinheiros e aviadores mortos, todos vítimas da guerra, através de uma médium não profissional no sudoeste de Londres.

Parece que a sua crença na reencarnação não se baseava apenas em mensagens mediúnicas, mas também nas suas próprias experiências. Pois ele disse à sua audiência em Londres que, embora a alguns seres humanos fosse concedido revisitar as cenas das suas vidas passadas, a outros — como ele próprio — eram concedidos vislumbres através dos olhos de videntes ou dos registos Akáshicos (que ele descrevia como um registo permanente de todos os pensamentos e ações da humanidade: uma versão mais complexa, talvez, da consciência coletiva de Jung) e que tais vislumbres não serviam para a glorificação pessoal.

«Sou, por natureza, o inglês mais insular e intolerante», explicou ele:

Sou como o homem que, após a última guerra, disse que a Sociedade das Nações seria uma ideia muito boa se não fosse por todos aqueles malditos estrangeiros! Mas se por acaso formos uma pessoa assim, e aprendermos através de evidências que estejamos dispostos a aceitar que no

passado fomos um chinês, um egípcio, um persa, um índio, o que quer que tenha sido, começamos a assumir uma visão algo menos exclusiva destes nossos semelhantes.

O General Patton e o Marechal do Ar Lord Dowding não são, de modo algum, os únicos homens de armas a terem acreditado na reencarnação. Outros incluem Napoleão Bonaparte (1769-1821), general e Imperador dos Franceses, e uma das figuras mais célebres da história. Ele tinha a certeza de ter vivido como o Imperador Carlos Magno, rei dos Francos, 1.000 anos antes. E o Imperador Juliano, o Apóstata (331-363), o último imperador romano a tentar substituir o Cristianismo pelo paganismo, acreditava que era a reencarnação de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), rei da Macedónia e um dos maiores generais do mundo.

Crentes do Espectáculo

A crença na reencarnação é, obviamente, generalizada, e aqueles que declararam o seu interesse no assunto encontram-se em praticamente todas as disciplinas. Se se pedisse para nomear uma pessoa famosa que acredita na reencarnação, a maioria das pessoas colocaria a atriz Shirley MacLaine no topo da lista. Ela, mais do que qualquer outra celebridade em tempos recentes, tem sido uma defensora vocal das vidas passadas através dos seus relatos de vida como serva no antigo Egito, como modelo de Toulouse Lautrec em França, ou como uma habitante de Atlântida. Ela pode parecer a muitos extremamente crédula, mas não está sozinha na sua profissão. Uma lista de crentes famosos na reencarnação lê-se por vezes como um *Who's Who* de Hollywood.

Sylvester Stallone, por exemplo, está convencido de que viveu durante a Revolução Francesa, sofrendo uma morte brutal e sangrenta que até a sua personagem de cinema Rambo teria tido dificuldade em evitar: foi decapitado pela guilhotina. John Travolta, que saltou para o estrelato em *Saturday Night Fever*, suspeita que também foi um ator de cinema na sua vida passada — talvez até Rudolf Valentino. O cantor Engelbert Humperdinck está igualmente certo de que viveu noventa e cinco vidas anteriores, incluindo uma como imperador romano. Não tenho a certeza de quem o ator Martin Sheen foi na sua existência anterior, mas ele é um firme crente na reencarnação, argumentando que as famílias não se reúnem por acaso. «Os nossos filhos», explica ele, «vêm até nós para compensar indiscrições em vidas passadas. São remanescentes de tempos de vida que

não resolvemos.» A cantora Stevie Nicks é categórica ao afirmar que esta é a sua última vida na Terra, tendo vivido anteriormente como uma suma sacerdotisa egípcia, uma pianista de concerto e uma vítima do Holocausto.

Sob hipnose, diz-se que o compositor Henry Mancini descobriu que é a reencarnação do compositor italiano do século dezanove Giuseppe Verdi, cujas obras incluem *Rigoletto*, *La Traviata*, *Aida*, *Otello* e *Falstaff*, e que antes disso tinha sido engenheiro na construção da Grande Pirâmide de Giza, e um oficial na corte de Montezuma, o último imperador asteca no México. Tina Turner chegou mesmo a procurar evidências de uma vida passada no Egito, tendo-lhe sido dito por uma vidente californiana que ela é a reencarnação de Hatshepsut, uma mulher que governou aquele país como faraó durante quase vinte anos. Isto claramente tocou-lhe profundamente.

Quanto a Loretta Swit, mais conhecida pelo seu papel como a Major 'Hot Lips' Houlihan na longa série de TV *M*A*S*H*, vislumbres de uma vida passada convenceram-na de que foi outrora uma poderosa proprietária de terras chinesa do século onze, que governava uma grande propriedade e cuja palavra era lei. Essa vida parece interferir nesta: «Tenho tapetes, estátuas e vasos chineses e costumava ter cães Pequineses. Sinto-me tão confortável rodeando-me de tais coisas. Até a minha governanta é chinesa.»

O falecido Kenny Everett, um excêntrico e exuberante *disc jockey* de rádio e personalidade televisiva inglesa, também ficou registado como tendo sido um crente na reencarnação. Ao aparecer num *talk show* de TV, disse ao apresentador que a sua esposa, Lee, uma médium, lhe tinha dito que numa vida anterior ele fora filho dela e que antes disso fora uma freira espanhola. Mais tarde, numa entrevista antes de morrer de SIDA, Everett disse com o seu humor típico: «Não consigo imaginar que eu não fosse nada antes disto. Gostaria de voltar a viver em Itália ou Espanha ou noutro lugar qualquer. Desde que não volte careca ou a viver na Bósnia, não me importo.»

A sua esposa durante doze anos, Lee Everett, escreveu agora um livro, *Celebrity Regressions*, no qual fala das memórias de vidas passadas de várias celebridades que permitiram que ela as fizesse regredir. Ela está bem qualificada para o fazer: além de ter sido médium e vidente durante o seu casamento com Everett, também conduziu terapia de vidas passadas, na qual se especializa agora.

Entre os que figuram no livro está Elton John, que recordou três vidas, incluindo uma como um compositor do século dezoito que viveu em França e morreu em Veneza. O comediante Jimmy Tarbuck lembrou-se de uma vida em que era um cavaleiro que morreu após ser atingido por uma seta enquanto lutava ao lado do seu rei. O bailarino Wayne Sleep recordou ter sido esfaqueado até à morte num armazém no Tamisa. E a actriz Fenella Fielding tinha a certeza de que a vida que viu sob hipnose, na qual era um homem, fora vivida no Peru — embora nunca lá tenha estado.

Estes relatos coloridos e que atraem as manchetes podem deleitar os representantes de relações públicas das estrelas e ser muito significativos para as celebridades em causa, mas a sua natureza anedótica pouco acrescenta ao nosso conhecimento ou compreensão deste assunto complexo, exceto ilustrar quão difundida é a crença na reencarnação, ou talvez quão férteis podem ser as nossas imaginações.

Ocasionalmente, contudo, é feita uma observação por uma celebridade que demonstra que as suas opiniões são profundamente sentidas e o resultado de muito exame de consciência. Judith Durham, outrora cantora do talentoso grupo *pop* dos anos sessenta *The Seekers*, e agora a desfrutar de um regresso como artista a solo, é uma firme crente na reencarnação.

O seu marido Ron Edgeworth morreu em 1995 após anos de sofrimento com a doença degenerativa do neurónio motor. «O meu desejo é que o Ron tenha tido o seu último nascimento e esteja agora com Deus», disse ela numa entrevista pouco depois da sua morte. «Mas ele já poderia estar num útero algures. Dissemos os nossos adeus e não tenho desejo de o ver novamente, embora ainda esteja ligada a ele no meu coração.»

O Que Significa Realmente Acreditar na Reencarnação?

Tais celebridades podem falar abertamente das suas crenças *New Age*, confiantes de que falar de vidas passadas não prejudicará as suas carreiras mais do que uma confissão de que consultam astrólogos e leitores de cartas de tarô ou colocam cristais em locais estratégicos nas suas casas ou nos seus corpos para aumentar os seus poderes.

Hoje em dia, quase tudo é aceite. Mas pelo menos, no Ocidente, e cada vez mais no resto do mundo, somos encorajados a pensar por nós próprios (um direito que foi negado a milhões de pessoas, ao longo de

muitos séculos, a quem era dito, fosse pelo Estado ou pela Igreja, no que podiam ou não acreditar).

É importante apreciar, também, que não existe um acordo universal entre aqueles que acreditam na reencarnação. Na verdade, existem frequentemente desacordos fundamentais sobre a mecânica, frequência, seletividade e propósito do renascimento. A única crença comum é que a alma voltará noutro corpo, e essa é uma visão partilhada por mais de metade da população mundial.

Pelo globo, os campos de enterramento de civilizações passadas testemunham o facto de que o homem primitivo acreditava numa vida após a morte. Itens do quotidiano eram enterrados com os mortos para serem usados na vida seguinte. Com o tempo, as ideias sobre a vida após a morte mudaram e — talvez baseadas em memórias — o conceito de reencarnação foi introduzido. Os egípcios acreditavam, há cerca de 4.000 anos, que os seus faraós reencarnariam e, com o tempo, estenderam esta possibilidade a outros.

A reencarnação é também referida nos escritos mais antigos conhecidos da Índia — compostos há cerca de 3.500 anos — e é parte integrante de duas das suas principais religiões, o Hinduísmo e o Budismo. Os hindus foram os primeiros a incorporar a crença, há cerca de 5.000 anos, e esta continua a ser um conceito vital para os 500 milhões que seguem os seus ensinamentos hoje. Muitas das suas ideias encontram-se no Budismo, que tem apenas metade da idade e conta atualmente com cerca de 200 milhões de seguidores. Tal como no Hinduísmo, existem hoje muitas versões do Budismo, sendo a principal a tibetana, liderada pelo Dalai Lama, na qual o renascimento e o karma desempenham papéis importantes.

Os antigos taoistas chineses também aceitavam a reencarnação. O Hinduísmo deu origem ao Sikhismo e ao Jainismo na Índia, que ambos aceitam a reencarnação. O mesmo acontece com a seita mística islâmica conhecida como os Sufis; a religião Druza da Síria; e certas seitas judaicas que seguem os ensinamentos místicos contidos na Cabala.

Quanto ao Cristianismo, não há dúvida de que alguns dos seus primeiros seguidores eram crentes convictos no renascimento, mas poucas pessoas hoje encontram qualquer apoio para isto nos ensinamentos bíblicos (embora alguns textos possam ser interpretados como tendo uma vertente

reencarnacionista). A razão para a sua ausência, argumentam os crentes, é que o Imperador Justiniano condenou a crença num sínodo local em 543 d.C. e proibiu-a, juntamente com outros ensinamentos, dez anos mais tarde no Segundo Concílio de Constantinopla. O Imperador fê-lo ao declarar os seus «Anátemas contra Orígenes». Orígenes, que viveu entre 185-254 d.C. e foi descrito por S. Jerónimo como «o maior mestre da Igreja depois dos apóstolos», defendia a visão de que:

Toda a alma... vem a este mundo fortalecida pelas vitórias ou enfraquecida pelas derrotas da sua vida anterior. O seu lugar neste mundo, como um vaso destinado à honra ou desonra, é determinado pelos seus méritos ou deméritos anteriores. O seu trabalho neste mundo determina o seu lugar no mundo que se seguirá a este...

Tendo sido torturado e preso pelas suas opiniões, a reputação de Orígenes sofreu ainda mais após a sua morte, quando os «Anátemas» do Imperador Justiniano tornaram pecado acreditar na «fabulosa pré-existência das almas», forçando todos os cristãos a aceitar que cada alma era recém-criada para entrar no corpo de um bebé recém-nascido.

Porque é Que as Pessoas Acreditam na Reencarnação?

As convicções e atitudes religiosas moldam o pensamento de muitos — embora as memórias de vidas passadas forneçam por vezes a base para a crença na reencarnação. No entanto, muitos indivíduos proeminentes que declararam a sua aceitação do renascimento não registaram as suas razões.

Terá sido, então, alguma experiência pessoal que levou o grande empresário automóvel, Henry Ford, a declarar: «Acredito que estamos aqui agora e que voltaremos... Disto tenho a certeza... que estamos aqui para um propósito. E que continuamos. Mente e memória — elas são as eternas»? Mais tarde, ele ampliou esta visão quando disse: «Génio é experiência. Alguns parecem pensar que é um dom ou talento, mas é o fruto de longa experiência em muitas vidas. Algumas são almas mais velhas do que outras, e por isso sabem mais.»

O compositor Richard Wagner (1813-1883), cujas obras mais conhecidas incluem *O Holandês Voador*, *Tannhäuser* e *O Anel do*

Nibelungo, parece ter devido a sua crença inabalável na reencarnação à lógica. Após um estudo profundo do assunto, declarou que «em contraste com a reencarnação e o karma, todas as outras visões parecem mesquinhas e limitadas», acrescentando: «Não posso tirar a minha vida, pois a Vontade de realizar o Objeto da Arte puxar-me-ia de volta à vida novamente até que eu realizasse esse Objeto, e assim estaria apenas a reentrar neste círculo de lágrimas e miséria.»

Talvez tenha sido também a "lógica" da reencarnação que levou Gustav Mahler (1860-1911), nascido na Boémia e notável pelas suas sinfonias e canções, a dizer ao seu amigo próximo e biógrafo Richard Specht em 1895:

Todos regressamos; é esta certeza que dá sentido à vida e não faz a mínima diferença se numa encarnação posterior nos lembramos ou não da vida anterior. O que conta não é o indivíduo e o seu conforto, mas a grande aspiração ao perfeito e ao puro que prossegue em cada encarnação.

Alguns políticos expressaram abertamente a sua crença na reencarnação — dificilmente um tema para ganhar votos — entre eles o grande Liberal, David Lloyd George (1863-1945), primeiro-ministro britânico de 1916 a 1922. O homem que lançou os alicerces do estado de bem-estar moderno disse: «O Céu convencional, com os seus anjos perpetuamente a cantar, etc., quase me enlouqueceu na minha juventude e tornou-me ateu durante dez anos. A minha opinião é que seremos reencarnados.»

E o Conde Leão Tolstoi (1828-1910), autor de alguns dos maiores romances do mundo, incluindo *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*, expressou uma visão de vida eterna que era invulgar para o seu tempo, mas muito em linha com algumas escolas de pensamento atuais: «... a nossa vida não é senão um dos sonhos da vida mais real, e assim é incessantemente, até à primeiríssima, uma muito real — a vida de Deus.» Talvez tenha sido influenciado pelas experiências de um parente distante, o dramaturgo, romancista e poeta Conde A.K. Tolstoi (1817-1875), grande parte de cuja poesia foi musicada por Tchaikovsky, Mussorgsky, Rimsky-Korsakov e outros. Ele estava aparentemente certo de que tinha vivido na Ásia numa vida anterior.

Semelhantemente, Christmas Humphreys, fundador da Sociedade Budista em Inglaterra, não baseou a sua crença na reencarnação inteiramente nos ensinamentos do Budismo. Ele estava convencido de que tinha sido condenado à morte há cerca de 3.300 anos, durante o reinado de Ramsés II do Egito, por fazer amor com uma Virgem de Ísis — uma jovem sacerdotisa que tinha jurado, em honra da deusa, abster-se de sexo.

E gosto particularmente da visão de um cientista, o Professor C.J. Ducasse (1881-1969), antigo presidente do Departamento de Filosofia da Universidade Brown, presidente da Associação Filosófica Americana e segundo vice-presidente da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, que disse em 1958:

Quer a sobrevivência como pluralidade de vidas na terra [reencarnação] seja ou não um facto, é pelo menos coerentemente pensável e não incompatível com quaisquer factos que conheçamos hoje. De todas as conceções sobre o significado da vida humana na terra, a hipótese da reencarnação, que considera cada vida de uma pessoa como sendo como um dia na escola, é a única que faz algum sentido.

Como é que uma pessoa nasce génio e outra um tonto; uma nasce bela e outra feia; uma nasce saudável e outra aleijada? O conceito de renascimento na terra, talvez após um intervalo ocupado pelo indivíduo a destilar das memórias de uma vida recém-terminada a sabedoria que os seus poderes reflexivos lhe permitiram extrair, permitir-nos-ia acreditar que existe justiça no universo.

Finalmente, o filósofo inglês Professor C.D. Broad, da Universidade de Cambridge, apresentando a Décima Terceira Conferência Memorial F.W.H. Myers intitulada 'Personal Identity and Survival', declarou: «Falando por mim, diria que a [reencarnação] me parece, em termos gerais, ser de longe a forma mais plausível da doutrina da sobrevivência...» Esta era uma visão que ele mantinha há muitos anos, como mostra uma citação de um dos seus livros académicos, escrito em 1938. Aqui, disse ao leitor que a teoria da pré-existência e pluralidade de vidas lhe parecia ser uma «que deveria ser levada muito a sério, tanto por fundamentos filosóficos como por fornecer um motivo razoável para a ação reta...»

O que todos os indivíduos citados acima têm em comum, para além da sua eminência nas áreas que escolheram, é a crença de que, quando esta

vida chega ao fim, a alma continua a sua viagem noutra dimensão e depois, quase certamente, regressa à Terra noutro corpo para viver novas experiências e aprender novas lições. A maioria deles possui uma convicção profunda inspirada quer pelas suas próprias memórias de vidas passadas, quer por um "conhecimento" interior.

Mas será a evidência da reencarnação realmente suficientemente forte para convencer aqueles de nós que não possuem memórias conscientes de vidas passadas? E aqueles que acreditam no renascimento terão em conta, de forma plena, as explicações alternativas, que vão desde o pensamento desejoso até à síndrome da falsa memória?

Leia os muitos estudos de caso que se seguem e julgue por si mesmo.

NEGÓCIOS INACABADOS

"Esta Não É a Minha Casa"

Poucos anos depois do nascimento do seu filho Mounzer, em 1960, o motorista de autocarro libanês Kamal Salim Haidar e a sua mulher Edma viram-se perante um problema. O rapaz insistia em ser chamado Jamil. Compreensivelmente, preferiam usar o nome que lhe tinham dado, embora houvesse ocasiões em que ele se recusava a responder-lhe. Acabaria por abandonar essa exigência aos três anos de idade, substituindo-a porém por outra.

"Esta não é a minha casa", dizia Mounzer. "Eu sou do outro lado."

Ao dizer isto, apontava na direcção das montanhas para além de Choueifate e pedia que o levassem para a sua verdadeira casa. Fazia este pedido repetidamente e chegou mesmo a deixar de comer durante três dias porque os pais recusaram.

Por esta altura, Mounzer já fornecia uma grande quantidade de detalhes sobre a pessoa que afirmava ser — Jamil Souki, que vivera em Aley.

Revelou que tinha morrido em combate e descreveu graficamente acontecimentos relacionados com a sua curta vida e a sua morte súbita provocada por uma bala no abdómen. Chegou mesmo a dizer à mãe que, quando sonhava, não sonhava com ela, mas com a sua mãe "Souki".

Os Haidar eram drusos — membros de uma religião que aceita a reencarnação — mas estavam certos de que as memórias do filho eram confusas. Embora não tivessem qualquer relação direta com eles, Kamal e Edma Haidar conheciam os Souki e acreditavam que todos viviam na mesma cidade que eles: Choueifate, cerca de 10 quilómetros do centro de Beirute, imediatamente a leste do Aeroporto Internacional de Beirute e no sopé das montanhas.

Por essa razão, não fizeram qualquer tentativa para verificar as afirmações de Mounzer.

A atitude deles perante as memórias de vidas passadas do filho mudou, contudo, quando Mounzer visitou uma tia em Beirute que mencionou as suas afirmações a outra inquilina do prédio. Essa mulher era prima de Jamil Souki e foi imediatamente buscar uma fotografia que colocou diante dele.

"Quem são eles?", perguntou.

"É a minha mãe e eu", respondeu Mounzer.

A fotografia era de Jamil Souki e da sua mãe Wadad.

Como resultado disto, Mounzer começou a visitar os Souki em Aley, uma cidade situada entre Beirute e Damasco, a 15 quilómetros da sua cidade natal. Os Souki também o visitavam em Choueifate. Durante esses reencontros, identificava várias pessoas e descrevia acontecimentos que ele, enquanto Mounzer, não podia conhecer.

Jamil Souki interessara-se pela política na juventude e juntara-se ao Parti Populaire Syrien (PPS), que trabalhava em prol de uma união entre o Líbano e a Síria. Quando rebentou a guerra civil no Verão de 1958, Jamil apoiou o Presidente Chamoun. A intervenção dos Marines norte-americanos pôs fim aos combates, mas não suficientemente cedo para salvar a vida de Jamil Souki. Foi morto em batalha a 4 de Julho de 1958.

Mounzer Haidar reconheceu corretamente a mãe de Jamil, o irmão mais novo e as irmãs. Disse à família que eles tinham mudado de casa desde a sua morte, identificou a habitação onde tinham vivido quando ele estava vivo e reconheceu o armário onde as roupas de Jamil Souki eram guardadas. Num dos casacos de Jamil encontrou três canetas e insistiu que faltava uma. Estava correto: a irmã de Jamil, Ibtysame, tinha-a levado

consigo para a Venezuela. Também identificou qual de três chaves encontradas numa carteira era a da mala de viagem de Jamil.

Falando como se fosse Jamil, Mounzer recordou a emigração do irmão Najeeb para os Estados Unidos, quando tinha ido ao cais despedir-se dele. Disse ainda à mãe de Jamil que lhe escrevera uma carta poucos dias antes de morrer e perguntou-lhe se a tinha recebido. Tinha recebido. Mounzer recordou igualmente que, quando Jamil morreu, tinha 31 libras libanesas no bolso. Wadad Souki confirmou que esse era exatamente o montante que retirara do bolso do filho morto quando lhe devolveram as roupas. Mounzer sabia até que Jamil, certa vez, tinha amarrado o irmão Ghassan a uma cama durante algumas horas por este se ter portado mal.

Por vezes, Mounzer identificava uma pessoa pelo nome. Noutras ocasiões, indicava corretamente o grau de parentesco dessa pessoa com Jamil. Houve testes para verificar quão exato era no reconhecimento das pessoas, mas ocasionalmente isto acontecia de forma totalmente espontânea. Por exemplo, ao ver um primo de Jamil na rua, Mounzer, então com quatro anos, correu até à tia de Jamil e disse: "Olha! Ali está Abdullah Abu El Abed."

Dois anos mais tarde ocorreu um incidente semelhante durante uma visita a Aley. Mounzer afastou-se do grupo com quem estava e aproximou-se de um completo desconhecido, dizendo: "Tu és o Ramez." O homem reconhecido era Ramez Kassis, o melhor amigo de Jamil. Outro amigo de Jamil, Jamil Rishdan Sawaya, que estivera com ele na Batalha de Chamlane, ouviu falar das afirmações de Mounzer e decidiu verificar por si próprio. Juntamente com um companheiro, foi à casa dos Haidar em Choueifate, onde ambos deram nomes falsos e disseram ser jornalistas (a história já aparecera nos jornais e uma revista chegara mesmo a mostrar o jovem Mounzer no campo de batalha a recriar as ações de Jamil).

Foram convidados a entrar e chamaram Mounzer para falar com eles. Assim que o rapaz de cinco anos os viu, disse: "Oh, Jamil Sawaya", abraçou-o e sentou-se ao seu lado. Noutra ocasião ainda, enquanto Mounzer assistia a um funeral, aproximou-se de Arif Souki e disse: "Tu és o meu tio Arif."

"Como assim?", perguntou o homem.

"Eu sou Jamil Souki, o teu sobrinho. Fui morto em Chamlane."

Embora não tenha conseguido identificar pelo nome a namorada de Jamil, Iffat Zahr, o seu comportamento revelava claramente os sentimentos que tinha por ela. Mounzer tinha nove anos quando a conheceu pela primeira vez e sentou-se ao lado dela durante toda a visita à sua casa. Recusava-se a comer quando outras pessoas lhe ofereciam comida, mas comia quando era ela a levá-lo para a sala de jantar. Depois de terminar a refeição, Iffat pediu-lhe que fizesse a saudação especial do Parti Populaire Syrien e Mounzer executou-a exatamente. Também afirmou correctamente que ele — enquanto Jamil — lhe tinha oferecido uma fotografia do líder do PPS, Antoun Saadeh, bem como o emblema do grupo. Apenas a família mais próxima dela tinha conhecimento dessas ofertas.

Este caso extraordinário é apenas um entre milhares investigados pelo professor Ian Stevenson, nascido no Canadá, o maior especialista mundial na investigação científica da reencarnação. A história de Mounzer Haidar é apresentada em grande profundidade no terceiro volume de *Cases Suggestive of Reincarnation* de Stevenson. Recorrendo a intérpretes locais, o professor Stevenson começou a investigar o caso em Março de 1968, três ou quatro anos depois de as duas famílias se terem conhecido. Entrevistou tanto os Haidar como os Souki, bem como várias outras testemunhas.

Independentemente do detalhe que Mounzer Haidar foi capaz de fornecer acerca da vida que parecia recordar, um aspeto impressionante deste caso — e nada invulgar nos relatos de reencarnação — era o forte impulso que a criança sentia para rever a sua antiga família. Era como se, tendo sido arrancado da vida no auge da juventude no campo de batalha, sentisse uma necessidade avassaladora de regressar à existência anterior e continuar a partir do ponto onde tinha ficado.

"Mounzer fez várias visitas à família Souki em Aley e continuava a fazê-lo até Março de 1972, altura da minha última visita a Aley", escreve o professor Stevenson. "Tinha passado cinco dias com os Souki um mês antes. Gostava imenso das suas visitas à família Souki…"

Infelizmente para Mounzer, essas visitas terminaram quando os Souki decidiram emigrar para a Venezuela — onde uma das filhas já vivia. Antes de partir, Wadad Souki deu as roupas de Jamil a Mounzer e continuou a escrever-lhe a partir da sua nova casa na América do Sul. Nessa altura, as memórias vívidas da vida que vivera como Jamil Souki já se tinham

esbatido — algo típico nestes casos — mas o afeto pela antiga família permanecia claramente.

O Rapaz Que Perdeu a Família

Não é de surpreender que declarações feitas por crianças pequenas, pouco depois de aprenderem a falar, afirmando que são outra pessoa e querendo ser levadas para onde pertencem, não sejam geralmente bem recebidas pelas suas famílias. Muitas vezes são tomadas várias medidas para as libertar dessas memórias ou silenciá-las.

Assim, quando Prakash Varshnay, com quatro anos e meio, declarou que o seu verdadeiro nome era Nirmal e começou a correr para a rua com a intenção de regressar a casa do seu pai Bholanath, em Kosi Kalan — uma cidade do distrito de Mathura, Uttar Pradesh, Índia — os pais ficaram profundamente perturbados. Isto aconteceu durante quatro ou cinco noites consecutivas até que o tio lhe prometeu levá-lo de autocarro para Kosi Kalan. Em vez disso, levou-o num autocarro que seguia na direção oposta, mas Prakash disse imediatamente que estavam no autocarro errado. Acabaram por apanhar o autocarro correto e dirigiram-se à loja pertencente a Bholanath Jain, cujo filho Nirmal tinha morrido aos dez anos de idade em Abril de 1950, dezasseis meses antes do nascimento de Prakash. Porém, a loja estava fechada, Prakash não a reconheceu e regressaram a casa, em Chhatta, sem encontrarem ninguém, embora membros da família Jain viessem mais tarde a saber da visita.

Apesar do aparente fracasso da missão, Prakash, nascido em Agosto de 1951 e agora com cinco anos, continuou a insistir que era Nirmal e exigia ser levado de volta a Kosi Kalan. Queixava-se também da mediocridade da casa onde viviam, falava das lojas do seu "pai" e mencionava familiares. Muitas vezes chorava durante longos períodos e recusava-se a comer enquanto implorava para ir a Kosi Kalan. Entre as medidas tomadas pelos pais para eliminar essas memórias estava fazê-lo girar no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio numa roda de oleiro, prática tradicionalmente considerada capaz de enfraquecer memórias de vidas passadas. Não resultou, por isso bateram-lhe.

Prakash tinha dez anos quando Jagdish Jain, um dos filhos mais novos de Bholanath, soube das afirmações do rapaz depois de regressar de Deli para Kosi Kalan. Pouco depois, o pai Bholanath deslocou-se a Chhatta em

negócios, levando consigo a filha Memo, e decidiu conhecer o rapaz que afirmava ser a reencarnação do seu filho morto. Prakash reconheceu-o e chamou-lhe "pai".

Disse também que a filha que o acompanhava era Vimla. Isto estava errado, mas curiosamente Memo ainda não tinha nascido quando Nirmal Jain morreu. No entanto, ele tinha uma irmã chamada Vimla que tinha então aproximadamente a idade de Memo. Quando pai e filha deixaram Chhatta, Prakash acompanhou-os até à estação rodoviária e implorou, sem sucesso, que o levassem de volta com eles.

Alguns dias depois, a mãe de Nirmal, a irmã mais velha Tara e o irmão Devendra, impressionados com o que tinham ouvido, foram visitar Prakash, que chorou de alegria ao ver Tara e implorou ao pai que o deixasse regressar a Kosi Kalan. Mais uma vez, o pedido foi recusado.

Por fim, a família Jain convenceu os pais de Prakash a deixá-lo visitar a cidade deles e, quando chegou, conduziu-os da estação rodoviária até à casa. Lá, reconheceu o outro irmão de Nirmal e vários familiares e vizinhos, além de identificar o quarto onde Nirmal dormia e também aquele para onde fora transferido antes de morrer de varicela.

Nesta altura, as emoções entre as duas famílias estavam ao rubro e alguns membros da família Varshnay estavam convencidos de que os Jain pretendiam adotar permanentemente Prakash. Esta animosidade atingiu o auge quando os Varshnay proibiram as visitas, mas foi diminuindo gradualmente e, por fim, as duas famílias trocaram presentes e os Varshnay voltaram a permitir que o rapaz visitasse os Jain.

Embora a família de Prakash pensasse que ele deixara de visitar os Jain ao atingir a adolescência, veio mais tarde a descobrir-se que ainda sentia ter "negócios inacabados" com a antiga família em 1964. Nessa altura visitava Kosi Kalan uma ou duas vezes por mês, apesar de os pais de Nirmal já terem morrido. Ia sobretudo para ver Jagdish Jain, o irmão mais velho de Nirmal, com quem claramente mantinha uma relação muito feliz.

Os críticos perguntam frequentemente por que motivo estes casos surgem sempre no Extremo Oriente ou no Médio Oriente. A resposta — como este livro demonstra — é que não surgem. É verdade, contudo, que as culturas de alguns países predispõem as famílias a aceitar as afirmações de crianças que dizem recordar uma vida passada. Por outro lado, tal como

aconteceu com os Varshnay, acreditar na reencarnação não significa automaticamente que as declarações da criança sejam incentivadas.

Jenny Cockell — Mãe dos
Filhos de Ontem

Um dos casos mais notáveis recentes de "negócios inacabados" vem de Inglaterra. Jenny Cockell conseguia recordar detalhes de uma vida passada na Irlanda, como mulher chamada Mary, desde a mais tenra infância. Contudo, ao contrário do que geralmente acontece com este tipo de memórias, que tendem a desaparecer com o passar do tempo, no caso dela permaneceram tão vívidas como sempre e acabou por consultar um hipnotizador na esperança de completar o puzzle.

Era uma dona de casa do Northamptonshire com dois filhos quando, sobretudo através do seu próprio trabalho de investigação, identificou a cidade irlandesa de Malahide como o local onde vivera. Sabia também que tivera oito filhos nessa vida e que morrera no hospital pouco depois do nascimento da última criança, uma rapariga.

Jenny Cockell contou a história no seu bestseller internacional, publicado no Reino Unido sob o título *Yesterday's Children*, apenas algumas semanas antes de eu lançar a *Reincarnation International Magazine*. O momento foi perfeito, pois permitiu-me incluir uma entrevista com ela, bem como uma crítica ao livro, no nosso primeiro número — demonstrando que os casos convincentes de reencarnação não estavam confinados ao Extremo Oriente. Desde então encontrei-me com Jenny e Sonny, o seu filho mais velho dessa vida anterior, em diversas ocasiões — sobretudo em estúdios de televisão onde fomos convidados a falar sobre o tema do renascimento — e nunca deixam de me impressionar pela forma simples e direta com que encaram a sua extraordinária história.

Um dos aspetos mais impressionantes deste caso só ocorreu depois da publicação do livro. Nessa altura, Jenny já revelara que a mulher cuja vida recordava era Mary Sutton, que efetivamente tivera oito filhos. O que acontecera após a sua morte fora que o marido — um alcoólico violento — não conseguira cuidar das crianças e todas, exceto uma, o filho mais velho Sonny, tinham sido enviadas para lares de acolhimento.

Os rapazes acabaram por se reencontrar após muitos anos e tiveram uma reunião, mas só quando o livro foi escrito e estava em processo de

publicação é que todos os membros sobreviventes da família de Mary Sutton se reuniram pela primeira vez para se conhecerem uns aos outros… e conhecerem Jenny Cockell, a mulher cujas memórias de vidas passadas tinham sido fundamentais para tornar possível esse reencontro. Incrivelmente, dois dos filhos de Mary Sutton descobriram que tinham vivido a apenas alguns quilómetros um do outro sem sequer saberem que eram parentes.

Sonny, o primogénito, tem sido o defensor mais vocal das afirmações de Jenny Cockell e, durante um dos nossos encontros, perguntei-lhe até que ponto Jenny se parecia com a sua mãe. (Existem algumas semelhanças físicas, mas de modo algum são sósias.) A resposta imediata de Sonny foi: "Consigo ver a minha mãe nos olhos dela."

O que o convenceu definitivamente, quando conheceu Jenny pela primeira vez, foi o facto de ela lhe ter conseguido contar vários episódios da sua infância que mais ninguém poderia conhecer. Por exemplo, falou-lhe do dia em que as crianças a chamaram porque tinham encontrado um animal preso numa armadilha. E conseguia recordar-se de estar à espera junto de um cais por um barco, embora já não se lembrasse da razão. Sonny sabia a resposta. Ela estava à espera dele. Costumavam levá-lo de barco até uma ilha para trabalhar como caddie no campo de golfe. Sempre que isso acontecia, a mãe aguardava-o no cais quando o barco regressava.

Agora que conseguiu reunir novamente a sua família da vida passada, Jenny perdeu em grande parte o sentimento de "negócios inacabados" que a perseguira desde a infância. A sua missão foi cumprida, mas a sua mente viva e curiosidade natural levaram-na a continuar a aprofundar o tema da reencarnação — a sua e a de outras pessoas — e as suas implicações.

O Pequeno Monge

Mesmo antes de conseguir falar, o comportamento de Duminda Bandara Ratnayake já começara a intrigar os pais. Colocava um pedaço de tecido sobre o ombro e transportava-o da mesma forma que os monges do Sri Lanka usam as suas vestes. Rapidamente se percebeu que não se tratava de uma fase passageira, pois assim que aprendeu a falar, os únicos "brinquedos" com que Duminda queria brincar eram uma túnica e um leque. Filho de pais budistas cingaleses que geriam uma pequena exploração avícola, inicialmente poderia pensar-se que a criança estava

apenas a imitar algum monge que vira. Porém, logo que começou a falar, Duminda passou a fornecer informações que mostravam que esses traços eram muito mais profundos.

Aos três anos, em 1987, Duminda disse aos pais que antes do seu nascimento tinha sido abade no templo e mosteiro de Asgiriya, em Kandy, um dos maiores e mais antigos centros religiosos do Sri Lanka. Os monges desse templo, bem como os do templo de Malwatta, têm o privilégio de guardar o Templo do Dente em Kandy, um dos mais importantes locais de peregrinação do budismo Theravada.

Duminda explicou-lhes que ensinara outros monges em Asgiriya, onde sentira uma dor súbita no peito e caíra ao chão. Os monges tinham-no levado ao hospital, onde acabara por morrer. Ao relatar os seus últimos momentos nessa vida passada, Duminda utilizou corretamente a palavra *apawathwuna*, termo especificamente relacionado com a morte de um monge. A partir desse momento insistiu para que os pais deixassem de o chamar pelo nome que lhe tinham dado e passassem a tratá-lo por "Podi Sadhu", que significa "Pequeno Monge".

Além disso, Duminda começou a comportar-se como um monge. Visitava uma capela budista perto de casa todas as manhãs e noites, colhendo flores para levar consigo e depositando-as à chegada segundo a tradição budista. Mantinha uma grande limpeza pessoal, não brincava com outras crianças e transmitia uma calma serena. Duminda chegou mesmo a recitar escrituras sagradas. Não só conhecia, de alguma forma, essas frases e versos religiosos — que não lhe tinham sido ensinados em casa — como os recitava exatamente da mesma maneira que os monges, usando ainda a antiga língua budista cingalesa, o páli, que os monges continuam a estudar.

Nessa altura dizia também à mãe que queria tornar-se monge, mas ela recusava permitir-lhe usar vestes monásticas, exceto em algumas ocasiões. Acabou por procurar a ajuda do Venerável Iriyagama Jinasara, monge num templo próximo, que recebeu a mãe e a criança em meados de 1987, quando Duminda tinha pouco mais de três anos. Talvez devido à pouca idade, Duminda não respondeu às perguntas do monge. Contudo, quando lhe perguntaram o que gostaria de receber, pediu um leque. Este objeto desempenha um papel importante nos rituais monásticos e, assim que o recebeu, Duminda segurou-o diante do rosto da forma típica dos monges e

recitou uma estrofe budista. Na opinião de Iriyagama Jinasara, isto era igualmente algo que ele não poderia ter aprendido em casa.

Com base no que observara, o monge aconselhou a mãe do rapaz a levá-lo ao mosteiro de Asgiriya, o que ela fez, acompanhada pelos avós de Duminda. Um jornalista, Oliver D. Silva, do jornal *Island*, que ouvira falar do caso, também testemunhou a visita. No entanto, parece que a deslocação pouco acrescentou em termos de novas informações e não despertou memórias adicionais.

Na verdade, as afirmações mais surpreendentes feitas por Duminda acerca da vida anterior não estavam relacionadas com assuntos religiosos. Eram altamente invulgares, mas revelaram-se corretas. Disse que possuíra um carro vermelho e um elefante, e que sentira falta do saco de dinheiro e do rádio.

Em momento algum Duminda revelou o nome da pessoa que tinha sido na vida anterior, o que levou o jornalista a conduzir a sua própria investigação e concluir que o rapaz se referia ao Venerável Rathanapala, um monge sénior que morrera de ataque cardíaco em 1975, numa localidade perto de Asgiriya.

Contudo, o professor Erlendur Haraldsson, destacado parapsicólogo e especialista em investigação sobre reencarnação, do Departamento de Psicologia da Universidade da Islândia, em Reiquiavique, discordou dessa conclusão. Visitou o Sri Lanka pela primeira vez e entrevistou o rapaz e a família em Setembro de 1988, quando Duminda tinha quatro anos, deslocando-se depois ao templo de Asgiriya para discutir o caso com os monges. Voltou ao Sri Lanka em 1989 e 1990 para completar o estudo, altura em que as memórias de Duminda começavam a desaparecer e o seu comportamento já se alterara.

Ao relatar a investigação no *Journal of Scientific Exploration* (Vol. 5, N.º 2, 1991), o professor Haraldsson explicou porque considerava errada a identificação feita pelo jornalista:

"Descobrimos, através de três monges que o tinham conhecido, que o Venerável Rathanapala não possuíra carro nem elefante, não tinha rendimento pessoal (logo, não possuía saco de dinheiro), não pregava sermões (e por isso não utilizava leque), não tinha ligações ao templo de

Malwatta e era conhecido pelo seu interesse pela política. Assim, Rathanapala foi excluído como candidato às afirmações de Duminda."

O professor Haraldsson passou então a discutir vários outros candidatos possíveis, mas apenas um deles era conhecido por ter possuído um carro vermelho: Gunnepana Saranankara, que estivera em Asgiriya durante oito anos antes de morrer em 1929. Não possuía rádio, mas fora o único abade do mosteiro a possuir um gramofone. Contudo, não morrera no hospital, como Duminda afirmara, mas no templo de Asgiriya.

Mais tarde, o professor e o intérprete mostraram a Duminda uma fotografia de grupo muito antiga tirada no mosteiro e perguntaram-lhe se reconhecia alguém. Ele apontou para uma figura e disse: "Era eu." Nessa altura não conheciam a identidade de nenhuma das pessoas retratadas, mas mais tarde receberam confirmação de dois monges idosos que conheciam bem o grupo de que a pessoa identificada por Duminda era efetivamente Gunnepana Saranankara.

Existe, evidentemente, um intervalo extraordinariamente longo entre a morte do monge em 1929 e o nascimento de Duminda em 1984. E é possível que tenha vivido outra encarnação pelo meio. O que parece certo, porém, é que regressou com um sentimento muito forte de ter "negócios inacabados". É como se o ataque cardíaco que interrompera a sua vida prematuramente o tivesse impedido de ensinar e pregar tanto quanto desejava e agora, nesta nova vida, estivesse determinado a retomar o caminho onde o deixara.

"Quando voltámos a encontrar a família em Novembro de 1990", relata o professor Haraldsson, "a mãe já tinha cedido ao seu desejo e ele iria entrar para o mosteiro dentro de um ano, a idade mínima permitida."

Estes casos recordam-nos que, por mais científicos que precisemos de ser na recolha e análise dos dados, continuamos a falar de pessoas reais que frequentemente se sentem frustradas ou zangadas por terem deixado a vida anterior mais cedo do que esperavam e ansiosas por fazer algo a esse respeito. Para essas pessoas, a emoção dominante nos momentos finais da vida passada pode ter sido a raiva por verem as suas esperanças interrompidas; a culpa por deixarem para trás pessoas que dependiam delas; ou o desejo de regressar em circunstâncias diferentes. Isto poderá explicar porque esses indivíduos possuem memórias tão vívidas das vidas

passadas, enquanto a maioria de nós permanece feliz e agradecidamente inconsciente dos dramas, desilusões, felicidades e conquistas que fizeram parte das nossas encarnações anteriores.

REENCONTROS

O Filho do Seu Pai

Se a história de Aiz Nouhad Abu Rokon fosse apresentada a Hollywood, provavelmente seria rejeitada por parecer inacreditável. No entanto, a experiência extraordinária e bem documentada de Aiz mostra que os factos da reencarnação são muitas vezes mais estranhos do que a ficção e podem provocar enormes complicações nas relações familiares.

Tomei conhecimento deste caso pela primeira vez em 1995 através da minha boa amiga Rona Hart, que trabalha para o Conselho Judaico de Deputados em Londres. Rona é uma das muitas pessoas que atuam como correspondentes da minha revista: acompanham a cobertura mediática da reencarnação e comunicam os melhores casos. Tinha acabado de ler uma reportagem muito bem investigada no *Jerusalem Post*, da autoria de Sue Fishkoff, que incluía vários relatos detalhados de renascimento entre os drusos, sendo o caso de Aiz Nouhad Abu Rokon apenas um deles.

Contactei imediatamente o jornal e fiquei encantado quando nos deram autorização para reproduzir integralmente a reportagem nas nossas páginas. O fotógrafo Roni Sofer, cujas imagens dos protagonistas ilustravam o artigo, mostrou-se igualmente prestável. Todos os casos merecem inclusão neste livro, mas limitar-me-ei ao de Aiz.

Desde muito cedo, o rapaz falava da sua vida anterior. Aos três anos e meio, por exemplo, conseguiu dizer aos pais que se chamava Ali Badawi, um camionista de Hatzbiya, no sul do Líbano. Sendo drusos, os pais aceitaram sem questionar as afirmações do filho, mas nada fizeram para verificar a história. Contudo, os acontecimentos estavam prestes a unir a família atual de Aiz à da sua vida passada.

Em 1982, quando tinha seis anos, Aiz viu uma mulher de meia-idade nas ruas de Usfiya, onde vivia. Aproximou-se dela diretamente e declarou: "Tu és Nebiya, a minha mulher." Depois contou à mulher espantada a morte do marido dela numa estrada rural coberta de neve perto de Baalbek, em Fevereiro de 1975. Conseguia recordar claramente, enquanto Ali

Badawi, que conduzia sozinho quando foi intercetado por dois homens que exigiram dinheiro e o veículo. Ali recusou e eles dispararam-lhe no ombro e no estômago, enterrando-o depois à beira da estrada.

Escusado será dizer que Nebiya Badawi — que visitava Usfiya para ver familiares quando Aiz a reconheceu — ficou surpreendida e impressionada com as afirmações da criança, mantendo contacto com ele e a família após regressar ao Líbano. Passariam ainda sete anos até voltarem a encontrar-se. A convite de Nebiya, em 1982, Aiz, então com treze anos, foi ao Líbano visitar a casa da sua vida anterior. A voz treme-lhe de emoção e os olhos enchem-se de lágrimas ao recordar a ocasião:

"Fiquei nos degraus da entrada e chamei pela minha filha Leena, que tinha cinco anos quando morri. Entrei em casa e conhecia tudo tão bem. Fui ao armário procurar as minhas roupas, todos os meus pequenos tesouros. Tudo estava exatamente como me lembrava e a família ficou incrivelmente emocionada por me voltar a ver."

Nebiya e a família aceitaram Aiz como a reencarnação de Ali e ele começou a visitá-los regularmente. De facto, três anos depois, quando a sua "filha" da vida anterior casou, foi Aiz — então com dezasseis anos — quem assumiu o papel de pai durante a cerimónia. Uma escolha perfeitamente compreensível, porque era exatamente assim que o encaravam.

Em 1995, o próprio Aiz casou com uma jovem drusa da aldeia de Ali Badawi e levou-a para viver em Usfiya. Lá, nas paredes da casa, exibem orgulhosamente antigas fotografias a preto e branco de Ali antes da sua morte, mais de vinte anos antes, ao lado de fotografias recentes e coloridas do adolescente Aiz com os filhos de Ali — Nassim, Leena e Wassim, que em 1995 tinham trinta, vinte e oito e vinte e sete anos respetivamente. Recentemente juntou-se à coleção uma fotografia de uma menina de dois anos, a primeira "neta" de Aiz, então com dezanove anos.

Mas a história não termina aqui.

Um ano depois da primeira visita de Aiz à família Badawi no Líbano, o pai morreu. Nahoud Abu Rokon, soldado da polícia fronteiriça das IDF, foi tragicamente morto a 1 de Novembro de 1983. Três anos mais tarde, um pequeno rapaz chamado Adib Abuassi entrou na casa dos Rokon em

Usfiya, apontou para uma fotografia de Nahoud tirada pouco antes da sua morte e disse a Aiz: "Eu sou o teu pai."

A mãe de Adib, Nabilla Abuassi, percebera que o filho conseguia recordar uma vida passada desde que começara a falar. Perguntava constantemente por alguém chamado Aiz.

"Pensei que se referia a um rapaz da nossa aldeia de Shfaram, mas quando o levámos à casa, Adib disse que não era o Aiz certo. Disse: 'A tia Efat conhece o meu Aiz.'"

Nabilla falou com a irmã Efat, professora em Usfiya, que lhe disse ter um rapaz chamado Aiz na turma. Então Nabilla decidiu telefonar para casa dos Abu Rokon para obter esclarecimentos. Assim que conseguiu ligação, o pequeno Adib quase lhe arrancou o telefone da mão e gritou para o auscultador que queria falar imediatamente com Aiz. Como resultado desse primeiro contacto, ficou combinado que os Abuassi visitariam a casa dos Abu Rokon.

"Adib esteve entusiasmado durante todo o caminho", recorda o pai, Kamal. "Indicou-nos exatamente como chegar à casa."

E quando lá chegaram, não só entrou diretamente e identificou as suas roupas no armário, como também disse à mãe de Aiz que tinha um cigarro no bolso de um casaco quando morreu. Ela verificou o casaco e, de facto, lá estava o único cigarro. Adib conseguiu igualmente fornecer um relato gráfico da forma como morrera na vida passada:

"A minha unidade estava a revistar um edifício em Tzur, no Líbano. O meu melhor amigo Sayid entrou no edifício e eu fiquei cá fora a vigiar. De repente houve uma explosão lá dentro — uma bomba ou algo parecido. Lembro-me de estar deitado no chão a olhar para Sayid. Tinha uma enorme pedra em cima do corpo e estava coberto de sangue. Recordo-me de gritar: 'Sayid! Sayid! Por favor não morras!' Não me lembro de mais nada."

Apesar do seu hábito de fumar na vida passada, o pequeno Adib agora repreende o seu "filho" Aiz sempre que ele acende um cigarro.

"Não fumes tanto", ralha-lhe.

O já adulto Aiz franze o sobrolho, encolhe os ombros… e apaga-o, porque os dois continuam a relacionar-se como pai e filho. Adib e Aiz recordam, por exemplo, uma ocasião em que tinham respetivamente três e

doze anos e Aiz falara de forma ríspida com a mãe (mulher de Adib na sua encarnação anterior). A reação imediata da criança foi dar uma bofetada em cheio no "filho".

Olhando para trás, Aiz admite: "Eu merecia", acrescentando: "Senti que ele era o meu pai, tinha esse direito."

No seu artigo sobre este caso, Sue Fishkoff fez os seguintes comentários acerca das relações complicadas que se desenvolveram em resultado das memórias de reencarnação dos rapazes:

"Nabilla e Kamal tentam encarar com naturalidade a relação entre Aiz e Adib. Consideram Aiz apenas mais um filho, não um neto, e embora não tenham exatamente a certeza de onde encaixa a mãe de Aiz na árvore genealógica, sentem que ela faz parte da família. E não têm qualquer vergonha de admitir que acreditam que as histórias dos rapazes são verdadeiras.

'Como se explica uma criança de dois anos e meio capaz de nos conduzir até uma casa numa cidade onde nunca esteve, ir a um armário e escolher as roupas de outro homem como sendo suas, reconhecer "amigos" pelo nome antes de os conhecer, olhar para uma fotografia de "si próprio" com a mulher e saber a data em que foi tirada nos Montes Golã?', pergunta Kamal. 'São apenas factos. Consegue explicá-los?'"

A Pequena Mãe

Na maioria dos casos de reencontros familiares, é difícil aplicar um juízo científico rigoroso aos factos porque os amigos e familiares dos envolvidos são arrastados por uma onda de curiosidade e emoção que não tem em conta a necessidade de registar cuidadosamente as declarações no momento em que são feitas e antes de serem confirmadas. Ao avaliar a credibilidade destes relatos, precisamos por isso de estar conscientes de que algumas histórias podem ter sido adornadas — talvez involuntariamente — ao serem contadas. Existem, contudo, muitos casos em que os investigadores conseguiram iniciar as suas investigações e fazer registos adequados antes de as duas famílias terem sido reunidas, ou muito pouco tempo depois.

Um caso clássico deste tipo envolveu uma rapariga nascida em Velha Deli, capital da Índia, em 1926. Kumari Shanti Devi encantava os pais

falando do seu "marido" e dos seus "filhos" quando tinha apenas três anos. Inicialmente, interpretaram essas conversas infantis como sinal de que se casaria cedo. Porém, quando a mãe perguntou quem era esse marido, Shanti Devi respondeu sem hesitar:

"Kedarnath. Vive em Muttra. A nossa casa é amarela, revestida a estuque, com grandes portas em arco e janelas em treliça. O nosso pátio é grande e está cheio de malmequeres e jasmins. Grandes latadas de buganvílias escarlates sobem pelas paredes da casa. Muitas vezes sentávamo-nos na varanda a ver o nosso filhinho brincar no chão de ladrilho. Os nossos filhos continuam lá com o pai."

Por esta altura, os pais começavam a preocupar-se com a filha e decidiram procurar aconselhamento médico. O Dr. Reddy, médico de família, garantiu-lhes que Shanti Devi era provavelmente apenas uma criança brilhante à procura de atenção e que conseguiria fazê-la admitir que aquilo que contava era pura fantasia. Mas nada disso aconteceu.

Em resposta às perguntas do médico, revelou que se chamara Ludgi e que morrera durante o parto.

"Foi uma gravidez muito difícil desde o início", explicou. "Eu não me sentia bem e, quando soube que o bebé estava para nascer, perguntei-me se estaria preparada para isso. Sentia-me cada vez pior dia após dia — e quando o bebé nasceu veio de nádegas. O bebé sobreviveu, mas o parto matou-me."

Shanti Devi foi levada para fora do consultório por uma enfermeira enquanto os pais e o médico discutiam o que acabavam de ouvir. Concordaram que era impossível uma filha única compreender com tanto detalhe os aspetos físicos e emocionais de uma gravidez complicada. Contudo, o médico não conseguiu oferecer qualquer tratamento capaz de eliminar aquelas memórias e elas permaneceram consistentes ao longo dos quatro anos seguintes, enquanto os pais a levavam de médico em médico.

Só em 1934, quando tinha oito anos, a história de Shanti Devi começou a ser levada à letra. Felizmente, o seu tio-avô, o professor Kishen Chand, decidiu verificar os factos com grande rigor. Começou por enviar uma carta para a morada em Muttra que Shanti Devi mencionava frequentemente, perguntando se ali vivia um homem chamado Kedarnath que tivesse perdido a mulher em 1925.

O conteúdo da carta deixou atónita a pessoa que a recebeu e abriu — um homem chamado Kedarnath cuja esposa Ludgi morrera exatamente no ano referido e que continuava profundamente afetado pela perda. Mas, apesar de ser um hindu devoto, tinha dificuldade em acreditar que a mulher tivesse renascido. Em vez disso, suspeitou tratar-se de uma conspiração para lhe roubar os bens, pelo que pediu a um primo chamado Lai, residente em Deli, que conhecesse Shanti e a família. O senhor Lai fez isso sob o pretexto de realizar negócios com o senhor Devi, e a família desconhecia qualquer ligação dele ao destinatário da carta enviada semanas antes.

Shanti, agora com nove anos, ajudava a mãe na cozinha quando o senhor Lai chegou. Correu para abrir a porta e a mãe seguiu-a logo depois para descobrir a razão do grito da filha. Encontrou Shanti lançada nos braços do visitante surpreendido, a chorar compulsivamente.

"Mãe", explicou, "este é um primo do meu marido! Vivia perto de nós em Muttra e depois mudou-se para Deli. Estou tão feliz por o ver! Tem de entrar. Quero saber do meu marido e dos meus filhos."

O pai de Shanti chegou entretanto a casa e os quatro entraram. O senhor Lai pôde confirmar todas as declarações que ela fizera ao longo dos anos. O professor Chand foi chamado para se juntar ao grupo e decidiram que o passo seguinte seria convidar Kedarnath e o filho favorito de Ludgi a deslocarem-se a Deli para conhecerem os Devi.

O comportamento de Shanti quando chegaram foi revelador. Tentou pegar ao colo o "filho", que era muito maior do que ela, cobrindo-o de beijos. Chamava-lhe também pelos diminutivos carinhosos que usava anteriormente. Depois serviu Kedarnath com bolachas e queijo de uma forma tão dedicada e típica de Ludgi que os olhos dele se encheram de lágrimas. Ao vê-lo assim, tentou consolá-lo usando expressões afetuosas conhecidas apenas por ele e pela esposa. Mas Kedarnath recusou deixar o filho com os Devi, como estes pediram, e achou toda a situação perturbadora.

A notícia deste encontro chegou aos ouvidos de Desh Bandu Gupta, presidente da Associação de Jornais de Toda a Índia e membro do parlamento indiano, que considerou imperativo investigar o caso a fundo. Organizou então uma viagem a Muttra para Shanti e os pais,

acompanhados por si próprio, por um advogado chamado Tara C. Mathur e por um grupo de académicos, cientistas, jornalistas e cidadãos instruídos.

Quando o comboio entrou na estação, Shanti soltou um grito de alegria e começou a acenar para várias pessoas que identificou corretamente como sendo a mãe e o irmão do marido. E quando desceu do comboio e falou com eles, utilizou não o hindustani que aprendera em Deli, mas o dialeto da região de Muttra.

O comité científico entrou depois nas carruagens que os aguardavam para o maior teste de todos: verificar se Shanti Devi conseguiria conduzi-los até à casa de Ludgi. A criança foi dando instruções, hesitando apenas duas vezes quando pareceu insegura, e a procissão acabou por parar quando ela assim o ordenou.

"Esta é a casa", declarou, "mas tem uma cor diferente. No meu tempo era amarela; agora é branca."

Estava absolutamente correta. Tratava-se da casa que Ludgi partilhara com Kedarnath — mas da qual ele e os filhos se tinham mudado após a sua morte. Depois levaram-na à residência actual de Kedarnath e ela identificou imediatamente dois dos filhos pelo nome, embora não reconhecesse a criança cujo nascimento custara a vida a Ludgi.

O comité levou depois Shanti Devi a visitar a mãe de Ludgi, uma senhora idosa claramente confusa e aterrorizada ao ser confrontada por uma menina que agia e falava como a filha e sabia coisas que apenas Ludgi poderia conhecer.

Shanti disse a Desh Gupta que antigamente existira um poço na propriedade e, quando escavaram o local que indicara, encontraram-no coberto por tábuas e terra. Kedarnath perguntou-lhe então o que Ludgi fizera a vários anéis que escondera pouco antes de morrer. Ela respondeu que estavam enterrados dentro de um pote no jardim da antiga casa e o comité investigador acabou por encontrá-los.

Como seria de esperar, este caso despertou enorme interesse. Multidões reuniam-se diante das casas de Shanti e de Kedarnath e a história foi amplamente divulgada em todo o mundo. Nada disto ajudou Shanti Devi a lidar com as memórias da vida passada. Era claramente impossível regressar ao "marido" da vida anterior, que demonstrava apreensão em vez

de afeto, nem podia cuidar dos filhos. Assim, seguindo conselhos de terceiros, aprendeu gradualmente a controlar o amor que sentia pela família de Muttra e a distanciar-se deles.

Quase um quarto de século após os acontecimentos acima descritos, em 1958, um jornalista encontrou Shanti a viver discretamente em Deli, empregada do governo. Mas ela recusou-se a dar mais informações sobre o caso.

"Não desejo reviver as minhas vidas passadas, nem esta nem a minha existência anterior em Muttra", explicou. "Foi muito difícil para mim enterrar o desejo de regressar à minha família. Não quero voltar a abrir essa porta fechada."

Este é, como veremos em capítulos posteriores, um problema com o qual muitas outras pessoas tiveram dificuldade em lidar, e uma das razões pelas quais a maioria de nós deve sentir-se grata por não possuir tais memórias.

A Filha Que Voltou

Um reencontro entre uma filha reencarnada e a mãe na África do Sul ocorreu depois de Uvashnee Rattan, uma menina indiana de quatro anos que vivia com os pais em Lotusville, perto de Verulam, ter sido levada ao subúrbio vizinho de New Glasgow. Jugdees Rattan precisava de entregar uma carga de areia numa casa local e levou Uvashnee e os outros dois filhos consigo. De algum modo, a visão da casa pareceu desbloquear memórias de uma vida passada na jovem criança.

Ao regressar a casa, correu para junto da mãe declarando:

"Mamã, mamã, o meu nome é Sudima e eu vivia na casa da Kemla. A casa da Kemla fica em New Glasgow. Fica ao fundo de uma colina íngreme. A casa é azulada e lá dentro há tábuas…"

Continuou dizendo que a sua "outra família" comia apenas caril de batata e *roti*, mas não carne, e que em frente da sua "outra" casa havia um lago e, ao lado dele, um rio onde costumavam lavar roupa.

A mãe perguntou-lhe porque já não estava com essa outra família.

"Porque fiquei doente e morri. Tinha uma dor forte na barriga e morri. Pensaram que eu estava morta, mas não estava. Estava apenas a dormir."

A mãe de Uvashnee decidiu verificar se alguma daquelas afirmações correspondia à verdade. Suspeitava que talvez a menina tivesse visto alguém na casa quando o marido entregou a areia e que isso tivesse dado origem à história. Foi até à casa e falou com a avó materna de Jemla, que lhe disse não conhecer ninguém chamado Sudima. Porém, quando a "outra" família soube da conversa, convidou a senhora Rattan e a filha para uma visita. Quando chegaram, estavam presentes vários convidados e Uvashnee foi submetida a muitas perguntas, às quais respondeu plenamente e sem hesitação. Depois aconteceu algo extraordinário. Jugdees Rattan conta a história:

"Uvashnee estava sentada ao colo da minha mulher. Apontei para uma bandeja de doces perto dela e disse: 'Dá alguns doces à tua mãe, Uvashnee.' Esperava que simplesmente pegasse nos doces e os entregasse à minha esposa, mas em vez disso saiu-lhe do colo, apanhou alguns doces da bandeja e levou-os a uma senhora idosa, a senhora Baghwandeen, sentada do outro lado da sala. A mulher começou a chorar. Pegou nos doces, puxou Uvashnee para o colo e beijou-a.

Disse que chorava pela filha, Anishta, que morrera de disenteria vinte anos antes, aos nove anos de idade. Anishta estivera doente apenas um dia e ninguém pudera fazer nada por ela. Explicou então que, embora o nome da filha fosse Anishta, tinha também outro nome atribuído por um sacerdote no nascimento, segundo o costume indiano: o nome sacerdotal de Anishta era Sudima."

Este caso foi investigado pelos investigadores psíquicos professor David Scott-McNab e professor John Poynton, que concluíram que as declarações de Uvashnee eram genuínas.

"Uvashnee possui informações que não poderiam ter chegado até ela através dos sentidos normais", concluíram. "É um caso clássico, extremamente claro, de recordação de uma aparente existência anterior."

E houve um detalhe invulgar na história que sugere que crianças com este tipo de memórias podem também revelar sensibilidade psíquica relativamente a membros das suas famílias da vida passada. Em 1975, Uvashnee declarou:

"Sabem, tenho muita pena da outra mamã. Ela vai morrer muito em breve."

Poucos dias depois, a senhora Baghwandeen morreu após um período de doença — deixando Uvashnee com a memória do breve mas feliz reencontro.

CAPÍTULO QUATRO

ASSUNTO DE FAMÍLIA

Filha Infeliz, Filho Infeliz

Durante a sua curta vida, Emilia Lorenz foi uma alma atormentada. Os seus dezanove anos na Terra estiveram constantemente ensombrados por conflitos interiores que intrigavam a família. A liberdade era aquilo que mais desejava mas, enquanto mulher brasileira, sentia dificuldade em alcançá-la. Expressava aos irmãos e irmãs a sua insatisfação por ser mulher e dizia-lhes que, se a reencarnação existisse, regressaria da próxima vez como homem.

Emilia, nascida no Brasil a 4 de Fevereiro de 1902, dizia também que esperava morrer solteira e garantiu que essa previsão se concretizasse ao rejeitar várias propostas de casamento. A sua única verdadeira paixão parecia ser a costura, atividade em que apenas ela se destacava dentro da família. O seu talento com a agulha era tão extraordinário que lhe compraram uma máquina de costura.

Por fim, porém, a extrema infelicidade de Emilia culminou em várias tentativas de suicídio. Numa ocasião foi obrigada a beber grandes quantidades de leite como antídoto para o arsénico que ingerira. Mas a sua vida terminou finalmente a 21 de Outubro de 1921, pouco depois de tomar cianeto.

A mãe de Emilia, Ida Lorenz, começou então a receber mensagens da filha em sessões espíritas nas quais ela dizia arrepender-se do suicídio e desejar renascer através da própria mãe.

“Mamã, aceita-me como teu filho. Voltarei como teu filho.”

O primeiro filho dos Lorenz fora um rapaz, Emilio, que morrera ainda bebé. Emilia, batizada em homenagem a ele, fora a segunda criança. Quando a filha se suicidou, Ida Lorenz já dera à luz mais dez filhos e não esperava voltar a engravidar. Contudo, concebeu novamente e o seu décimo terceiro filho, um rapaz chamado Paulo, nasceu a 3 de Fevereiro de 1923.

Paulo Lorenz era uma criança invulgar. Desde o momento em que conseguiu expressar os próprios sentimentos recusou categoricamente usar roupa de rapaz. Ou vestia roupa de menina ou andava sem roupa nenhuma. Também gostava de brincar com raparigas e bonecas, demonstrava grande habilidade para costura e fazia várias observações identificando-se com Emilia.

Paulo chegou mesmo a dizer a algumas irmãs que era uma rapariga. Só quando alguém teve a ideia de lhe fazer umas calças a partir de uma saia que pertencera a Emilia, quando tinha quatro ou cinco anos, é que Paulo começou a aceitar usar roupa masculina e lentamente a sua masculinidade começou a afirmar-se. Reconheceu a origem do tecido e comentou:

"Quem diria que, depois de usar este material numa saia, viria mais tarde a usá-lo em calças?"

Gradualmente, a família começou a notar outros traços que sugeriam que Paulo era a reencarnação da irmã. O mais importante deles era a sua extraordinária habilidade para a costura. Certa vez, por exemplo, quando era, segundo a testemunha, "muito pequenino", viu uma das empregadas da família tentar desajeitadamente usar a máquina de costura. Paulo afastou-a, mostrou-lhe como a máquina funcionava e concluiu a demonstração fazendo um pequeno saco.

Aos quatro anos viu a irmã Florzinha com dificuldades para enfiar a linha na máquina e mostrou-lhe como fazê-lo. Outra irmã, Marta, deixou um bordado inacabado na máquina de costura e Paulo terminou-o por ela. Tudo isto aconteceu antes de lhe terem dado quaisquer lições sobre como usar a máquina. Quando lhe perguntavam como conseguia fazer tais coisas, Paulo respondia simplesmente: "Eu já sabia costurar." No entanto, à medida que cresceu, perdeu o gosto pela costura e a habilidade das irmãs rapidamente ultrapassou a dele.

Curiosamente, Paulo também sofria de uma fobia ao leite — recusando-se a bebê-lo durante toda a vida. O mesmo acontecia com Emilia, mas apenas nos últimos anos da sua existência e provavelmente porque fora obrigada a ingerir grandes quantidades de leite após a tentativa de suicídio.

Em 1962, quando Paulo Lorenz tinha trinta e nove anos, permanecia solteiro e demonstrava pouco interesse por mulheres além das irmãs,

embora os traços femininos intensos evidentes na adolescência já não fossem tão aparentes. De facto, ingressou no Exército Brasileiro mas reformou-se cedo, por motivos de saúde, com a patente de sargento. Sofria de tuberculose pulmonar, o que exigiu tratamento e convalescença durante vários anos.

Mais tarde, Paulo envolveu-se na política local mas, depois de o Presidente do Brasil, João Goulart, ter sido deposto por uma insurreição militar em 1963, começou a preocupar-se cada vez mais com a ideia de estar a ser vigiado por agentes do governo. Estes aparentes delírios atingiram um ponto tal que a família decidiu que ele necessitava de tratamento psiquiátrico, mas infelizmente, antes que qualquer medida pudesse ser tomada, Paulo suicidou-se. Já tinha feito ameaças e tentativas anteriores mas, em Setembro de 1966, enquanto estava hospedado em casa da irmã Lola Moreira, entrou na casa de banho, despejou líquido inflamável sobre si mesmo e incendiou a roupa e o próprio corpo. Morreu dez horas depois sem demonstrar qualquer arrependimento pelo ato.

Parece que Emilia conseguira de algum modo realizar o desejo de renascer como homem — como o próprio irmão Paulo — mas, no fim, isso revelou-se tão insatisfatório quanto a vida anterior e escolheu novamente a autodestruição para pôr termo ao sofrimento. Este caso não é único, pois parece que certos traços e tendências podem manifestar-se ao longo de várias vidas, talvez até que a alma aprenda a lidar com os problemas e superá-los, em vez de permitir que façam cair o pano sobre a vida.

O professor Ian Stevenson observou que, em vários casos em que a personalidade anterior relacionada cometera suicídio, “o sujeito demonstrou tendência para contemplar e ameaçar o suicídio”.

Quem Matou John Cisko?

Entre os índios Tlingit do sudeste do Alasca existe uma forte crença não apenas na reencarnação, mas também no renascimento dentro da mesma família. Um desses casos é o de Jimmy Svenson, cujo pai, Olaf, era meio Tlingit e meio norueguês, enquanto a mãe, Millie, era Tlingit de sangue puro.

Jimmy Svenson nasceu em Sitka a 22 de Novembro de 1952 e, em menos de dois anos, afirmava ser o irmão da mãe — John Cisko — dizendo corretamente que vivera na aldeia de Klukwan, a cerca de 160 quilómetros

de distância. Por vezes pedia para ir para lá viver com a avó materna. Durante dois ou três anos Jimmy fez muitas referências à vida anterior, mas depois essas recordações diminuíram, como acontece com a grande maioria das crianças que possuem memórias de vidas passadas.

John Cisko fora um típico membro da tribo Tlingit. Gostava de caçar e pescar e consumia grandes quantidades de álcool, sobretudo vinho. No Verão de 1950, aos vinte e cinco anos, estava no exército mas regressara ao Alasca de licença. Certo dia saiu num pequeno barco de pesca para um passeio com duas mulheres e nunca mais foi visto. Os corpos das duas mulheres foram encontrados perto da embarcação, encalhada junto à margem.

Tinham-se afogado e faltava o tampão de escoamento do barco, levando os investigadores a concluir que este enchera rapidamente de água sem que os ocupantes, presumivelmente embriagados, percebessem o perigo até ser demasiado tarde. As marés e correntes nos canais do sudeste do Alasca são fortes e parecia provável que o corpo de John Cisko tivesse sido rapidamente arrastado pela maré vazante. Contudo, existia também a possibilidade de ele ter sido assassinado, talvez por um amante ciumento de uma das duas mulheres.

Então, será que o testemunho de Jimmy Svenson esclarece a forma como encontrou a morte?

Ainda criança, Jimmy disse aos pais que tinha sido morto a tiro "pelo capitão… na barriga". Estranhamente, nasceu com quatro marcas circulares no abdómen, examinadas pelo professor Stevenson em 1961, quando o rapaz tinha nove anos — altura em que as memórias da vida passada já tinham desaparecido completamente. Stevenson escreve:

"Tinham cerca de um quarto de polegada de diâmetro e distinguiam-se claramente da pele circundante. Três tinham menos pigmentação do que a pele em redor; uma tinha um pouco mais. Três situavam-se ao longo da linha das costelas inferiores do lado direito, sobre o fígado; a quarta estava cerca de cinco centímetros à direita do umbigo. As marcas pareciam-se muito com feridas cicatrizadas de entrada de bala."

O aparecimento de marcas de nascença e deformidades congénitas coincidentes com ferimentos sofridos numa vida anterior pode oferecer um meio físico adicional de corroborar casos de reencarnação (tema discutido

no Capítulo 20). Neste caso, porém, havia um problema. Não existia qualquer corpo crivado de balas de John Cisko que comprovasse a história; apenas o rumor de uma testemunha que recusava falar e um rapazinho que insistia ser o próprio tio e ter sido morto a tiro.

O Homem Que Nasceu Antes de Morrer

Muitos anos antes do nascimento de Jimmy Svenson, o investigador Francis Story registou a experiência de um monge tailandês, o Venerável Phra Rajsuthajarn, do mosteiro Pa Yodhaprasiddhi, em Changwad Surin, Tailândia.

Tal como Jimmy Svenson, conseguia recordar uma vida anterior em que a atual mãe fora sua irmã. Ou seja, os atuais avós tinham sido os seus pais. O que torna a história de Phra Rajsuthajarn tão intrigante, contudo, é o facto de ter nascido a 12 de Outubro de 1908 — um dia antes da morte do homem que recordava ter sido. Estas particularidades nos relatos de reencarnação recordam-nos que, por mais convincente que seja a evidência do renascimento, ainda estamos muito longe de compreender os mecanismos das leis espirituais que regem o seu funcionamento.

Quando Phra Rajsuthajarn teve idade suficiente para falar começou a recordar a vida anterior com considerável detalhe. Chamava "mãe" à avó e tratava as três mulheres que tinham sido suas filhas pelos nomes corretos — incluindo uma delas pelo diminutivo de bebé. Também se zangava quando elas não lhe chamavam "pai".

Na vida anterior, como agricultor chamado Leng, aprendera a falar laociano e a ler escrituras sagradas budistas em caracteres cambojanos. Na vida presente descobriu que conseguia ler manuscritos cambojanos sem nunca ter aprendido a língua, apesar de o alfabeto ser bastante diferente do siamês. E embora nunca tivesse tido oportunidade de aprender laociano nesta vida, conseguia conversar facilmente com pessoas vindas do Laos.

Enquanto agricultor Leng, Phra Rajsuthajarn morrera aos quarenta e cinco anos devido a febre. Conseguia recordar não apenas a vida anterior, mas também a própria morte. Disse ter assistido aos próprios ritos funerários, visto o corpo na varanda e observado a cremação. Durante esse período, afirmou ter experimentado uma forma totalmente nova de existência em que sentia conseguir "ver em todas as direções".

No dia anterior à morte de Leng, a irmã mais nova dera à luz um filho. Agora, da perspetiva do outro mundo, recordava-se de ir para junto da irmã e olhar para o recém-nascido. Sentia grande afeto e queria tocar-lhe, mas conteve-se por receio de o perturbar. De repente, recordava, sentiu uma sensação de queda e a coisa seguinte de que teve consciência foi de si próprio enquanto bebé no berço.

As Irmãs Dançarinas

Outro caso envolvendo reencarnação dentro da mesma família foi relatado na Finlândia. Seis meses separaram a morte de Eeva-Maija Kaartinen, vítima de gripe em Helsínquia aos três anos de idade, do nascimento da irmã Marja-Liisa, a 22 de Maio de 1929. Mas não demorou muito até que Salli Kaartinen percebesse que a filha que "perdera" tinha regressado. Foi a própria Marja-Liisa quem lho disse. Corrigia até os estranhos que lhe chamavam Marja-Liisa.

"Eeva-Maija", respondia.

O Dr. Karl Muller, no livro *Reincarnation — Based on Facts*, registou o testemunho verbal recebido da senhora Kaartinen de que a filha era capaz de reconhecer pessoas que nunca vira nesta vida e chamá-las pelos nomes corretos. Também sabia quais as roupas e brinquedos que tinham sido seus na vida anterior.

Certa ocasião, acrescentou a senhora Kaartinen, disse a Marja-Liisa:

"A mamã vai ensinar-te algumas canções infantis que Eeva-Maija costumava cantar, e muito bem."

Então, quando começou a tocar piano, Marja-Liisa disse:

"Mas Eeva-Maija também costumava dançar."

E começou a dançar Charleston. A mãe esquecera-se completamente de que, pouco antes de morrer, a filha aprendera a dança com as primas.

Não parece irrazoável que uma criança que abandona este mundo muito cedo possa tentar viver novamente com os mesmos pais, caso surja a oportunidade. Existem mesmo indícios de que os adultos podem fazer escolha semelhante — por vezes antes de morrer.

A Mulher Que Renasceu Como Filha do Irmão

O Dr. Sushil Chandra Bose relata a história de uma mulher casada chamada Betauli no livro *Your Last Life and Your Next*. Ela costumava dizer que na vida seguinte queria ser filha do irmão Baburam e dizia-o à esposa dele. Em 1908, ano em que fez essa afirmação, morreu em Farrukhabad, Índia. Três anos depois nasceu uma filha chamada Girija ao irmão e à cunhada.

Aos quatro anos, Girija reconheceu o antigo sogro num encontro casual e o antigo marido um ano depois. Sete anos mais tarde, aos dezasseis anos, foi levada à casa do antigo marido em Farrukhabad, insistindo que aquela não era a sua casa. Quando a levaram à antiga casa, identificou-a imediatamente e indicou onde costumava dormir e cozinhar. Reconheceu igualmente as roupas, adornos e uma caixa metálica que Betauli utilizara e chorou amargamente ao ver a segunda esposa do antigo marido.

Morte por Afogamento

Num caso extraordinário investigado pela investigadora norte-americana Dra. Antonia Mills, o sujeito entrevistado encontrava-se na terceira encarnação com a mesma família dentro da memória viva. Emma Michell, membro da tribo indígena Wet'suwet'en, na Colúmbia Britânica, tinha mais de oitenta anos quando prestou o seu testemunho à Dra. Mills.

As memórias da vida passada começaram muitos anos antes, quando o jovem sobrinho Jimmy ouviu o sino tocar na pequena igreja de madeira ao lado. Disseram-lhe que isso acontecia porque um homem local, Donald G., morrera. A resposta do rapaz deixou a família espantada:

"Foi ele quem contratou homens para me espancarem e me atirarem ao rio."

O rapaz aparentemente recordava a morte do tio, cujo corpo espancado fora retirado do rio Bulkeley antes do nascimento de Jimmy. Mas a história repetiu-se e Jimmy encontrou a morte no mesmo rio. Agora, segundo a família, regressou pela terceira vez e é o neto de Emma Michell, que em criança possuía memórias de ambas as vidas. Em pequeno foi ouvido dizer que desejava ter sido rapariga, pois assim teria menos probabilidade de sofrer outra morte violenta nas águas turbulentas do rio.

Casos como estes sugerem que a jornada da alma talvez não seja assim tão solitária. Talvez aqueles que são importantes para nós nesta vida continuem a desempenhar um papel significativo na existência seguinte.

Durante uma visita à Índia em 1993 conheci a investigadora indiana Dra. Satwant Pasricha que, além de conduzir as suas próprias investigações impressionantes sobre casos de reencarnação, analisou também estatísticas recolhidas por si e por outros investigadores da área. Estas revelam a prevalência da reencarnação dentro da mesma família em certas culturas.

Por exemplo, encontrou uma percentagem muito elevada de ligações familiares entre Tlingits que recordavam vidas passadas e as pessoas que afirmavam ter sido. Na verdade, essa relação apenas faltava num caso e era desconhecida em outros quatro, resultando numa associação de 97,7 por cento no total dos casos examinados (47). Um padrão semelhante de relações familiares surgiu em três quartos dos casos estudados entre os Haida (índios das ilhas Queen Charlotte, Colúmbia Britânica, e da parte sul da ilha Prince of Wales, Alasca). No Sri Lanka a percentagem era de 16,7 por cento, na Índia 10,3 por cento e na Turquia 8,9 por cento.

Estes números sugerem que muitas famílias nessas culturas podem permanecer juntas ao longo de várias vidas.

CAPÍTULO CINCO

ALMAS GÉMEAS

Os Rapazes Assassinados

Só quando os gémeos Ramoo e Rajoo Sharma, de três anos, fugiram da pequena aldeia de Sham Nagara, Uttar Pradesh, Índia, em direção à estação ferroviária e à estrada principal, é que os pais perceberam que havia algo de diferente nos filhos. Foram trazidos de volta e questionados sobre o que estavam a fazer.

Ramoo e Rajoo responderam que estavam “a ir para casa”.

Parece que ninguém lhes pediu explicações adicionais, mas a verdade acabaria por surgir quando um tio os viu tocar os pés de um estranho que passava pela aldeia (gesto usado para demonstrar respeito por alguém conhecido). Repreendeu-os porque sabia que não conheciam aquele homem. Mas os gémeos discordaram. Tinham-no reconhecido, explicaram, da vida anterior, e começaram a descrever essas vidas em detalhe.

Ao que tudo indicava, os rapazes também tinham sido gémeos na existência passada. Ramoo fora Bhimsen Pitamah e Rajoo fora o irmão Bhism. Tinham vivido na aldeia de Uncha Larpur, a cerca de 16 quilómetros dali — precisamente de onde vinha o estranho encontrado na rua — e revelaram que tinham sido assassinados.

Mais ainda, identificaram inclusivamente o assassino, um homem chamado Jagannath, com quem tinham discutido mas com quem mais tarde pareciam ter feito as pazes. A simpatia dele era fingida, contudo, e convidara-os para sua casa na aldeia de Kurd, onde um grupo de homens os atacou e estrangulou até à morte. Descreveram igualmente outros acontecimentos das vidas passadas e objetos que tinham possuído.

Tinham realmente existido rapazes gémeos chamados Pitamah que haviam sido assassinados na aldeia de Kurri, e os relatos das afirmações das crianças acabaram por chegar a Uncha Larpur. Como resultado, membros da família da vida passada, outros habitantes da aldeia e até os alegados assassinos visitaram Sham Nagara para ver Ramoo e Rajoo. Entre os visitantes encontravam-se o irmão mais velho dos gémeos falecidos, Chandra Sen, e a mãe deles, Ram Devi, no Verão de 1971.

Pouco depois — a 20 de Novembro de 1971 — o professor Ian Stevenson encontrava-se na esquadra de polícia de Gursahaiganj, Uttar Pradesh, a investigar outro caso, quando um agente lhe sugeriu que investigasse a história dos gémeos. Como se tratava de um homicídio ocorrido nas proximidades, existiam registos na esquadra que ele pôde consultar. Contudo, nessa ocasião não teve tempo para realizar investigações pessoais. Em vez disso, encarregou o Dr. L. P. Mehrotra de recolher depoimentos das principais testemunhas em Sham Nagara e Uncha Larpur, em Julho de 1972. O professor Stevenson regressou quatro meses mais tarde para realizar novas entrevistas e, posteriormente, o professor Erlendur Haraldsson juntou-se também à equipa de investigação.

Entre as provas encontravam-se transcrições do julgamento dos alegados assassinos, nas quais se afirmava que os gémeos Pitamah tinham sido informadores da polícia. Revelou-se ainda que existira um conflito de terras relacionado com limites de propriedade entre eles e dois homens chamados Jagannath e Raja Ram, que conseguiram atrair os gémeos para uma armadilha. Foram vistos vivos pela última vez a 28 de Abril de 1964. Os seus corpos, amarrados e já em avançado estado de decomposição,

foram retirados de um poço quatro dias depois e a polícia concluiu que tinham sido estrangulados.

"A suspeita recaiu naturalmente sobre os inimigos conhecidos dos gémeos e, por isso, a polícia deteve um pequeno grupo deles (na verdade nove pessoas), que foram julgadas pelos homicídios", escreve o professor Stevenson no Volume I de *Cases Suggestive of Reincarnation*, dedicado à Índia. "Mas os homicídios tinham sido cometidos (quase certamente) durante a noite e a polícia provavelmente detivera todas as testemunhas oculares, de modo que não restava ninguém para os acusar. Por falta de provas diretas, todos os arguidos foram absolvidos."

O professor Stevenson considerou deslocar-se a Kurri para realizar mais investigações, mas decidiu que as perspetivas eram "tão sombrias para encontrar alguém que não fosse um dos assassinos ou que não tivesse medo deles, que abandonei essa expedição".

Curiosamente, Bhimsen e Bhism Pitamah tinham filhos que também visitaram Sham Nagara. Ramoo e Rajoo chamavam-lhes "filhos", tratavam-nos paternalmente e aconselhavam-nos a reconstruir a casa com cuidado adequado (que se encontrava degradada) e a visitar a esposa de Bhimsen. Quando encontraram Ram Devi, a mãe da vida passada, choraram — e ela também.

Embora muito diferentes em personalidade, os gémeos eram fisicamente difíceis de distinguir e extremamente próximos, ao ponto de não comerem uma refeição sem a presença um do outro. Essa proximidade parece ter transitado da vida passada, na qual, embora ambos fossem casados e tivessem filhos, continuavam a fazer muitas coisas juntos e, de facto, morreram juntos de forma horrível. Nesta vida continuaram muito unidos, inclusive ao ponto de falarem quase como se fossem uma única pessoa e partilharem as mesmas memórias das encarnações anteriores.

Vale a pena notar, neste ponto, que a Índia forneceu ao longo dos anos uma enorme quantidade de casos sólidos de reencarnação, e o professor Ian Stevenson investigou a maioria deles. O seu primeiro livro de estudos de caso foi inteiramente dedicado às investigações indianas e ele continua a regressar ao país para acompanhar novos relatos. Contudo, as suas pesquisas levaram-no também à Birmânia, Sri Lanka, Líbano, Turquia e muitos outros países, incluindo o Reino Unido. Viver nos Estados Unidos

dá-lhe naturalmente acesso fácil a casos norte-americanos. E quando o encontrei em Londres em 1996, soube que planeava um livro dedicado a estudos de caso europeus.

A prevalência de casos indianos não significa que a reencarnação ocorra mais naquela parte do mundo do que noutras. Uma explicação mais plausível parece-me ser que culturas que aceitam o renascimento têm maior tendência para prestar atenção às afirmações de crianças que dizem já ter vivido antes e aceitá-las naturalmente, enquanto no Ocidente seriam descartadas como fantasias infantis.

O Casal Casado Que Renasceu Como Gémeos

Outro caso cuidadosamente investigado de gémeos que recordavam vidas passadas é igualmente impressionante, embora eles nem sequer fossem parentes nessa existência anterior. Em vez disso, tinham sido um homem e uma mulher que viveram em Okshitgon, Birmânia. Os pais de Maung Gyi e Maung Nge mudaram-se de Okshitgon para Kabyu pouco depois do nascimento dos filhos em 1886. Assim, os gémeos não tinham qualquer conhecimento do lugar onde tinham nascido, nem dos seus habitantes. No entanto, assim que aprenderam a falar começaram a usar nomes diferentes um para o outro, sendo um deles um nome feminino. Descobriu-se que eram os nomes de um casal casado que vivera em Okshitgon e que fora profundamente dedicado um ao outro, tendo nascido em casas vizinhas no mesmo dia. Mais ainda, tinham morrido também no mesmo dia — aproximadamente na altura em que os gémeos nasceram.

Para testar as memórias da vida passada, Maung Gyi e Maung Nge foram levados a Okshitgon, à casa e ao bairro do casal cujas vidas recordavam. Não só identificaram estradas, lugares e pessoas, como também as roupas que haviam usado. O gémeo mais novo, que recordava ter sido a esposa, lembrava-se ainda de ter pedido emprestadas duas rupias a uma mulher chamada Ma Thet, dinheiro que nunca devolvera. Quando questionada, Ma Thet confirmou a história. O homem que investigou este caso e escreveu sobre ele em *The Soul of a People*, Fielding Hall, entrevistou os gémeos quando tinham seis anos e ainda conservavam fortes memórias das vidas anteriores. O gémeo que recordava ter sido o homem era um rapazinho rechonchudo, enquanto o irmão era mais pequeno e tinha "uma expressão estranhamente sonhadora no rosto, mais parecida com a de uma rapariga do que de um rapaz".

“Ele Era o Meu Cozinheiro”

Ainda mais curioso é o caso de Krishnan Kishore, que demonstrava enorme afeto pelo irmão gémeo Krishna Kumar e insistia em partilhar tudo com ele. Dava-lhe presentes e mostrava grande preocupação pelo seu bem-estar. Quando lhe perguntaram a razão desse comportamento respondeu:

“Porque ele era o meu cozinheiro.”

Mais tarde, Krishnan disse à mãe que não apreciava a comida que ela lhe dava porque “na minha própria casa costumava comer doces deliciosos”. Continuou explicando que tinha possuído uma grande casa vermelha, dois carros e uma arma, e que tivera cinco filhos, todos casados. Nessa vida chamava-se Purushottom. O tio dos gémeos tentou verificar a história levando Krishnan a um joalheiro com esse nome, mas o rapaz não o reconheceu. Mais tarde, a mãe levou-o à casa de outro senhor Purushottom e ele conseguiu identificar móveis, fotografias e outros objetos, descrevendo até como tinham sido obtidos e para que serviam. Também se verificou durante a visita que o falecido senhor Purushottom possuíra carros e uma arma e tinha um gosto extraordinário por doces.

Gémeos Birmaneses

O professor Ian Stevenson, escrevendo em *Children Who Remember Previous Lives*, diz-nos que a sua coleção de casos sugestivos de reencarnação inclui trinta e seis pares de gémeos nos quais um ou ambos recordam uma vida passada.

“Em vinte e seis dos casos de pares de gémeos foi possível identificar satisfatoriamente uma personalidade anterior para ambos”, afirma, acrescentando que, nos restantes, um ou ambos os casos permaneceram sem solução — ou seja, não foi possível encontrar provas da pessoa que afirmavam ter sido. “Entre os vinte e seis casos resolvidos, as personalidades anteriores tinham relações familiares (por vezes conjugais) em dezanove casos e tinham sido amigos ou conhecidos nos sete restantes; em nenhum caso as personalidades anteriores eram estranhas uma à outra.”

Embora não fossem estranhos, a relação entre os gémeos birmaneses Maung Aung Cho Thein e Maung Aung Ko Thein nas vidas anteriores pareceria, à primeira vista, uma base improvável para renascerem na

mesma família. Um deles tinha sido uma mulher proprietária de um moinho de arroz. O outro fora um agricultor que levava o arroz ao moinho.

"O comportamento dos gémeos um para com o outro refletia a atitude algo altiva da rica proprietária do moinho e a postura deferente do agricultor de arroz", observa Stevenson. "Encontrámos este tipo de relação dominante/submissa em todos os onze casos de pares de gémeos sobre os quais possuíamos informações suficientes relativamente aos papéis e comportamentos dos sujeitos e das personalidades anteriores."

Apesar dos enormes esforços dos investigadores que trabalham na área dos estudos sobre reencarnação, nem sempre é possível corroborar as memórias de vidas passadas das crianças e esses casos, por razões óbvias, raramente aparecem nos relatórios ou estatísticas. Mas o professor Stevenson abre uma exceção para as gémeas birmanesas Ma Khin San Tin e Ma Khin San Yin devido à extraordinária semelhança das histórias que surgiram durante a investigação.

As raparigas recordavam ter sido irmãos japoneses (não gémeos) que serviram na mesma unidade militar. Morreram na Birmânia em Abril de 1945 durante o avanço britânico perto de Pyawbwe. Depois disso, disseram-lhe, tentaram renascer no Japão mas falharam. Por isso regressaram ao local onde tinham morrido na Birmânia e nasceram numa aldeia a menos de cem metros do local onde afirmavam ter sido mortos e onde existira uma trincheira do exército japonês.

"Este caso permanece sem solução", recorda Stevenson, "tal como os das outras crianças birmanesas que afirmam ter sido soldados japoneses mortos na Birmânia."

As Gémeas Pollock

Um anúncio publicado em 1958 no *Hexham Courant*, jornal de Northumberland, mal deixava adivinhar a extraordinária história que estava prestes a desenrolar-se. Dizia:

"POLLOCK. Para John e Florence, em 29 Leazes Crescent, Hexham, no dia 4 de Outubro, precioso dom de Deus: filhas gémeas, Jennifer e Gillian Theresa. Graças a Deus e à Nossa Senhora."

O nome Pollock já era familiar para muitos leitores do jornal, pois surgira em destaque nas suas páginas dezoito meses antes, depois de o

destino ter tragicamente roubado a John e Florence as duas filhas, Joanna, de onze anos, e Jacqueline, de seis. As raparigas caminhavam todos os domingos da casa até à Igreja de Santa Maria, juntamente com a amiga Anthony Layden, para assistir a uma missa especial destinada aos 250 alunos da escola católica local.

Mas em 5 de Maio de 1957 nunca chegaram à igreja. Enquanto caminhavam de mãos dadas ao longo de Shafto Leazes, um carro conduzido por uma mulher que tomara uma overdose de medicamentos com intenção suicida subiu ao passeio e atropelou-as violentamente. O impacto lançou-as no ar como bonecas de trapo e Joanna e Jacqueline morreram instantaneamente devido a múltiplos ferimentos. A amiga de nove anos também chegou sem vida ao hospital.

Embora devastados pela perda, os Pollock encontraram forças para enviar à mulher responsável pela tragédia uma mensagem conjunta de condolências e perdão. John Pollock já era profundamente religioso — convertido ao catolicismo romano aos dezanove anos — e Florence, confortada pela bondade do padre local, juntou-se-lhe pouco depois da morte das filhas. Mas John era um católico invulgar, pois acreditava fortemente na reencarnação — ideia não partilhada pela esposa. Na verdade, rezara à noite pedindo uma prova do renascimento para mostrar aos padres que tinha razão.

Inicialmente John Pollock interpretou a morte de Joanna e Jacqueline como um castigo divino por ter pedido provas da reencarnação. Mas ao mesmo tempo decidiu que Deus pretendia responder às suas orações e que as meninas regressariam. Mais uma vez, Florence não partilhava dessa convicção e isso colocou enorme pressão sobre ela. Assim, foi com alguma ansiedade que anunciou no início do ano seguinte que estava grávida.

O marido, radiante, respondeu com confiança que Deus lhes devolveria Joanna e Jacqueline e que ela daria à luz gémeas. John Pollock enfrentava agora não apenas a descrença da esposa mas também o parecer médico do doutor e de um ginecologista, ambos convencidos de que havia apenas uma criança no útero. Contudo, de forma quase milagrosa, a previsão de John concretizou-se e as gémeas Jennifer e Gillian nasceram saudáveis, separadas por apenas dez minutos.

Quase imediatamente o pai notou uma fina linha branca a descer pela testa da gémea mais nova, Jennifer. Já vira uma marca exatamente igual antes — na testa de Jacqueline. Aos dois anos Jacqueline abrira a testa e a ferida cicatrizara deixando uma fina marca branca. Apesar do ceticismo, Florence Pollock notou uma marca de nascença castanha na anca esquerda de Jennifer que correspondia em tamanho, forma e posição àquela com que Jacqueline nascera. Como as gémeas eram geneticamente idênticas (o termo médico é monozigóticas, significando provenientes de um único óvulo), tal diferença é extremamente rara.

Esses sinais físicos bastaram para convencer John Pollock de que as filhas mortas tinham renascido. Em breve receberia provas ainda maiores.

A família decidiu mudar-se para outra parte de Northumberland e instalou-se em Whitley Bay apenas quatro meses após o nascimento das gémeas. As meninas tinham três anos quando fizeram a primeira visita de regresso a Hexham, mas Gillian e Jennifer comportaram-se como se conhecessem perfeitamente a cidade. Enquanto caminhavam pela rua, os pais ouviam fascinados os comentários contínuos das filhas.

"A escola fica logo ali na esquina", disse uma delas, embora nesse momento a escola frequentada pelas irmãs ainda estivesse escondida pela igreja.

"Ali era onde costumávamos brincar no recreio", disse a outra.

"Os baloiços e os escorregas ficam ali", respondeu a irmã, apontando para uma colina, e os pais sabiam que Joanna e Jacqueline brincavam efetivamente em baloiços e escorregas situados do outro lado da elevação, fora de vista.

Depois, ao passarem pela casa onde Joanna e Jacqueline tinham vivido anos felizes, ambas disseram:

"Nós costumávamos viver ali."

Os Pollock tinham guardado os brinquedos das filhas falecidas em caixas de cartão, incapazes de se desfazer deles. À medida que as gémeas cresciam decidiram voltar a dar utilidade aos brinquedos e, numa noite, colocaram duas bonecas antigas e um pequeno espremedor de roupa de brincar à porta do quarto delas. Foi Florence Pollock quem observou a descoberta. Jennifer viu-os primeiro.

"Oh, esta é a Mary. E esta é a minha Suzanne", exclamou, acrescentando: "Já não a via há muito tempo."

Depois virou-se para a irmã gémea e disse:

"E ali está o teu espremedor."

Jennifer nomeara corretamente as bonecas e atribuira-lhes a posse adequada, bem como do espremedor.

Mais inquietante ainda foi a reação das gémeas enquanto brincavam atrás da casa em Whitley Bay, perto de uma rua onde havia carros estacionados. Ao ouvir gritos histéricos um dia, John Pollock correu para fora e encontrou as gémeas agarradas uma à outra, encolhidas num canto, repetindo:

"O carro! O carro! Está a vir contra nós!"

Apontavam para um carro que estava virado na direção delas e acabara de arrancar… uma cena que devia lembrar de forma aterradora os últimos instantes de Joanna e Jacqueline.

Ainda mais macabro foi o aparente ato de reconstituição da morte realizado por Gillian e Jennifer no quarto de brincar, sem saberem que a mãe as observava. Gillian segurava a cabeça da irmã mais nova entre as mãos e dizia:

"O sangue está a sair-te dos olhos. Foi aí que o carro te bateu."

Pouco tempo depois, as memórias das gémeas começaram a desvanecer-se e, quando chegaram aos vinte anos, já não conseguiam recordar-se de nenhum destes incidentes.

Ao examinarmos a reencarnação no seio das famílias, temos de estar atentos à influência, deliberada ou não, dos pais ou de outros familiares que possam impor as suas próprias crenças a crianças impressionáveis. No entanto, isto funciona nos dois sentidos, pois há muitos casos em que é evidente que as aparentes memórias de vidas passadas de uma criança foram indesejadas e, por isso, silenciadas através de castigos ou ameaças. Temos também de considerar até que ponto aquilo que aparentemente é recordado poderá ser o resultado de «memória genética» — embora não exista qualquer prova científica de que a memória seja algo que possa ser transmitido de uma geração para outra.

Um dos melhores relatos das experiências da família Pollock aparece em *Mind Out of Time*, de Ian Wilson, que foi publicado em edição de bolso sob o título *Reincarnation*[^8]. Este livro é bastante crítico em relação aos relatos de reencarnação em geral, sugerindo que a maioria dos investigadores não é suficientemente rigorosa na verificação dos testemunhos dos seus casos.

Mas Ian Wilson, que hoje vive na Austrália e é um dos correspondentes da minha revista, admite que o caso das Gémeas Pollock poderá ser excecional. Diz ele o seguinte acerca de John Pollock e das suas filhas: «... se tudo aconteceu da forma como ele descreveu, incluindo o reviver, pelas gémeas, das memórias das irmãs mortas, então tenho de reconhecer que algo ainda fora da compreensão da ciência do século XX parece ter estado em ação.»

Almas Gémeas

O Amante do Faraó

Os visitantes de Abydos, um dos mais importantes sítios arqueológicos do antigo Egito, nos anos 1970, eram frequentemente guiados pelo belo Templo de Seti I por uma inglesa aparentemente excêntrica, dotada de um conhecimento imenso do local e do homem que o construiu.

A perícia de Dorothy Eady pode ser explicada, em parte, pela sua longa associação com eminentes egiptólogos, pela sua capacidade de traduzir hieróglifos e pelo trabalho que realizou para o Departamento de Antiguidades do Egito em vários projetos de restauro, incluindo sítios próximos da Grande Pirâmide de Gizé. Mas ela também oferecia perspetivas sobre a vida quotidiana dos egípcios e os seus rituais que intrigavam os especialistas e lhe granjeavam ainda maior respeito quando eram descobertas provas que demonstravam que tinha razão. A explicação dela era simples: sabia essas coisas porque já ali vivera antes, no tempo de Seti I.

Contudo, por detrás desta afirmação escondia-se uma história ainda mais extraordinária — e que até alguns crentes na reencarnação poderiam ter dificuldade em aceitar. Dorothy Eady acreditava que ela e o faraó Seti I tinham sido amantes nessa vida e que eram almas gémeas destinadas a permanecer juntas por toda a eternidade, caso ela conseguisse superar

certas provas que se apresentariam nesta vida. Estava convencida de que o grande faraó, Seti I, a procurara a partir do outro mundo durante 3.000 anos e que acabara finalmente por encontrá-la quando ela era adolescente e vivia em Plymouth, no Devon. Ele apareceu-lhe e, depois de restabelecerem a relação que terminara tantos anos antes, iniciaram uma ligação entre dois mundos que a levaria de volta a Abydos, 325 milhas (520 quilómetros) a sul do Cairo, para viver e morrer na sombra romântica desse antigo caso de amor.

Nada na história familiar ou na infância de Dorothy Eady explica o seu amor pelo Egito, que se manifestou pouco depois de ela ter caído de um lance de escadas, em 1907, na sua casa em Blackheath, no sudeste de Londres. Tinha três anos... e foi declarada morta pelo médico da família. Quando este regressou mais tarde com uma enfermeira para lavar e preparar o corpo da criança, encontrou Dorothy sentada na cama, com a cara besuntada de chocolate, a brincar alegremente.

Pouco depois desse incidente, começou a ter sonhos recorrentes com um enorme edifício com colunas e um jardim cheio de frutos e flores. Os pais encontravam-na frequentemente a chorar. Quando lhe perguntavam porquê, ela respondia: «Quero ir para casa», embora não soubesse onde era essa «casa». Quando foi levada ao Museu Britânico aos quatro anos de idade, correu radiante pelas galerias egípcias, beijando todas as estátuas. Acabou por se sentar calmamente, fascinada por uma múmia, recusando-se a sair quando chegou a hora de ir embora. A mãe baixou-se para pegá-la ao colo, mas a criança agarrou-se à vitrina e disse com uma voz inquietante, semelhante à de uma mulher estranha e idosa: «Deixem-me... estas são as minhas pessoas.» Foi retirada do museu aos pontapés e aos gritos.

Ficava horas a observar imagens da Pedra de Roseta com uma lupa e, quando lhe perguntavam porquê, uma vez que não conhecia a língua, respondia: «Eu conheço-a, mas esqueci-me dela. Se ao menos a pudesse copiar, talvez me lembrasse.»

Aos sete anos, Dorothy viu, numa revista que o pai trouxera para casa, uma fotografia cuja legenda dizia: «O Templo de Seti I em Abydos, Alto Egito.» Correu entusiasmada para junto do pai, declarando: «Esta é a minha casa! Foi aqui que vivi! ... Mas porque está tudo destruído? E onde está o jardim?»

Reuben Eady repreendeu-a por contar mentiras e explicou-lhe que estava destruído porque era muito antigo e que não havia jardim porque se encontrava no meio do deserto. Ficou ainda mais irritado com a filha quando ela lhe disse, ao ver uma fotografia da múmia bem preservada de Seti I, que se encontra no Museu do Cairo, que conhecia aquele homem e que ele era bom e bondoso. Tinha de acabar de vez com todos aqueles disparates, exigiu ele.

As palavras do pai foram inúteis para Dorothy, que, à medida que crescia, começou a faltar à escola para visitar o Museu Britânico e passar tempo entre as relíquias do antigo Egito. Foi aí que conheceu Sir E. A. Wallis Budge, conservador das Antiguidades Egípcias e Assírias, que lhe ensinou a ler hieróglifos. E acabou por conhecer e casar-se com um egípcio que a levou para viver no Cairo. O casamento durou apenas três anos — Imam Abdel Meguid não fazia ideia, quando casou com ela, de que iria competir com um faraó morto pelo amor da esposa — mas tiveram um filho que Dorothy insistiu que se chamasse Seti. Depois do divórcio, continuou a viver no Egito, trabalhando em vários projetos arqueológicos, e, como é costume no país, passou a ser conhecida como «Omm Sety», que significa «Mãe de Seti».

Na década de 1950, o Departamento de Antiguidades acabou finalmente por aceitar o seu persistente pedido de transferência do Cairo para Abydos. Não era um posto que o departamento normalmente atribuísse a uma mulher, já que a aldeia onde teria de viver não tinha eletricidade, canalização nem água corrente. Mas Omm Sety ficou radiante. Tinha regressado a casa. Mais ainda: durante o restauro do templo, os operários encontraram o jardim que ela vira nos sonhos, «exatamente onde eu disse que estava — a sudoeste do templo — raízes de árvores, raízes de videiras, pequenos canais para irrigação... até o poço; e o poço ainda tinha água».

Durante o período em que viveu no Cairo, a história completa da sua vida anterior no Egito, revelou ela mais tarde, foi-lhe «ditada» por alguém chamado Hor-Ra, que fazia visitas noturnas intermitentes vindas do outro mundo. Demorou um ano a completar-se e, quando traduzida, ocupava setenta páginas. A partir daí, Omm Sety soube que fora uma rapariga de catorze anos, loura e de olhos azuis, chamada Bentreshyt, que chamara a atenção do faraó durante uma visita deste a Abydos para supervisionar a

construção do monumental santuário que estava a ser erguido para si. Apaixonaram-se e encontravam-se clandestinamente porque Bentreshyt era uma sacerdotisa virgem de Ísis e, por isso, propriedade do templo. Ninguém podia tocar-lhe, nem sequer o faraó.

No entanto, cedo se tornou evidente que Bentreshyt estava grávida e o sumo sacerdote Antef obrigou-a a confessar o seu crime e, por fim, a revelar o nome do amante. A morte era a única sentença possível para o seu crime, mas isso implicava também um julgamento público. Em vez de permitir que o nome do amante fosse revelado em público, Bentreshyt tirou a própria vida. O faraó Seti I, que tinha partido numa viagem à Núbia, ficou chocado e de coração partido ao saber do sucedido quando regressou a Abydos, e jurou nunca esquecê-la. E, ao que parece, nunca esqueceu.

O aspeto mais extraordinário da história de Omm Sety é que, ao longo do seu trabalho nos antigos monumentos do Egito, a inglesa afirmava que ela e Seti I se encontravam regularmente — por vezes no plano astral e ocasionalmente na sua própria casa, onde ele se materializava, se deitava ao lado dela na cama e até fazia amor com ela. Contudo, esta relação física teve de terminar quando ela foi transferida para Abydos e ele disse-lhe: «A roda do carro do destino completou o seu círculo. A partir de agora e até ao fim da tua vida terrena, pertences novamente ao templo, e estás proibida para mim e para qualquer outro homem.» Omm Sety começou a chorar e o faraó consolou-a perguntando-lhe se iria cometer o mesmo erro outra vez.

«Depois explicou-me que este era o período em que ambos seríamos postos à prova. Se resistíssemos à tentação durante o resto da minha vida em Abydos, o nosso crime original seria perdoado, e eu pertencer-lhe-ia por toda a eternidade.»

Dorothy Eady sabia que poucas pessoas acreditariam na sua história, por isso manteve um diário secreto destes encontros de outro mundo e confidenciou-os apenas aos amigos mais próximos, incluindo o Dr. Hanny El Zeini, presidente da Sugar and Distillery Company of Egypt. Este colaborou com Jonathan Cott na produção do extraordinário livro sobre a sua vida, *The Search for Omm Sety*, publicado em 1988, mais de seis anos após a sua morte.

Omm Sety morreu como desejava e está sepultada perto do templo onde afirmava ter morrido uma vez antes, na sua vida como Bentreshyt.

É preciso dizer que a história de Omm Sety levanta mais perguntas do que respostas. Se Dorothy Eady realmente fora Bentreshyt, a amante de Seti I, na sua vida anterior, porque demoraram 3.000 anos a reencontrar-se? Terá Dorothy Eady tido outras encarnações durante o período intermédio? Ou terá a sua alma permanecido numa espécie de animação suspensa, aguardando o conjunto certo de circunstâncias que permitisse o reencontro?

Não tenho respostas para estas perguntas. Na verdade, todo o tema das almas gémeas está repleto de dificuldades. Ainda assim, a ideia de que cada um de nós tem um parceiro («a nossa outra metade») sem o qual estamos incompletos é um conceito poderoso para aqueles que acreditam na reencarnação. Surge também, naturalmente, na grande literatura e na poesia. Muitos casais testemunham que, quando conheceram o parceiro pela primeira vez, sentiram aquilo como um reencontro; como se já tivessem estado juntos antes.

Tomado à letra, isto sugere que, ao longo dos séculos e de muitas vidas, entre as muitas almas com quem estabelecemos relações, somos atraídos em particular por uma, com a qual o nosso destino está inextricavelmente ligado. Embora seja mais provável que nos tornemos amantes, poderemos ter de experimentar outros tipos de relação com essa alma, de forma a ajudar a nossa compreensão mútua. E o tempo passado com a nossa alma gémea nem sempre será feliz: algumas dessas vidas poderão ser difíceis e dolorosas.

Ajudar as Almas Gémeas a Encontrarem-se

O Dr. Brian Weiss acredita firmemente nas almas gémeas e na reencarnação. Licenciado pela Universidade de Columbia e pela Faculdade de Medicina de Yale, nos Estados Unidos, vive atualmente em Miami, Florida, onde exerce psiquiatria. «Trabalhei com muitas pessoas, geralmente casais, que se encontraram em vidas anteriores», explica. «Muitas reconheceram os seus companheiros de alma, viajando juntos através do tempo para se reunirem novamente na vida atual.»

Mas todos os anos em que regressou pessoas às suas vidas passadas não o prepararam para um extraordinário dilema envolvendo dois dos seus pacientes que, sob hipnose, pareciam ter estado relacionados nas suas existências anteriores, mas que não se conheciam nesta.

Pedro, um mexicano que procurou a ajuda do Dr. Weiss após a morte do irmão, descreveu uma vida em que soldados romanos o amarraram aos cavalos e o arrastaram pelo chão, fazendo depois dele um jogo até que bateu com a cabeça numa rocha. Deixaram-no morrer nos braços da filha.

Elizabeth, uma mulher alta e bem-sucedida no mundo dos negócios, procurou a ajuda do Dr. Weiss depois de ler um dos seus livros, porque sentia que a sua vida era um caos. Quando regrediu, descreveu uma vida passada em que era Miriam, cuja figura paterna morreu nos seus braços após ter sido arrastada atrás dos cavalos dos soldados romanos.

Pedro e Elizabeth (pseudónimos atribuídos por Weiss para garantir a privacidade dos pacientes) tiveram uma série de sessões com o Dr. Weiss ao longo de muitos meses. Marcavam em dias diferentes e eram desconhecidos um para o outro. O psiquiatra também não reparou nas semelhanças entre os seus relatos, nos quais pareciam desempenhar papéis diferentes nas mesmas cenas. Depois, já muito perto do fim do tratamento, o Dr. Weiss examinou as notas e convenceu-se de que estavam destinados um ao outro.

«Nunca antes tinha encontrado almas gémeas que ainda não se tivessem conhecido no presente», escreve ele no livro *Only Love Is Real*. «Neste caso, almas gémeas que viajaram quase 2.000 anos para voltarem a estar juntas. Tinham vindo até aqui. Estavam a centímetros e minutos uma da outra, mas ainda não se tinham ligado.»

O que deveria ele fazer? «Estava severamente limitado pelas "leis" da psiquiatria, senão pelas regras mais subtis do karma», explica. Violar a confidencialidade dos pacientes poderia constituir negligência profissional. Mas Pedro planeava regressar ao México. «Se Pedro e Elizabeth não se encontrassem em breve, estariam em países diferentes, e a probabilidade de se encontrarem nesta vida diminuiria drasticamente.»

A solução do Dr. Weiss foi marcar as consultas em sequência, de modo que, ao sair da consulta, Pedro encontrasse Elizabeth na sala de espera. Conheceram-se. Olharam um para o outro. E separaram-se. «A minha manipulação fora demasiado subtil, demasiado fugaz», escreve ele, acrescentando: «Felizmente, mentes mais criativas do que a minha conspiravam habilmente, desde alturas elevadas, para proporcionar um

encontro entre Elizabeth e Pedro. O reencontro estava predestinado. O que acontecesse depois dependeria deles.»

Pedro dirigiu-se ao aeroporto para iniciar a primeira etapa da sua viagem de regresso ao México. Elizabeth também lá tinha ido, noutra altura, para apanhar um voo rumo a um importante compromisso profissional. Contudo, o avião dela sofreu um atraso devido a uma avaria mecânica e ela foi transferida para o mesmo voo de Pedro. Reconheceram-se na sala de embarque e começaram a conversar timidamente. Pouco depois, tratavam já de trocar de lugares para poderem sentar-se juntos no avião e, quando este entrou em turbulência, Pedro estendeu a mão para segurar a dela.

«Elizabeth conseguia sentir vidas inteiras a despertarem através daquele contacto.»

O Dr. Brian Weiss continua a receber notícias de Pedro e Elizabeth. Estão agora felizes no casamento e vivem no México com uma bela filha.

Embora tenha desempenhado um pequeno papel como casamenteiro, o psiquiatra aconselha: «Nunca se preocupem em encontrar almas gémeas. Esses encontros são uma questão de destino. Acontecerão. Depois do encontro, reina o livre-arbítrio de ambos os parceiros... Quando se permite que o amor flua livremente, ele supera todos os obstáculos.»

Nascidos para Estarem Juntos

A autora de bestsellers Jess Stearn é uma autoridade mundialmente reconhecida em espiritualidade e reencarnação, cujos livros incluem *Edgar Cayce: The Sleeping Prophet*; *Yoga, Youth and Reincarnation*; e *Soulmates*, que ilustra o conceito de amor ilimitado, incondicional e eterno através de vários exemplos, incluindo celebridades como Shirley MacLaine, Susan Strasberg e Howard Hughes.

Entre os estudos de caso, porém, encontra-se um particularmente invulgar. Dick Sutphen fez mais do que a maioria para promover a ideia da reencarnação, escrevendo dezasseis livros metafísicos, dando palestras, organizando seminários e conduzindo sessões de regressão a vidas passadas nas quais os indivíduos podem explorar aquilo que parecem ser memórias de existências anteriores. «Em todo o meu trabalho nesta área», disse ele a

Jess Stearn, «encontrei apenas alguns casos em que não consegui estabelecer uma ligação passada entre amantes atuais.»

Desenvolvendo esta ideia, acrescentou: «As relações e o conceito de destino a manipular-nos no tabuleiro de xadrez da vida sempre foram o meu principal interesse. Sei que vidas passadas partilhadas são o pré-requisito para uma relação importante nesta vida. As pessoas parecem juntar-se segundo um plano invisível.»

Mas o próprio Sutphen parecia ter dificuldade em encontrar a sua alma gémea. Casara três vezes, com muitas relações pelo meio, e encontrava-se em pleno terceiro divórcio quando Jess Stearn o convidou para uma festa em sua casa. Outra convidada era Tara McKean, vinte anos mais nova do que Dick Sutphen e também a atravessar um divórcio. Houve uma atração imediata e mútua.

Dick Sutphen decidiu explorar as suas próprias encarnações passadas para ver se ele e Tara tinham partilhado uma vida juntos. Enquanto meditava em Sedona, no Arizona, viu-se a caminhar por um trilho com uma bela mulher, que sabia ser Tara, até uma área circular com vista para uma baía. Nessa vida, descobriu ele, queria partir para assumir uma missão importante. Ela, porém, queria que permanecesse sob a proteção dos seus pais ricos. Entre lágrimas, concordaram em separar-se. Mais tarde, olhando para um mapa da América do Sul, Dick identificou o local onde ocorrera essa separação numa vida passada: Maracaibo, na Venezuela.

Tara, que nunca antes fora submetida a regressão a vidas passadas, concordou em permitir que Dick a hipnotizasse e descreveu exatamente a mesma cena. Também recordou vidas ainda mais antigas juntos, recuando até tempos pré-históricos, quando «eu carregava a lança dele e fazíamos amor. Mas eu não o amava. Nunca o amei.»

Também procuraram uma leitura de vidas passadas junto de um conhecido médium, Alan Vaughan, que lhes disse que tinham vivido juntos na Mongólia (onde os papéis sexuais estavam invertidos, sendo Tara o homem e Dick a mulher), em Roma, no México, na Nova Escócia e, finalmente, na América do Sul, onde descreveu uma cena muito semelhante àquela que Dick e Tara tinham visto nas suas próprias recordações de vidas passadas.

Desde então, o casal tornou-se muito próximo. Tara declara agora: «Amo-o verdadeiramente», acrescentando: «Tudo em mim me diz que finalmente estamos juntos no momento e no lugar certos.» Ao que Dick acrescenta: «Desta vez, é para sempre.»

Tendo-se conhecido na casa de Jess Stearn, em Malibu, Califórnia, pediram também para casar ali, a 2 de março de 1984, com vista para o azul do Pacífico.

«Nunca tinha visto Tara tão bela», escreve Stearn em *Soulmates*. «Mas agora, com o brilho nos olhos dela e o reflexo correspondente nos de Richard, ao tornarem-se Sr. e Sra. Richard Sutphen, tinham finalmente alcançado a realização que lhes escapara ao longo de todos os seus infortúnios.»

Desde então, a união foi abençoada com dois filhos — Cheyenne e Hunter — e o casal trabalha em conjunto promovendo a reencarnação e o conceito de almas gémeas, através do ensino e do exemplo. Nesse trabalho, como veremos no próximo capítulo, contam com o apoio de um grande número de pessoas que juraram renascer para defender o conceito da reencarnação.

Capítulo Sete

REENCARNAÇÃO EM GRUPO

Enterrados Vivos

Dick Sutphen, o mundialmente famoso especialista californiano em regressão a vidas passadas e conferencista, acredita que um acontecimento ocorrido há mais de 1.400 anos foi responsável por motivá-lo e orientá-lo nesta vida. Mais ainda: afirma ser uma das 25.000 pessoas que, nos anos de 581-582 d.C., no México, fizeram um pacto para renascer de 700 em 700 anos, garantindo assim que a sua crença na reencarnação e noutros conceitos metafísicos não se perderia para a raça humana.

O cenário desta dramática memória de vida passada foi Teotihuacán, «a Cidade dos Deuses», no centro do México pré-colombiano, cerca de 33 milhas (53 quilómetros) a norte da atual Cidade do México. Após quatro séculos de crescimento, Teotihuacán começou a transformar-se numa grande metrópole aproximadamente na mesma altura do nascimento do Cristianismo.

No seu auge, os seus 8 milhas quadradas (21 quilómetros quadrados) continham casas, praças, templos e palácios. Uma única estrada de 1 milha e meia (2,4 quilómetros), a Avenida dos Mortos, ligava a Pirâmide da Lua e os edifícios associados, na extremidade norte da cidade, ao Templo de Quetzalcóatl, a sul. A leste erguia-se a grande Pirâmide do Sol. Teotihuacán era uma enorme conurbação. Maior do que a Roma Imperial, abrigava mais de 200.000 habitantes. Contudo, o mistério continua a envolver os seus governantes, pois não existem registos dos seus nomes ou feitos.

E, após talvez mil anos de paz e prosperidade, a cidade de Teotihuacán sofreu um grande desastre: foi saqueada, incendiada e parcialmente destruída.

Os arqueólogos continuam a tentar reconstruir a história de Teotihuacán, mas Dick Sutphen acredita que parte do seu passado já se revelou diante dos seus olhos, numa visão psíquica, e que outras pistas sobre a sua queda lhe foram reveladas por uma voz na sua cabeça. Parece improvável, mas Sutphen possui dossiers cheios de cartas de outros americanos que responderam às suas regressões a vidas passadas e o ajudaram a descobrir a verdade sobre a provação que todos sofreram.

Conta a história completa no livro *Earthly Purpose*. Contudo, como existiam tantas lacunas no seu conhecimento que nem os seus correspondentes conseguiam preencher, Dick Sutphen ficionalizou parte do relato para ajudar a fluidez da narrativa. Inventou nomes para os principais protagonistas e deu vida à história através de detalhes e diálogos claramente inventados.

Para piorar as coisas, do ponto de vista dos céticos, as personagens principais são figuras encapuçadas vindas da Atlântida, portadoras de bastões de cristal azul brilhante capazes de exercer um poder tremendo (algo que faz lembrar *Star Wars!*). Mas Dick Sutphen está convencido de que tudo aconteceu mais ou menos da forma como descreve.

Sutphen acredita que as forças do mal, representadas pela religião do Jaguar, decidiram substituir a religião existente em Teotihuacán, uma religião de amor e luz. À medida que os soldados se aproximavam, diz ele, «Xrote, o Ancião», disse aos seus seguidores:

«Ninguém vos pode controlar enquanto aceitarem aquilo que sabem ser verdade. Qualquer que seja o desfecho desta batalha, o opressor não poderá tocar nas nossas almas. Nós regressaremos. Podemos escolher regressar juntos, levando a tocha da luz como objetivo comum. Que seja de setecentos em setecentos anos.»

A multidão de 25.000 pessoas ecoou o seu grito repetidamente.

Mais tarde, trinta e cinco sacerdotes (incluindo Sutphen na sua encarnação anterior), e pelo menos 200 apoiantes, foram capturados e conduzidos para fora da cidade até uma vala recentemente aberta. Aí foram obrigados a permanecer durante a noite e, no dia seguinte, outras 100 pessoas foram lançadas para dentro da cova. Então chegou Khatic, líder da religião do Jaguar, e disse com desprezo: «Se vão regressar daqui a setecentos anos, juro sobre o túmulo do meu pai que também lá estarei.» Assim, a batalha entre o bem e o mal parece destinada a continuar, e os crentes na reencarnação podem sempre esperar enfrentar oposição. Dito isto, ordenou aos soldados que enterrassem vivos os seus adversários.

É uma narrativa tão terrível que sentimos que ou tem de ser verdadeira, ou foi escrita na esperança de ser vendida como um blockbuster de Hollywood. Mas, antes de troçarmos, devemos considerar outros casos de reencarnação em grupo que também sugerem que grandes números de pessoas reencarnam com um propósito.

Os Cátaros Renascidos

A questão a que Dick Sutphen não tenta responder é o que fez este grupo de almas há 700 anos, quando supostamente renasceu pela primeira vez para cumprir o pacto. Talvez a primeira pessoa a escrever extensamente sobre a reencarnação em grupo, Arthur Guirdham — académico de Oxford, doutor em medicina, psiquiatra, cientista e filósofo — tenha tido a resposta. Muitos dos seus escritos dizem respeito a acontecimentos ocorridos entre 700 e 800 anos antes, precisamente na época em que Sutphen e o seu grupo deveriam estar a honrar a promessa.

Nascido em 1905, Guirdham recebeu a Medalha de Ouro Clínica do Governador no Charing Cross Hospital, em Londres, em 1929, e foi psiquiatra-consultor sénior na região de Bath, Somerset, durante mais de trinta anos. Não teria dificuldade em aceitar o relato de Dick Sutphen acerca das conotações sinistras por detrás do massacre de Teotihuacán, pois

Guirdham também via o mundo como envolvido numa batalha cósmica entre o bem e o mal. Estava igualmente convencido de que todos vivemos muitas vidas.

Mas o conceito de reencarnação em grupo foi-lhe imposto já na meia-idade, quando uma paciente a quem chamou Mrs Smith lhe confidenciou as suas experiências estranhas. Entre elas estava um conhecimento psíquico detalhado do catarismo, a crença herética no dualismo que foi popular no sul de França e no norte de Itália entre sete e oito séculos antes. Descobriu também que certas regiões de França lhe eram familiares, particularmente Saint-Jean-Pied-de-Port, que visitou pela primeira vez de férias nos anos 1960 e onde conseguia orientar-se como se fosse a sua terra natal. Em Toulouse, e especialmente na sua catedral, sentia horror. Foi ali que muitos cátaros foram julgados e considerados culpados de heresia.

Guirdham mostrou-se inicialmente impaciente perante os relatos de Mrs Smith, que considerava fantasias, embora ele próprio também sentisse uma estranha atração por França, particularmente pelo Languedoque e pelos Pirenéus. Depois, ela descreveu-lhe um pesadelo recorrente no qual era tomada pelo terror quando um homem entrava no seu quarto e se aproximava pela direita. Isto tocou numa corda sensível do psiquiatra de Bath, pois ele próprio sofria de um pesadelo quase idêntico, no qual um homem se aproximava pela esquerda. Ela sabia que a pessoa do sonho tinha cometido um assassínio e não demonstrava arrependimento. O que não revelou a Guirdham no primeiro encontro — nem durante muito tempo depois — foi o facto de também o reconhecer como o seu amante cátaro, Roger Isarn.

Seguiu-se rapidamente uma série de coincidências, incluindo duas mulheres que lhe disseram estar certas de que ele fora um cátaro numa vida anterior, o que levou Guirdham a investigar mais profundamente as afirmações de Mrs Smith. Com base nas informações que ela forneceu e na investigação subsequente, convenceu-se de que o assassino sem remorsos dos seus pesadelos era Pierre de Mazarolles, um cátaro conhecido como um dos assassinos dos inquisidores que conseguiram, em grande medida, eliminar a heresia dualista.

É uma história complicada, que Guirdham, falecido em 1992, contou no livro *The Cathars and Reincarnation*. Mas é uma história que os céticos têm dificuldade em descartar sem recorrer à hipótese de fraude ou a alguma

explicação psíquica para os nomes e outros elementos que surgiram junto das principais pessoas envolvidas, incluindo Guirdham. Grande parte desta informação não era facilmente acessível na época. Por exemplo, em 1944 Mrs Smith descreveu os cátaros como usando túnicas azul-escuras. Na altura, os especialistas teriam considerado isso incorreto, pois estavam convencidos de que as túnicas cátaras eram pretas; contudo, vinte e um anos mais tarde surgiu evidência de que eram, de facto, azul-escuras.

O psiquiatra inglês convenceu-se de que ele e um grupo de pessoas que agora se conheciam tinham vivido e morrido juntos como cátaros. Desenvolveu esta ideia noutros livros, como *The Lake and the Castle* e *We Are One Another*, nos quais outra paciente, Miss Mills, também forneceu uma grande quantidade de informação sobre o catarismo por meios psíquicos. Lentamente, outras pessoas começaram a surgir, parecendo também ser membros renascidos do grupo.

Para se compreender plenamente a história de Arthur Guirdham é necessário ler todos os seus livros, mas o melhor resumo encontra-se na excelente e equilibrada obra *Reincarnation: Ancient Beliefs and Modern Evidence*, de David Christie-Murray. Ele escreve:

«Se a reencarnação em grupo não for aceitável como explicação, então terá de se encontrar outra. É difícil perceber que interpretação psicológica normal poderá ser sugerida. A sucessão de coincidências e relações é demasiado bizarra para ser explicada pelo acaso, e, no entanto, os factos registados não se enquadram em nenhuma hipótese comum. Guirdham escreveu: "Toda a experiência se tornou tão oceânica que agora pouco mais posso fazer do que registá-la."»

Uma Tribo Regressada

Um sentimento semelhante foi quase certamente vivido por Janet Cunningham, uma terapeuta norte-americana cujo trabalho inicial com pacientes obesos a levou à descoberta de que essa condição tinha geralmente uma causa numa vida passada. Depois, viu-se envolvida nas memórias e experiências psíquicas de pessoas oriundas de várias partes da América que pareciam recordar vidas como índios nativos americanos massacrados por soldados brancos. E ela própria, veio a descobrir-se, era uma figura central no drama violento que se desenrolou, apesar dos seus esforços para permanecer uma observadora objetiva.

Esta regressão em grupo, acredita ela, tinha um propósito. Aqueles que ela fez regressar a essa vida passada partilhada, quando todos eram membros da tribo Oglala, nas Dakotas, renasceram juntos no século XX para se curarem do sofrimento que suportaram nessa existência anterior. Reencarnaram juntos apenas no sentido temporal: geograficamente, muitos dos membros do grupo vivem longe uns dos outros, mas foram atraídos para Janet Cunningham e para o seu trabalho.

Da sua parte, a terapeuta de vidas passadas afirma ter tido o cuidado de não fazer perguntas sugestivas durante as sessões de hipnose. Também não revelava aos outros aquilo que era dito, mesmo quando descreviam os mesmos acontecimentos ou se reconheciam mutuamente nas suas memórias de vidas passadas. Eventualmente, os membros renascidos da tribo sentaram-se juntos em grupo e recordaram os detalhes horríveis desse acontecimento trágico. É uma história emotiva que claramente teve um grande impacto em todos os envolvidos, não menos na própria autora.

Janet Cunningham revela, com alguma relutância, no seu livro *A Tribe Returned*, que nessa encarnação fora Falling Star, filha do líder da tribo, Silver Eagle. Encontrou a morte aos catorze anos, depois de ter sido violada pelos soldados. Estes arrancaram-lhe então o coração e entregaram-no ao pai. Os seus filhos e o marido de quem se separou nesta vida eram também, ao que parece, membros da tribo. E, como se isso não bastasse para suportar, acrescenta que os soldados brancos que foram os seus assassinos estão agora casados com alguns dos membros da tribo que massacraram, de forma a resolverem a culpa que carregam.

Aqueles que se viram envolvidos neste drama de renascimento não têm dúvidas quanto à sua autenticidade, embora Janet Cunningham procure manter a objetividade até ao fim. Admite que não sabe se é verdade, porque não conseguiu descobrir qualquer prova de que o massacre da tribo Oglala tenha realmente acontecido.

«Teremos acedido às mentes inconscientes uns dos outros e criado uma metáfora?», pergunta ela. «Talvez. Ou — talvez — sejamos uma tribo que regressou.»

A Cidade que Reencarnou

Coincidentemente, outra terapeuta de vidas passadas também publicou um livro sobre reencarnação em grupo pouco antes do aparecimento da

obra de Janet Cunningham. Nesse livro, Marge Rieder afirmava que, sob hipnose, cinquenta habitantes da mesma cidade americana conseguiram recordar-se de terem vivido juntos anteriormente numa pequena localidade de que nunca tinham ouvido falar.

A história começa com a visita da jornalista Maureen Williamson a Lake Elsinore, Califórnia, em novembro de 1986. Entrou num café onde pediu uma fatia de bolo de cenoura e escreveu o nome John Daniel Ashford. Ambas as ações eram estranhas, pois ela detestava bolo de cenoura e não conhecia ninguém com aquele nome.

Mais tarde, sob hipnose, contou a Marge Rieder que se chamara Becky e que Ashford fora o seu marido durante a Guerra Civil Americana, quando tinham vivido em Millboro, no estado da Virgínia. Nenhuma das duas conhecia Millboro, mas acabaram por encontrá-la no mapa. Numa sessão posterior, Becky revelou que a chefe de Maureen nesta vida, Barbara Roberts, fora sua sogra em Millboro. Barbara concordou em ser hipnotizada e, de facto, descreveu a pequena localidade em termos muito semelhantes aos de Becky.

Então haveria mais residentes de Lake Elsinore que anteriormente tinham vivido em Millboro? «Sim», respondeu Becky, para espanto da hipnoterapeuta, «havia cinquenta.» Entre eles encontrava-se o detetive privado Joe Nazarowski, cuja esposa era amiga de Maureen. Becky lembrava-se dele como Charley Morgan e ele também concordou em ser submetido a regressão. Sob hipnose, Joe Nazarowski revelou que fora um soldado confederado enviado para Millboro como agente secreto, com a missão de destruir um túnel ferroviário. Conheceu Becky — já então mãe de oito filhos — e envolveram-se numa relação amorosa. Embora o marido dela lutasse pelo Norte, Becky apoiava o Sul, tal como Charley Morgan.

Mas o caso amoroso terminou em tragédia quando Becky foi estrangulada diante dos filhos por um vilão chamado Jake Bauer.

A história completa, acompanhada de fotografias de muitas das pessoas envolvidas, é contada no livro de Marge Rieder, *Mission to Millboro*, mas a autora admite que, apesar de muitas outras provas corroborativas (algumas das quais são discutidas no Capítulo 19), ela e os restantes envolvidos nesta reencarnação em grupo ainda não encontraram qualquer prova de que John Ashford, Becky ou a sua sogra tenham

realmente vivido em Millboro. Também não existem registos do assassinato de Becky nem do enforcamento de Jake.

Marge Rieder insiste que, qualquer que seja a explicação, os seus sujeitos não estão a recordar informações absorvidas anteriormente nesta vida e esquecidas depois (fenómeno conhecido como criptomnésia). Todos, exceto dois dos participantes, nunca sequer tinham ouvido falar de Millboro, afirma ela; e nenhum tinha estado na Virgínia quando a investigação começou. Uma das teorias apresentadas para explicar a ausência de registos de três das principais personagens é a de que os arquivos foram alterados para encobrir o homicídio. Os céticos argumentariam, contudo, que existe uma explicação mais simples: nunca aconteceu.

Nas suas tentativas de desvendar o mistério, Marge Rieder utilizou algumas técnicas interessantes, incluindo regressão simultânea de várias pessoas para descrever as suas relações simbióticas, e hipnose ambulatória, na qual o sujeito vê duas dimensões temporais — passado e presente — sobrepostas uma à outra.

O Regresso dos Samurais Japoneses

Uma reencarnação em grupo de natureza muito diferente foi descoberta por Alex Weeks, um terapeuta inglês, durante um projeto de investigação com homens homossexuais seropositivos. Contactou-me para perguntar se os seus resultados preliminares, baseados em 300 memórias de vidas passadas de cinquenta homens homossexuais, poderiam ser publicados na *Reincarnation International Magazine*.

Sabia que seria fácil para os membros mais sensacionalistas dos meios de comunicação distorcerem os resultados da investigação e tirarem conclusões erradas, enquanto nós os trataríamos de forma imparcial e encorajaríamos outros a realizar trabalhos semelhantes na tentativa de reproduzir os resultados. Sendo um homem homossexual e também budista tibetano, Alex Weeks explicou que o seu objetivo principal ao conduzir a investigação era espiritual.

Há já algum tempo que o preocupava o facto de os autores sobre reencarnação frequentemente defenderem a ideia de que os homens homossexuais eram mulheres aprisionadas num corpo masculino. Não acreditava nisso, mas reconhecia que não existia investigação séria

suficiente nesta área para o afirmar com certeza. O seu projeto de investigação durou cinco anos e, afirma ele, revela «tendências muito claras» envolvendo homens homossexuais com sida. Essas tendências, diz, «estão a começar a tornar-se surpreendentemente consistentes».

A tendência mais provocadora diz respeito a uma coorte de pessoas — termo utilizado para descrever um grupo de indivíduos que possuem uma ligação ou que, em termos científicos, fazem parte de um estudo.

Segundo Alex Weeks, essas pessoas:

«parecem ter tido ligações a guerreiros samurais e laços de sangue e coisas desse género. Existe uma ligação muito definida entre nove ou dez pessoas que não se conhecem entre si e que falam exatamente do mesmo local no Japão, nas mesmas circunstâncias e na mesma época histórica; o século XIII.»

A investigação de Alex Weeks continua e ele é cauteloso quanto a tirar conclusões precipitadas. Mas faz a seguinte observação: «Parece, no que diz respeito a homens homossexuais e à sida, que existem grupos de pessoas que são atraídas umas pelas outras e que aparentemente reencarnam juntas.»

Capítulo Oito

À PROCURA DE LAMAS REENCARNADOS

Onde Floresce o Pessegueiro

A reencarnação mais conhecida do mundo é, naturalmente, a do Dalai Lama — líder espiritual e político do Tibete, que vive atualmente exilado na Índia desde a invasão chinesa do seu país. Após a sua morte em cada vida, os seus seguidores iniciam uma busca por ele, baseada numa curiosa mistura de presságios psíquicos e objetividade científica. Acredita-se que esteja atualmente na sua décima quarta encarnação. O próprio Dalai Lama utiliza os seus poderes intuitivos, bem como os serviços de oráculos, para confirmar a reencarnação de outros lamas eminentes do budismo tibetano. E, na sua última vida, parece ter deixado uma extraordinária indicação sobre onde renasceria.

Tudo aconteceu pouco depois da morte do Décimo Terceiro Dalai Lama, em 1933. O corpo jazia em câmara ardente no Palácio de Potala, em Lassa, residência dos Dalai Lamas durante séculos, na tradicional postura

de Buda, voltado para sul. Numa manhã, porém, notou-se que a sua cabeça se tinha virado milagrosamente para leste. O oráculo do Estado foi consultado e, em transe, lançou um lenço branco na direção do sol nascente, confirmando que o Décimo Quarto Dalai Lama nasceria a leste. Parte do processo divinatório na procura envolvia visitar Lhamo Namtso, um lago sagrado, e olhar para as suas profundas águas azuis em busca de visões que fornecessem pistas sobre o seu paradeiro.

O jovem regente encarregado dessa responsabilidade viu no lago a visão de um mosteiro de três andares com telhados dourados e de cobre. Havia uma estrada sinuosa que conduzia a uma montanha e um edifício camponês de estilo chinês, de tamanho moderado, com frontões esculpidos pintados de azul. Perto encontrava-se um pessegueiro em flor e uma mulher com um bebé nos braços.

A imagem foi devidamente registada e selada para que não pudesse ser adulterada — um procedimento que agradaria a qualquer investigador respeitável de casos de renascimento nos dias de hoje. Na verdade, tais procedimentos científicos já existiam há várias centenas de anos no Tibete, desde os primeiros tempos da linhagem dos Dalai Lamas, iniciada com o nascimento de Gedun Truppa, em 1391.

Três grupos compostos por monges e pelo menos um funcionário secular do Estado começaram então a percorrer o país a leste de Lassa, a direção para a qual a cabeça do Décimo Terceiro Dalai Lama se virara. Levavam consigo objetos que tinham pertencido ao seu líder, bem como outros que não lhe pertenciam — novamente com o louvável objetivo de determinar se qualquer aparente reencarnação do Dalai Lama conseguiria distinguir entre uns e outros.

A busca prolongou-se durante bastante tempo até que um dos três grupos chegou a Jye-kun-do, residência do Panchen Lama, um dos mais reverenciados líderes espirituais do budismo tibetano, que concordou em recebê-los. Disse-lhes ter ouvido falar de três rapazes que poderiam ser a nova encarnação, todos vivendo perto do mosteiro de Kumbum. Ao investigarem essas pistas, os membros da busca descobriram que a primeira criança já tinha morrido e que a segunda fugira a chorar quando os viu. A terceira vivia na remota aldeia de Pari Takster.

Um destacamento do grupo foi enviado para a aldeia disfarçado, com Lama Keutsang Rinpoche, chefe da expedição, vestido como criado, enquanto um funcionário de categoria inferior, Tsedrung Lobsang Tsewang, assumia o papel de líder. Quando encontraram a casa, esta correspondia exatamente à visão quanto ao aspeto e localização, com um pessegueiro a florescer fora de época. Alegaram ser peregrinos a caminho de um santuário chinês e pediram alojamento.

O pedido foi aceite e, como exigia o protocolo, a família recebeu o líder do grupo enquanto os «criados» eram conduzidos para comer. A brincar na cozinha estava um pequeno rapaz que, assim que viu o disfarçado Keutsang Rinpoche, exclamou: «Lama! Lama!» Isto era particularmente impressionante porque a família falava o dialeto Amdo, no qual a palavra para «lama» era «aga». A criança sentou-se no colo do lama e agarrou imediatamente o rosário que este usava, dizendo:

«Isto é meu, posso ficar com ele?»

Era, de facto, o rosário do Décimo Terceiro Dalai Lama. O lama disse-lhe que poderia ficar com ele se conseguisse adivinhar quem ele era, e a resposta não lhe deixou qualquer dúvida de que aquele era o Dalai Lama renascido.

«Sera-aga», respondeu.

Keutsang Rinpoche era, como referido, o líder de Sera, um dos três grandes mosteiros perto de Lassa. O resto da expedição foi chamado e realizaram-se mais testes com os objetos que tinham levado. O rapaz identificou corretamente tudo aquilo que pertencera ao Dalai Lama anterior.

Foi então submetido a um exame físico que revelou outros sinais tradicionalmente associados ao seu líder, considerado a encarnação divina de Chenrezi, o grande Buda da Misericórdia. Entre esses sinais encontrava-se uma marca semelhante a uma concha na pele e dois pequenos relevos de carne sob as omoplatas, representando os dois braços adicionais com que Chenrezi é frequentemente retratado.

Mais provas foram fornecidas pela capacidade do menino de dois anos falar o dialeto de Lassa, que lhe seria familiar na encarnação anterior, mas

que nunca teria sido falado nem ouvido em sua casa. Aliás, costumava dizer aos pais que um dia iria para Lassa.

Era o verão de 1935 quando o rapaz, a família e o resto da comitiva empreenderam a longa e difícil viagem de regresso ao Tibete. À chegada a Lassa, forneceu mais provas da sua verdadeira identidade, incluindo uma referência a uma certa caixa que, segundo ele, continha os seus dentes. Quando a abriram, encontraram lá dentro a dentadura do Décimo Terceiro Dalai Lama.

Os Lamas Rivais

O que torna invulgar a reencarnação do Dalai Lama e de outros líderes do budismo tibetano é o facto de parecerem regressar em cada vida para continuar o trabalho no mesmo papel que desempenharam anteriormente. Para o resto de nós, uma nova vida traz novos desafios e diferentes responsabilidades.

Tal como o Panchen Lama desempenhou um papel importante ao orientar a expedição na procura do Dalai Lama renascido, também o Dalai Lama é consultado após a morte do Panchen e de outros lamas importantes. Isto pode, contudo, criar problemas incríveis para o líder espiritual do Tibete, como a história recente demonstrou.

Após a morte do Décimo Panchen Lama, em 1989, aos cinquenta e um anos, teve lugar a habitual procura da sua reencarnação — mas conduzida por duas expedições rivais. Por um lado, os budistas tibetanos em geral desejavam que o seu líder espiritual fosse o primeiro a identificar o Panchen renascido. Por outro, as autoridades chinesas queriam ser elas a encontrar e nomear o novo Panchen Lama. Ao fazê-lo, não só afirmariam a sua autoridade sobre o Tibete, como também poderiam influenciar acontecimentos futuros, uma vez que seria o Panchen por elas escolhido que, no devido tempo, teria a responsabilidade de confirmar a reencarnação do próximo Dalai Lama quando o atual morresse.

Por outras palavras, o renascimento já não era apenas uma questão espiritual ou religiosa. Tornara-se também uma questão de política internacional.

Após uma busca de seis anos pelo novo Panchen Lama, o Dalai Lama confirmou publicamente que Gedhun Choekyi Nyima, um rapaz de seis anos filho de nómadas, era a reencarnação que procuravam.

Contudo, a criança e os seus pais não foram vistos desde que o anúncio do Dalai Lama foi feito, e um pedido dirigido às autoridades chinesas para que o rapaz pudesse ser treinado como monge sénior foi rejeitado. Acredita-se que estejam em prisão domiciliária — provavelmente em Pequim — e alguns receiam pelas suas vidas. O abade do mosteiro de Tashilhunpo, Chadrel Rinpoche, também desapareceu aproximadamente na mesma altura e, aparentemente, foi colocado sob custódia do Estado.

Tinha sido o líder da expedição rival oficial chinesa encarregada de procurar a reencarnação, e dificilmente será coincidência o facto de ter sido detido em Chengdu a 17 de maio de 1995, apenas três dias depois de o Dalai Lama ter identificado Gedhun Choekyi Nyima como o Panchen Lama renascido. Parece provável — e as autoridades chinesas claramente partilham dessa opinião — que Chadrel Rinpoche e a sua equipa também tivessem identificado o rapaz como a verdadeira reencarnação e tivessem conseguido transmitir essa informação ao Dalai Lama, cuja própria investigação chegara à mesma conclusão.

Ao fazer o anúncio, acompanhado de algumas palavras cuidadosamente escolhidas, o líder tibetano no exílio antecipara-se à China, deixando-lhe apenas duas alternativas: confirmar a sua escolha para Panchen Lama ou apresentar o seu próprio candidato. Optou pela segunda via.

Sete meses depois, os chineses nomearam outro rapaz de seis anos, Gyaincain Norbu, como o seu escolhido. Três possíveis candidatos tinham sido identificados e longamente entrevistados pela expedição oficial chinesa, orientada por presságios e outros sinais, mas nenhum se destacara claramente como a reencarnação. Assim, a questão foi decidida por sorteio — algo não invulgar no budismo tibetano — e os nomes dos rapazes foram inscritos em placas de marfim colocadas dentro de uma urna dourada. Sob o olhar atento de Luo Gan, alto funcionário chinês, e de duzentos ou mais monges budistas no interior do templo de Jokhang, em Lassa, Tibete, a urna foi rodada várias vezes. A luz trémula das tradicionais lamparinas de manteiga de iaque cintilava no início da madrugada enquanto um monge sénior retirava uma das placas. Nela estava inscrito o nome Gyaincain

Norbu, que aguardava o resultado da cerimónia juntamente com os outros dois potenciais Panchens numa sala do templo.

Poucos dias depois, a 8 de dezembro de 1995, teve lugar a entronização de Gyaincain Norbu no mosteiro de Tashilhunpo, residência tradicional do Panchen Lama na cidade tibetana de Xigazê, numa cerimónia à qual assistiu Li Tieying, membro do governo chinês.

A ironia, naturalmente, era que o governo chinês — a voz do comunismo oficialmente ateu — dava o seu pleno apoio e bênção a uma cerimónia de reencarnação do budismo tibetano. Havia claramente um motivo oculto.

A crise do Panchen Lama não é inédita no Tibete, pois existem também dois Gyalwa Karmapas. Como líder dos «Chapéus Negros», a seita Kagyudpa do budismo tibetano, fundada no século XI, o Karmapa é considerado apenas inferior ao Dalai Lama, líder dos «Chapéus Amarelos», a seita Gelugpa. O mosteiro do Karmapa situa-se em Rumtek, no Siquim, outrora um reino independente nos Himalaias, mas atualmente (desde 1975) o vigésimo segundo estado da Índia. Antes da morte, diz-se sempre que o Karmapa prevê onde, quando e de quem renascerá. Seria de esperar que isso resolvesse elegantemente os problemas manifestados com a mais recente encarnação do Panchen Lama e, se o processo fosse devidamente escrutinado, satisfizesse até as exigências dos cientistas em matéria de prova da reencarnação. Mas tais esperanças revelaram-se de curta duração...

O «Lama Demónio»

A décima sexta encarnação do Gyalwa Karmapa terminou em 1981. Sabendo que estava a morrer de cancro, decidiu dar o último suspiro na América porque «o meu corpo está no Ocidente e a minha mente nascerá no Oriente». Diz-se que queria com isso abençoar todo o hemisfério. Os seus seguidores relatam que, durante os seus últimos dias, o cancro, a diabetes e a tuberculose de que sofria desapareciam subitamente para reaparecerem no dia seguinte, indicando que o seu corpo não era um corpo comum.

Afirma-se que os médicos do hospital de Chicago onde foi tratado ficaram espantados quando morreu, porque a zona em redor do coração permaneceu quente durante alguns dias e a pele, em vez de fria, continuava

elástica. Nenhum registo médico foi publicado para confirmar estas notáveis alegações. E o seu renascimento como Décimo Sétimo Gyalwa Karmapa foi igualmente controverso.

Seguindo a sua prática habitual, não fez uma previsão verbal acerca de quando, onde e de quem renasceria. Em vez disso, deixou tudo por escrito, para ser lido mais tarde. Mas onde o colocou? Normalmente, entregava-o a uma pessoa de confiança com instruções para revelar o conteúdo quando chegasse o momento certo. Desta vez, escondeu-o.

Durante oito anos, os seus seguidores procuraram o pedaço de papel que anunciaria a sua reencarnação. Então, em 1990, o seu primeiro discípulo, Tai Situpa, lembrou-se de que o Karmapa lhe tinha dado um talismã protetor (uma caixa presa por um cordão), dizendo enigmaticamente: «Um dia isto será útil.» Ao examiná-lo mais atentamente, Tai Situpa descobriu no interior a carta de previsão escondida. O Karmapa escrevera-a sob a forma de poema:

Emaho. A autoconsciência é sempre bem-aventurança;
O dharmadhatu não tem centro nem limite
Daqui para norte, no leste da terra da neve,
existe um país onde o trovão divino arde espontaneamente
Num belo lugar nómada com o sinal do boi,
o método é Dondrup e a sabedoria é Logala
Nascido no ano daquele usado para a terra
Com o miraculoso som distante do branco:
Este é aquele conhecido como Karmapa.
É sustentado pelo Senhor Donyo Drupa.
Sendo não sectário, estende-se a todas as direções;
Não permanecendo próximo de uns e distante de outros, é
o protetor de todos os seres:
O sol do Dharma de Buda, ao beneficiar os outros,
resplandece sempre.

O Karmapa tinha quatro «filhos espirituais» que, após a sua morte, atuavam como regentes responsáveis pela procura da sua nova encarnação. Um deles, parente de sangue do Karmapa, Kunzig Shamar — seu sobrinho — declarou imediatamente que a carta era uma falsificação e alegou que Tai Situpa, outro dos regentes, a tinha escrito. Contudo, o Dalai Lama e os líderes de todas as outras seitas autenticaram a carta, não apenas

comparando-a com a caligrafia do Karmapa, mas também recorrendo aos seus poderes psíquicos.

Decidiu-se enviar alguém ao Tibete em busca do Karmapa reencarnado, mas o regente escolhido, Jamgon Kong Frul, nunca chegou ao destino. Morreu num misterioso acidente de automóvel sem envolvimento de qualquer outro veículo, numa estrada deserta. Parece que o carro embateu numa árvore, mas alguns budistas afirmam que apresentava sinais de explosão na parte da frente. Assim, a procura do Décimo Sétimo Karmapa passou a enfrentar não apenas acusações de fraude, mas também rumores de assassínio. Ainda assim, a busca prosseguiu, e a previsão escrita revelou-se extraordinariamente exata.

A 23 de julho de 1992, o gabinete do Dalai Lama anunciou que este concedera o seu selo final de aprovação e reconhecimento ao Décimo Sétimo Gyalwa Karmapa, a quem deu o nome de Ugen Thinley, também conhecido como Apo Gaga. Ugen Thinley nasceu a 26 de junho de 1985 (ano do boi de madeira), filho de Karma Dondrup Tashi e da sua esposa Loga, no distrito de Bakor, província de Lhathok, no Tibete ocupado.

Nesta ocasião, aliás, as autoridades chinesas apressaram-se a reconhecer Ugen Thinley, então com sete anos, como o Décimo Sétimo Karmapa. Já o regente Shamar Rinpoche — o homem que alegava que a carta era uma fraude — não o fez. Em fevereiro de 1994, contrabandeou o seu próprio candidato, Tenzin Chentse, de dez anos, para fora do Tibete, via Hong Kong, até Deli, capital da Índia, e realizou uma conferência de imprensa para anunciar que aquele rapaz era o verdadeiro Karmapa.

Shamar admitiu que não existia qualquer carta de previsão relativa ao seu candidato, mas afirmou que o nascimento do rapaz fora anunciado numa mensagem transmitida pelo último Karmapa a um lama eminente de outra seita, cujo nome seria revelado «em momento oportuno». Parece que esse momento ainda não chegou e, entretanto, Ugen Thinley continua a receber formação espiritual no Mosteiro de Tsurphu.

Tudo isto deveria ser desconcertante, no mínimo, para os budistas tibetanos. Mas eles parecem conseguir aceitar tais acontecimentos com estoicismo e com o mesmo grau de tolerância e ausência de agressividade com que responderam à violação chinesa da sua terra e do seu povo. Uma especialista não tibetana em budismo lança alguma luz sobre a questão.

Norma Levine, nascida no Canadá e de origem judaica, contou a história da luta pelo poder na *Reincarnation International Magazine*, n.º 2:

«O curioso é que houve uma série de previsões feitas pelo Karmapa há mais de 500 anos, nas quais dizia que entre a décima sexta e a décima sétima encarnações a linhagem quase desapareceria. Renasceria um lama demónio e ele até lhe chamou Natha, que significa parente ou sobrinho. O Karmapa disse que, através do poder das suas aspirações distorcidas, a linhagem dos Karmapas quase seria destruída.»

Ela está certa, porém, de que isso não acontecerá, porque a vinda do Karmapa — cujo nome significa «mestre da atividade» — foi prevista pelo Buda, que disse que ele teria vinte e uma encarnações. Assim, parece que o bem triunfará sobre o mal e o Décimo Sétimo Karmapa viverá ainda para morrer mais quatro vezes.

Da mesma forma, a política mundial não deverá ser capaz de impedir que o verdadeiro Dalai Lama e o verdadeiro Panchen Lama continuem as suas jornadas espirituais e renasçam repetidamente para cuidar das necessidades espirituais do seu povo.

Talvez tenha chegado o momento de a ciência examinar mais atentamente os métodos e os resultados das expedições tibetanas de procura de reencarnações, de forma a fornecer uma verificação independente dos acontecimentos que rodeiam cada identificação. Talvez um dia o budismo tibetano convide investigadores a participar nessas buscas — não para desempenharem um papel no processo final de decisão, mas para garantir que os procedimentos utilizados satisfaçam as exigências científicas.

Imagine-se o impacto se o próximo renascimento do Dalai Lama tivesse não apenas o selo de aprovação do Panchen Lama, mas também o de uma importante instituição científica mundial.

NADA DISTO É FORMA DE SE COMPORTAR

A Rapariga que se Afogou e Voltou

A rebeldia adolescente é um fenómeno social bem conhecido na maioria das sociedades, mas, nas crianças que recordam vidas passadas, a recusa em conformar-se pode surgir muito mais cedo — por vezes quando mal conseguem falar. Imagine-se, por exemplo, a aflição causada por Dilukshi quando, aos dois anos de idade, se recusou a chamar «mãe» e

«pai» aos pais. Em vez disso, insistia em tratar a mãe por «clooche», que significa tia no Sri Lanka. E, para agravar a situação, exigia ser levada para a sua «verdadeira» casa em Dambulla, a mais de 62 milhas (100 quilómetros) de distância. Por muito que amassem a pequena filha, os pais reagiram como a maioria de nós reagiria em circunstâncias semelhantes, tentando fazê-la raciocinar e desfazer a fantasia.

Dilukshi, contudo, mantinha-se inflexível. Na verdade, chegava até a censurar os pais pela forma como a tratavam. Os seus «verdadeiros» pais, explicava ela, nunca lhe gritavam. Em vez disso, chamavam-lhe «querida» ou «doce filhinha». Continuou então a explicar que, numa vida anterior, se afogara num rio perto de Dambulla.

Perturbados pelas persistentes afirmações da filha acerca de uma vida passada, os pais decidiram que o sumo sacerdote do templo de Dambulla talvez pudesse ajudar — e ele ajudou, embora de uma forma pouco convencional. Passou o caso a um jornalista de reportagem, I. W. Abeypala, do jornal *Weekend*, que deu à história a máxima publicidade. Na verdade, isto não foi tão irresponsável quanto pode parecer. Significava que existia um registo escrito e publicado das declarações de Dilukshi sobre a sua vida anterior antes de qualquer tentativa de as corroborar.

Um dos leitores da reportagem foi um homem que pensou que a descrição da vida e da morte feita por Dilukshi se assemelhava muito à da sua filha Shiromi, que morrera em setembro de 1983, um ano antes do nascimento de Dilukshi. Ele e a esposa contactaram o jornal e o jornalista organizou um encontro em Dambulla entre a criança e os seus pais. À chegada, Dilukshi tomou a dianteira com confiança, como I. W. Abeypala relatou aos leitores:

«Eu estava lá e vi a própria criança identificar os pais da sua vida anterior. Reconheceu os pais, o irmão, a irmã, a tia, a avó. Vi com os meus próprios olhos a forma como os reconheceu, por isso aceito isso como prova.»

Dilukshi identificou também vários pertences de Shiromi, incluindo um caderno de desenhos com uma ilustração inacabada que ela prontamente terminou. Contudo, como o Professor Erlendur Haraldsson observou mais tarde, ao investigar o caso, como não houve qualquer

tentativa de misturar esses objetos com outros que não pertencessem a Shiromi, o teste não tinha valor científico.

Dilukshi conduziu então o grupo até à margem do rio e apontou o local exato onde ela, enquanto Shiromi de nove anos, caíra à água. Antes de ser levada a Dambulla, descrevera o lugar, dizendo que havia uma ponte pedonal nas proximidades e que o local ficava também perto dos arrozais do pai. Não existia ponte quando o grupo chegou, mas uma ponte estivera ali na altura em que Shiromi caiu ao rio e se afogou.

A história do renascimento de Shiromi como Dilukshi foi apresentada no excelente documentário televisivo da BBC *In Search of the Dead*, de Jeffrey Iverson, no qual se baseou também o seu livro com o mesmo nome. Ele testemunhou:

«Era evidente que os pais de Shiromi aceitavam Dilukshi como a filha regressada. Levámos a criança e os pais até lá para filmar as duas famílias juntas, e eles transformaram aquilo numa festa. Dilukshi sentia-se completamente em casa e trouxe pequenos presentes para o irmão e a irmã mais novos da sua vida anterior. Foi um reencontro de algum modo simultaneamente feliz e triste.»

Ao procurarmos corroborar casos deste género, tendemos a dar maior importância à verificação das declarações feitas pela criança face aos factos que conseguimos confirmar. Mas não devemos ignorar o comportamento extraordinário das crianças que recordam vidas passadas. Por vezes, as suas memórias não são muito precisas. Talvez não consigam recordar nomes ou detalhes com exatidão. Mas exibem frequentemente traços de personalidade, força de carácter e determinação que claramente não são produto da sua vida atual, porque são demasiado novas para terem sido influenciadas dessa forma e porque muitas vezes entram em conflito com as opiniões dos pais.

No caso de Dilukshi, tínhamos uma criança que mal conseguia falar e que, de forma muito firme e direta, se recusava a chamar «mãe» e «pai» aos pais porque continuava a identificar-se fortemente com outra mãe e outro pai.

A Filha dos Apanhadores de Chá

Era a forma como Subashini bebia chá que deixava perplexos os seus pais, relativamente prósperos, no Sri Lanka. Punha um pouco de açúcar na palma da mão e lambia-o enquanto bebia o chá. Fazia-o não de forma experimental, mas como se fosse um costume. Contudo, nem os pais nem qualquer pessoa do seu conhecimento bebiam chá daquela maneira, pelo que ela certamente não estava a imitar ninguém.

Também os intrigava o seu medo desmesurado das tempestades tropicais até que, durante uma dessas tempestades, aos três anos, ela lhes disse que morrera na vida anterior quando chuvas torrenciais tinham provocado um enorme deslizamento de terras que soterrara a casa onde vivia.

Subashini conseguia também descrever arbustos de chá — que não eram cultivados na região da ilha onde agora vivia — e demonstrar como trabalhavam os apanhadores de chá. Os pais ficaram a saber, através dela, que fora filha de apanhadores de chá que trabalhavam numa plantação em Sinhapitiya, Gampola, a cerca de 62 milhas (100 quilómetros) de distância. Falava também de trabalhadores tâmeis, mas dizia que a sua própria família, nessa vida, era cingalesa budista.

Subashini conseguiu descrever detalhadamente os acontecimentos relacionados com uma grande tempestade que fez ruir parte da montanha que se erguia sobre a plantação e matou-a, juntamente com outros membros da família. Seguindo as instruções da mãe, recordava ela, «peguei numa lanterna e saí para aqui». Sabia, porém, que um irmão mais velho escapara porque regressara a casa e depois saíra novamente.

Um dia, quando o pai foi convidado para um casamento perto do local onde Subashini dizia ter vivido, decidiu levá-la consigo. Contudo, ao aproximarem-se da plantação, ela ficou tão aterrorizada com a ideia de ficar presa que ele teve de voltar para trás antes sequer de falar com qualquer membro das famílias afetadas pela tragédia. Mas não foi difícil para os investigadores Godwin Samararatne e Tissa Jayawardane verificarem a exatidão da história da criança quando tiveram conhecimento das suas memórias pouco depois. Descobriram que, exatamente como ela dissera, um desastre atingira a área em outubro de 1977, pouco mais de dois anos antes do seu nascimento, quando vinte e oito pessoas perderam a vida. Uma tempestade provocara um deslizamento de terras que soterrara

muitas das casas dos apanhadores de chá, incluindo a da única família budista cingalesa.

A mãe, o pai e três filhos — incluindo uma menina de sete anos, Devi Mallika — pereceram. Um irmão mais velho estivera na casa anteriormente, exatamente como Subashini afirmara, mas saíra antes do deslizamento. Uma irmã mais velha não estava em casa naquela noite. Das trinta e duas afirmações feitas pela pequena Subashini, vinte e cinco foram consideradas verdadeiras.

O irmão e a irmã sobreviventes ainda trabalham na plantação e puderam explicar os estranhos hábitos de Subashini ao beber chá. A família era pobre, revelaram eles, e não tinha dinheiro suficiente para comprar açúcar em quantidade para o colocar nas chávenas. Em vez disso, punham o açúcar na palma da mão e lambiam-no entre goles de chá — exatamente como a renascida Devi Mallika parece ter feito no corpo de Subashini.

O Menino Comerciante

Devido ao sistema de castas, a Índia é o país onde as diferenças comportamentais tendem a ser mais marcantes se uma pessoa renasce fora da sua família ou cultura. É provavelmente por esta razão que tantos casos impressionantes de crianças que «se comportam mal» ou simplesmente de forma diferente vêm da Índia.

No caso de Parmod Sharma, segundo filho do Professor Bankeybehary Lai Sharma, estudioso de sânscrito e professor num colégio intermédio em Bisauli, Uttar Pradesh, um dos primeiros sinais de que possuía memórias de vidas passadas surgiu quando disse à mãe para não cozinhar, porque tinha uma esposa em Moradabad que podia preparar-lhes a comida. Parmod Sharma, nascido a 11 de outubro de 1944, tinha então cerca de dois anos e meio! Depois começou a queixar-se da situação financeira da família, que comparava desfavoravelmente com a sua vida anterior próspera.

Explicou então que fora um dos «Irmãos Moran» e que tinha uma grande loja de refrigerantes e bolachas em Moradabad, bem como outra loja em Saharanpur. Adoecera nessa vida, explicou, depois de comer demasiado queijo coalhado e morrera na banheira. Nesta vida, aliás, não gostava de queijo coalhado e tinha medo de ser submerso em água. Parmod Sharma passou grande parte da infância a construir lojas em miniatura e a

fazer bolos de lama. A notícia do seu comportamento chegou à família de Parmanand Mehra, cuja vida ele parecia recordar, em Moradabad.

Quando as duas famílias se encontraram, Parmod Sharma insistiu que os filhos da sua vida anterior lhe chamassem «pai», embora fossem, naturalmente, mais velhos do que ele. «Eu é que fiquei pequeno», explicou-lhes. Reconheceu várias pessoas e lugares — entre eles a sua esposa, «com quem discutia sempre» — e identificou também pessoas que conhecera na vida anterior quando foi levado a Saharanpur. Entre muitas outras afirmações confirmadas, disse que ele próprio (como Parmanand Mehra) lera a palma da mão da cunhada. Esse interesse pela quiromancia transitara também para a vida atual.

O encontro com a família da vida passada teve um forte impacto emocional em Parmod Sharma. Ficou muito relutante em deixar Moradabad após a primeira visita e chorou quando foi afastado da família Mehra. Pouco tempo depois desapareceu de casa e foi encontrado na estação ferroviária de Bisauli, decidido a apanhar um comboio para Saharanpur «para gerir o negócio da família lá».

O Jovem Lothario

Desde o momento em que começou a falar, Bishen Chand falou da sua vida passada como Laxmi Barain, o único filho de um rico proprietário de terras que não só o mimara e lhe dera gosto pelo luxo e pela extravagância, como também morrera oportunamente quando o rapaz ainda estava no final da adolescência, deixando-lhe uma herança substancial para desperdiçar. A história que saía dos lábios da criança era suficientemente espantosa e não ajudava o facto de criticar o pai pela pobreza da sua vida atual, exigir dinheiro e chorar quando não o recebia. Fazia também muitos comentários depreciativos acerca da família e das circunstâncias em que nascera.

«Nem o meu criado comeria a comida cozinhada aqui», gritava. E, quando lhe davam roupas de algodão, arrancava-as do corpo, exigindo roupas de seda. Nunca permitiria que os seus criados usassem roupas como as da sua família, dizia ele com desprezo. Claro que nesta vida não tinha criados, mas Laxmi Barain certamente os tivera.

Na verdade, numa ocasião, ao ver um homem sair do apartamento de uma prostituta chamada Padma, com quem acreditava ter um acordo exclusivo, pegou na arma do criado e matou o homem a tiro. Parece

provável que a sua riqueza fosse suficiente para subornar as autoridades e nunca chegou a ser condenado pelo crime. Mas, como Bishen Chand, confessava-o livremente. Admitia também ter gasto a considerável herança em boa comida, roupas finas, belas mulheres e álcool.

Com um passado desses, talvez não surpreenda saber que, aos cinco anos e meio, perguntou ao pai: «Papá, porque não arranjas uma amante? Vais ter muito prazer com ela.»

Quando lhe perguntaram que prazer seria esse, Bishen Chand respondeu: «Vais apreciar o perfume do cabelo dela e sentir muita alegria na sua companhia.»

Bishen e Padma, a prostituta, encontraram-se em 1944, quando ele tinha vinte e três anos e ela cinquenta e dois. «És a Padma?», perguntou ele. «Sim», respondeu ela. Então ele abraçou-a... e desmaiou. Mais tarde, nesse mesmo dia, já recuperado, partiu com uma garrafa de vinho, decidido a renovar a amizade que ambos tinham desfrutado quando ele fora Laxmi Barain. Mas Padma não quis ouvir falar disso.

«Sou uma mulher velha como a tua mãe», repreendeu-o. «Perdeste tudo na tua vida anterior. Agora queres perder tudo outra vez.»

E, com isso, partiu a garrafa de vinho.

Surpreendentemente, embora Bishen Chand falasse diariamente sobre a vida passada quando era criança, nem os pais nem os irmãos o repreendiam pelas críticas ou tentavam reprimir-lhe as memórias.

O Brâmane Renascido numa Casta Inferior

Num caso ainda mais antigo, o de Jagdish Chandra, a criança começou a pedir ao pai que comprasse um automóvel quase assim que aprendeu a falar. Insistia em comer primeiro, antes dos restantes membros da família, recusava-se a comer com não hindus ou a aceitar comida preparada por eles, e mostrava grande hostilidade para com homens de barba.

O pai, K. K. N. Sahay, advogado, inicialmente brincou com o pedido do filho para comprar um carro, mas acabou por perguntar ao pequeno onde deveria ir buscá-lo. Jagdish Chandra respondeu que devia ir buscar o seu carro, que estava na casa do seu pai, Babuji, em Benarés. Reconhecendo o valor da prova escrita, o pai de Jagdish Chandra registou

cuidadosamente todas as declarações do filho e depois escreveu uma carta a um jornal de língua inglesa, o *Leader*, pedindo ajuda para verificar a existência de um homem chamado Babuji Pandey na cidade de Benarés, importante local de peregrinação nas margens do Ganges, cujo filho Jai Gopal tinha morrido.

Não demorou muito até chegarem confirmações de várias fontes, que também puderam verificar pelo menos vinte e quatro das trinta e seis afirmações feitas por Jagdish Chandra e registadas por escrito. Estas lançaram igualmente luz sobre o seu estranho comportamento ainda antes de as duas famílias se encontrarem. As memórias de Jagdish Chandra, aliás, não eram vagas generalizações, mas extremamente específicas.

Por exemplo, disse que o seu pai anterior (o pai de Jai Gopal) bebia *bhang*, uma bebida intoxicante feita de cânhamo indiano, «pinta o rosto com pó ou terra antes do banho, ao lavar a cara de manhã», e era um *panda* — supervisor de um cais de banhos junto ao rio que auxiliava os peregrinos que ali iam banhar-se. Disse também que o pai ouvia as canções de uma prostituta chamada Bhagwati e que tivera um irmão, Jai Mangal, que morrera envenenado. Todas estas afirmações se revelaram corretas.

Babu Pandey e a família eram brâmanes, enquanto a família de Jagdish Chandra pertencia à casta Kayastha. Isso explicaria a insistência da criança renascida em comer primeiro: era habitual pedir-se aos brâmanes que comessem primeiro quando estavam à mesa com pessoas de outras castas, e o jovem Jagdish Chandra continuava claramente a considerar-se brâmane. A antipatia pelos homens barbudos também pode ser atribuída à conhecida aversão dos brâmanes pelos muçulmanos.

O amor pelos automóveis era outra questão. Parecia claramente resultar da indulgência de Babu Pandey para com Jai Gopal, que era levado diariamente a passear de carro por Benarés. «Parece que Jai Gopal era bastante mimado», observou o Professor Stevenson, e nesta nova vida isso parece ter continuado, pois K. K. N. Sahay comprou também vários carros, sucessivamente, aparentemente para manter o jovem filho satisfeito.

Mesmo que Jagdish Chandra tivesse adquirido normalmente as informações que forneceu, «ainda assim teríamos de explicar, neste caso como em tantos outros, os fortes traços comportamentais relacionados com a vida anterior», escreve Stevenson. «Nenhum pai Kayastha consideraria

sequer, por um momento, instruir (ou permitir que alguém instruísse) o filho nos hábitos e maneiras dos brâmanes. Tal ideia parece absolutamente absurda...»

Jagdish Chandra fez cinquenta e uma afirmações no total, das quais trinta e seis foram registadas por escrito antes de qualquer tentativa de verificação; dessas, pelo menos vinte e quatro foram confirmadas antes de as duas famílias se encontrarem. Continuou a visitar a família da vida passada após os primeiros encontros e tornaram-se muito afeiçoados a ele.

De forma invulgar, as memórias de Jagdish Chandra parecem ter persistido até à idade adulta. Frequentou a Universidade de Lucknow, formou-se em Direito e exerce hoje advocacia na sua cidade natal de Bareilly, continuando capaz de testemunhar as memórias da vida anterior a quem demonstra interesse.

O Intocável Renascido como Brâmane

A maioria dos casos examinados até agora neste capítulo diz respeito a indivíduos que parecem ter sido «despromovidos» de uma vida para a outra. Por outras palavras, parecem ter renascido numa existência sem as vantagens materiais — carros, criados, roupas finas, grandes casas — às quais se tinham habituado, ainda que apenas durante alguns anos. E, compreensivelmente, queixam-se. Existem, contudo, outros casos em que a pessoa regressa em circunstâncias muito melhores mas que, como veremos, podem causar tantos problemas quanto os anteriores.

No caso de Swaran Lata, por exemplo, o renascimento numa família brâmane foi certamente uma «promoção», uma vez que a vida anterior que recordava era a de uma intocável — membro da casta mais baixa. Infelizmente, trouxe consigo dessa vida maneiras grosseiras e hábitos pessoais que não agradavam nada à nova família. Apesar de adorável, consideravam o seu comportamento repulsivamente sujo. Ao contrário dos restantes membros da família, por exemplo, limpava voluntariamente os excrementos das crianças mais novas; na verdade, parecia ansiosa por fazê-lo. E horrorizava a família vegetariana ao pedir carne de porco.

A Rapariga com Duas Famílias

Relatos deste género desafiam também as nossas próprias perceções acerca do que constitui uma «boa» vida. No caso de Manju Sharma,

investigado pela Dr.ª Satwant Pasricha na Índia, temos igualmente uma criança nascida numa família brâmane que conseguia recordar uma vida muito mais pobre, quando pertencia à casta dos comerciantes. Aos dois anos e meio, Manju começou a falar da vida que levara na aldeia de Chaumuha como Krishna Devi, terminada abruptamente aos dez anos quando caiu num poço. Essas memórias vieram à tona quando reconheceu um tio, Tanji, da vida passada, e lhe falou sobre elas. Ele tratou de levar a sua mãe da vida anterior para a visitar, e ela mostrou-se extremamente afetuosa. Recordando esses primeiros acontecimentos da vida atual, contou ao autor Jeffrey Iverson:

«Depois o meu irmão da aldeia levou-me para casa dos meus pais. Fiquei lá durante dez anos.»

O facto de ter vivido metade desta vida com os pais «reais» e a outra metade com os pais da vida passada não parece ter causado quaisquer problemas emocionais ou psicológicos a Manju Sharma. Está agora casada, tem dois filhos e continua a visitar a família de Krishna Devi. O seu testemunho deixa claro que as vantagens materiais da nova vida como brâmane tinham pouca atração para Manju Sharma, que preferia muito mais o ambiente humilde, mas cheio de amor, proporcionado pelos pais de quem se lembrava tão bem da última vida. Eles próprios deixavam claro que não a viam como Manju.

«Ela é Krishna», insistia o pai da vida passada. «Ela é Krishna, é a nossa filha Krishna da vida anterior. Esperamos que ela venha para casa.»

Tratava também as filhas dela como se fossem suas netas, explicando:

«Não são estranhas — são minhas mesmo.»

Capítulo Dez

TALENTOS ESPECIAIS

Porque razão Mozart, Schubert e Mendelssohn — para citar apenas três famosos prodígios infantis — nasceram com a capacidade de criar música bela? Os três começaram a compor antes de atingirem os doze anos. E Johann Hummel, Chopin e Yehudi Menuhin eram tão dotados musicalmente que já davam concertos aos onze anos de idade. Com a mesma idade, Pascal foi privado de livros de matemática pelo pai, mas concebeu secretamente uma geometria própria.

Entretanto, o prodígio alemão do século XVIII Christian Heinecken falava latim e alemão aos três anos, além de fazer demonstrações públicas dos seus conhecimentos de História, Geografia e estudos bíblicos. Infelizmente, o seu potencial nunca chegou a concretizar-se porque morreu um ano mais tarde.

A música, em particular, parece inspirar génios infantis, mas existiram prodígios em muitas outras disciplinas. Os seus talentos são tão impressionantes que algumas pessoas sugeriram que talvez tivessem trazido essas capacidades de uma vida passada. É preciso dizer, contudo, que os próprios prodígios infantis não fazem tais afirmações e, em certos aspetos, a sugestão parece lançar dúvidas sobre a autenticidade do seu talento e sobre o esforço investido nas suas realizações.

Ainda assim, há fortes razões para examinar competências especiais ou aptidões em pessoas que afirmam recordar vidas passadas, a fim de verificar se contribuem para as provas da reencarnação.

A Irmã de Lord Burlington

Tomemos, por exemplo, o caso de Lyndi Clement, mãe de quatro filhos residente em Londres, que conserva fortes memórias de uma vida vivida na época georgiana. Na verdade, desde a infância mais precoce consegue recordar a sensação de não estar a viver na época certa, de que «não encaixava». Muitas vezes, enquanto viaja de automóvel por estradas do século XX, as imagens vistas pelas janelas transformam-se e ela experiencia os arredores tal como eram há duzentos anos.

«Ouço os sons — cães a ladrar, cascos de cavalos a ecoar, pessoas a gritar», contou à autora Sue Carpenter, que relatou o caso em *Past Lives: True Stories of Reincarnation*. «Vejo mendigos a andar pelas ruas e sinto cheiros diferentes. Nunca questionei isso; sempre fez parte da minha vida.»

Pouco depois da publicação do livro, uma produtora televisiva pediu-me que reunisse um grupo de pessoas dispostas a discutir as suas experiências e Lyndi Clement foi uma das que aceitaram o convite. Acredita ter sido Elizabeth Boyle, irmã de Lord Burlington, na vida passada — facto que emergiu durante regressão hipnótica. A sua forte identificação com o período georgiano concedeu-lhe uma vantagem profissional sobre os outros.

É responsável por guarda-roupa na *Opera Restor'd*, passou os últimos quatro anos a investigar uma grande exposição sobre jardins de recreio, e organiza também a decoração e o mobiliário de casas senhoriais antes da abertura ao público — trabalhos nos quais recorre às memórias da vida passada para garantir a exatidão dos detalhes. O fascínio pelo lado doméstico da época levou-a a frequentar a Royal School of Needlework e atualmente ensina trabalhos de agulha, design de vestuário do século XVIII, confeção de espartilhos e modelagem.

O Operador de Rádio da RAF

Outro excelente exemplo de um talento especial transportado para esta vida foi-me apresentado por um jovem inglês a viver na Holanda. Martin Heald concordou em conceder à *Reincarnation International* um exclusivo sobre a sua história e mais tarde colaborou comigo e com uma produtora televisiva na transformação do caso num documentário emocionante. Martin Heald acredita ter sido um operador de rádio da RAF abatido durante a Segunda Guerra Mundial — e conseguiu produzir provas impressionantes.

As suas memórias da vida passada começaram na infância e foram desencadeadas pela descoberta de um velho auscultador telefónico no guarda-roupa dos pais. O pai explicava-lhe como era utilizado para enviar mensagens em código Morse através de sinais longos e curtos, demonstrando com o sinal internacional de emergência — SOS.

Instantaneamente, o cenário mudou e Martin viu e ouviu os sons de um avião depois de ter sido atingido. As mesmas cenas reapareceram mais

tarde na sua vida, especialmente enquanto via programas televisivos sobre o quinquagésimo aniversário do Dia da Vitória na Europa, e decidiu então investigá-las mais a fundo.

Nessa altura vivia nos arredores de Amesterdão com a namorada e consultou um hipnoterapeuta que conseguiu fazê-lo regressar à vida que aparentemente vivera. Agora conseguia descrever o ataque ao avião com muito mais detalhe e sabia que, quando este explodiu, o seu corpo nunca seria encontrado.

Martin Heald conseguiu fornecer o nome da vida passada, Richard Seymour, bem como vários outros detalhes da sua existência, incluindo o facto de o pai ter sido clérigo. Com o tempo, conseguiu verificar essas informações através de registos militares, que mostravam que Richard Seymour fora operador de rádio num avião abatido sobre o Mar do Norte, exatamente como ele descrevera. Toda a tripulação morrera e o corpo de Seymour nunca fora recuperado.

Que relação tem isto com talentos especiais? Nesta vida, Martin Heald decidiu ingressar na Royal Air Force (antes de compreender o significado daqueles «flashbacks» de infância) e submeteu-se a vários testes. Quando regressou para conhecer os resultados, perguntaram-lhe se alguma vez aprendera código Morse. Respondeu que não.

«Pois bem», disseram-lhe, «obteve cem por cento. É a primeira vez que isso acontece na história da RAF.»

Não existiam vagas para o cargo que realmente desejava; em vez disso, aceitou o posto de operador de rádio. Só muitos anos depois, após a regressão, percebeu o significado do trabalho que desempenhara em relação à vida passada.

Competências Herdadas

Tal como o rapaz brasileiro Paulo Lorenz (mencionado no Capítulo Quatro), que afirmava ser a reencarnação da irmã morta Emilia e possuía igualmente os seus extraordinários dotes de costura, Corliss Chotkin, índio Tlingit norte-americano que dizia ter sido o tio Victor Vincent numa vida anterior, demonstrava o mesmo amor pelos barcos e pela água. Aprendeu sozinho a operar motores de embarcações sem qualquer lição e até reparou um motor avariado que o pai não conseguira consertar.

Imad Elawar, rapaz libanês que parece ter sido a reencarnação de Ibrahim Bouhamzy, francófono, revelou-se um aluno extremamente rápido da língua francesa na escola. Ambos os casos serão tratados com maior profundidade em capítulos posteriores.

Disna Samarasinghe demonstrava uma religiosidade invulgar e também um conhecimento precoce de tarefas domésticas, como cozinhar e entrançar colmo, correspondentes às características da pessoa que afirmava ter sido na vida anterior. De igual modo, Lalitha Abeyawardena, quando ainda era pequena, brincava a ser professora e, tal como Disna, mostrava um interesse incomum por práticas religiosas. Nilanthie, a mulher cuja vida dizia recordar, fora professora e uma pessoa de reconhecida piedade.

Nem todas as características herdadas são boas. Houve casos de crianças que recordavam vidas de ladrões e utilizavam essas competências nas vidas atuais para bater carteiras e cometer outros furtos.

O Professor Ian Stevenson argumenta que, uma vez que existem indícios de reencarnação, devemos considerá-la como um fator contributivo no processo que torna cada um de nós único. Por outras palavras, talvez não seja apenas «a mistura aleatória de genes» a fazer de nós aquilo que somos. O que nos devolve à questão: o que inspira os prodígios infantis?

«Muitas crianças demonstram desde cedo interesse pelo trabalho que virão a desempenhar em adultas», observa o Professor Stevenson em *Children Who Remember Previous Lives*.

«Entre os grandes músicos encontram-se numerosos exemplos de influências parentais que parecem explicar adequadamente a manifestação precoce de interesse e competência musical. Por exemplo, os pais de Bach, Mozart, Beethoven, Brahms e Elgar eram todos músicos. Mas o pai de Dvořák era talhante, o de Delius empresário, o de Mendelssohn banqueiro (embora culto), e o de Händel barbeiro-cirurgião. O caso de Händel parece particularmente elucidativo. O pai opôs-se ao interesse musical de Händel, manifestado desde a primeira infância. A mãe não lhe deu apoio efetivo e, embora uma tia o encorajasse, a sua influência parece insuficiente para contrariar sozinha a firme oposição do pai. A família não possuía antepassados conhecidos com interesse pela música.»

Embora não exista qualquer prova de que Händel ou a família acreditassem que ele fosse a reencarnação de um compositor talentoso, o

Professor Stevenson argumenta que qualquer tentativa de compreender como Händel — e outras pessoas dotadas — possuíam tais capacidades desde a infância deve considerar memórias de renascimento, além das explicações genéticas.

Os Jogos das Crianças Refletem as Suas Vidas Passadas?

Se não tivesse recordado e falado da vida passada como comerciante, os pais de Wijanama Kithsiri talvez se interrogassem sobre a razão de ele gostar sempre de brincar às lojas quando regressava da escola. Da mesma forma, as memórias de vidas passadas parecem explicar porque Ma Tin Aung Myo e Bajrang B. Saxena brincavam aos soldados; porque Vias Rajpal media a temperatura dos colegas e lhes auscultava o peito; e porque Daniel Jirdi se arrastava para debaixo do sofá fingindo estar a reparar um automóvel.

De forma mais perturbadora, algumas crianças dramatizam os seus problemas ou até a causa da morte na vida anterior. Existem estudos de caso, por exemplo, de duas crianças que recordavam ter sido alcoólicas na encarnação anterior e imitavam bêbados a cambalear até colapsarem. Ramez Shams representava o ato de se disparar a si próprio, tendo cometido suicídio dessa forma na vida passada. Maung Win Aung gostava de brincar com uma corda em volta do pescoço. Desnecessário será dizer que recordava uma morte suicida por enforcamento.

Existem, portanto, fortes indícios de que algumas pessoas trazem para esta vida não apenas memórias de vidas passadas, mas também padrões comportamentais e aptidões. Mas será razoável assumir que, quando um talento surge inesperadamente cedo numa criança, ele foi transportado de outra existência? Poderão existir outras explicações?

«Reencarnação Artificial»

Qualquer tentativa de responder a esta questão tem de levar em conta as notáveis experiências de um parapsicólogo russo que cunhou a expressão «reencarnação artificial». A investigação do Dr. Vladimir L. Raikov é muito diferente da de investigadores como o Professor Stevenson, que procuram casos naturais de recordação de vidas passadas. Na verdade, o Dr. Raikov não se interessa minimamente pelo conceito de viver muitas vidas. Em vez disso, concentra-se no enorme potencial da mente, largamente inexplorado pela maioria dos seres humanos.

Na década de 1960, Raikov descobriu uma poderosa técnica hipnótica que, segundo afirmava, induzia «uma nova forma de transe ativo». Nesse estado alterado de consciência, que descrevia como um transe extraordinariamente profundo, dizia-se ao sujeito que ele ou ela era alguém famoso com talentos especiais. Em seguida, o indivíduo era convidado a demonstrar as capacidades dessa pessoa e, de forma notável, desenvolvia as mesmas competências num espaço de tempo muito curto.

Ao relatar estas experiências, A. Tsipko contou aos leitores do *Komsomolskaya Pravda* (12 de novembro de 1966) uma demonstração a que assistira num amplo e luminoso estúdio em Moscovo. Um grupo de estudantes de arte desenhava um modelo ao vivo quando Raikov chegou acompanhado pelo jornalista.

«Quero apresentar-lhe uma das minhas melhores alunas», disse, fazendo sinal na direção de uma jovem de pouco mais de vinte anos. Ira levantou-se, voltou-se para o visitante, estendeu-lhe a mão e declarou: «Sou Rafael de Urbino.» Quando lhe perguntaram em que ano estavam, respondeu: «Ora, 1505, claro.»

Ao escrever sobre este encontro no livro *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*, Sheila Ostrander e Lynn Schroeder explicam que o psiquiatra Raikov não precisava de procurar confirmação do que ela dizia porque sabia «como aquele Rafael fora reencarnado», tal como sabia «como os outros três Rafaéis da turma tinham regressado à carne. Raikov chamara-os à existência. Era um mestre hipnotizador.»

Raikov não estava, portanto, a explorar o renascimento, mas a tentar «evocar o nascimento do talento». E parece ter sido extraordinariamente bem-sucedido em muitos casos. Alla, uma brilhante estudante de Física da Universidade de Moscovo, foi informada de que era Iliá Répin, o grande pintor russo.

«Pensa como Répin. Vês como Répin. Tens as capacidades de Répin. És Répin», insistia Raikov. «Consequentemente, o talento de Répin está à tua disposição.»

Antes desta experiência, Alla não demonstrava qualquer interesse ou talento para o desenho, como facilmente mostrou a Raikov e à sua equipa. No entanto, após algumas sessões de «reencarnação», começou a desenhar muito melhor.

«Depois de dez tardes como Répin, começou a sentir vontade de desenhar no seu tempo livre e passou a andar com um bloco de esboços», continuam Ostrander e Schroeder.

«Em três meses, quando Raikov a conduziu ao fim do curso de vinte e cinco lições, Alla desenhava como uma profissional — não como Répin ou Rafael, duas das suas muitas reencarnações, mas tão bem como uma ilustradora competente de revistas. O novo talento explodiu de forma tão vibrante em Alla que ela pondera seriamente abandonar os teoremas da física e dedicar-se inteiramente ao cavalete.»

Este resultado esteve longe de ser único. Quando Raikov e os colaboradores realizaram os testes iniciais com vinte estudantes inteligentes mas sem qualquer inclinação artística, cada um deles convencido de que era um génio de algum tipo, «todos acabaram, na sua própria opinião, com um talento recém-descoberto». Os resultados eram frequentemente tão impressionantes que os próprios estudantes, ao regressarem ao estado normal, recusavam acreditar que tinham sido eles a criar os desenhos que lhes eram mostrados.

Não existe qualquer sugestão de que, ao «tornar-se» um artista famoso, o sujeito consiga pintar exatamente no seu estilo. O que acontece é que o ato de acreditar ser alguém dotado de um talento especial aumenta a confiança e a concentração do sujeito, destruindo inibições e bloqueios criativos. Com o tempo, a nova facilidade adquirida torna-se natural.

Não tenho conhecimento de estudos semelhantes realizados no Ocidente para reproduzir o trabalho de Raikov e, como já referi, este não tem relação direta com a prova da reencarnação. Contudo, parece demonstrar a enorme criatividade da mente e o cuidado que devemos ter ao tirar conclusões sobre certas manifestações de memórias de vidas passadas.

Capítulo Onze

DIVIDIDO ENTRE DUAS MENTES

Bridey Murphy

Até à década de 1950, muito poucas pessoas afirmavam recordar vidas passadas, e aquelas que o faziam encontravam-se sobretudo em países como Índia, Tailândia, Birmânia e Sri Lanka. Mas tudo isso mudaria com a publicação de um livro americano que parecia revelar uma forma através da qual todos nós poderíamos recordar encarnações anteriores. *The Search for Bridey Murphy*, de Morey Bernstein, relatava as suas experiências hipnóticas com Virginia Burns Tighe, cuja verdadeira identidade ocultou sob o pseudónimo Ruth Mills Simmons. Sob hipnose, ela afirmava ser Bridey Murphy, filha de um advogado, Duncan Murphy, nascida no Condado de Cork, República da Irlanda, a 20 de dezembro de 1798.

Durante seis sessões gravadas em fita magnética, entre novembro de 1952 e outubro de 1953, a pessoa hipnotizada afirmou ter vivido em «The Meadows», nos arredores de Cork, ter um irmão, Duncan, dois anos mais velho, e um irmão mais novo que morrera ainda bebé de «uma coisa preta qualquer». À medida que as sessões avançavam, a voz da dona de casa do Colorado adquiria um sotaque irlandês mais carregado e o discurso tornava-se mais personalizado. Disse a Bernstein que frequentara uma escola diurna durante a semana, dirigida por uma certa Mrs. Strayne, onde permanecera até cerca dos quinze anos. O irmão Duncan casara, de facto, com Aimee, filha de Mrs. Strayne.

A história fascinante captou a imaginação do público, tornou-se um bestseller internacional para o empresário de Pueblo, Colorado, transformado em hipnotizador, e foi até adaptada ao cinema. Inspirou também muitos outros hipnotizadores, amadores e profissionais, a realizarem experiências semelhantes e, de repente, parecia que toda a gente podia explorar as suas vidas passadas.

A narrativa surgida sob hipnose era extraordinariamente detalhada e continha muitas afirmações improváveis que pareciam indicar que a fantasia ou a imaginação, por si só, não eram responsáveis. Embora protestante, disse Tighe sob hipnose, Bridey casara com um católico romano, Sean Brian Joseph MacCarthy, tendo havido duas cerimónias: uma em Cork, outra em Belfast.

Chegou mesmo a indicar o nome do padre que os casara na Irlanda do Norte — Father John Joseph Goran — e o nome e localização da igreja: St

Theresa's Church, Belfast. «Bridey» utilizava também palavras irlandesas que Bernstein não compreendia e explicava o seu significado quando questionada. Por exemplo, falou de «brates» (uma pequena taça dos desejos) e «lough» (rio ou lago). Esta última palavra é atualmente usada apenas em relação a lagos. Na verdade, ao longo dessas seis sessões, emergiu uma enorme quantidade de informação factual e cultural verificável. Ela conseguia até dançar uma *jig*.

Mas seriam estas realmente memórias de uma vida passada libertadas pela hipnose? Ou seriam apenas fantasia, criptomnésia (a capacidade do subconsciente de recordar coisas que a mente consciente já não recorda), ou até fraude? O próprio Bernstein não conseguira ir à Irlanda verificar os detalhes, mas os editores organizaram investigações levadas a cabo por um gabinete jurídico irlandês, bibliotecários e outras pessoas. Encontraram muitos elementos corretos no relato de Bridey Murphy, mas depararam-se também com um grande obstáculo: os registos de nascimentos, mortes e casamentos não existiam na Irlanda antes de 1864 — precisamente o ano em que Bridey Murphy morreu.

Os jornais americanos da época transformaram a história de Bridey Murphy num campo de batalha. O *Chicago Daily News* publicou-a em folhetins e o *Chicago American* «desmascarou-a», alegando que Tighe vivera em frente de uma tia irlandesa chamada Bridey Corkell (*née* Murphy), que poderia ter-lhe contado histórias da vida na Irlanda durante a infância. Era verdade que Tighe tinha uma tia, mas ela tinha outro nome e só se conheceram quando Virginia tinha dezoito anos. A tia chamava-se Mrs. Marie Burns, nascera em Nova Iorque, não na Irlanda, era de ascendência escocesa-irlandesa e passara a maior parte da vida em Chicago.

Devido a esta controvérsia, alguns livros sobre reencarnação descartam a história de Bridey Murphy como fraude ou criptomnésia. Mas também possui muitos defensores, entre eles o jornalista do *Denver Post*, William J. Barker, que passou três semanas na Irlanda a investigar o caso. As suas conclusões foram publicadas num relatório de 19 000 palavras, *The Truth About Bridey Murphy*, surgido como suplemento especial de doze páginas do jornal em 11 de março de 1956 e amplamente reproduzido noutros diários dos Estados Unidos e do Canadá.

Em edições posteriores do livro de Bernstein, incluindo a edição de bolso, os editores acrescentaram dois capítulos escritos por Barker, nos quais este detalha as provas que descobriu e exprime a sua opinião acerca dos muitos jornais que desde então optaram por ignorá-las, substituindo factos por opiniões desinformadas de supostos especialistas:

«Os principais culpados neste aspeto foram uma revista ilustrada de circulação nacional... um jornal de Chicago e certos órgãos da imprensa eclesiástica. Uma revista canadiana, por exemplo, publicou uma fotografia considerável de Bernstein com a legenda: "O hipnotizador Morey Bernstein enganou o mundo com a busca de Bridey Murphy." O texto que a acompanhava acrescentava, em parte: "Só depois de ter escrito um bestseller é que Bernstein admitiu, envergonhado, que *The Search for Bridey Murphy* pertencia à secção de ficção, não à de não-ficção." E um jornal de Chicago afirmou ousadamente ter "desmascarado a Bridey Murphy de Denver e ela admitiu que a história era uma fraude." Ambas as afirmações, evidentemente, estavam longe da verdade e foram consideradas difamatórias pelos advogados de Morey.»

Um dos melhores resumos das provas a favor e contra a hipótese de Bridey Murphy ser uma verdadeira memória de vida passada de Virginia Burns Tighe foi escrito por C. J. Ducasse, Professor Emérito de Filosofia da Brown University, em Providence, Rhode Island, e publicado no *Journal of the American Society for Psychical Research* em janeiro de 1962. Surge também como capítulo, «Bridey Murphy Revisited», em *Reincarnation in the Twentieth Century*, editado por Martin Ebon.

Nele, o Professor Ducasse refuta a maioria das acusações feitas contra o hipnotizador e a sua paciente, mas afirma que as provas não são fortes no que respeita à reencarnação. Constituem, por outro lado, «provas bastante fortes de que, em transe hipnótico, se manifestou conhecimento paranormal, de um ou outro entre vários tipos possíveis, relativo àqueles recônditos factos da Irlanda do século XIX».

É uma opinião com a qual o Professor Ian Stevenson provavelmente concordaria. Crítico declarado de muito do que se faz sob o nome de regressão a vidas passadas, Stevenson corrigiu ainda assim os críticos em diversas ocasiões quando estes descartaram o caso Bridey Murphy como fabricação.

Bernstein, aliás, certamente não foi o primeiro a tentar tais experiências. Diz-se que realizou a investigação após ler um livro do psiquiatra inglês Alexander Cannon, que afirmava ter regredido mais de 1300 pessoas. Um investigador psíquico francês, o Coronel Albert de Rochas, realizava pesquisas semelhantes na sua casa em Paris na viragem do século, regressando os sujeitos através de toda uma série de vidas passadas. Mas pouco do que fez foi sustentado por provas e ele próprio não acreditava que as experiências demonstrassem a existência da reencarnação.

As Fitas de Bloxham

Nos quarenta ou mais anos decorridos desde que o livro de Bernstein abriu as mentes para a regressão hipnótica a vidas passadas, houve uma explosão do interesse público pelo tema e surgiram inúmeros outros livros relatando histórias semelhantes, embora poucos com o mesmo impacto. Uma exceção foi *More Lives Than One*, de Jeffrey Iverson, publicado em 1976, baseado em gravações de 400 regressões conduzidas por um talentoso hipnotizador, Arnall Bloxham, que realizava investigação sobre vidas passadas desde 1940 em sua casa, em Cardiff, no País de Gales. Investigador cuidadoso e respeitado, Bloxham foi eleito presidente da British Society of Hypnotherapists em 1972.

Muitos dos seus sujeitos de regressão tinham-no consultado inicialmente devido a problemas que esperavam poder tratar através da hipnoterapia, aceitando depois colaborar com a investigação.

Uma dessas pessoas, Jane Evans, não tinha qualquer interesse em reencarnação quando procurou Bloxham por causa de reumatismo. Sob hipnose, recordou sete vidas, incluindo uma como jovem mãe judia chamada Rebecca, em York do século XII, terminada com o massacre dos judeus nessa cidade em 1190. Recordava que, enquanto judia, era obrigada a usar um distintivo identificativo da sua religião e falou também das atividades de empréstimo de dinheiro comuns entre os judeus de York e Lincoln. A princípio, parecia que o uso do distintivo era um erro, pois só em 1215 as autoridades eclesiásticas de Roma decretaram que os judeus em países cristãos deveriam usar tais insígnias. Mas a investigação de Iverson demonstrou que essa prática já era generalizada em Inglaterra no século XII, antes da proclamação.

Outro aspeto da sua história extraordinariamente detalhada também se pensou incorreto na época. Ao falar do terrível massacre, no qual alguns judeus mataram as próprias famílias antes de permitir que morressem às mãos dos gentios, Jane Evans recordava como ela e os filhos se esconderam na cripta de uma igreja na esperança de escapar à morte. Mas acabaram encontrados e assassinados. O problema era que as igrejas de York não possuíam criptas.

Entre os consultados por Jeffrey Iverson durante a investigação do livro encontrava-se o Professor Barrie Dobson, especialista em história judaica da Universidade de York, que ouviu as gravações das recordações de Rebecca e ficou impressionado com a exatidão. Alguns dos factos, acreditava ele, seriam conhecidos apenas por historiadores profissionais. Também salientou que, embora alguns detalhes fossem tecnicamente incorretos, correspondiam ao que os judeus da época acreditavam ter acontecido. Segundo Iverson, Dobson conseguiu até identificar a igreja para a qual ela fugira como St Mary's, em Castlegate.

Então, seis meses depois de emitir a sua opinião, Dobson contactou Iverson com notícias excitantes sobre St Mary's.

«Durante a renovação da igreja, um operário encontrou algo que parecia ter sido uma cripta — muito raro em York... Foi imediatamente tapada antes que os arqueólogos de York a pudessem investigar adequadamente.»

Mas, pela descrição do operário, parecia ser normanda ou românica, portanto anterior ao massacre de 1190. Após analisar o caso profundamente e depois de salientar que o relato sob hipnose ignorava frequentemente os factos históricos mais conhecidos da vida em York no século XII, Iverson concluiu que as memórias pareciam «não ser uma simples reelaboração das versões dos livros de História sobre o massacre».

Noutra das suas vidas, Jane Evans recordou viver em França medieval por volta de 1450 como uma jovem serva egípcia chamada Alison, ao serviço de Jacques Coeur, o grande príncipe mercador desse período. Conseguiu descrever detalhadamente as suas intrigas e falar de Agnes Sorel, amante do rei, bem como da queda em desgraça de Coeur após a morte de Agnes Sorel. Sabia que ele fora preso, mas nada mais do que isso,

porque lhe dera uma poção envenenada que ela tomou, terminando assim a sua vida.

Dúvidas sobre Rebecca e Alison

Mas, segundo Melvin Harris, cético descrito como «um grande detetive do sobrenatural», as regressões de Jane Evans não fornecem qualquer prova de reencarnação. No livro *Sorry You've Been Duped!*, Harris descarta as memórias de «Rebecca» como «claramente uma fantasia... uma amálgama de pelo menos duas histórias diferentes de perseguição retiradas de séculos muito distintos».

Salienta que, em quatro ocasiões durante as regressões, Rebecca falou da comunidade judaica de York ser obrigada a usar distintivos amarelos, que descreveu como «círculos sobre os nossos corações». Harris sustenta que o distintivo judaico só foi introduzido no século seguinte e que o modelo inglês consistia em duas faixas oblongas brancas de tecido, representando as tábuas de Moisés; não o círculo amarelo, usado em França e Alemanha depois de 1215. Quanto à cripta onde Rebecca e os filhos se esconderam, Harris mostra-se igualmente desdenhoso, apoiado pelo próprio Professor Barrie Dobson, que parecera apoiar a história da cripta no livro de Iverson.

O Professor Dobson autorizou Harris a publicar uma carta que lhe escrevera em 15 de janeiro de 1986:

«Permanece a questão de saber se as "caves sob a igreja" nas quais Rebecca alega ter-se refugiado durante o massacre dos judeus no castelo de York podem ser comprovadamente existentes em 1190. A resposta só pode ser definitivamente negativa, pois agora parece esmagadoramente mais provável que a câmara que os operários relataram ter encontrado durante as obras de renovação de St Mary's Castlegate em 1975 não fosse uma cripta medieval primitiva, mas sim um ossário pós-medieval...

O facto de esta abóbada ou câmara permanecer inacessível em janeiro de 1986 não deve, na minha opinião, persuadir ninguém a acreditar que a referência de Rebecca a caves sob uma igreja acrescenta autenticidade à sua história. A evidência disponível revelou-se agora tão fraca neste caso que não apoia qualquer tese que sugira que a regressão de Rebecca contém memórias genuínas e diretas da York do final do século XII.»

Jeffrey Iverson admitiu sentir-se intrigado com um aspeto das memórias de Jane Evans enquanto Alison na França medieval:

«Como é possível que esta rapariga soubesse que Coeur tivera uma serva egípcia e, ao mesmo tempo, ignorasse que ele era casado e tinha cinco filhos — facto publicado em todos os relatos históricos da sua vida? Se a explicação para toda a regressão reside numa leitura de livros de História no século XX, então não consigo explicar como o sujeito de Bloxham desconheceria o casamento.»

Melvin Harris apresentou a resposta — um romance de 1948, *The Moneyman*, de C. B. Costain — que, segundo ele, «se baseia na vida de Coeur e fornece quase todos os floreados e pormenores aparentemente autênticos» presentes nas memórias de vida passada de Jane Evans.

Significativamente, o romance não faz qualquer referência à esposa nem aos filhos de Coeur, e Costain explicou porquê numa breve introdução:

«Não fiz qualquer menção à família de Jacques Coeur porque ela não desempenhou qualquer papel real nos acontecimentos que levaram a sua carreira ao clímax... Quando tentei introduzi-los na história, atrapalhavam tanto que finalmente decidi ser melhor prescindir deles.»

Assim, sem se aperceber do que fazia e aparentemente sem sequer saber que lera o livro de Costain, o subconsciente de Jane Evans revestira com uma riqueza de detalhes absorvida outrora de um romance histórico para «se tornar» uma das suas personagens.

Uma Explicação Literária para a Vida de Livonia

Outro autor largamente cético em relação às provas da reencarnação é Ian Wilson, cujo livro sobre o tema, *Mind Out Of Time?*, foi publicado em 1981. Na época, embora acreditasse que as regressões a vidas passadas podiam ser largamente explicadas como criptomnésia baseada em romances históricos, considerava impraticável a tarefa de rastrear as fontes literárias e outras das alegadas memórias de reencarnação dos sujeitos — um verdadeiro exercício de «procurar agulha em palheiro». Contudo, afirma:

«Não contei com a diligência do escritor e apresentador da BBC Melvin Harris... frequentador entusiasta de alfarrabistas [que], durante o

último ano, descobriu vários romances históricos que influenciaram ou inspiraram diretamente aquilo que até então os reencarnacionistas consideravam casos particularmente convincentes de memórias de "vidas passadas".»

Entre essas descobertas encontrava-se um romance que claramente inspirara outra das vidas de Jane Evans, a de Livonia na Bretanha romana do final do século IV d.C. Ian Wilson chamou a atenção dos leitores para isso numa edição posterior do livro, na qual acrescentou um capítulo adicional, «Cryptomnesia — a Special Postscript», apresentando lado a lado descrições retiradas do livro de Iverson, incluindo nomes de pessoas e lugares, e aquelas presentes em *The Living Wood*, do escritor alemão Louis de Wohl (publicado em capa dura em 1947 e em edição de bolso com o título *The Empress Helena* em 1960). Wilson acrescenta:

«É importante notar que, embora Constantino, Helena, Constâncio, Allectus, Carausius e Osins sejam personagens conhecidas da História, ainda que não necessariamente nas circunstâncias exatas retratadas, Hilary, Valerius e Curio, que aparecem todos na regressão de Jane Evans, são personagens inteiramente fictícias inventadas por De Wohl.»

A própria Livonia — a aparente personalidade de vida passada de Jane Evans — faz apenas uma breve aparição no romance de De Wohl, onde surge como dama de companhia, descrita por ele como «uma criatura encantadora, de lábios sensuais e olhos ardentes».

Fontes Reveladas pelos Próprios Sujeitos

Existe uma forma muito mais simples de descobrir se uma memória de vida passada produzida hipnoticamente é resultado de criptomnésia do que vasculhar alfarrabistas. Pode perguntar-se ao sujeito enquanto está hipnotizado. O Dr. Edwin S. Zolik, cujo interesse pelo tema foi inspirado pela história de Bridey Murphy, realizou a sua própria investigação na Universidade Marquette na década de 1950.

Um dos seus alunos, um estudante casado de 32 anos, de ascendência irlandesa, concordou em ser hipnotizado e revelou uma vida passada em que fora um soldado britânico, Brian O'Malley, a servir na Guarda Irlandesa no Condado de Cork. Tinha sido projetado de um cavalo e

morrera em 1892. Quatro dias depois, o Dr. Zolik hipnotizou-o novamente e pediu-lhe que identificasse a origem da identidade da vida passada. Após alguma hesitação, explicou que o avô lhe falara de O'Malley: tinham servido juntos no exército.

Levando esta investigação mais longe, dez anos depois, Reima Kampman, psiquiatra da Universidade de Oulu, na Finlândia, iniciou um estudo aprofundado que sugeria que as memórias de vidas passadas eram uma mistura de criptomnésia e fantasia. Descobriu que a recordação de vidas passadas era um fenómeno hipnótico relativamente comum e que aqueles que conseguiam produzir tais memórias eram mentalmente mais saudáveis do que os que não conseguiam.

Um dos sujeitos do Dr. Kampman foi uma rapariga de quinze anos, hipnotizada pela primeira vez em 1968, que recordou cinco vidas. Numa delas era um rapaz de sete anos cujo pai, Aitmatov, era capitão de um pequeno barco. Indicou o nome do lago onde ele trabalhava e disse que morrera ao cair à água enquanto imitava os peixes que via nadar ao lado da embarcação. Foi-lhe sugerido que não se lembraria do que dissera acerca dessa vida quando saísse da hipnose. O Dr. Kampman voltou então a hipnotizá-la e pediu-lhe que regressasse, na vida atual, ao momento em que encontrara pela primeira vez a informação que utilizara para criar a memória da vida passada.

Ela revelou então que tudo se baseava num romance que lera muitos anos antes.

O Dr. Kampman verificou os detalhes e descobriu que não só o enredo e o nome do lago coincidiam, como também o nome do autor era Aitmatov — o mesmo nome que ela utilizara para o pai da vida passada. Um relato mais detalhado desta investigação encontra-se no excelente *The Search for Yesterday*, de D. Scott Rogo, no qual nos diz:

«À luz deste e de vários casos semelhantes, o Dr. Kampman mostra-se cético em relação a todas as alegações de reencarnação. A sua conclusão geral é que qualquer tipo de memória de vida passada se baseia em informação oculta armazenada no cérebro ou em referências simbolizadas a acontecimentos traumáticos vividos na vida atual.»

Personalidades Múltiplas

Embora alguns dos casos de regressão hipnótica mais frequentemente citados tenham sido conclusivamente demonstrados como resultado de criptomnésia, seria prematuro descartarmos todos esses casos, como veremos em capítulos posteriores. Contudo, ao examinar tais provas, estamos a lidar com a mente humana e os seus extraordinários poderes, sendo necessário ter isso em conta.

Tomemos, por exemplo, a impressionante capacidade da mente para «se tornar» pessoas diferentes, como sucede nos casos de perturbação de personalidade múltipla (PPM). Neles, o indivíduo aparentemente fala, comporta-se e pensa como uma pessoa diferente e até possui um nome para essa personalidade, que pode manifestar-se subitamente, permanecer «na posse» do corpo do sujeito durante algum tempo e depois desaparecer, sendo substituída pela personalidade habitual ou por outra personalidade múltipla. Diz-se que existem 300 000 pessoas afetadas por esta condição só nos Estados Unidos, e um dos casos mais extremos é o de Donna Smith, diagnosticada com PPM aos dezanove anos. Tem sessenta e cinco personalidades.

Há muitos casos espantosos de perturbação de personalidade múltipla registados, incluindo um em que uma das personagens era alérgica a gatos e manifestava uma reação muito intensa sempre que um gato se aproximava. Contudo, os sintomas desapareciam assim que outra personalidade «assumia o controlo».

De forma surpreendente, num caso recente, várias personalidades múltiplas prestaram juramento e foram autorizadas a testemunhar durante um julgamento. Um empregado casado de supermercado em Oshkosh, Wisconsin, EUA, foi acusado de agredir sexualmente uma mulher de 27 anos, identificada apenas como Sarah, que possuía quarenta e seis «eus» distintos. O homem sustentava que houvera consentimento.

Durante a audiência em tribunal, Sarah fechava os olhos e fazia pausas enquanto transitava entre personalidades a pedido do procurador distrital, Joseph Paulus. O juiz, Robert Hawley, exigia que a mulher prestasse juramento sempre que mudava de personalidade e os advogados apresentavam-se formalmente às diferentes identidades. Entre as seis personalidades que testemunharam através de Sarah durante o julgamento encontravam-se uma menina de seis anos, «Emily», que alegadamente também fora agredida, e um homem chamado «Sam». O acusado, Mark

Peterson, foi considerado culpado de agressão sexual em segundo grau por violar uma das personalidades, «Jennifer», uma fã promíscua de rock que gostava de dançar. Contudo, a sentença foi posteriormente anulada com o fundamento de que não tivera um julgamento justo porque o seu psiquiatra não fora autorizado a examinar a mulher. Foi ordenado novo julgamento, mas Peterson acabou por ser libertado pelo juiz depois de o procurador afirmar que um novo julgamento agravaria o estado mental da mulher.

Noutro caso célebre, o de Sybil Dorsett, emergiram dezasseis personalidades muito impressionantes, incluindo um construtor, um carpinteiro, uma escritora e uma musicista. Incrivelmente, a escritora e a musicista tornaram-se amigas e manifestavam-se no corpo de Sybil para manter longas conversas ou até assistir a peças de teatro e concertos, durante os quais discutiam o espetáculo — para irritação dos restantes membros da audiência. O livro *Sybil* e o filme nele baseado tratam deste caso.

Por fascinantes que sejam estes casos, devido ao poder incrível do cérebro que revelam, não existe qualquer sugestão de que as personalidades múltiplas constituam memórias de vidas passadas. Não possuem identidades separadas ou histórias verificáveis; são simplesmente fragmentos da personalidade do doente e acredita-se que constituam a forma encontrada pela mente para lidar com abusos ou outros traumas.

Possuída por um «Anjo»

As fases iniciais da doença mental de Mary Lurancy Vennum parecem ter sido típicas de PPM, embora a síndrome fosse desconhecida na época em que estes acontecimentos ocorreram — em 1877. Mary Lurancy Vennum, de Watseka, Illinois, EUA, tinha então treze anos e tornou-se «possuída», primeiro por uma velha mal-humorada e depois por um jovem que fugira de casa. Ao ouvir falar do caso, um tal Mr. Roff encaminhou a família para um hipnotizador, o Dr. E. Winchester Stevens, que conseguiu alcançar a «mente sã e feliz» da adolescente. Ela disse-lhe que «um anjo» chamado Mary Roff queria ocupar o lugar das outras duas personalidades — e foi exatamente isso que aconteceu, exceto pelo facto de substituir completamente Mary Lurancy Vennum.

Mais ainda, Mary Roff fora uma pessoa real — filha do homem que encaminhara a família para o hipnotizador — que morrera quando Mary

Lurancy Vennum tinha apenas um ano de idade. Mr. e Mrs. Roff conseguiram persuadir os pais da rapariga a deixá-la viver com eles (o que não era assim tão surpreendente, já que ela deixara de os reconhecer). Aos olhos de todos, era agora Mary Roff e permaneceu Mary Roff durante três meses e dez dias, momento em que Mary Lurancy Vennum voltou a assumir o controlo do corpo e regressou para junto dos pais.

Tudo indica que este foi um caso de possessão espiritual temporária (em oposição à perturbação de personalidade múltipla), proporcionando aos Roff o conforto de saber que, de algum modo, o espírito da filha falecida sobrevivera e conseguira viver novamente com eles durante um curto período. Trata-se de uma situação invulgar, mas não única. Existem muitos paralelos modernos, incluindo casos em que a possessão parece permanente.

O Estranho Caso de Sumitra

Tomemos, por exemplo, Sumitra Singh, jovem mulher casada que vivia com os sogros na aldeia de Sharifpura, no distrito de Farrukhabad, Uttar Pradesh, Índia. Sumitra casara com Jagdish Singh em 1981, aos treze anos, e dera à luz um filho em dezembro do ano seguinte. Mas dois ou três meses após o parto começou a sofrer ataques durante os quais parecia entrar em transe e falar como se fosse outra pessoa. As entidades que pareciam falar através dela eram uma deusa chamada Santoshi Ma; uma mulher da mesma aldeia, chamada Munni Devi, que se afogara; e um homem de outro estado que não pôde ser identificado. Depois, em 16 de julho de 1985, enquanto possuída pela deusa, Sumitra previu que morreria dentro de três dias — e foi exatamente isso que pareceu acontecer. A sua morte foi testemunhada pela família e pelos habitantes da aldeia a 19 de julho, mas, após permanecer aparentemente sem vida e sem pulso durante cerca de quarenta e cinco minutos, e precisamente quando os familiares em lágrimas começaram os preparativos para o funeral, ela reviveu.

Sumitra olhou em redor, claramente confusa, e parecia não reconhecer ninguém. Um dia depois explicou porquê. Já não era Sumitra. Chamava-se Shiva, mãe de dois filhos, vivera em Dibiyapur e fora assassinada pelos sogros. Durante uma discussão, explicou, a cunhada atingira-a com um tijolo e depois a família transportara o corpo até à linha férrea para que parecesse ter sido atropelada por um comboio. Gradualmente foram

surgindo mais detalhes da vida de Shiva, incluindo o nome do pai e o facto de este ser professor em Etawah.

O que foi particularmente doloroso para os envolvidos foi o facto de Sumitra se recusar a reconhecer o marido e o filho e insistir em querer regressar para junto dos seus próprios dois filhos. A família de Sumitra pensou inicialmente que ela enlouquecera e depois concluiu que estava possuída por um espírito. Não fizeram qualquer tentativa de verificar as afirmações. Eventualmente, Sumitra concordou em retomar as relações normais com o marido e cuidar do filho, mas continuava a insistir que era Shiva.

A Dr.ª Satwant Pasricha, a mais conhecida investigadora indiana de reencarnação, ouviu falar do caso em novembro de 1985 e começou a investigá-lo menos de três semanas depois. Descobriu que, desde a mudança de personalidade, Sumitra passara a tratar os familiares de forma mais respeitosa, vestia-se de modo diferente e conseguia também ler e escrever hindi melhor do que anteriormente. Três meses antes da visita da Dr.ª Pasricha à aldeia de Sumitra, um professor de uma escola intermédia em Etawah, Ram Siya Tripathi, cuja filha casada Shiva morrera em Dibiyapur, ouviu o rumor de que a filha renascera em Sharifpura e decidiu verificar pessoalmente.

Ele e um dos tios maternos de Shiva, Baleshwar Prasad, chegaram a Sharifpura em outubro de 1985 e apresentaram-se à porta da casa dos sogros de Sumitra. Foram convidados a entrar e diz-se que Sumitra reconheceu imediatamente o pai, chamando-lhe «Papa», tal como Shiva fazia, e chorando amargamente. Reconheceu também Baleshwar Prasad e identificou catorze pessoas em fotografias que eles tinham levado.

A visita convenceu Ram Siya Tripathi de que Sumitra possuía as memórias da filha e pediu aos sogros que permitissem que ela e o marido o visitassem em Etawah no dia seguinte. Aí reconheceu outros membros da família de Shiva que não apareciam nas fotografias — elevando o total para vinte e duas pessoas — incluindo um tio cujo nome indicou corretamente e disse ser de Kanpur. Era aí que ele vivia e tinha negócio durante a vida de Shiva, embora entretanto tivesse regressado a Etawah.

Shiva recebera excelente educação, até ao nível universitário, e possivelmente foram os seus modos urbanos e educação superior que

provocaram atritos com a família do marido, com quem vivia. O que não oferece dúvidas é que tivera uma séria discussão com os sogros depois de estes se recusarem a deixá-la assistir ao casamento de um membro da família da irmã. No dia seguinte, 19 de maio de 1985, aos vinte e dois anos, o corpo foi encontrado na linha férrea e os sogros alegaram que se lançara diante de um comboio. Às onze da manhã já tinha sido cremada.

Poderá ter cometido suicídio, mas havia fortes suspeitas de homicídio e Ram Siya Tripathi promoveu um inquérito judicial sobre o assunto. Alguns céticos poderiam argumentar que Sumitra ou a família tomaram conhecimento da morte violenta de Shiva através de notícias de jornal, mas isso não explica os dezasseis detalhes verificáveis sobre Shiva e a sua família que não apareceram em quaisquer relatos publicados.

Só o tempo dirá se Shiva passou a residir permanentemente no corpo de Sumitra e se a alma de Sumitra entrou noutra dimensão ou renasceu. Mas, do ponto de vista espiritual, pouco importa se este é um caso de reencarnação ou de possessão espiritual. Qualquer que seja a interpretação aceite, parece fornecer provas notáveis de que cada um de nós possui um espírito que sobrevive à morte física numa forma que lhe permite transportar, de corpo para corpo, as memórias e emoções de uma vida anterior.

Capítulo Doze

DOENTE DO PASSADO

A Vítima de Tortura

Durante treze anos, Carol Lawson, uma empresária bem-sucedida de Hampshire, Inglaterra, foi atormentada por um problema desfigurante que desafiava todos os tratamentos médicos. Os polegares ficavam doridos e inchados, e depois as unhas caíam. Novas unhas cresciam lentamente no seu lugar, mas a mesma condição reaparecia em intervalos de seis meses. Isto causava-lhe dificuldades, já que também trabalhava como modelo nessa altura e continua ligada a uma agência de modelos. Embora os médicos sugerissem que pudesse sofrer de uma forma de dermatite, os cremes prescritos nada faziam para aliviar o problema inestético.

Então, no início de 1994, encontrou uma cura quase por acaso. Além dos interesses empresariais, Carol Lawson era também clarividente e as suas leituras despertavam interesse mediático no sul de Inglaterra. Tinha reputação de estar disposta a falar abertamente sobre assuntos espirituais e psíquicos e, por isso, quando a Meridian Television procurava uma voluntária para ser hipnotizada até uma vida passada, como parte de um programa apresentado pelo Dr. Hilary Jones, convidaram-na a participar.

O hipnoterapeuta londrino Miles Austin conduziu a regressão, durante a qual ela forneceu um relato vívido e emocionado da sua vida e morte em Atlântida, a lendária ilha que se diz ter desaparecido sob as águas há muitos milhares de anos. Fora das câmaras, Carol descobriu que ela e Miles tinham muito em comum, incluindo a mesma data de nascimento, e concordaram em manter contacto. Na verdade, ele telefonou-lhe no dia seguinte para se certificar de que estava bem após a regressão e soube então que o seu olho direito não parava de lacrimejar. As gotas receitadas pelo médico não resolviam o problema; era como se continuasse a derramar lágrimas pela vida em Atlântida. Miles Austin conseguiu dizer-lhe que exercícios mentais deveria fazer para ultrapassar a situação e as lágrimas cessaram pouco depois. Mas ele também ficou intrigado com o problema das unhas e ela concordou em submeter-se a nova regressão hipnótica para ver se esclareceria a origem da condição.

«Até então, embora estivesse envolvida em trabalho espiritual, nunca tinha pensado na reencarnação», contou-me quando a entrevistei para uma reportagem nas nossas páginas. «Não sei se acreditava ou não. Certamente nunca me ocorrera que o problema das unhas pudesse ter uma causa relacionada com uma vida passada.»

Durante a regressão recordou ter sido uma mulher cockney chamada Mary e um índio nativo americano com uma filha chamada White Star.

'Depois regressámos a Mehssa. Ela viveu há mais de 380 anos e trabalhava nos campos, mas apenas quando o sol brilhava.' Carol Lawson falava com um sotaque do Oeste de Inglaterra enquanto descrevia acontecimentos dessa vida e a aparição regular de uma carruagem transportando uma personagem importante — possivelmente da realeza — que passava pela aldeia. Um dia, porém, viu todos os homens montarem os seus cavalos e partirem. A curiosidade levou a melhor sobre ela; pegou num pequeno saco com comida e, seguindo na mesma direcção dos homens da aldeia, caminhou até à vila seguinte. Aí viu os cavalos presos no exterior de um edifício de onde vinham gritos horríveis. Espreitando para dentro quando um soldado virou costas, viu um homem vestido com uma longa túnica vermelha e dourada a ser torturado. Sabia que ele era a pessoa que passava na carruagem. Nesse momento foi apanhada pelos soldados, que começaram a puxar-lhe os longos cabelos. 'É engraçado', observa ela, 'mas nesta vida nunca consegui usar o cabelo comprido.'

Foi levada para dentro do edifício, onde havia corpos por toda a parte, e aplicaram-lhe um polegar de aperto em cada mão. 'Era feito de ferro e estava sujo e horrível. Senti um formigueiro nas mãos e nos dedos e os braços a ficarem dormentes enquanto revivia a tortura. Foi horrível. Depois os soldados levaram Mehssa para o exterior e ela foi enforcada.'

Notavelmente, o ato de recordar aqueles acontecimentos cruéis de 1613 parece ter tido um efeito terapêutico. Uma explicação é que o sofrimento infligido ao seu eu passado deixou uma marca tão profunda na sua psique que os danos causados conseguiram manifestar-se novamente num corpo totalmente diferente. Pois, desde a regressão, o problema melhorou dramaticamente. Durante um período de dois anos e meio perdeu as unhas apenas uma vez, mas sente-se satisfeita com isso porque conseguiu preservá-las como prova da sua história.

Em meados de 1996, Carol Lawson concordou em ser novamente submetida a regressão por Miles Austin para que a Reader's Digest pudesse filmar as memórias de Melissa para um vídeo sobre o paranormal. Durante essa sessão aprenderam um pouco mais sobre a vida e a morte violenta da inglesa, mas regressar a essa vida parece ter perturbado o processo de cura. Pouco depois, as unhas começaram a inchar e a deteriorar-se ligeiramente.

Não voltaram a cair e Carol espera que em breve regressem ao normal. ‘Mas decidi que não voltarei a ser Melissa outra vez.’

Poderia citar centenas de outros casos em que a terapia de regressão se revelou benéfica para os pacientes em causa, resultando frequentemente em curas completas mesmo quando o seu estado não tinha respondido a anos de tratamentos convencionais. Estes casos parecem indicar que trazemos para esta vida os medos, a culpa ou até as incapacidades de que sofremos numa vida anterior e que apenas compreendendo isso conseguimos aceitar a condição e superá-la. Ao contrário do caso de Carol Lawson, contudo, a maioria dos relatos publicados é anónima, proveniente dos arquivos clínicos de terapeutas profissionais cujo código de ética os proíbe de identificar os pacientes.

O que está para além de qualquer disputa é que milhares de pessoas estão a ser ajudadas, sobretudo no Ocidente, através da consulta de terapeutas de vidas passadas e da ‘remoção’ de barreiras na sua vida presente mediante a recordação daquilo que parecem ser encarnações anteriores. Esta afirmação não se baseia apenas nas alegações dos terapeutas de vidas passadas; há também outros que não acreditam na reencarnação e que estão dispostos a testemunhá-lo.

Quase qualquer pessoa que trabalhe com hipnose para fins terapêuticos acabará, mais cedo ou mais tarde, por deparar-se com memórias de vidas passadas, queira ou não, independentemente da sua crença ou ceticismo em relação à reencarnação. Sem lhes ser dito para regressarem no tempo a uma existência anterior, há indivíduos que o fazem espontaneamente em resposta a uma sugestão relativamente aberta do hipnotizador.

De facto, muitos dos terapeutas de vidas passadas mais bem-sucedidos da atualidade foram introduzidos ao tema por um paciente que fez precisamente isso. Geralmente recebem este fenómeno com ceticismo inicial, mas essa reação é rapidamente substituída por entusiasmo quando observam melhorias dramáticas nos pacientes em resultado das suas memórias.

Resolver Problemas Sexuais Através da Hipnoterapia

O Dr. M. Gerald Edelstein, que era psiquiatra do corpo clínico do Herrick Memorial Hospital, em Berkeley, Califórnia, quando escreveu o

seu livro *Trauma, Trance and Transformation* em 1981, não acredita na reencarnação, mas testemunhou directamente o surgimento espontâneo de memórias de vidas passadas durante sessões convencionais de hipnoterapia.

Revela no seu livro que, após utilizar a 'ponte afetiva' (uma técnica particularmente eficaz quando se lida com problemas comportamentais), descobriu que alguns pacientes parecem regressar, sob hipnose, a outra vida. O terapeuta que presencia este fenómeno ajuda então o paciente a lidar com a memória e a resolvê-la, seguindo-se geralmente uma melhoria. 'Estas experiências, por razões que não consigo explicar, conduzem quase sempre a melhorias rápidas na vida dos pacientes', escreve ele.

Cita o caso de uma secretária jurídica chamada Shirley, uma mulher na casa dos trinta anos que tinha dificuldades sexuais com o marido. Não achava o sexo agradável, exceto quando recorria a fantasias violentas de violação. Utilizando as suas técnicas habituais de hipnoterapia, o Dr. Edelstein pediu-lhe que regressasse no tempo ao momento em que associou pela primeira vez sexo e violência.

Ela respondeu descrevendo uma cena em que era um bebé a observar a mãe morrer em hemorragia como resultado do parto. Isto intrigou-o, pois já tinha estabelecido, nas conversas com Shirley, que a mãe dela entrara numa clínica de tuberculose dois anos depois de lhe dar à luz. Perguntou-lhe então em que ano estavam, ao que ela respondeu: '1793'. Disse depois que o pai era caçador de peles, que a família vivia numa cabana de troncos e que uma vizinha tinha servido de parteira durante o parto.

Escusado será dizer que esta revelação surpreendeu paciente e médico. O facto de a relação com o marido também ter melhorado foi ainda mais desconcertante, pois não tinha respondido a qualquer outra forma de terapia. Pelo lado negativo, contudo, Shirley apresentou ao Dr. Edelstein um novo problema. Estava agora assustada com a possibilidade de a sua melhoria poder magoar alguém ou de ela própria vir a ser magoada.

Durante outra sessão hipnótica, Shirley regressou a outra vida passada, na França do século XIX, onde participou num baile enquanto o marido doente permanecia em casa. Aí conheceu um homem e seguiu-se um breve caso amoroso. O marido morreu pouco depois de descobrir o adultério e ela culpou-se pela morte dele. Esta aparente memória de vida passada teve mais significado para a paciente do que para o médico, pois na

sessão seguinte conseguiu relatar que tinha perdido a sensação de que os seus atos amorosos poderiam magoar alguém.

A sessão hipnótica seguinte produziu a memória de uma vida na Espanha do século XV, em que tinha sido violada pelo pai. Essa recordação teve o efeito de a libertar da sua última ansiedade — o medo de ela própria vir a ser magoada — e o Dr. Edelstein pôde dar-lhe alta como curada. Mas como foi alcançado este resultado?

O Dr. Edelstein sugeriu várias possibilidades derivadas da teoria de que as memórias de vidas passadas se baseavam em sonhos traumáticos da infância. E, embora tenha afirmado: 'Não aceito a reencarnação neste caso', Edelstein admitiu que a teoria psicológica convencional também não o conseguia explicar. 'É perfeitamente concebível para mim que… alguma teoria, ainda por anunciar, possa conduzir a uma melhor compreensão.'

O Extraordinário Poder da Terapia de Vidas Passadas

A eficácia desta técnica no tratamento de condições persistentes é confirmada por aqueles que trabalham diariamente com ela. O Dr. Roger Woolger, inglês atualmente radicado nos EUA e autor de *Other Lives, Other Selves*, afirma que a regressão a vidas passadas 'é uma das ferramentas mais concentradas e poderosas disponíveis para a psicoterapia, à exceção das drogas psicadélicas'.

Outra terapeuta de vidas passadas, a Dr.ª Edith Fiore, comenta:

'Outras terapias tratam os sintomas e deixam a causa intacta. A terapia de vidas passadas ataca a causa raiz. Não existe um único problema físico que não possa ser resolvido através de um bom tratamento de vidas passadas.'

Uma das pioneiras da terapia de vidas passadas, Hazel Denning, que a pratica há mais de quarenta anos, ecoa esses sentimentos:

'Acredito que a terapia de regressão a vidas passadas… alcança mais pessoas, resolve mais problemas e mais rapidamente do que qualquer outra terapia porque chega à causa primária e explica os porquês. Nunca tenho um cliente a quem não pergunte: "Qual é a lição espiritual para si nesta experiência? Qual é o propósito disto?" Eles sabem sempre.'

A Dr.ª Denning fez ainda estas observações acerca da terapia de vidas passadas:

‘Creio ter sido uma das primeiras pessoas a perceber que o último pensamento emocionalmente carregado que alguém tem no momento da morte é o pensamento ou emoção que leva consigo para a encarnação seguinte. Raiva, ressentimento, medo, culpa — tudo parece atravessar a fronteira e manifestar-se até em crianças muito pequenas. “Não se pode confiar em mim”, “Vou vingar-me daquele…”, “A vida não é justa”, “Sou uma má pessoa e preciso de ser castigada” são exemplos das energias poderosas que transitam e que têm de ser resolvidas na encarnação atual.’

O Dr. Morris Netherton, outro pioneiro, também acredita que são as nossas mortes em vidas anteriores que nos causam mais problemas nesta vida:

‘O trauma não resolvido da morte é uma causa primária das perturbações comportamentais. A maioria dos problemas com que me deparo tem origem em mortes em vidas passadas. Quando o impacto dessas mortes é apagado, muitos distúrbios simplesmente evaporam-se.’

Uma das terapeutas mais respeitadas neste campo é a Dr.ª Winafred Blake Lucas, diplomada pelo American Board of Professional Psychology, que iniciou a sua formação académica na Universidade de Washington no início da década de 1930, especializando-se em grego, filosofia e escrita. Além do seu trabalho como terapeuta de vidas passadas, a Dr.ª Blake Lucas dedica grande parte do seu tempo ao ensino e dirige também uma editora especializada em livros sobre o tema. É editora da impressionante obra em dois volumes *Regression Therapy, A Handbook for Professionals*, leitura essencial para qualquer pessoa que trabalhe nesta área e que demonstra igualmente a grande variedade de técnicas que podem ser aplicadas.

O seguinte excerto da sua própria contribuição para o livro oferece uma visão valiosa da forma como algumas pessoas passam a compreender as suas experiências na vida presente em termos de reencarnação:

‘Intuições de vidas passadas cintilaram à minha volta desde a infância, mas o condicionamento da minha cultura tornou-me cega e surda em relação a elas. Por vezes interrogava-me sobre as minhas aptidões, vícios, interesses profundos, pensamentos antigos; mas, mantendo-me fiel ao pensamento do meu tempo, negava que tivessem raízes invisíveis.

Ainda assim, achava estranho o facto de qualquer contacto com animais, selvagens ou domesticados, me comover sempre tão

profundamente que ficava sufocada pelas lágrimas, e como, aos oito anos, conseguia dominar competentemente um cavalo impossível de montar sem qualquer experiência prévia. E era totalmente inexplicável para mim que, aos quinze anos, passasse a ser assombrada pela sensação excruciante de ter cometido um crime terrível e de vir a ser descoberta e executada — um medo do qual só consegui libertar-me quando atingi os dezasseis anos.

Mais tarde, olhando para trás, perguntei-me como eu, cuja família, embora erudita, nada tinha a ver com os Clássicos, comecei a estudar grego aos catorze anos e me vi capaz de ler Platão aos dezassete numa época em que o grego quase desaparecera das universidades. E quando comecei a escrever uma biografia de Sócrates, interroguei-me, inquieta, sobre a origem de todo o conhecimento seguro que tinha acerca dele sem o ter lido em livro algum.

Alguns anos depois aprendi sânscrito sozinha e descobri que também essa era a minha língua, e viajei para a Europa no início dos anos trinta para obter um doutoramento nessa área, de modo a poder ler os Vedas — não exatamente a decisão mais prática em plena Depressão. As intuições de vidas passadas estavam constantemente presentes, mas, não querendo destoar da minha época, escolhia cuidadosamente olhar para o outro lado.'

Chegou, naturalmente, o momento em que Winafred Blake Lucas já não conseguiu continuar a ignorar essas experiências. As suas primeiras experiências de vidas passadas ocorreram quando servia de sujeito de controlo numa experiência com LSD na Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Sem qualquer aviso, afirma: 'Fui mergulhada nas perceções mais profundas da minha vida.' Estas incluíam visões de vidas como criança na Índia, como esposa de um governante de um pequeno principado próximo do Paquistão no século IX, e uma morte numa catedral inglesa no século XV.

Mais tarde, durante um workshop sobre auras, que parecia colocá-la num estado alterado de consciência, 'dei por mim de volta a Paris no tempo da Revolução Francesa, deitada com o pescoço na guilhotina no momento em que ia ser decapitada.' Tentou gritar, mas não saiu qualquer som e continuou no workshop. Mais tarde, enquanto permanecia num canto da sala de aula pouco atrativa, 'soube, de uma forma de saber difícil de compreender ou explicar, que nessa vida eu tinha sido uma jovem de vinte

e nove anos e que a minha filha nesta vida fora o meu marido naquela. Ele abandonara-me, e os soldados apanharam-me e conduziram-me à morte.'

Estas perceções permitiram a Winafred Blake Lucas desenvolver técnicas que utiliza para ajudar outras pessoas que tentam lidar com dificuldades que parecem ter causas em vidas passadas. Mas serão experiências deste tipo tão reais quanto parecem?

Um problema na resposta a esta questão é que a maioria dos terapeutas de vidas passadas não demonstra o menor interesse em verificar as memórias dos seus pacientes. E porquê haveriam de o fazer? São procurados por pessoas que desejam melhorar e, se a utilização de técnicas que produzem relatos de vidas anteriores resulta em melhoria ou cura, então atingiram plenamente os seus objetivos. Investigar mais profundamente essas memórias, talvez descobrindo que eram fantasias e não acontecimentos reais, poderia apenas desfazer a terapia.

Fantasias Construídas Sobre Traumas?

A Dr.ª Edith Fiore, que afirma estar 99 por cento convencida de que a reencarnação é um facto, não vê qualquer razão para que tal investigação seja realizada.

'Mesmo que cada detalhe fornecido por um paciente sob hipnose se revele uma descrição exata de uma pessoa que realmente viveu, isso não prova que o paciente tenha vivido essa vida. Apenas demonstra que alguém viveu e morreu. O paciente pode estar a aceder às formas de pensamento de outra pessoa.'

O Dr. Kampman, cuja investigação foi discutida no capítulo anterior, considera que as recordações de vidas passadas produzidas sob hipnose durante sessões terapêuticas são provavelmente fantasias construídas sobre um trauma sofrido pelo paciente na sua vida atual e que continua a ser demasiado ameaçador para ser enfrentado diretamente.

Outro especialista médico que não aceita a interpretação reencarnacionista é o Dr. Lewis Wolberg, de Nova Iorque, autoridade em hipnose e hipnoterapia, que afirma:

'Ouvi relatos dramáticos de vidas anteriores em muitos dos meus pacientes e, em todos os casos, consegui rastrear essas histórias até

impressões esquecidas da primeira infância, que tinham sido vividas pelos sujeitos ou contadas a eles.'

Acredita que estes casos são fantasias simbólicas construídas da mesma forma que os sonhos.

Esta é também a opinião do Professor Ian Stevenson, que afirma que a hipnose tem muito em comum com os sonhos e que o surpreende o facto de pessoas que não atribuem importância aos seus sonhos aceitarem memórias hipnóticas como verdadeiras.

O Poder Curativo da Terapia de Vidas Passadas

A modelo canadiana Bonnie Brown sofria de crises de bronquite todos os Invernos desde a infância. Depois, aos vinte e nove anos, foi levada a seis vidas passadas diferentes pela hipnoterapeuta Beverley Janus. Uma delas era a de uma mulher da Europa de Leste, levada com outras pessoas por soldados da Segunda Guerra Mundial num comboio gelado, sem comida nem água.

Bonnie tossiu durante toda esta memória regressiva e teve de ser envolvida em cobertores porque sentia um frio intenso. Finalmente o comboio chegou a um campo cercado por arame farpado. Descrevendo essa experiência terrível, afirmou: 'Estava a tossir sangue. Lembro-me de pensar: "Já não quero viver." Ninguém parecia importar-se. Tossia e tossia até ao fim.'

Seria esta uma memória real de uma vida anteriormente vivida? Ou estaria a bela modelo apenas a recorrer a filmes que viu ou livros que leu acerca das atrocidades dos campos de concentração para 'explicar' as repetidas crises de doença? Não podemos afirmá-lo com certeza porque este caso, como a maioria dos outros exemplos de terapia de vidas passadas, não fornece provas suficientes de reencarnação. Mostra, contudo, porque esta terapia é tão popular. Beverley Janus disse à modelo hipnotizada no final da sessão que deixaria de ser afetada pelas más experiências do passado. Isso aconteceu em 1972. E quando Joe Fisher escreveu *The Case for Reincarnation* doze anos mais tarde pôde relatar que, desde então, 'Bonnie não voltou a sofrer o menor sinal de problemas brônquicos'.

A modelo de Toronto afirma:

‘Sinto que a reencarnação é a melhor explicação para o que aconteceu. Mas, mesmo que tenha sido apenas uma exploração da minha psique para me mostrar que já não preciso de ter bronquite, que importa isso? O mais importante é que funciona.’

O Cardeal Espanhol

A mulher que consultou a hipnoterapeuta californiana Hazel Denning estava zangada e agitada. Batia nos braços da cadeira e gritava:

‘Já não aguento mais. Não consigo continuar a viver assim. Deus não existe. Jesus Cristo é uma fraude. Rezei, estudei a Bíblia, fiz terapia individual, terapia de grupo, meditei, e nada resulta.’

Praticamente o único tratamento que a mulher ainda não tinha experimentado era a terapia de vidas passadas e, ao contactar Hazel Denning, escolheu uma pioneira na área. ‘É a minha última esperança’, enfatizou a mulher culta enquanto se preparavam para fazer a primeira viagem ao passado, rumo a uma ou mais vidas anteriores que talvez pudessem lançar luz sobre a sua vida atual, tão perturbada.

Primeiro, Hazel Denning procurou conhecer melhor a mulher. Soube do casamento de vinte anos que ela desejava terminar há muito tempo, mas que não acabava porque não queria admitir que tinha cometido um erro. Tinha iniciado quatro negócios diferentes, mas em todos fracassara financeiramente e tivera de recomeçar. Até os seus três filhos lhe causaram sofrimento à medida que cresciam.

Na quarta sessão hipnótica, Hazel Denning decidiu que chegara o momento de a paciente enfrentar um profundo sentimento de culpa que até então fora incapaz de confrontar. Depois de lhe garantir que, fosse o que fosse, conseguiria lidar com isso, a psicoterapeuta hipnotizou-a e pediu-lhe que regressasse à situação que dera origem a esses sentimentos. O que aconteceu em seguida é descrito em *Regression Therapy, Volume II*, de Winafred Blake Lucas, um manual pioneiro para pessoas que trabalham com vidas passadas.

‘Era uma excelente sujeito hipnótica e quase imediatamente começou a descrever um homem vestido com uma bela e ornamentada indumentária, usando um alto toucado’, escreve Hazel Denning:

‘Disse que era um cardeal da Igreja Católica e começou então a falar na primeira pessoa. “Eu sou essa pessoa.” Descreveu com considerável detalhe como ouvia queixas e acusações apresentadas diante de si e, com voz chocada, afirmou que estava a enviar muitas pessoas para o cavalete de tortura. Identificou o período como sendo o da Inquisição Espanhola.’

A mulher continuou a descrever alguns dos acontecimentos em que estivera envolvida e os sentimentos associados a eles, acrescentando: ‘Agora percebo porque continuo a sentir-me culpada por alguma coisa. Fui responsável pela morte de todas aquelas pessoas. Não admira que ainda me sinta culpada. Mereço sofrer por isso.’

Este parece ser um momento apropriado para fazer uma observação sobre a qual tenho convicções muito fortes. A regressão a vidas passadas não é um jogo. Deve ser conduzida apenas por terapeutas qualificados, capazes de lidar com situações difíceis e emoções intensas. E só deve ser tentada por pessoas que tenham uma necessidade séria de resolver problemas interiores ou cuja curiosidade seja equilibrada por um juízo ponderado. A pergunta que cada pessoa deve fazer antes de consultar um terapeuta de vidas passadas é: ‘Serei capaz de lidar com a descoberta de que fui uma pessoa profundamente desprezível no passado?’

Neste caso em particular, a mulher poderia ter saído do consultório com um sentimento de culpa muito maior do que aquele com que entrou. Mas, estando uma terapeuta experiente como Hazel Denning no controlo da situação, isso não foi permitido. Existem muitas técnicas terapêuticas para lidar com recordações traumáticas de vidas passadas, uma das quais consiste em perguntar ao sujeito que lições aprendeu ao reviver essa existência anterior. Hazel Denning sentiu necessidade de tentar algo novo, como ela própria explica:

‘Quando os clientes foram causadores de sofrimento aos outros no passado, nem sempre é fácil ajudá-los a perdoarem-se. Neste caso, em que os seus atos passados tinham sido tão horrendos, percebi que era necessária uma abordagem diferente.

Assim, expliquei-lhe que nenhum ser humano possui tanto poder sobre os outros sem que exista um propósito superior em curso. Pedi então à sua mente que lhe revelasse o propósito da Inquisição.’

A mulher afirmou então conseguir ver-se no intervida — a dimensão onde as nossas almas residem entre cada encarnação — a conversar com um grupo de espíritos e a discutir a situação e o estado da Igreja Católica. Compreendeu que a Igreja estava tão corrompida naquela época que alguém ‘altamente desenvolvido em compreensão espiritual’ precisava de regressar à vida terrena para revolucionar a Igreja através da Inquisição. Ela fora escolhida para esse papel, mas perdera a consciência do seu propósito espiritual, ficando assim com um pesado sentimento de culpa.

Esta nova compreensão das suas vidas passada e presente aparentemente transformou-a numa ‘mulher feliz e bem-sucedida’.

Um País Ainda Não Descoberto

Este relato abre uma área de exploração — um território ainda desconhecido — frequentemente ignorada por aqueles que escrevem ou estudam a reencarnação. Na maioria dos casos em que conseguimos determinar tanto a data da morte numa vida anterior como a data de nascimento nesta vida, encontramos uma grande disparidade no chamado ‘período de intermissão’.

Há casos em que o intervalo é de nove meses, o que permitiria argumentar que a alma de um indivíduo entra no embrião praticamente desde a conceção. Mas existem também casos igualmente convincentes em que uma personalidade parece ter deixado um corpo e renascido noutro num espaço de poucas horas. Geralmente, porém, o período entre a morte e o renascimento não segue qualquer padrão biológico definido e pode estender-se por muitos anos.

Daqui podemos deduzir que a alma é perfeitamente capaz de viver independentemente do corpo, numa qualquer dimensão espiritual, até chegar o momento em que deve voltar a mergulhar na matéria física e experimentar uma nova vida. Se assim for, talvez grande parte da investigação realizada até agora sobre vidas passadas não esteja concentrada no que realmente importa.

Se existe uma dimensão espiritual à qual todos regressamos repetidamente, talvez possamos aprender muito mais examinando o que acontece nesse plano do que os sofrimentos e tribulações das vidas passadas na Terra.

Nos seus extensos estudos sobre crianças que recordam vidas passadas, o Professor Ian Stevenson verificou que, em trinta e dois casos da Tailândia onde as datas de morte e renascimento eram suficientemente fiáveis para efetuar o cálculo, o intervalo médio era de dezasseis meses. Nos casos do Sri Lanka, o período de intermissão era de dezoito meses e, na Birmânia, de vinte e um meses.

Curiosamente, em 23 por cento dos casos birmaneses, as crianças não apenas recordavam a vida passada como também descreviam aquilo que experienciaram no estado de intervida. 'A nossa ignorância deveria refrear especulações acerca das razões pelas quais os sujeitos dos casos tailandeses e birmaneses têm (em média) muito mais para relatar sobre experiências durante o período de intermissão do que sujeitos de outras culturas', comenta ele.

E acrescenta:

'Os sujeitos birmaneses dizem por vezes recordar-se de terem sido guiados até ao lar do renascimento seguinte por um velho sábio vestido de branco, semelhante aos "homens de branco" descritos por muitos sujeitos na Tailândia. E, tal como na Tailândia, os "homens de branco" birmaneses costumam atuar como guias que apenas indicam o local do renascimento já selecionado por outros processos, sem influenciarem essa escolha. Por vezes, um "homem de branco" parece manter contacto com a pessoa cujo renascimento guiou, mesmo depois de ela ter renascido e até ao longo do resto da sua vida. O "homem de branco" pode surgir em sonhos ou aparições ao sujeito, especialmente em momentos de crise ou perigo.'

Guias Espirituais e Anjos da Guarda

Estas descrições fazem-nos lembrar os guias espirituais ou anjos da guarda que muitos ocidentais acreditam acompanhar-nos ao longo da vida, oferecendo apoio espiritual e ajuda invisível sempre que necessário. Também apresentam uma semelhança impressionante com algumas descrições fornecidas por pessoas que tiveram experiências de quase-morte. Além de verem entes queridos falecidos à sua espera no outro mundo, relatam frequentemente figuras radiantes, normalmente vestidas com túnicas brancas, que identificam em termos religiosos ou de outra forma que reconheça a sua sabedoria ou compaixão.

Estes relatos provêm de pessoas que tiveram apenas um breve vislumbre desse outro mundo antes de a porta se fechar firmemente e lhes ser dito que a sua hora ainda não chegara. A regressão hipnótica, contudo, parece permitir que alguns indivíduos recordem detalhadamente como era viver nesse mundo num determinado momento do passado.

O psiquiatra de Toronto Dr. Joel Whitton tinha vinte e oito anos e estudava ativamente memórias de vidas passadas induzidas hipnoticamente quando tropeçou acidentalmente na intervida — ou no que os budistas tibetanos chamam estado *bar do*. Uma das suas pacientes, Paula Considine, conseguia recordar diversas vidas e foi ao conduzi-la de uma para outra, em Abril de 1974, que ele deu uma instrução imprecisa. Normalmente diria ao paciente para recuar ou avançar até uma encarnação, mas nessa ocasião afirmou: 'Vai para a vida antes de seres Martha.'

Sob hipnose, a mente interpreta as instruções de forma muito literal e a mente de Paula deslocou-se para uma existência desencarnada entre encarnações. Descreveu-se 'no céu', sobre uma zona rural de Maryland, observando a futura mãe — fortemente grávida do corpo que ela em breve iria habitar — a esforçar-se para bombear água para um balde.

Esta revelação inspirou o Dr. Whitton a explorar o estado de intervida — a que chama metaconsciência — com trinta indivíduos particularmente aptos para estados profundos de transe.

Revelando os resultados dessas experiências exploratórias no estado *bardo* no livro *Life Between Life*, escrito em co-autoria com Joe Fisher, afirma:

'Através da metaconsciência, aprenderam porque estavam envolvidos nas circunstâncias da encarnação atual. Além disso, compreenderam que eles próprios, enquanto seres desencarnados, tinham escolhido ativamente o cenário e os envolvimentos da sua existência terrena. Pais, carreiras, relacionamentos e acontecimentos importantes que contribuíram tanto para alegrias como para sofrimentos foram vistos como escolhas feitas antecipadamente.'

Mais ainda, aqueles que recordaram períodos passados na intervida confirmaram que cada um de nós é julgado pelas ações praticadas na encarnação anterior. O livro continua:

‘O seu testemunho confirma plenamente a existência de um conselho de julgamento e amplia consideravelmente as descrições relativamente escassas herdadas do mundo antigo. Quase todos os que se aventuraram na metaconsciência encontraram-se diante de um grupo de seres sábios e idosos — geralmente três, ocasionalmente quatro e, em casos raros, até sete — percebidos sob diversas formas. Podem ter identidade indefinida ou assumir a aparência de deuses mitológicos ou mestres religiosos.’

Um dos sujeitos do Dr. Whitton ofereceu esta descrição:

‘O meu guia tomou-me pelo braço e conduziu-me a uma sala onde os juízes estavam sentados em torno de uma mesa retangular. Todos usavam vestes brancas largas. Senti a sua idade e sabedoria. Na companhia deles, sentia-me muito jovem.’

Os Espíritos Mestres

O Dr. Brian Weiss, formado pela Universidade de Columbia e pela Faculdade de Medicina de Yale, e presidente do Departamento de Psiquiatria do Mount Sinai Medical Center, em Miami, poderia parecer um improvável convertido à regressão a vidas passadas. No entanto, não só se tornou um defensor do renascimento e um dos principais terapeutas de vidas passadas (ver Capítulo Seis), como também afirma que um acontecimento específico mudou a sua vida. Ocorreu quando uma paciente entrou no estado de intervida entre encarnações.

Uma das suas pacientes, Catherine, era técnica de laboratório no hospital onde ele era chefe de psiquiatria e procurara-o devido a vários medos e fobias. O Dr. Weiss recorria frequentemente à hipnose e considerava-a eficaz nestes casos, acabando por persuadir Catherine a experimentá-la depois de ela não responder a outros tratamentos. O que aconteceu em seguida forneceu-lhe uma nova e poderosa ferramenta terapêutica descoberta por acaso, tal como sucedera com o Dr. Joel Whitton, ao dar uma instrução hipnótica imprecisa.

Tinha levado Catherine de volta aos dois anos de idade nesta vida — nessa altura não tinha qualquer interesse ou crença em vidas passadas — numa tentativa de descobrir a origem dos seus problemas. Disse-lhe então: ‘Regressa ao momento de onde surgem os teus sintomas.’ Para seu espanto, ela começou a descrever uma vida em 1863 a.C. Apesar do seu ceticismo, reviver essas memórias após quase quatro mil anos resultou numa cura

total. Em sessões hipnóticas posteriores recordou ter sido uma prostituta espanhola no século XVIII e também uma mulher grega.

Depois, na quarta ou quinta sessão, aconteceu algo que 'mudou completamente o resto da minha vida'. Sob hipnose, Catherine entrou na intervida, onde comunicou com seres altamente evoluídos que descreveu como os Espíritos Mestres. Nesse estado de transe, Catherine disse subitamente ao Dr. Weiss:

'O seu pai está aqui, e também o seu filho, que é uma criança pequena. O seu pai diz que o reconhecerá porque o nome dele é Avrom, e a sua filha recebeu o nome dele. Além disso, a morte dele foi causada pelo coração. O coração do seu filho também era importante, porque estava invertido, como o de uma galinha. Ele fez um grande sacrifício por si, por amor. A alma dele é muito avançada… a sua morte liquidou dívidas dos pais. Também quis mostrar-lhe que a medicina só consegue ir até certo ponto, que o seu alcance é muito limitado.'

O Dr. Weiss ficou paralisado ao ouvir estas palavras. Não havia maneira de Catherine conhecer aqueles detalhes íntimos sobre a sua família, mas todos estavam corretos. O seu filho Adam morrera com apenas vinte e três dias de vida, em 1971, devido a uma condição cardíaca exatamente como Catherine descrevera — uma anomalia que ocorre apenas em um em cada dez milhões de nascimentos. O pai do Dr. Weiss morrera em 1979 e a filha dele tinha recebido o nome do avô.

Catherine revelou que os Espíritos Mestres, além de lhe transmitirem essas informações, também lhe disseram que ela já vivera oitenta e seis vezes no estado físico.

'Não tenho uma explicação científica para o que aconteceu', escreve o Dr. Weiss no seu livro *Many Lives, Many Masters*. 'Existe demasiado acerca da mente humana que está para além da nossa compreensão.'

O Monge Birmanês Que Foi "Conduzido" à Sua Nova Vida

Este relato faz-me recordar um fascinante caso de memória de vida passada em que o indivíduo envolvido também relatou ter encontrado uma figura vestida de branco. Maung Htwe Nyein nasceu em Novembro de 1921 na Birmânia e tornou-se um importante monge budista, adotando o nome de Venerável Sayadaw U Sobhana.

Desde muito jovem conseguia recordar a sua vida anterior como Maung Po Thit, que tinha uma esposa chamada Ma Shwe Thin e um filho que tinha apenas três anos quando ele morreu. Após o renascimento, visitava frequentemente a sua 'viúva' e o seu 'filho', que viviam perto da sua antiga casa na aldeia. E recordava como fora guiado até à casa onde iria renascer como filho do chefe da aldeia.

A sua morte nessa vida passada ocorrera depois de contrair uma febre grave e de ser transportado numa carroça puxada por bois até ao hospital, onde os médicos disseram que precisaria de uma operação:

'Depois disso já não me lembro de mais nada do tempo que passei no hospital. Em seguida encontrei-me sozinho na selva. Sentia tristeza, fome, sede e grande aflição, mas não sabia que estava morto. Estava vestido com as minhas roupas habituais… Parecia vaguear pela selva durante duas ou três horas. Então encontrei um homem muito velho vestido de branco, com barba e bigode brancos e transportando um bastão. Estava vestido como um Upasaka [devoto budista leigo], com um xaile branco sobre o ombro.'

'Quando vi o velho, toda a minha aflição desapareceu. Chamou-me pelo meu nome e disse-me que eu tinha de o seguir. Assim fiz durante cerca de uma hora, caminhando. Chegámos a um lugar que eu conhecia perto da minha aldeia. Depois entrámos na aldeia e fomos até à minha casa. Em frente dela havia uma vedação e uma árvore. O velho disse-me para esperar ali, debaixo da árvore, enquanto ele entrava na casa. Consigo recordar-me disto e ainda hoje consigo vê-lo claramente diante dos meus olhos. A memória é muito vívida.

O velho entrou na minha casa e voltou a sair passados cinco minutos. Disse: "Tens de me seguir até outra casa."

Seguimos na direção oeste. Cerca de sete casas depois da minha encontrava-se a casa do chefe da aldeia. Em frente dessa casa, o velho disse-me para esperar por ele. Entrou e regressou ao pé de mim cerca de cinco minutos depois. Chamou-me para entrar e, quando já estava dentro da casa, disse-me: "Tens de ficar aqui. Eu vou regressar." Depois desapareceu. Vi pessoas dentro da casa, mas a partir daí já não me lembro de mais nada até recuperar a consciência na minha existência atual.'

Assim que começou a recordar as suas memórias de vidas passadas ainda em criança, os pais contaram-lhe aquilo que sabiam sobre a sua morte

e renascimento. O corpo de Maung Po Thit tinha sido retirado do hospital e enterrado. Depois, sete dias mais tarde, vários monges realizaram uma cerimónia tradicional pelos mortos. Nesse mesmo dia, a esposa da sua vida anterior teve um sonho no qual viu um velho vestido de branco que lhe disse: 'Estou a enviar o teu marido para a casa do chefe da aldeia.'

Na manhã seguinte, correu até à casa do chefe da aldeia e contou à esposa dele, Daw Lay Khin, o sonho que tivera. Daw Lay Khin revelou que também ela sonhara com o mesmo velho vestido de branco, que lhe dissera estar a confiar Maung Po Thit à sua família. Pouco depois, a esposa do chefe da aldeia descobriu que estava grávida e deu à luz um filho: o Venerável Sayadaw U Sobhana.

Sai Baba e o Homem Que Regressou dos Mortos

Um dos relatos mais espantosos da intervida foi fornecido por um americano idoso, Walter Cowan, devoto de Sathya Sai Baba, o guru indiano que muitos consideram ser Deus encarnado. A história foi relatada pelo Dr. John Hislop, professor e executivo empresarial que testemunhou o acontecimento, e publicada no livro de Dr. Samuel Sandweiss *Sai Baba... The Holy Man and the Psychiatrist*.

Walter Cowan morreu subitamente no Dia de Natal de 1971 devido a um ataque cardíaco e o seu corpo foi transportado de ambulância para o hospital, onde foi declarado morto. A sua esposa, Elsie, tinha rezado a Sai Baba pedindo ajuda, terminando a oração com as palavras: 'Seja feita a vontade de Deus.' Mais tarde, nesse mesmo dia, quando ela e uma amiga, Mrs. Ratan Lai, foram ao hospital, souberam que Sai Baba também visitara Walter Cowan. E quando entraram no quarto, em vez de um cadáver encontraram-no vivo.

O Dr. Hislop conseguiu confirmar que o americano chegara morto ao hospital e que o médico que o examinara lhe colocara algodão nos ouvidos e no nariz antes de cobrir o corpo com um lençol.

Enquanto tudo isto acontecia, Walter Cowan encontrou-se:

'muito calmo, num estado de maravilhosa bem-aventurança; e o Senhor, Sai Baba, estava ao meu lado. Embora o meu corpo jazesse morto na cama, a minha mente continuou a funcionar durante todo o tempo até Baba me trazer de volta. Não havia ansiedade nem medo, mas uma

tremenda sensação de bem-estar, porque eu tinha perdido todo o medo da morte.

Depois Baba levou-me a um salão muito grande onde centenas de pessoas circulavam de um lado para o outro. Era o salão onde estavam guardados os registos de todas as minhas vidas anteriores. Baba e eu permanecemos diante do Tribunal da Justiça. A pessoa responsável conhecia Baba muito bem e pediu os registos de todas as minhas vidas. Era muito bondosa e tive a sensação de que qualquer decisão tomada seria a melhor para a minha alma.'

Walter Cowan descreveu então braçadas de pergaminhos em várias línguas a serem apresentados, enquanto Sai Baba os interpretava. Alguns diziam respeito a países que já não existiam havia milhares de anos:

'Quando chegaram ao tempo do Rei David, a leitura das minhas vidas tornou-se mais emocionante. Mal conseguia acreditar na importância que aparentemente tivera em cada vida subsequente. À medida que a leitura continuava, parecia que aquilo que realmente contava eram os meus motivos e o meu carácter, porque eu defendera atividades pacíficas, espirituais e políticas de grande relevância…

Após cerca de duas horas, terminaram a leitura dos pergaminhos e o Senhor Sai Baba disse que eu ainda não tinha concluído o trabalho para o qual nascera e pediu ao juiz que eu lhe fosse confiado para completar a minha missão de divulgar a verdade. Pediu que a minha alma regressasse ao meu corpo sob a sua graça. O juiz respondeu: "Assim seja."

O caso foi encerrado e parti com Baba para regressar ao meu corpo. Hesitei em abandonar aquela maravilhosa bem-aventurança. Olhei para o meu corpo e pensei que seria como entrar numa fossa imunda regressar a ele, mas sabia que o melhor era completar a minha missão para que, um dia, pudesse fundir-me com o Senhor Sai Baba. Assim, voltei a entrar no meu corpo… e naquele exato instante tudo começou outra vez — tentar recuperar a respiração, sentir-me tão doente quanto alguém pode estar e ainda continuar vivo. Abri os olhos, olhei para a minha esposa e disse: "Ficas muito bonita de cor-de-rosa…"'

O Rapaz Que Se Recusou a Renascer

Nem todas as histórias da intervida são tão edificantes como a de Walter Cowan. Um adolescente inglês, W. Martin, foi atingido em 1911 por uma pedra de remate e perdeu os sentidos, parecendo ter estado próximo da morte. Observou, num estado desencarnado, as pessoas a assistirem ao seu corpo. Depois, contra a sua vontade, foi transportado para um quarto onde uma mulher dava à luz. Reconheceu-a como Mrs. Wilson.

Viu o médico segurar a criança nas mãos e Martin sentiu-se quase compelido a pressionar o rosto através da parte posterior da cabeça do bebé. Mas então pensou na mãe e foi imediatamente atraído para junto dela. Acompanhou então os pais até ao local onde o seu corpo estava estendido e voltou a entrar nele. Nesse instante sentou-se completamente consciente, repetindo conversas que ouvira enquanto estivera fora do corpo e descrevendo a cena que testemunhara na casa de Mrs. Wilson.

Mais tarde descobriu-se que Mrs. Wilson morrera às 14h05 desse dia depois de dar à luz uma filha nado-morta.

Independentemente da interpretação que possamos fazer destes relatos, eles levantam a intrigante possibilidade de que a intervida seja o verdadeiro mundo e que as nossas existências terrenas representem apenas oportunidades ocasionais de aprofundar a nossa educação espiritual.

Capítulo Catorze

NO CORPO ERRADO?

O Soldado Japonês

Ma Tin Aung Myo era típica de uma jovem birmanesa: usava uma camisa de estilo ocidental combinada com o tradicional *longyi* axadrezado

até aos tornozelos e mantinha relações amorosas com raparigas locais perto da aldeia de Na-Thul. Mas Ma Tin Aung Myo era diferente. Era uma mulher.

A história que ela e a família contam é invulgar porque não só afirma recordar-se de ter sido uma pessoa do sexo oposto, como também de outra nacionalidade. Ma Tin Aung Myo dizia ter sido um soldado japonês na sua vida passada.

Porque razão um soldado japonês renasceria no corpo de uma rapariga birmanesa? É uma pergunta à qual não consigo responder, exceto observando que o Exército Japonês ocupou a aldeia de Ma Tin Aung Myo pouco depois da invasão da Birmânia em 1942. Aviões de combate aliados começaram então a bombardear a região, por vezes duas vezes por dia, metralhando qualquer pessoa que vissem no solo, numa tentativa de defender a estação ferroviária de Puang, estrategicamente importante. Compreensivelmente, os habitantes birmaneses optaram por escapar aos ataques abandonando as aldeias de manhã e regressando apenas à noite, deixando apenas a força de ocupação japonesa na linha de fogo.

Foi um ataque aliado, dizia Ma Tin Aung Myo, que terminou a sua vida anterior. Recordava-se claramente de ser um soldado japonês prestes a cozinhar uma refeição junto de uma acácia, a cerca de 75 metros da casa onde Ma Tin Aung Myo viria posteriormente a nascer. Vestia apenas calções e um grande cinturão quando foi avistado por um piloto que mergulhou sobre ele e começou a disparar rajadas de metralhadora. O soldado correu para trás de uma pilha de lenha na esperança de escapar, mas foi atingido na virilha e morreu imediatamente.

Ma Tin Aung Myo tinha quatro anos quando começou a ter medo dos aviões que passavam por cima. Da primeira vez disse ao pai: ‘Quero ir para casa. Quero ir para casa’, e daí em diante chorava sempre que via um avião. Quando lhe perguntavam porquê, explicava que iam disparar sobre ela. Noutras ocasiões ficava deprimida e chorava sem motivo aparente. Quando lhe perguntavam a razão, respondia: ‘Tenho saudades do Japão.’

Gradualmente contou à família aquilo de que se recordava acerca da sua vida anterior no Norte do Japão, onde tivera cinco filhos, sendo o mais velho um rapaz. A pequena Ma Tin Aung Myo exprimia frequentemente o desejo de regressar ao Japão e sentia-se claramente desconfortável com o

clima quente da Birmânia e com a comida picante. Contudo, à medida que crescia, as memórias da vida passada foram desaparecendo e tornou-se mais tolerante às condições birmanesas.

Um aspeto da sua personalidade, porém, nunca mudou.

Desde muito cedo, Ma Tin Aung Myo insistia em vestir roupas de rapaz e usar o cabelo curto. Quando o Professor Ian Stevenson a entrevistou em 1974, quando ela já tinha vinte e um anos, vangloriava-se de não possuir uma única peça de roupa feminina birmanesa. Em criança gostava de estar com rapazes, especialmente a brincar aos soldados, e pedia frequentemente armas de brincar aos pais. Também gostava de jogar futebol.

O pai era mais tolerante do que a mãe nestes assuntos, sobretudo em relação à roupa que ela usava. Mas o desejo de vestir-se como rapaz criou problemas quando frequentava o sexto ano de escolaridade e as autoridades escolares insistiram que se vestisse como rapariga. Ma Tin Aung Myo recusou-se. A escola insistiu. E ela abandonou os estudos. A partir daí, os pais deixaram de se opor ao uso de roupas masculinas.

No final da adolescência começou a conviver mais com raparigas e era bem aceite por elas, embora a tratassem por *Ko* — termo masculino — em vez de *Ma*, o honorífico feminino.

Em 1977, Ma Tin Aung Myo rejeitara completamente um papel feminino na sociedade e a mãe, U Win Maung, relatou que ela adquirira ‘o hábito de namorar raparigas’.

Tão forte era a sua identificação com o sexo masculino que disse aos investigadores que estudavam o caso que poderiam matá-la da forma que desejassem, sob uma única condição: garantirem-lhe que renasceria como rapaz.

‘Não tínhamos qualquer desejo de cumprir a primeira das suas exigências’, observaram os investigadores, ‘nem poder para concretizar a segunda.’

Tal como sugere que a reencarnação deve ser considerada como explicação para a transferência de capacidades de uma vida para outra, o Professor Ian Stevenson acredita também que aqueles que trabalham na

área da confusão de identidade sexual deveriam considerar as influências de vidas passadas como possível causa. Afirma:

'A explicação mais simples é por vezes a melhor e acredito que psiquiatras e psicólogos ocidentais deveriam considerar seriamente e investigar mais profundamente a interpretação do Sudeste Asiático para casos de disforia de género.'

Embora o caso de Ma Tin Aung Myo carecesse de corroboração, existem provas impressionantes de vidas passadas em casos semelhantes. Curiosamente, os melhores exemplos parecem ser raparigas que prefeririam ser rapazes.

O Estudante Rapaz Reencarnado Como Rapariga

A primeira indicação de que Dolon Champa Mitra era diferente das outras crianças surgiu quando começou a usar roupas de rapaz aos três anos e meio de idade. Filha de um superintendente da Secção Avícola e Leiteira do Ramakrishna Mission Ashram em Narendrapur, Sri Lanka, foi encontrada um dia pela mãe a vestir a camisa e as calças do irmão mais velho.

Kanika Mitra repreendeu-a e mais tarde, quando pediu a Dolon que descansasse junto dela, a criança respondeu:

'Não… ralha comigo por usar camisa e calças. Eu era um rapaz um pouco mais velho numa casa parecida com um palácio.'

A reação espantada da mãe foi: 'O que estás a dizer?', ao que a filha respondeu:

'Sim, mãe, estou a dizer a verdade. Tinha um irmão mais novo e uma irmã. Tinha uma tia gorda e a minha mãe chamava-se Baudi. Leve-me perto do palácio do Maharajah e eu conduzirei vocês até à casa.'

Disse que o lugar onde vivera era Burdwan, cidade situada a noroeste de Calcutá.

Os pais, intrigados, acabaram por ceder aos pedidos insistentes, mas Dolon não conseguiu localizar a casa na primeira tentativa e regressaram a casa. Ela insistiu em voltar e os pais acabaram por concordar em 30 de Março de 1972, ajudados por alguns colegas do pai que conheciam Burdwan.

Desta vez teve sucesso em encontrar a casa e ela, a mãe e duas outras mulheres foram convidadas a entrar. Dolon reconheceu várias mulheres da casa, bem como diferentes divisões e objetos durante a visita. Tornou-se evidente para todos que estava a recordar a vida de Nishith De, um jovem que morrera em 1964.

A mãe do rapaz — que estava presente — mostrou-se claramente perturbada com aquela súbita intrusão, talvez porque o filho aparentemente tivesse regressado como rapariga. Empurrou Dolon quando esta se aproximou dela e disse à mãe da menina: 'Deixe a sua filha continuar a ser sua', antes de se afastar e trancar-se no quarto. Estas reações perturbaram claramente a criança e a falta de cooperação por parte dos pais do jovem que ela afirmava ter sido tornou mais difícil a corroboração. Contudo, outros membros da família De colaboraram e confirmaram a maioria das afirmações de Dolon.

A família De era proprietária de negócios e uma das mais ricas de Burdwan. O filho, Nishith De, nascera em 1940 e estudava no Burdwan Raj College quando, aos vinte e quatro anos, desenvolveu uma doença cerebral que rapidamente se agravou. Morreu em 25 de Julho de 1964 após permanecer quinze dias em coma.

A quantidade de provas fornecidas por Dolon Champa Mitra neste caso é impressionante, mas pretendo concentrar-me no aspeto da confusão de identidade sexual. Como já vimos, a menina começou a vestir as roupas do irmão mais velho muito cedo e gostava de usar camisa e calções. Contudo, usava vestidos na escola e parecia provável que a identidade sexual da vida passada não viesse a exercer uma influência tão poderosa nela na puberdade como aparentemente aconteceu com Ma Tin Aung Myo.

Reencarnado Como Mulher Porque Explorava Mulheres?

Rani Saxena também possuía recordações muito claras da vida anterior que vivera como filho de um advogado próspero em Benares, na Índia. Nascida em Allahabad numa família de recursos muito mais modestos, identificou-se fortemente com a vida passada desde muito cedo e exibiu muitos traços masculinos.

Essas características prolongaram-se até à meia-idade, altura em que já casara (por arranjo familiar) e tivera dois filhos. Apesar disso — e embora fosse indiscutivelmente uma boa, ainda que relutante, mãe — continuava a utilizar formas verbais masculinas. (Em hindi, algumas formas verbais indicam o sexo do falante.)

Rani Saxena acreditava que Deus a colocara num corpo feminino e lhe dera uma vida de relativa pobreza porque, na vida anterior como advogado homem, explorara egoisticamente as mulheres.

Nascida Rapariga Finalmente

Gnanatilleka Baddewithana, por outro lado, conseguia recordar-se de que, na sua vida anterior como rapaz, desejara ser rapariga — e esse desejo pareceu claramente ter sido concedido. Mais ainda: quando os investigadores verificaram a sua história, este aspeto invulgar pareceu ser confirmado.

Nascida em Hedunawewa, no Sri Lanka (então Ceilão), a 14 de Fevereiro de 1956, Gnanatilleka começou a falar sobre a sua vida passada quando tinha apenas dois anos, dizendo que tinha pai e mãe noutro lugar, bem como dois irmãos e muitas irmãs. Acabou por indicar o nome da aldeia onde vivera — Talawakele — e forneceu outros detalhes, incluindo nomes. Com base nessas informações, concluiu-se que ela se referia a uma família que perdera um filho de treze anos chamado Tillekeratne em Novembro de 1954.

Subsequentemente, quando as duas famílias se encontraram, ela conseguiu reconhecer várias pessoas, incluindo os seus pais da vida anterior. Desenvolveu também uma relação próxima com D. V. Sumithapala, um professor que demonstrara especial interesse por Tillekeratne na escola e que se recordava do rapaz lhe perguntar se era verdade que depois da morte renascíamos e se era possível um rapaz renascer como rapariga.

Por vezes, a afeição e veneração de Gnanatilleka pelo antigo professor excediam aquelas que demonstrava pelos próprios pais.

Ela aguardava ansiosamente as visitas dele e Sumithapala retribuía o carinho calorosamente. Disse que ficou comovido até às lágrimas quando ela o reconheceu na primeira visita que ele lhe fez a Hedunawewa em

1960. Foi testemunha do reconhecimento que ela fez da família e dos amigos de Tillekeratne em Talawakele e, quando ela se emocionava, era ele quem a consolava. Continuara a visitá-la regularmente desde então.

O professor acreditava plenamente que o rapaz que ensinara renascera como Gnanatilleka, tal como a mãe de Tillekeratne. Os próprios pais de Gnanatilleka partilhavam essa crença e preocupavam-se com a possibilidade de ela cumprir a ameaça — proferida em momentos de irritação — de regressar para 'a minha mãe de Talawakele'.

Além da pergunta que Tillekeratne fizera ao professor sobre a possibilidade de renascer como rapariga — sugerindo talvez que isso era algo que desejava — a mãe e o professor disseram que ele desenvolvera uma tendência claramente efeminada. Isso manifestava-se numa marcada preferência pela companhia de raparigas em vez de rapazes… 'um interesse pela costura, gosto por camisas de seda e, ocasionalmente, pintar as unhas.'

Embora um homem pintar as unhas não seja visto de forma tão extrema no Sri Lanka como no Ocidente, continua ainda assim a ser considerado um indicador de efeminação, e Tillekeratne foi o único rapaz que o professor D. V. Sumithapala alguma vez viu fazê-lo.

Gnanatilleka também dizia estar mais feliz agora por ser rapariga do que na vida anterior. Demonstrou algumas tendências masculinas nesta vida quando era pequena, mas nunca foram muito marcadas e desapareceram rapidamente à medida que se desenvolvia normalmente como mulher.

"Porque Me Tornei Rapariga?"

Noutro caso do Sri Lanka, Ruby Katsuma Silva começou a falar de uma vida anterior antes dos dois anos de idade. A mais nova de nove filhos — sete dos quais rapazes — nasceu em Galle, em Setembro de 1962, filha de um funcionário dos correios de Batapola. Tendo sete filhos rapazes e apenas uma filha, o nascimento de outra menina foi recebido com alegria pelos pais.

Mas assim que começou a falar, Ruby insistiu que tinha sido um 'irmão' e não uma 'irmã', comportando-se como um rapaz. Chegou mesmo a perguntar: 'Porque me tornei rapariga?'

Contou aos pais que vivera na vila de Aluthwala, que frequentara a escola religiosa do templo local e que trabalhara nos arrozais. Um dia, ao regressar dos campos, aproximara-se de um poço para se lavar, mas caíra nele e afogara-se. Não tendo vocabulário suficiente para descrever o acontecimento em tão tenra idade, Ruby recorria a gestos para explicar o que sucedera.

A mãe de Ruby dirigiu-se ao templo para fazer perguntas e, com a ajuda dos monges, descobriu que uma família chamada Singho perdera um filho, Karunasena, exatamente da forma descrita, em Julho de 1959, quando ele tinha sete anos e meio.

Quando a notícia chegou à família de Karunasena, vários membros decidiram visitar Ruby em Pollewa e ela reconheceu todos aqueles que teriam sido conhecidos de Karunasena. Na verdade, como eram desconhecidos para a própria família atual de Ruby, foi ela quem fez todas as apresentações — como se fosse o rapaz.

Tal como outros sujeitos que apresentavam confusão de identidade sexual, o comportamento masculino de Ruby manifestava-se sobretudo na roupa que usava e nas brincadeiras que preferia. Gostava de vestir calças, camisa e *sarong*, como fizera na vida anterior. Mesmo quando usava vestidos, vestia calções por baixo. Para satisfazer esse impulso, pedia emprestados os *sarongs*, camisas e camisolas interiores dos irmãos.

Era exímia a empinar papagaios e a jogar *cadju* (semelhante ao jogo das berlindes americano) e juntava-se aos rapazes para jogar críquete, além de andar na bicicleta do irmão. Ruby adorava também trepar árvores — característica que os investigadores consideravam o traço mais masculino de todos — e gostava de assobiar. Tendia a ser agressiva nas discussões com os irmãos. E era também significativo o facto de não demonstrar qualquer interesse pela cozinha, normalmente considerada uma competência feminina.

Ruby nunca pediu à família que a tratasse pelos nomes da vida passada, mas insistia repetidamente para que lhe chamassem ‘irmão’ ou ‘filho’. A mãe acabou por ceder nesse ponto em 1968, mas os irmãos apenas lhe chamavam ‘irmão’ quando estavam zangados com ela.

A mudança de sexo de uma vida para outra parecia claramente confundir Ruby e ela chegou a dizer à mãe, numa ocasião, que quando morresse queria renascer novamente como rapaz.

Alternamos Entre os Sexos?

Nas regressões hipnóticas a aparentes vidas passadas, os sujeitos alternam frequentemente entre sexos e parecem aceitar essas mudanças sem surpresa nem embaraço. Se tais memórias são reais, fantasias mentais ou simples realização de desejos continua a ser uma questão em aberto.

Contudo, segundo o estudo científico de casos de vidas passadas — sobretudo com crianças nascidas com aparentes memórias de encarnações anteriores — a mudança de sexo de uma vida para outra é rara.

'Num total de cerca de 600 casos, diferenças de sexo entre as duas personalidades ocorreram apenas em cerca de 5 por cento', relata o Professor Ian Stevenson.

Observa ainda que a proporção destes casos de mudança de sexo varia enormemente de cultura para cultura, de forma que reflete com exatidão as respetivas crenças. Por exemplo, ocorre em metade dos casos que estudou entre os Kutchin (Athabaskan) dos Territórios do Noroeste canadiano, mas está totalmente ausente no Líbano, na Turquia e entre as tribos do sudeste do Alasca (os Tlingit) e da Colúmbia Britânica (os Haida, Tsimsyan e Gitksan).

Noutros locais, varia entre 28 por cento na Birmânia, 15 por cento nos Estados Unidos (fora de contextos tribais) e 13 por cento na Tailândia, descendo para 9 por cento no Sri Lanka e apenas 3 por cento na Índia. Porquê?

O Professor Stevenson oferece a seguinte explicação:

'Quando questiono informadores de países onde ocorrem casos de mudança de sexo, eles dizem-me que a mudança de sexo de uma vida para outra é possível; mas quando questiono informadores de culturas onde esses casos não ocorrem, dizem-me que é impossível… Em todas as culturas, exceto uma, onde existem casos de mudança de sexo, as raparigas que recordam vidas anteriores como homens surgem três vezes mais frequentemente… do que rapazes que recordam vidas anteriores como mulheres. Como esta proporção desequilibrada aparece de forma tão

consistente, quase poderia ser considerada uma das características "universais" destes casos, embora limitada às culturas onde ocorrem mudanças de sexo.'

Capítulo Quinze

VÍTIMAS DE GUERRA

A Amante do Nazi

A sueca Lena-Marie Broman lutava para encontrar palavras capazes de descrever o horror das suas memórias de vidas passadas enquanto discursava perante uma grande audiência na Noruega. A voz quebrava-se-lhe ocasionalmente pela emoção enquanto falava da atração que Viena sempre exercera sobre ela e também do poderoso impacto que sentira aos catorze anos quando viu o primeiro filme sobre a Segunda Guerra Mundial.

'Fui invadida por uma sensação terrível; quase desmaiei.'

Mas seria isso a repulsa natural que todos sentimos perante as atrocidades da guerra ou estaria ela perturbada por algum trauma profundamente enraizado?

Lena-Marie Broman só descobriria a resposta a essa pergunta em 1989, quando ela e o então marido percorriam uma pequena estrada na Suécia. A viagem tranquila foi interrompida quando passaram diante de um quartel militar e ela exclamou imediatamente: 'É ali!'

O marido, intrigado, perguntou-lhe o que queria dizer, mas Lena-Marie não conseguiu responder. Foi subitamente invadida por aquilo que pareciam ser flashbacks da sua vida anterior.

Mais tarde contou-me:

'Senti-me a entrar diretamente num túnel escuro e foi horrível. Vi imagens de mim própria a chegar em autocarros da Cruz Vermelha e soube que tinha morrido num campo de concentração. A princípio pensei que fosse Dachau, mas mais tarde descobri que era Buchenwald. Sabia que tinha dois filhos e que os perdera. Quando continuámos a conduzir mais uns cem metros, tirei um espelho porque chorava tanto que a maquilhagem escorria e queria recompor-me e pôr um pouco de rouge nas faces. Ao olhar para o espelho vi subitamente uma profunda cicatriz branca aqui na face.'

Mais tarde consultou um psicoterapeuta chamado Carl, que a fez regressar à vida passada e a ajudou a recordar alguns dos acontecimentos que emergiram durante aquela experiência impressionante. Depois Lena-Marie conheceu um anestesiologista, Goran Grip, que a ajudou a reconciliar-se com a vida passada.

Lentamente, através da hipnose, reconstruíram a história daquela vida dolorosa como Anna-Marie Kellerman, uma judia casada com um músico e mãe de dois filhos, Naima e Heinz. Mas ela era também amante do comandante Koch, vivendo em Buchenwald. À medida que as atrocidades nazis aumentavam, o filho e a filha foram-lhe retirados e, depois, ela própria sofreu às mãos dos alemães.

Numa visita a Viena, Lena-Marie chegou mesmo a localizar o apartamento onde vivera em tempos e produziu um desenho da loja do pai, que também conseguiu encontrar. Mas até que ponto esta informação constitui prova?

'Na verdade não temos procurado provas factuais', disse-me Goran Grip depois de descerem do palco da conferência organizada para discutir a reencarnação. 'Temos procurado experiências e confirmações dessas experiências, porque são mais significativas, tanto para mim como para Lena-Marie. Nenhum de nós necessita de provas factuais, embora tenhamos encontrado algumas.'

O importante para ambos é a transformação que ocorreu em Lena-Marie em resultado da emergência destas memórias.

Ela afirma agora:

'Em criança, não me sentia em casa com a minha família: sentia-me uma vítima e ainda hoje tenho dificuldades em lidar com isso. Isso afetou toda a minha vida desde o início. Fui vítima de muitas maneiras… mas já não sou. Morri com culpa pelos meus filhos e pelo meu marido. Mas agora sei lidar com isso. O tempo cura todas as feridas.'

Se aquilo que Lena-Marie Broman experienciou foi realmente resultado de ter sido vítima dos nazis numa vida passada, pensemos em quantas mais pessoas — os milhões exterminados no Holocausto — poderão ter renascido com cicatrizes psicológicas dessa terrível experiência.

Isto foi confirmado por outro orador presente na conferência da Noruega, o rabino Yonassan Gershom, homem animado e bem-disposto cujo livro *Beyond the Ashes* introduziu ideias e conceitos novos — e por vezes controversos — no debate sobre a reencarnação.

Misticismo Judaico e a Cabala

Antes de examinarmos as opiniões do rabino Gershom, eis a sua explicação sobre porque razão, sendo judeu, se sente confortável com a crença no renascimento:

'Muitas pessoas desconhecem que existem ensinamentos sobre reencarnação no misticismo judaico. A palavra hebraica é *gilgul*, que provém da mesma raiz da palavra "círculo": tem a ver com ciclos. Portanto, linguisticamente, é semelhante à ideia da roda do karma. Trata-se de um ensinamento que, em certa altura da nossa história, foi relativamente dominante; por exemplo, durante a Idade Média diria que a maioria dos judeus da Espanha muçulmana e do Norte de África, assim como do Irão e do Iraque — aquilo que hoje chamamos judeus sefarditas — acreditava na reencarnação.

Atualmente, no século XX, os judeus hassídicos, os judeus místicos da Europa de Leste — que constituem a minha origem — também acreditam na reencarnação. Portanto, existem ensinamentos judaicos sobre reencarnação, embora muitas pessoas do público em geral os desconheçam.'

Nascido na Califórnia e criado em Filadélfia, não estudara literatura sobre vidas passadas nem experimentara regressão quando teve o primeiro encontro com alguém que parecia ser uma vítima renascida do Holocausto.

Durante palestras em Minneapolis sobre misticismo judaico — a Cabala — reparou numa atraente mulher loira escandinava e acabou por convidá-la a integrar o grupo de estudo semanal que organizava em casa.

Numa noite houve uma tempestade de neve e cancelou a aula porque as estradas estariam escorregadias. Mas ela vivia relativamente perto e não recebeu a mensagem sobre o cancelamento. Assim, quando apareceu à porta de casa, o rabino Gershom disse-lhe:

'Bem, já que está aqui, entre, tome um café, aqueça-se, conversemos, jante connosco.'

Sentaram-se com um café e ele perguntou-lhe sobre o que gostaria de conversar. Para sua surpresa, ela respondeu: ‘o Holocausto’.

Descobriu então que a irmã, com quem vivia, estava a trabalhar num projeto universitário de investigação sobre o Holocausto e insistia constantemente: ‘Deixa-me ler-te este material.’ O que ouvia aterrorizava-a e queria falar sobre isso, mas não conseguia lidar emocionalmente com o tema.

Desde a infância, contou ao rabino Gershom, sentia um medo terrível sempre que alguém mencionava nazis ou o Holocausto e não conseguia compreender racionalmente porquê, já que crescera numa pequena cidade rural do Minnesota, no meio das pradarias. Não havia nazis ali. Na verdade, também não havia judeus.

Enquanto tentava explicar-lhe aqueles medos aparentemente irracionais, o rabino Gershom viveu algo extremamente invulgar. Antes de me contar o sucedido, contudo, fez questão de contextualizar:

‘Tenho sempre de dizer, neste ponto, que na tradição judaica não “testemunhamos” as nossas experiências espirituais. Existe muito pouca literatura judaica do tipo “eu tive uma visão”. Não é porque não tenhamos essas experiências; é porque é considerado muito egocêntrico andar a afirmar que se teve visões ou sonhos ou proclamar-se profeta… E digo isto porque aquilo que vou contar, culturalmente, é quase quebrar um tabu.

Enquanto estava sentado à mesa diante dela, vi outro rosto sobreposto ao dela, como numa dupla exposição fotográfica. Mas ambos eram rostos vivos — não era como uma fotografia estática — era como ver dois vídeos a correr simultaneamente um sobre o outro. O rosto dela era o de uma bela jovem de pele clara, olhos azuis magníficos e longos cabelos loiros, muito bem maquilhada e atraente como alguém que esperaríamos ver na capa de uma revista de glamour.

Sobre esse rosto, porém, aparecia um rosto extremamente magro, emaciado, esfomeado e sofrido, com a cabeça rapada e os olhos e boca encovados, como o de uma vítima de campo de concentração. As duas bocas moviam-se em simultâneo e, enquanto isto acontecia, ouvi uma melodia ao fundo e reconheci-a imediatamente. Era uma melodia proveniente do misticismo judaico, mas não algo amplamente conhecido —

não era como ouvir "Yankee Doodle" ao fundo — e ela quase de certeza nunca teria estado exposta a isso.'

'Então eu disse: "Olhe, isto pode parecer um pouco estranho, mas penso que descobri qualquer coisa. Gostaria de fazer uma experiência. Vou trautear uma melodia e ver se a reconhece." Ela concordou e então comecei a trautear. A melodia era assim...'

Os tons profundos e ricos da sua voz produziram uma melodia que hoje é muito mais conhecida em todo o mundo do que na época da experiência que ele relatava. A música pertence à tradição dos Breslover Hasidim e as palavras que a acompanham são de Maimónides:

'Creio com fé perfeita na vinda do Messias e, ainda que Ele tarde, continuarei a acreditar…'

O rabino Yonassan Gershom prossegue:

'Não é claro como começou, mas alguns judeus nos campos de concentração começaram a cantá-la como um cântico de fé. Hoje é conhecida como "o hino dos campos" e diz-se que os Breslover Hasidim a cantavam em desafio enquanto caminhavam para as câmaras de gás, sabendo que iam morrer.'

A canção foi entoada quando o Papa João Paulo II visitou a Sinagoga de Roma no final da década de 1980 e também foi utilizada por Steven Spielberg no seu poderoso filme sobre o Holocausto, Schindler's List. Ambos os acontecimentos ocorreram depois do encontro do rabino Gershom com a visitante loira.

Ao ouvir a canção, ela soltou um lamento de dor, começou a balançar-se para a frente e para trás. Segundo o rabino Gershom, ela:

'rebentou em lágrimas e começou a soluçar enquanto descrevia aquela cena do campo de concentração e dizia que tinha morrido ali. Houve uma catarse e falámos durante muito tempo sobre aquilo que ela vira e experimentara. Ela descrevia visões. Não era de todo uma coisa intelectual; entrou em histeria. Gritava e chorava, quase em transe, fitando o vazio e soluçando…

Era como se aquilo estivesse a acontecer naquele exato momento, ao ponto de eu lhe dizer: "Está segura, está tudo bem. Diga-me o que vê. Finja que é um filme", tentando fazê-la passar da experiência física para a

observação da cena. Havia tanta dor física e sofrimento que, quando alguém o revive como se estivesse realmente a acontecer, pode tornar-se extremamente assustador.'

Por fim, conseguiu afastar-se emocionalmente da experiência e descrever aquilo que via e sentia de forma mais objetiva. Segundo o rabino Gershom, este foi o início do processo de cura que lhe permitiu superar a sua 'fobia dos nazis'.

Este foi apenas o primeiro de mais de 200 casos com que o rabino Gershom se deparou e que documentou no seu livro (desde então descobriu muitos mais). Como muitos desses casos dizem respeito à forma como as pessoas morreram, a leitura nem sempre é agradável, mas o rabino Gershom argumenta que isso não só é justificável como necessário:

'Não insisto nestes detalhes por morbidez, mas para salientar que a conceção popular de "seis milhões de judeus nas câmaras de gás" não reflete as muitas maneiras pelas quais eles foram realmente mortos. Nem leva em conta as dezenas de milhares de judeus que morreram de fome, excesso de trabalho, doença, suicídio ou marchas forçadas. Os judeus foram baleados, esfaqueados, violados, enforcados, afogados, estripados, arrastados atrás de veículos, queimados, enterrados vivos e mortos em experiências médicas. Não podemos deixar de ficar horrorizados com a imaginação diabólica dos esquadrões de extermínio nazis, que pareciam nunca ficar sem novas formas de atormentar as suas vítimas.'

As Almas Mantêm a Sua Identidade Cultural?

Dois terços das vítimas dos nazis identificadas pelo rabino Gershom no início da sua investigação tinham renascido como não-judeus, facto que levou alguns jornalistas a usar essa estatística como base para especulações extravagantes — algo que o incomoda:

'Algumas pessoas pensam que, se os judeus reencarnam como não-judeus, isso prova que os judeus não possuem qualquer tipo de identidade que atravesse os séculos. É quase uma atitude subtilmente antissemita. Preciso de salientar que não são apenas os judeus, mas muitos outros povos tribais, que acreditam que a alma reencarnará na mesma aldeia, linhagem familiar ou cultura.'

Salienta também que a amostra na qual baseou o livro provinha sobretudo de uma região da América onde havia poucos judeus. Desde a publicação da obra, 'tenho encontrado centenas de pessoas que foram judias durante o Holocausto e são novamente judias nesta vida. Portanto, os meus números precisam de ser revistos.'

Mas admite que dificilmente surpreende que algumas vítimas dos nazis, sabendo que estavam a ser executadas apenas devido às suas feições claramente judaicas, tenham transportado para a vida seguinte um medo de ter cabelo escuro ou outra característica racial distintiva.

O rabino Gershom publicou entretanto uma continuação intitulada *From Ashes to Healing*, contendo 'quinze histórias verdadeiras' de encontros místicos relacionados com o Holocausto. Entre elas encontra-se a história de Lena-Marie Broman, contada com muito mais detalhe do que o tempo permitira na conferência da Noruega a que assisti. Nela, Lena-Marie revela que, pouco depois de consultar o psicoterapeuta Carl, o reconheceu como sendo o comandante do campo que acabara por enviar ela e os filhos para a morte. Tal como na vida passada, porém, ela e Carl tornaram-se amantes e trabalham atualmente juntos em Uppsala, na Suécia, ajudando outras pessoas a curarem-se.

O Holocausto e as Leis do Karma

Atrocidades como as perpetradas pelos nazis levantam questões importantes sobre a natureza do karma — a chamada lei espiritual de causa e efeito que supostamente leva em conta as nossas boas e más ações ao longo de muitas vidas. O Holocausto coloca-nos perante uma situação semelhante ao problema do ovo e da galinha, porque ao atribuir um acontecimento ao karma é necessário decidir quem é o perpetrador e quem é a vítima.

Como vimos no Capítulo Um, o Marechal-do-Ar da RAF Lord Dowding recebeu muitas reações indignadas quando declarou numa reunião pública:

'Tenho razões para supor que aqueles que semearam as sementes da crueldade abominável no tempo da Inquisição colheram a sua própria colheita em Belsen e Buchenwald.'

Entre aqueles que o repreenderam no animado debate jornalístico que se seguiu à sua declaração pública estava Hannen Swaffer, famoso jornalista inglês e firme crente na vida após a morte. Argumentou que, se Lord Dowding estivesse certo, então:

'teríamos sempre de possuir crueldade para que os torturadores viessem também a sofrer por sua vez. Porque haveríamos então de lutar pelo aperfeiçoamento humano? Porque procurar acabar com a guerra? Porque trabalhar por uma ordem social ideal? Se Dowding tem razão, somos vítimas de uma lei imutável de vingança à qual devemos submeter-nos. E, se ele tem razão, então Belsen e Buchenwald foram criados por Deus, de cujo propósito Hitler e Himmler foram instrumentos. Quase cinco milhões de judeus foram exterminados desde o início da guerra. Estariam todos eles a ser castigados por crimes cometidos numa existência anterior? Se assim fosse, então os antissemitas tinham razão. Não! Não! Não!'

Outro leitor, comentando a sugestão de que os próprios nazis seriam torturados numa vida futura, observou:

'Segue-se então que os outrora torturados, tendo-se tornado torturadores, necessitarão de voltar a ser torturados pelos seus torturadores originais. O que é absurdo.'

O rabino Yonassan Gershom é talvez a voz da sensatez neste debate sobre o karma:

'O que acontece quando há uma guerra e grandes quantidades de pessoas morrem de uma só vez, antes daquilo que eu chamaria o seu tempo normal de vida? Morrem crianças. Morrem em bombardeamentos. Morrem no campo de batalha. Quando isso acontece, penso que as coisas ficam um pouco desorganizadas…

Quando há guerra, todo o processo é perturbado de alguma forma e, por isso, acredito que algumas pessoas morrem demasiado cedo e deixam assuntos inacabados. Sentem necessidade de regressar. Essa é uma das razões pelas quais algumas pessoas regressaram como não-judeus. Além disso, não havia corpos suficientes para regressarem como judeus: não existiam seis milhões de mulheres judias grávidas, por isso agarraram o primeiro embrião disponível, independentemente da cultura ou da família a que pertencesse, e regressaram o mais rapidamente possível.'

O Piloto Alemão Reencarnado na Escócia

Não conheço quaisquer líderes nazis que tenham renascido. Talvez tenham reencarnado num refúgio seguro da América do Sul. Mas conheço o caso de um piloto de caça alemão que morreu aos comandos de um avião Dornier e renasceu na Escócia… acabando por ingressar na RAF.

Ken Llewelyn, que entrou para a RAF na década de 1960 e treinou como piloto, teve de abandonar a carreira quando descobriu que tinha medo de voar a grandes altitudes. Emigrou para a Austrália, onde se tornou responsável sénior de relações públicas da Real Força Aérea Australiana, e foi aí que participou numa sessão com uma médium que lhe transmitiu uma mensagem surpreendente explicando a sua fobia. Disse-lhe que tinha sido piloto da Luftwaffe alemã e que fora abatido sobre Inglaterra.

Numa visita posterior a Inglaterra, deslocou-se ao Arthur Findlay College, um centro espírita em Stansted, Essex, onde recebeu mais mensagens mediúnicas acerca da alegada vida passada. Entre elas estava a informação de que tinha sido decapitado no acidente e de que receberia informações de um familiar que seriam úteis.

Seguiu então para Newport, no País de Gales, onde o tio lhe contou que, enquanto estava de patrulha em Sheringham, nos pântanos de Norfolk, por volta de 1942, 'tinha recolhido o corpo sem cabeça de um piloto de Dornier ainda usando todas as insígnias e distintivos da Luftwaffe'.

Esta informação permitiu a Ken Llewelyn identificar o piloto como Friedrich Wilhelm Dorflinger. Um esclarecimento sobre a forma como o avião se despenhara surgiu quando Ken foi submetido a regressão hipnótica e reviveu o momento em que os controlos bloquearam, um dos motores se incendiou e ele ordenou à tripulação que saltasse de paraquedas.

O desfecho espantoso da sua busca de oito anos pela vida passada aconteceu quando Ken Llewelyn localizou Helmut Scrypezak — o homem que fora o seu co-piloto na vida anterior e o único sobrevivente do acidente — e os dois reencontraram-se. No seu livro *Flight Into the Ages*, escreve que, no final do encontro, 'abraçámo-nos os dois com lágrimas nos olhos'.

Capítulo Dezasseis

"EU VOU VOLTAR"

O Padre Reencarnado

Dona Marine ficou surpreendida ao ouvir uma voz masculina chamar pelo seu nome na sua casa vazia, no Brasil, e ao ver as cortinas moverem-se de forma estranha. Tinha a certeza de que ambas as experiências eram paranormais. E também tinha a certeza de reconhecer a voz. Pertencia ao Padre Jonathan, sacerdote que fora capelão da sua escola muitos anos antes e com quem desenvolvera uma relação intensa mas totalmente inocente, que continuara após os tempos de escola e mesmo depois do casamento dela. Essa ligação terminara apenas quando ele fora transferido para outra cidade e Dona começara a criar uma grande família. Mas porque razão, em 1972, tantos anos após a separação, ouvira subitamente a sua voz?

O que Dona Marine não poderia saber por meios normais era que, precisamente naquele dia, a 800 quilómetros dali, na cidade de Belo Horizonte, o Padre Jonathan sofrera um grave acidente rodoviário e encontrava-se no hospital em coma, do qual nunca recuperaria. Nessa noite teve um sonho em que o sacerdote aparecia, chamando-a pelo nome e estendendo-lhe os braços.

O que significaria aquilo?

Pouco tempo depois, a rádio local transmitiu a notícia da morte do popular sacerdote de quarenta e sete anos 'num acidente automóvel'. A atarefada dona de casa ficou naturalmente triste e intrigada com o facto de a estranha experiência e o sonho terem coincidido com a morte dele. Mas rapidamente afastou o assunto da mente enquanto lidava com as preocupações quotidianas.

Em 1980 houve mais um nascimento na família: um rapaz a quem chamou Kilden. Deu-lhe também um segundo nome — Alexandre — o nome que usava em privado quando falava com o Padre Jonathan.

Os primeiros anos da criança foram relativamente normais, exceto pelos sonhos invulgarmente agitados que parecia ter, acompanhados por pequenos fenómenos semelhantes a poltergeists. Mas então, quando tinha pouco mais de dois anos, começou a dizer coisas estranhas e perturbadoras.

Tudo começou quando a mãe o chamou pelo primeiro nome e recebeu como resposta:

'Eu não sou Kilden, parva. Sou Alexandre!'

Dona Marine interpretou isso como simples preferência da criança pelo segundo nome. Mas depressa percebeu que havia algo mais, porque ele acrescentou:

'Eu sou o padre. Sou Alexandre!'

Pouco depois do terceiro aniversário, enquanto a mãe lhe dava banho, perguntou-lhe de onde tinha vindo — algo que gostava de perguntar a todos os filhos ao longo dos anos.

'E onde foi que a mamã encontrou este menino querido?', perguntou ela.

A resposta de Kilden foi imediata e decidida:

'Eu estava na minha scooter e o camião veio e bateu-me. Caí e bati com a cabeça e morri. Fui para lá para baixo e… e encontraste outro eu.'

Dona Marine tentou esconder o espanto.

'Quando aconteceu tudo isso?', perguntou.

'Quando eu era Padre', respondeu ele sem hesitar.

Demonstrando uma compostura notável, bem como compreensão das necessidades da ciência, Dona Marine deixou imediatamente o filho meio enxugado em cima da cama e foi anotar palavra por palavra aquilo que ele acabara de dizer, enquanto ainda estava fresco na memória.

Tudo isto aconteceu oito anos depois da morte do Padre Jonathan. Mas Dona Marine ficou surpreendida pela referência de Kilden a uma scooter: a notícia da rádio sobre a morte do sacerdote dizia que fora resultado de um acidente automóvel. Dona Marine verificou junto da polícia e recebeu o relatório completo do acidente, no qual constava que o padre conduzia uma scooter no momento do desastre.

Outras informações relativas às suas memórias da vida como Padre Jonathan foram surgindo lentamente. Reconheceu espontaneamente fotografias da escola da mãe, declarando enquanto apontava para a imagem — e falando como se ainda fosse o Padre Jonathan:

'Eu estava aqui e a mamã estava ali em baixo.'

O som de uma canção popular de que o sacerdote gostava particularmente fazia-o rebentar em lágrimas. Identificou também dois nomes mencionados pela mãe. E falava frequentemente de 'quando eu era grande'.

Muitas das suas recordações relacionavam-se com a causa da morte na vida passada. Kilden mostrou sinais de pânico quando ouviu pela primeira vez a sirene de uma ambulância e, durante uma conversa familiar algo mórbida sobre qual seria a pior forma de morrer, insistiu que os acidentes eram a pior de todas. Enquanto dizia isso, estendia as mãos como se segurasse o guiador de uma mota.

Kilden ainda conservava algumas memórias da encarnação anterior aos treze anos, oferecendo uma descrição da sua saída da vida física extraordinariamente semelhante a numerosos relatos de experiências de quase-morte.

Ao ouvir os pais comentarem como teria sido para um amigo da família que morrera num acidente, Kilden interrompeu:

'É assim que acontece. A pessoa que sofreu o acidente chega e colocam-na numa sala cheia de aparelhos que os médicos ligam. Ligam os instrumentos à cabeça e ao peito e tentam salvar-lhe a vida. Depois a pessoa flutua para um canto do teto e observa os médicos a lutar para a salvar. Então aparece um grande buraco como um funil num canto da parede perto de mim [sic], tentando sugar-me…'

'Tu, ou a vítima do acidente?', perguntou a mãe, reparando na súbita mudança para a primeira pessoa. Ele pareceu confuso.

'Bem, suponho que era eu. Vi o meu corpo e os médicos a tentarem salvar-me.'

Os presentes discutiram então se Kilden teria visto algum filme dramatizando uma experiência de quase-morte e estaria apenas a reproduzir essa cena, mas o adolescente insistiu firmemente que não era esse o caso:

‘Quando és sugado através do buraco e ao longo do túnel, vês um clarão de luz muito forte no fim dele. Era tão brilhante que tive de desviar o olhar. Era mesmo muito brilhante e o buraco fechou-se atrás, junto à parede. Ao mesmo tempo, os médicos movem o ecrã de uma máquina que parou. Tinham parado todas…’

Um vizinho de Dona Marine escreveu a Hernani Guimarães Andrade, o principal investigador psíquico do país e fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, contando-lhe o que parecia ser um caso bem documentado de renascimento. Andrade, aliás, é também um dos correspondentes internacionais da minha revista. Ele deu seguimento ao assunto pedindo mais detalhes a Dona Marine e ficou tão impressionado com o relatório completo que ela lhe forneceu que conduziu imediatamente 800 quilómetros para a entrevistar pessoalmente.

Andrade, que examinou setenta e cinco casos de reencarnação no Brasil, considera este o melhor de todos e escreveu um livro sobre o caso: *Renasceu Por Amor*, disponível apenas em português.

O autor Guy Lyon Playfair, que fala a língua, fez uma recensão do livro para *Reincarnation International Magazine* e prestou homenagem à honestidade da principal testemunha, Dona Marine, que insistiu na utilização de pseudónimos para todas as personagens a fim de proteger a família e recusou qualquer tipo de pagamento. Houve também elogios aos rigorosos padrões de investigação de Andrade, cujo trabalho Playfair destacou nos seus próprios livros, *The Flying Cow* e *The Indefinite Boundary*.

Playfair conclui:

‘Raramente encontrei um caso tão persuasivo em qualquer área da investigação psíquica como aquele descrito neste livro absorvente e invulgar, que é simultaneamente uma fascinante história humana e um exemplo notável de investigação de campo.’

“Sonhos Anunciadores”

Uma interpretação do sonho vívido de Dona Marine no dia em que o Padre Jonathan sofreu o acidente fatal é que ele estaria a anunciar a intenção de regressar até ela, ou de restabelecer a relação que tinham, e que o fez renascendo como seu filho. Isto pode parecer rebuscado, mas sonhos

e outros tipos de premonições são surpreendentemente comuns em casos de renascimento.

Na verdade, algumas culturas adotam a crença nos chamados ‘sonhos anunciadores’, nos quais o indivíduo aparece para revelar a intenção de reencarnar.

O Marido Reencarnado

Um exemplo desse tipo, vindo da Índia, diz respeito a um jovem que morreu de cólera aos dezanove anos, quando a esposa estava grávida de dois meses. Pouco depois, Mamd Nandan Sayay apareceu à mulher num sonho vívido e disse-lhe que renasceria como seu filho. Como prova, acrescentou que teria uma cicatriz na cabeça e recusaria o leite materno.

Exatamente como previsto, ela deu à luz um rapaz que possuía uma cicatriz de cerca de 2,5 centímetros na parte posterior da cabeça e recusava mamar. A confirmação tornou-se ainda mais forte quando ele tinha cinco anos. Bastante perplexo com a situação em que se encontrava, confidenciou à mãe que era o marido dela e que os seus avós eram, na verdade, os seus pais.

O Filho Reencarnado

Um casal inglês que perdeu o primeiro filho enquanto vivia na Malásia ficou convencido de que ele lhes tinha renascido. A mãe, que viajara para lá como esposa de um engenheiro, deu à luz Philip Pryce Smith em Outubro de 1920, mas ele morreu um mês após completar cinco anos, vítima de disenteria.

O pai enviou a esposa, devastada pela dor, num cruzeiro até à Birmânia para ajudá-la a lidar com o luto, e ela passou grande parte do tempo a chorar e a rezar. Então teve um sonho no qual Philip lhe colocou os braços em volta do pescoço e disse:

‘Vou voltar para ti, mamã.’

Catorze semanas após a morte dele teve outro sonho, no qual Philip dizia que regressaria ‘dois meses depois do Natal, mamã’.

Em Fevereiro de 1927 deu à luz um rapaz a quem, sem surpresa, voltou a dar o nome Philip. E foi erguida uma pedra tumular sobre a sepultura do primeiro Philip com a seguinte inscrição:

‘Para a Glória de Deus e em doce memória do nosso querido filho, Philip Pryce Smith. Nascido a 22 de Outubro de 1920. Falecido a 22 de Novembro de 1925. Renascido a 23 de Fevereiro de 1927. “Deus move-se de forma misteriosa para realizar as Suas maravilhas.”’

A Vítima de Homicídio Reencarnada

Não houve qualquer sonho anunciador para alertar os pais de Malik Unlutaskiran de que o filho seria a reencarnação de outra pessoa. Mas, dois dias após o nascimento em Adana, Turquia, a mãe teve um sonho extremamente intenso no qual o recém-nascido insistia que o seu nome fosse mudado de Malik para Necip.

Os pais teriam obedecido ao pedido, não fosse já existir um Necip na família e a superstição local considerar que repetir nomes trazia azar. Em vez disso, alteraram o nome para Necati.

Assim que começou a falar, Necati começou a descrever acontecimentos da vida anterior, usando termos, palavras e nomes desconhecidos para a família. Depois contou o ataque que terminara a sua encarnação anterior, quando fora Necip Budak.

Nessa vida, afirmava, era casado com Zehra e tivera vários filhos. Mas discutira com o seu melhor amigo, Ahmed Renkli, por um motivo trivial e fora golpeado repetidamente durante a disputa. Tombara no chão numa poça de sangue e morrera.

A maioria destas afirmações foi posteriormente corroborada e, quando foi levado à casa de Necip Budak, identificou a viúva e nomeou corretamente os filhos — excepto a mais nova, uma filha, que nascera após a morte do pai. Chegou mesmo a apontar para um local na coxa da viúva onde disse tê-la ferido com uma faca durante uma discussão.

A Filha Que Voltou

Nem todas as previsões de renascimento surgem através de sonhos. Por exemplo, a esposa do Capitão Florindo Batista teve uma visão em estado de vigília em Agosto de 1905 na qual viu a filha, Blanche, morta três anos antes.

‘Mamã, estou a voltar’, anunciou.

Naquele momento, Madame Batista estava grávida de dois meses. Quando deu à luz outra filha chamou-lhe também Blanche.

Durante a breve vida, a primeira Blanche tivera uma ama suíça, Maria, que lhe cantava uma canção de embalar francesa. Depois da morte da menina, a música foi proibida em casa devido às dolorosas recordações associadas a ela — mas a segunda Blanche começou subitamente a cantá-la… com sotaque francês.

Quando a mãe lhe perguntou quem lhe ensinara aquela canção, respondeu:

'Eu já a conheço sozinha.'

A Mulher "Estéril" Que Teve Gémeas

Um caso semelhante, de Palermo, na Sicília, diz respeito à filha do médico Carmelo Samona. Alexandrina Samona morrera de meningite em 15 de Março de 1910 e, após um aborto anterior e uma operação, acreditava-se que Mrs. Samona não podia voltar a engravidar.

Contudo, três dias depois da morte de Alexandrina, aos cinco anos de idade, ela apareceu num sonho à mãe e pediu-lhe que deixasse de chorar.

'Não vos deixei para sempre', disse, acrescentando: 'Voltarei outra vez, pequenina.'

Isto perturbou profundamente a mãe, sobretudo porque o sonho se repetiu três dias depois e foi acompanhado por um fenómeno estranho: três fortes pancadas na porta da sala, apesar de não haver ninguém ali.

Amigos incentivaram Mrs. Samona a participar numa sessão espírita onde recebeu aquilo que pareciam ser mensagens da filha morta confirmando a intenção de renascer da mãe antes do Natal e reivindicando igualmente a autoria das pancadas na porta. Mais ainda: a criança revelou que 'há ainda outra dentro de ti', indicando que outro espírito planeava renascer ao mesmo tempo, como sua irmã.

Tudo isto aconteceu quando Mrs. Samona acreditava ser impossível voltar a ter filhos e encarava grande parte do que sucedia como ilusão ou engano. Acima de tudo, dado o seu delicado estado de saúde relativamente à gravidez, parecia altamente improvável que pudesse dar à luz uma

criança — quanto mais gémeas — sobretudo não havendo qualquer histórico de gémeos na família.

No entanto, a 22 de Novembro de 1910, Mrs. Samona deu à luz duas meninas gémeas, uma das quais recebeu o nome Alexandrina e a outra Maria-Pace. Mais extraordinário ainda: a segunda Alexandrina apresentava semelhanças marcantes com a irmã falecida, incluindo veias dilatadas no olho esquerdo — hiperemia — e uma protuberância atrás da orelha direita.

O Dr. Samona escreveu um longo relato acerca destas e de outras semelhanças entre as duas Alexandrinas, sendo uma das mais espantosas relacionada com memórias da vida anterior. Vale a pena reproduzir um episódio nas próprias palavras do pai, relativo ao momento em que a segunda Alexandrina tinha dez anos:

'Há dois anos estávamos a falar às nossas filhas gémeas de uma excursão planeada a Monreale [onde] existe um exemplo da mais bela igreja normanda ainda existente.

Falando desse projeto, a minha esposa comentou com as crianças: "Quando forem a Monreale verão coisas como nunca viram antes."

Nesse momento Alexandrina interrompeu:

"Mas, mamã, eu conheço Monreale, já lá estive."

A minha esposa comentou comigo que a criança nunca tinha sido levada àquele local, ao que ela respondeu imediatamente:

"Oh sim, fui lá. Não se lembram de que havia uma grande igreja com uma estátua enorme de um homem, com os braços abertos, no telhado? E não se lembram de que fomos lá com uma senhora que tinha cornos e encontrámos uns pequenos padres vermelhos na cidade?"

Subitamente, a minha esposa lembrou-se de que a última vez que estivera em Monreale tinha ido com a pequena Alexandrina alguns meses antes da morte dela e de que tinham levado consigo uma senhora conhecida vinda do campo para uma consulta médica em Palermo, pois sofria de deformações na testa; e também de que, precisamente quando iam entrar na igreja, tinham encontrado um grupo de jovens padres gregos usando túnicas azuis decoradas com ornamentos vermelhos. Também nos recordámos de que todos estes detalhes tinham causado profunda impressão na nossa pequena filha.'

Promessas de Reencarnação

Ainda mais espantosos pelas implicações que contêm são os casos em que indivíduos prometem reencarnar antes de morrer, sugerindo que, de algum modo, podemos governar como e onde renascemos.

As Duas Marias

Maria Januaria de Oliveiro — conhecida familiarmente como Sinhai — apaixonou-se por dois homens, ambos rejeitados pelo pai dela. Um deles suicidou-se. Sinhai mergulhou numa depressão e acabou fisicamente doente, altura em que disse a uma amiga da família, Ida Lorenz, que estava frustrada com a vida e queria morrer.

Declarou que queria renascer como filha de Ida e provaria a sua reencarnação falando da vida anterior.

Morreu aos vinte e oito anos no dia seguinte mas parece ter renascido, exatamente como prometera, na família Lorenz, no Rio Grande do Sul, Brasil. Recebeu o nome Maria.

À medida que crescia falava da vida anterior, fornecendo o antigo nome e muitas outras informações. Na verdade, o pai dela, professor, interessou-se vivamente pelas memórias e registou que fizera 120 declarações distintas e reconhecera muitas pessoas conhecidas de Sinhai.

Grande parte do que contava aos pais era desconhecido para eles e precisou de ser corroborado por terceiros. Os Lorenz, ao que parece, tiveram uma quantidade invulgar de experiências relacionadas com reencarnação, como os leitores já terão percebido no Capítulo Quatro.

O Homem Reencarnado Como Filho da Própria Sobrinha

Do Alasca chega o caso de Victor Vincent, um velho pescador Tlingit, que disse à sobrinha, Mrs. Corliss Chotkin Sr., que depois da morte renasceria como filho dela. Acrescentou que ela o reconheceria através de duas cicatrizes resultantes de pequenas operações — uma junto à cana do nariz e outra nas costas — que esperava trazer sob a forma de marcas de nascença quando reencarnasse.

Cerca de dezoito meses após a morte dele, na Primavera de 1946, ela deu à luz um menino batizado com o nome do pai. Não só Corliss Chotkin Jr. apresentava duas marcas de nascença exatamente nos locais indicados

por Victor Vincent, como aos treze meses, quando a mãe tentava fazê-lo repetir o próprio nome, respondeu:

‘Não sabes quem eu sou? Sou Kahkody.’

Esse era o nome tribal de Victor.

Mais tarde reconheceu várias pessoas conhecidas de Victor Vincent e forneceu outras informações que ajudaram a corroborar o caso.

O Homem Reencarnado Como o Próprio Neto

Uma história impressionantemente semelhante da mesma região do mundo envolve outro pescador do Alasca, William George, que dizia ao filho Reginald que desejava reencarnar após a morte.

‘Escuta-me com atenção’, dizia-lhe. ‘Se houver alguma verdade nesta ideia do renascimento — renascimento neste mundo — eu voltarei e serei teu filho.’

Quando o filho lhe perguntou como o reconheceria, William George respondeu que teria duas verrugas salientes — uma no ombro esquerdo e outra no antebraço — exatamente como tinha naquela vida. Também entregou um relógio ao filho, dizendo:

‘Guarda isto para mim.’

Reginald entregou o relógio à esposa Susan para o guardar em segurança, e ela colocou-o na caixa de joias. Poucos dias depois, William George partiu numa expedição de pesca da qual nunca regressou.

Quase exatamente nove meses mais tarde, a 5 de Maio de 1950, Susan George deu à luz um rapaz com duas verrugas proeminentes precisamente nos locais previstos pelo avô. O menino recebeu o nome William George II.

À medida que crescia demonstrou muitas semelhanças notáveis com o pai do próprio pai, algumas impossíveis de explicar geneticamente. Tratava a irmã do avô como se fosse sua irmã e dirigia-se aos irmãos e irmã do pai como seus ‘filhos’ e ‘filhas’.

E certa vez, ao olhar para a caixa de joias da mãe, viu o relógio deixado à guarda do filho Reginald.

‘Este é o meu relógio!’, insistiu.

Com o passar do tempo, dizem-nos, William George II acabou por aceitar o facto de aparentemente ser o próprio avô.

Capítulo Dezassete

CONFRONTADOS PELOS SEUS ASSASSINOS

A Sogra Assassinada

Assustada com a visão de uma mulher que nunca tinha visto antes, Sunita Singh correu para junto da avó declarando:

'Ela vai matar-me outra vez.'

Na verdade, Sunita ficou tão aterrorizada com a mulher que a avó não teve alternativa senão abandonar a reunião onde estavam e levá-la de volta para casa. Mais tarde tornou-se claro que a mulher que a assustara era a nora da pessoa que Sunita afirmava ter sido na vida passada.

Esta história de uma vítima aparentemente confrontada com a sua assassina é relatada pela investigadora indiana Dr.ª Satwant Pasricha no livro *Claims of Reincarnation*. E, talvez porque tantas vidas passadas recordadas parecem ter terminado violentamente, está longe de ser um caso único.

Sunita Singh era filha única, vivia numa aldeia do distrito de Mainpuri, Uttar Pradesh, e tinha apenas dois anos e meio quando a avó a levou a um encontro numa aldeia vizinha. Nessa altura já dissera aos pais que tinha sido assassinada. Mas a visão da mulher que acusava do crime parece ter desencadeado as memórias da vida passada e, além de demonstrar medo imediato de voltar a ser morta, Sunita começou também a fornecer mais informações sobre a encarnação anterior.

Afirmava que a antiga nora contratara ‘goondas’ (bandidos) para a matar. Sunita chegou mesmo a descrever a tentativa desesperada de fugir deles.

O caso de Sunita Singh fornece-nos apenas seis afirmações verificáveis, mas a Dr.ª Pasricha conseguiu confirmar que uma mulher chamada Ram Dulari fora assassinada em Março de 1961 numa aldeia situada a cerca de dois quilómetros dali e que a autópsia mostrara que fora esfaqueada até à morte, exatamente como Sunita afirmara. O corpo fora cremado imediatamente após a autópsia.

Sunita só nasceu em 1967, seis anos após o homicídio, e os pais desencorajavam-na de falar sobre as memórias da vida anterior, em parte por receio de a perderem, segundo nos é dito, e também porque temiam que, se ela o fizesse, a assassina da vida passada pudesse atacar novamente.

Ao longo da infância, aparentemente, Sunita desenvolvia febre sempre que via a mulher que acusava de lhe ter tirado a vida na encarnação anterior. Tinha também uma fobia de facas e da escuridão.

O Jovem Herdeiro Que Desapareceu

Ravi Shankar Gupta foi muito mais aberto acerca do seu assassínio. Entre os dois e os três anos contou aos pais detalhes da vida anterior, fornecendo o nome do pai, a profissão dele, os nomes dos assassinos, o local do crime e outros pormenores da vida e morte de Munna Prasad, pessoa que afirmava ter sido.

Mais tarde, sempre que via os dois homens que identificara como seus assassinos, era tomado pelo medo.

Munna, cujo pai, Jageshwar Prasad, era barbeiro em Kanauj, cidade do distrito de Chhipatti, Uttar Pradesh, Índia, tinha apenas seis anos quando foi atraído para longe do local onde brincava e brutalmente assassinado com uma faca ou navalha.

Os alegados assassinos eram vizinhos — Jawahar, também barbeiro, e Chaturi, lavadeiro — que tinham sido vistos com Munna no dia do desaparecimento. Chaturi confessou posteriormente o crime e a cabeça mutilada e separada do corpo do rapaz, bem como algumas roupas, acabaram por ser encontradas. Contudo, depois de ser formalmente acusado

do homicídio, Chaturi retirou a confissão e, não existindo testemunhas do crime, o caso desmoronou-se e ambos os homens foram libertados.

O motivo alegado seria privar Jageshwar Prasad de um herdeiro, para que um dos homens, seu parente, pudesse herdar a propriedade.

Ravi Shankar Gupta nasceu em Julho de 1951, seis meses após a morte de Munna, e começou por revelar aos pais as memórias da vida passada pedindo brinquedos que dizia estarem na sua 'outra casa'.

Entre aqueles que testemunharam as suas declarações acerca da existência anterior — especialmente sobre o homicídio — estava o professor da escola, que ouvira essas afirmações antes de Ravi Shankar completar seis anos.

Por fim, a notícia chegou ao pai de Munna, que visitou a casa da família Gupta, causando grande irritação ao pai de Ravi Shankar, que considerava aquilo uma intrusão e receava igualmente que tentassem levar-lhe o filho. Recusou-se a falar com o visitante ou a permitir que Ravi Shankar o fizesse.

Mais tarde, porém, a mãe autorizou um encontro entre ambos, durante o qual o rapaz foi capaz de relatar o homicídio de forma muito próxima daquilo que o pai da criança assassinada conseguira reconstruir a partir da confissão retratada de Chaturi e da sua própria observação do local do crime e do corpo mutilado.

Ainda assim, o pai de Ravi Shankar recusou cooperar, bateu violentamente no filho para o impedir de falar da vida passada e chegou mesmo a enviá-lo para fora do distrito durante mais de um ano.

Na verdade, o relato detalhado que Ravi Shankar Gupta fazia do assassínio de Munna Prasad e a identificação dos alegados assassinos impressionaram tanto o pai de Munna que este quis reabrir o processo judicial contra os homens. Eles tinham sido libertados cinco anos antes devido à falta de testemunhas do crime.

Mas o desejo do pai de ver justiça feita foi frustrado, quer porque demasiado tempo já se passara desde o homicídio, quer porque o testemunho do filho não seria aceite em tribunal.

No caso de Ravi Shankar Gupta encontramos também uma forte — e dadas as circunstâncias, nada surpreendente — fobia de barbeiros. E muito

depois de as memórias da vida como Munna terem desaparecido por completo, como frequentemente acontece com o passar dos anos, ele continuava a sentir medo dos dois alegados assassinos, embora já não conseguisse recordar a origem desse medo.

Perdoado Mas Não Esquecido

Nem todas as vítimas demonstram medo. Gopal Gupta, filho de um gerente de posto de gasolina em Deli, nascido em Agosto de 1956, parece ter adotado uma atitude de perdão — talvez porque o assassino tivesse sido seu irmão na vida passada.

O relato de Gopal sobre a encarnação anterior surgiu num extraordinário acesso de raiva pouco depois de começar a falar.

A família Gupta recebia uma visita e Gopal ofereceu ao convidado um copo de água. Porém, quando lhe pediram que retirasse o copo usado, recusou-se categoricamente, dizendo:

'Eu não vou pegar nisso. Eu sou um Sharma.'

Depois começou uma birra, partindo vários outros copos pelo caminho.

Os Gupta pertenciam à casta Bania, situada abaixo dos Sharma, subcasta dos Brâmanes. Porque motivo Gopal acreditava ser um Sharma e o que provocara aquele comportamento rude?

Os pais exigiram uma explicação. Para espanto deles, Gopal deu uma descrição longa e detalhada.

Disse que tinha outro pai em Mathura e também dois irmãos, um dos quais lhe dera um tiro. Possuíra uma empresa farmacêutica e até forneceu o nome dela: Sukh Shancharak.

Na vida que descrevia tinha uma grande casa com muitos criados encarregues de recolher pratos e utensílios usados. Acrescentou que discutira com a esposa.

Depois de ouvirem aquela história inacreditável, a mãe de Gopal quis pôr fim ao assunto. O pai mostrou-se em grande parte indiferente, mas comentou as afirmações do filho com outras pessoas, sendo obtida confirmação de algumas das declarações.

Então o diretor comercial da empresa Sukh Shancharak, fabricante de medicamentos em Mathura, ouviu falar das memórias de Gopal e ficou impressionado, porque elas pareciam corresponder de forma extraordinária à vida do seu antigo patrão, Shaktipal Sharma.

A empresa fora fundada por Kshetrapal Sharma, que se tornara milionário e deixara depois o negócio a dois dos três filhos, Vishwapal e Shaktipal. Não gostava do filho mais novo, Brijendrapal, em parte porque este casara com uma cristã, e por isso excluiu-o da herança farmacêutica.

Shaktipal considerou isso injusto e permitiu que Brijendrapal participasse no negócio, criando um sistema em que o cargo de gerente rodava entre os três irmãos.

Com o tempo, porém, o irmão mais novo começou a exigir uma parte maior dos lucros e os irmãos suspeitavam também de fraude durante o período em que ele gerira a empresa. As discussões subsequentes afetaram toda a família e repercutiram-se na vida doméstica.

Por fim, ao que parece, Shaktipal decidiu 'comprar' a paz com o irmão. As esposas na Índia controlam frequentemente somas consideráveis da fortuna familiar e, por isso, pediu à mulher, Subhadra Devi, que fornecesse o dinheiro. Ela recusou, e isso parece ter agravado ainda mais a situação.

A hostilidade de Brijendrapal para com os irmãos atingiu o auge em 24 de Maio de 1948, quando entrou nos escritórios da empresa Sukh Shancharak e, após uma breve discussão, disparou contra eles. Shaktipal foi atingido no peito por uma das balas e morreu no hospital três dias depois.

O irmão que o matou foi condenado pelo homicídio e sentenciado a prisão perpétua.

Na altura em que o pequeno Gopal Gupta recordava a vida como Shaktipal Sharma, Brijendrapal já fora libertado por motivos de saúde, e os seus caminhos acabariam por cruzar-se.

Antes disso, porém, a viúva do morto, acompanhada por uma irmã e pelo filho desta, visitara Deli, onde Gopal os reconheceu. O irmão mais velho, Vishwapal, e a esposa Satyawati também foram reconhecidos noutra visita.

Embora Gopal aparentemente não tenha conseguido reconhecer claramente Chandra Kumari Devi Shastri, uma das irmãs de Shaktipal, ela e o marido convidaram a criança e a família para o casamento do filho, um ou dois meses depois.

Foi na receção do casamento que Gopal viu o seu assassino — o irmão mais novo da vida passada.

Tentou chamar a atenção do pai fazendo sinais, mas S.P. Gupta estava absorvido numa conversa e não lhe prestou atenção. No entanto, a esposa de Vishwapal Sharma testemunhou mais tarde que presenciara a reacção de Gopal e o ouvira dizer ao pai:

'Aquele homem disfarçado disparou sobre mim.'

Ele identificara corretamente Brijendrapal, que agora usava barba (o 'disfarce'). No caminho de regresso a casa após o casamento, Gopal perguntou ao pai:

'Papá, viste o meu irmão?'

Quando o pai respondeu que não, o rapaz disse que o apontara, acrescentando:

'Papá — ele parecia um ladrão — culpado.'

Considerou-se que isso era uma referência à crença de que Brijendrapal também roubara dinheiro da empresa antes do homicídio.

Depois disso, o rapaz mostrou vontade de evitar encontrar-se com o assassino, mas não demonstrou medo nem desejo de vingança. Parecia disposto a perdoar, mas não a esquecer.

Numa visita a Mathura, Gopal percorreu a casa onde Shaktipal vivera, identificando-a corretamente como sua.

'Esta é a minha sala', declarou.

Depois:

'Este é o meu quarto.'

Foi repreendido por tocar num piano da casa, mas respondeu energicamente:

'Porque não hei de tocar? Pertence-me.'

Gopal conseguiu também conduzir o caminho desde o Templo Dwarkadish, em Mathura, até aos escritórios da empresa Sukh Shancharak. O pai tentou testar os conhecimentos da vida passada procurando induzi-lo em erro, mas recebeu uma resposta severa:

'Não me trate como uma criança. Eu sei o caminho.'

Nas instalações da empresa farmacêutica foi igualmente capaz de identificar corretamente o local onde ocorreram o crime e a presença do assassino.

Um dos episódios mais reveladores das memórias de Gopal diz respeito à discussão de Shaktipal com a esposa sobre o dinheiro pedido para Brijendrapal. A recusa dela agravara a situação e é provável que, enquanto reencarnação de Shaktipal, Gopal a considerasse parcialmente responsável pela morte na vida anterior.

Seja qual for o motivo, quando Gopal encontrou pela primeira vez a viúva de Shaktipal, Subhadra Devi Sharma, recusou-se a reconhecê-la, dizendo:

'Eu não tenho esposa.'

Só depois de ela sair admitiu:

'Ela era a minha esposa.'

Quando lhe perguntaram porque não o dissera na altura, explicou que estava zangado porque lhe pedira dinheiro e ela não lho dera.

Quando soube desta afirmação feita pelo jovem rapaz, Subhadra Devi Sharma desmaiou.

Apesar da natureza profundamente pessoal daquela disputa, o irmão mais velho Vishwapal autorizou a publicação do episódio devido ao seu valor probatório. Ninguém fora da família poderia conhecê-lo.

A falta de afeto de Gopal pela esposa de Shaktipal era também totalmente coerente com o carácter da relação, pois o casamento não fora feliz e os problemas com o irmão mais novo tinham claramente agravado a situação.

Gopal impressionou quase todos os membros da família Sharma com o conhecimento que demonstrava acerca da vida e morte de Shaktipal. Na

verdade, foi capaz até de reconhecer Shaktipal em certas fotografias nas quais o rosto estava oculto, porque se recordava do momento em que as fotografias tinham sido tiradas.

Isto, juntamente com outras provas, levou alguns membros da família às lágrimas. Com o passar do tempo, a irmã mais velha de Shaktipal começou a chamar-lhe 'Shakti', e Vishwapal ficou igualmente convencido.

Ao que parece, ninguém perguntou ao assassino qual era a sua opinião.

O Agricultor Reencarnado Que Nomeou o Assassino

Um homicídio sensacional na Turquia constitui o ponto de partida macabro do próximo caso, que embora não envolva um encontro entre vítima e assassino, apresenta características fascinantes e únicas.

Um próspero agricultor de legumes, Abit Suzulmus, foi chamado para fora de casa no distrito de Bey, em Adana, em 31 de Janeiro de 1957, por um empregado que alegava que um dos animais estava doente.

Dirigiram-se ao estábulo, onde Abit, no auge da vida, foi atingido na cabeça com um pesado martelo de ferreiro e quase certamente morreu instantaneamente.

Algum tempo depois, a segunda esposa, Sehide, grávida de forma avançada, saiu à procura do marido e foi morta da mesma maneira. Os assassinos roubaram algumas joias do corpo dela.

Os dois filhos mais novos do casal, Zihni e Ismet, foram assassinados nessa mesma noite quando os atacantes se deslocaram à casa da família Suzulmus para a assaltar. Três outras crianças conseguiram escapar-lhes.

Oito meses depois, a 30 de Setembro, Mehmet Altinkilic e a esposa Nebihe receberam mais um filho na já numerosa família — tinham dezoito filhos ao todo — quando nasceu Ismail.

Em menos de dezoito meses, quando mal sabia andar e falar, a criança começou a falar da vida como Abit Suzulmus. Tudo começou quando foi chamado pelo nome mas negou ser Ismail.

'Eu sou Abit', disse ao pai.

(A partir desse momento recusou responder a qualquer outro nome — o pai chegou a matriculá-lo na escola com esse nome e acabou mesmo por alterá-lo oficialmente.)

‘Tenho duas esposas. Uma chama-se Hatice e a outra Sehide.’

Perguntaram-lhe se tinha filhos.

‘Sim, papá, sim, sim. Gulseren, Zeki e Kikmet.’

Curiosamente, eram precisamente os que tinham sobrevivido ao terrível homicídio.

Mais tarde nomeou os outros dois filhos e declarou corretamente que também tinham sido assassinados.

A pequena criança acrescentou então que lhe deviam dinheiro e forneceu os nomes de três pessoas, dizendo ainda, após se queixar da pobreza da família Suzulmus, que esperava que pagassem as dívidas.

Na verdade, com base nas memórias de Ismail, dois dos devedores de Abit reconheceram a dívida para com a família Suzulmus e Ismail admitiu igualmente que Abit também devia dinheiro a alguém.

Mas foi a descrição do homicídio que se revelou extraordinária.

Nomeou o homem que o matara — Ramazan — e contou que fora chamado para fora de casa com o pretexto de examinar um animal coxo, sendo depois atingido na cabeça com um martelo.

Sabia igualmente que a segunda esposa, em trabalho de parto, fora assassinada, bem como dois filhos.

Como em muitos casos semelhantes, a ‘outra’ família ouviu falar da alegação e vários membros visitaram a criança por curiosidade e desejo de testar os conhecimentos dela.

Ismail foi também levado ao local onde Abit Suzulmus vivera e conseguiu identificar qual das duas casas (uma para cada esposa) fora o cenário do ataque.

O resultado desses encontros foi que dois dos filhos sobreviventes, Zeki e Kikmet — a quem correu para abraçar e beijar mal os viu pela primeira vez — aceitaram que Ismail era a reencarnação do pai.

Hatice Suzulmus, primeira esposa de Abit, com quem não conseguira ter filhos (daí a decisão de tomar uma segunda esposa), também aceitou Ismail como o marido reencarnado.

O investigador R. Bayer testemunhou o encontro entre Hatice e o seu aparentemente reencarnado marido. Quando ela tomou Ismail nos braços, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e Bayer reparou que as lágrimas também escorriam pelo rosto da criança.

De muitas formas, essas emoções eram tão convincentes quanto quaisquer palavras. Ambos aceitaram que Abit Suzulmus renascera.

A história tomou então um rumo inesperado.

Quase exatamente um ano após o nascimento de Ismail, o latoeiro de Adana Kerim Bayri e a esposa Cemile tiveram uma filha chamada Cevriye.

Quando tinha apenas um ano começou a falar da vida que recordava — como Sehide Suzulmus, a jovem esposa de Abit, uma das vítimas do quadruplo homicídio.

Na verdade, a primeira palavra que tentou pronunciar soava como ‘Azu’, acabando por evoluir para ‘Ramazan matou’.

Também deu uma descrição gráfica dos acontecimentos que antecederam o assassínio, dizendo que os assassinos lhe tinham roubado o colar. Acrescentou que o bebé que esperava nascera depois da sua morte — confirmação disso surgiu quando o túmulo foi posteriormente aberto e se verificou que o bebé se encontrava parcialmente projetado para fora do útero da mulher morta.

Cevriye pediu igualmente à família que a chamasse Sehide, mas encontrou maior resistência do que Ismail.

Tal como no caso de Ismail, a notícia do aparente renascimento de Sehide na forma de Cevriye Bayri chegou rapidamente às famílias Suzulmus e Altinkilic.

Não só a família de Abit Suzulmus conheceu a criança, como Zeki e Kikmet declararam acreditar que ela era a reencarnação da mãe.

Depois Abit e Sehide, nos corpos de Ismail e Cevriye, encontraram-se também e conversaram sobre a vida em comum e sobre as memórias do último e brutal dia da existência anterior.

Encontraram-se várias vezes e trocaram presentes, e Ismail chegou mesmo a manifestar o desejo (aos dez anos) de casar novamente com ela quando fossem mais velhos.

Era um projeto que ainda o entusiasmava aos dezasseis anos — mas Cevriye (então com quinze) parecia menos interessada. Sentia-se agora embaraçada em falar das memórias da vida passada, pelo motivo perfeitamente compreensível de considerar impróprio para uma rapariga solteira afirmar que tivera marido.

Cinco pessoas foram detidas pelos crimes. Duas foram libertadas, uma foi enviada para a prisão e duas — Ramazan e Mustafa — foram enforcadas após um julgamento demorado, altura em que Ismail já falava da vida como Abit Suzulmus. Embora, na vida como Ismail, nunca tivesse encontrado Ramazan, quando chegou à casa da família Altinkilic a notícia de que ele fora executado, o rapazinho bateu palmas de alegria.

O Assassino Que Pediu Para Conhecer a Vítima Reencarnada

O caso mais extraordinário de todos, na minha opinião, diz respeito a Reena Gupta, que ainda não tinha dois anos quando disse à avó, em Nova Deli:

‘Eu tenho gharwala [marido]. O meu gharwala era um homem muito mau. Ele matou-me.’

Continuou a falar dos seus quatro filhos e a criticar a comida da mãe e a forma como ela fazia as tarefas domésticas.

Por fim, uma colega da mãe ouviu falar de uma família sikh noutra zona de Deli cuja tragédia pessoal parecia corresponder às memórias de Reena, e começou a fazer averiguações por conta da família Gupta. Essas investigações conduziram-na à casa de Sardar Kishan Singh e da esposa, pais de Gurdeep Kaur, assassinada juntamente com o irmão pelo marido em 2 de Junho de 1961.

Intrigados com o relato da mulher, os Singh decidiram visitar os Gupta e chegaram quando a pequena Reena dormia. Ao acordar e vê-los, abriu um enorme sorriso e declarou:

‘Eles são o meu pai e a minha mãe.’

No dia seguinte regressaram acompanhados pela irmã mais nova de Gurdeep, Swarna. Mal Reena a viu chamou-a pelo diminutivo familiar, Sarno. E quando, ao despedirem-se, Swarna lhe ofereceu uma prenda de duas rupias, Reena protestou:

'Como posso aceitar dinheiro da Sarno? Ela é mais nova do que eu.'

(Na Índia, apenas uma pessoa mais nova do que quem oferece pode aceitar dinheiro como presente. Do ponto de vista de Swarna, ela seguia o costume. Mas Reena via-a não como alguém mais velho, mas como a irmã mais nova.)

Mais tarde, Reena encontrou também os quatro filhos da vida anterior e ficou radiante com o reencontro.

Mas porque considero este caso tão extraordinário?

A razão é que, quando recebeu ampla publicidade, houve uma pessoa particularmente intrigada… o marido e assassino da vida passada.

Surjeet Singh, condenado a prisão perpétua pelo duplo homicídio, fora libertado ao fim de dez anos por bom comportamento e decidiu visitar Reena.

Quando lhe falaram da intenção dele, a primeira reação da menina foi:

'Ele vai matar-me outra vez.'

Mas acabou por consentir.

Joe Fisher, no excelente *The Case for Reincarnation*, descreve assim o encontro:

Quando se encontraram, em 1975, Reena tinha nove anos e todo o bom comportamento do mundo não bastaria para dissipar os seus medos. Só com enorme relutância aceitou posar — empoleirada nervosamente no braço da cadeira de Surjeet Singh — ao lado do homem que acreditava ter sido o seu assassino. Na verdade, quando Surjeet Singh tentou abraçá-la, ela soltou-se imediatamente.

CAPÍTULO DEZASSETE

PRESOS PELA LÍNGUA

A Aventureira Espanhola

O que começou como uma experiência para Laurel Dilmen transformou-se num pesadelo quando uma das vidas passadas que recordou sob hipnose começou a dominar-lhe a existência.

A mãe de dois filhos, natural de Chicago, relatou uma história de amor excitante e erótica passada no século XVI, na qual era a personagem principal: Antonia Michaela Maria Ruiz de Prado.

A narrativa era tão envolvente como um bom romance histórico e levou Laurel Dilmen a comparar a vida actual com essa existência anterior… concluindo que a actual saía a perder.

Começou a negligenciar as pessoas importantes para si e a desvalorizar atividades do presente porque lhe pareciam monótonas e sem sentido por comparação.

Felizmente percebeu que precisava de ajuda para restabelecer o equilíbrio da sua vida e procurou a hipnoterapeuta Linda Tarazi.

As duas tinham pertencido ao grupo em que Laurel Dilmen se oferecera pela primeira vez para ser regressada e, por isso, Linda Tarazi testemunhara as recordações de vidas em África tribal, Esparta, Egipto antigo, Espanha do século XVI e Inglaterra do século XVII.

Durante várias sessões, as outras vidas foram praticamente ignoradas e as memórias concentraram-se na figura colorida de Antonia.

Há vários anos que Linda Tarazi utilizava a hipnose para aliviar o sofrimento de pessoas neuróticas e fóbicas quando outros tratamentos

falhavam. Também levava pacientes a vidas passadas se estes o desejassem. Contudo, acreditava que essas ‘personalidades anteriores’ eram normalmente ‘impossíveis de verificar e quase certamente derivadas da fantasia do sujeito’.

Decidiu, portanto, que a melhor forma de ajudar a paciente seria recolher informações fornecidas por Antonia, verificar a exatidão delas e demonstrar a Laurel Dilmen que tudo era ficção e não facto. Isso libertá-la-ia da obsessão e restauraria a normalidade da sua vida atual.

O que começou como uma simples tentativa de devolver estabilidade mental à paciente transformou-se numa investigação exaustiva com resultados notáveis.

Linda Tarazi relatou o trabalho no *Journal of the American Society for Psychical Research* (Outubro de 1990).

O projeto de investigação, com três anos de duração, envolveu a análise de pelo menos trinta e seis sessões formais de hipnose e também informações que chegavam a Laurel Dilmen em sonhos e flashbacks.

Linda Tarazi passou grande parte do tempo em bibliotecas e consultou historiadores e outros especialistas capazes de esclarecer o período em que Antonia afirmava ter vivido. A hipnoterapeuta chegou mesmo a viajar até Espanha para verificar algumas das alegações.

A história de Antonia é longa e complexa demais para ser contada aqui em profundidade, mas é uma das mais detalhadas que já li.

Começa com o nascimento dela, a 15 de Novembro de 1555, numa pequena e isolada plantação da ilha Hispaniola, filha de pai espanhol e mãe alemã.

Segue depois para a Alemanha — onde a mãe morre —, depois para Oxford, em Inglaterra, e finalmente para Cuenca, em Espanha, onde espera reencontrar o pai, agora proprietário e gerente de uma estalagem.

À chegada, porém, descobre que ele morrera dez dias antes.

Luta então para manter a estalagem em funcionamento enquanto é vigiada por agentes da Inquisição Espanhola. Foi convocada três vezes para interrogatório e, numa ocasião, presa e sujeita a todos os rigores de um julgamento inquisitorial.

Aos vinte e nove anos, Antonia perdeu a virgindade quando foi violada na câmara de tortura.

Linda Tarazi escreve que foi:

uma cena intensamente erótica que despertou toda a sua paixão e revelou tendências masoquistas. Ela adorava-o secretamente [o torturador] antes disso e agora apaixonou-se loucamente por ele, tornou-se sua amante e teve dele um filho. O amor completamente altruísta dela transformou gradualmente os sentimentos dele, passando da luxúria egoísta para um amor absoluto pelo qual nenhum sacrifício era excessivo. Partilhavam todas as faculdades da mente, alma e corpo num amor simultaneamente profundamente espiritual e apaixonadamente erótico.

A vida de Antonia termina tragicamente e demasiado cedo, após perigosas aventuras com um culto satanista, uma missão em Argel, piratas nas Caraíbas e uma viagem a Lima, no Peru, onde encontra o tio desconhecido, o inquisidor Juan Ruiz de Prado.

Na viagem de regresso, porém, afoga-se perto de uma pequena ilha das Caraíbas e o amante quase morre numa tentativa inútil de a salvar.

Parece uma versão espanhola de *Indiana Jones* misturada com *Love Story* e é compreensível que qualquer leitor pense tratar-se apenas de uma fantasia extravagante.

O problema para os céticos, contudo, é que o relato está repleto de nomes e factos que, segundo Linda Tarazi, dificilmente poderiam ter sido conhecidos ou descobertos normalmente por Laurel Dilmen.

Após trinta e seis meses de investigação, Linda Tarazi comenta:

Tanto quanto consegui determinar, todas as centenas de factos detalhados que constituíam parte tão íntima da ‘vida passada’ de Antonia estão corretos.

Entre eles, destaca vinte e cinco a trinta factos altamente especializados, mais difíceis de verificar:

Exemplos incluem: a data da primeira publicação do Édito da Fé na ilha Hispaniola; leis espanholas relativas à navegação para as Índias; tipos de navios utilizados no Mediterrâneo e no Atlântico e respetivos detalhes; datas e conteúdos dos índices espanhóis de livros proibidos e diferenças em

relação ao Index romano; nomes de padres executados em Inglaterra em 1581 e 1582, bem como o método de execução; e informações sobre um colégio em Cuenca.

Além disso, estes factos não eram fornecidos espontaneamente por Antonia. Surgiam em resposta a perguntas diretas.

Desde o início, observa Linda Tarazi, Laurel Dilmen (ou Antonia):

parecia pouco interessada em factos, revelando-os apenas quando eram parte essencial da narrativa. Nunca recitou listas de informações como valores monetários, mercadorias, artefactos, etc., como acontece nalgumas histórias de 'vidas passadas'. O facto de dominar estes conhecimentos só ficou evidente mediante interrogatórios intensivos… [e] tornou-se óbvio que provavelmente sabia muitas vezes mais do que aquilo que se dava ao trabalho de mencionar.

O aspeto mais surpreendente do caso Antonia é, contudo, que apenas alguém com conhecimentos de espanhol e muito tempo para investigar obscuros livros de referência poderia ter fornecido todas as informações produzidas sob hipnose.

Mas Laurel Dilmen não sabia espanhol.

Dois dos factos fornecidos foram inicialmente negados pelas autoridades espanholas consultadas por Linda Tarazi. Mais tarde provou-se que Laurel Dilmen estava correta e as autoridades erradas.

Parte da investigação intensa da hipnoterapeuta incluiu visitas a Espanha e consultas aos Arquivos Episcopais.

Os investigadores da reencarnação consideram os casos de 'xenoglossia responsiva' ou 'xenoglossia' entre os mais probatórios.

O primeiro termo significa que uma pessoa incapaz de falar normalmente outra língua consegue responder nessa língua a perguntas feitas nela.

O segundo designa conhecimento de outra língua sem capacidade de manter conversa nela.

O caso Laurel Dilmen enquadra-se na segunda categoria.

Linda Tarazi regista:

Ela pronunciava muito bem os nomes espanhóis, recitava em latim as orações exigidas pela Inquisição, referia métodos especiais de fazer o sinal da cruz — o signo e o santiguado — desconhecidos da maioria dos sacerdotes hispanófonos atuais, e compôs palavras e música para uma canção em latim, bem como música para o *Pater Noster* latino, ambas gravadas enquanto as cantava. Mas [Laurel Dilmen] revelou pouca xenoglossia responsiva em espanhol ou latim.

A hipnoterapeuta leu livros, viu filmes e entrevistou familiares, amigos e conhecidos da paciente referentes aos primeiros quarenta e cinco anos da sua vida em busca de pistas sobre a origem daquele espantoso conhecimento da Espanha do século XVI.

Não encontrou nada.

Convém lembrar que o objectivo de Linda Tarazi era provar que as memórias da paciente eram falsas — e falhou completamente.

Ainda assim, conseguiu libertar Laurel Dilmen da obsessão por Antonia fazendo-a fantasiar, sob hipnose, uma versão alternativa em que aquela vida terminava felizmente e ela não se afogava.

Laurel Dilmen está convencida de que as memórias são reais e de que viveu outrora como Antonia Michaela Maria Ruiz de Prado.

Antes de apresentar a sua conclusão, Linda Tarazi enumera catorze explicações possíveis para esta extraordinária evocação hipnótica, rejeitando quase todas e deixando apenas ligeiramente aberta a porta para uma ou duas hipóteses. Entre elas figuram a comunicação telepática com uma entidade desencarnada e um peculiar tipo de possessão espiritual.

A reencarnação, conclui ela,

é a única explicação que, por si só, consegue explicar a personalidade, sentimentos e atitudes de Antonia, bem como todos os obscuros factos históricos relatados, de forma simples e razoável. Portanto, tendo a concordar com Laurel Dilmen.

Será então este um dos melhores casos a favor da reencarnação?

Possivelmente.

Mas existe uma falha: embora todos os restantes factos tenham sido confirmados, até agora não apareceu qualquer prova de que alguém chamada Antonia Michaela Maria Ruiz de Prado tenha realmente existido.

Ainda assim, foram encontrados registos de todas as outras pessoas mencionadas na história, incluindo o amante.

Falar Línguas Arcaicas

Existem vários outros casos registados envolvendo o uso de línguas, em graus variados, a maioria surgida sob hipnose.

O actor Glenn Ford, estrela de mais filmes do que quase qualquer outro actor de Hollywood, recordou cinco vidas sob hipnose, incluindo uma como Emile Langevin, cavaleiro da guarda do rei Luís XIV.

Ao recordar essa vida, falou francês com facilidade.

Hemendra Nath Banerjee, no livro *Americans Who Have Been Reincarnated*, afirma que o vocabulário francês normal de Ford se limitava a algumas frases escolares ditas hesitantemente.

Mas especialistas da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, ficaram ‘muito impressionados’ quando ouviram as gravações das sessões de regressão.

Segundo eles, Ford não apenas falava francês fluentemente, como utilizava o francês parisiense da década de 1670.

Aliás, ao recordar outra vida sob hipnose — a de Charles Stewart, de Elgin, Escócia — Glenn Ford tocou Chopin, Beethoven e Mozart num piano de cauda, apesar de normalmente não conseguir tocar uma única nota.

Dorothy Rainville, de Sudbury, Ontário, Canadá, gerente de uma cadeia de lojas de brinquedos, descobriu também que conseguia falar francês sob hipnose.

Recordou a vida de Alexandrine Poisson, filha de Madame de Pompadour, amante oficial do rei Luís XV de França.

‘Sob hipnose’, escreve Banerjee, ‘Dorothy não só conseguia fornecer detalhes íntimos da vida em França, como também falava francês, língua que não domina na vida atual.’

Quando ouviu uma gravação da sessão de regressão, comentou:

Fiquei chocada ao ouvir-me falar uma mistura de francês parisiense e inglês, porque eu não sou bilingue e não sei falar francês. Simplesmente não queria acreditar nos meus ouvidos.

A experiência convenceu-a de que era a reencarnação de Alexandrine.

Uma dona de casa italiana, Maria Rossenelli, incapaz de falar francês, conseguiu recitar integralmente o texto *Appeal to Posterity*, de Jeanne de la Platiere, no francês original.

A explicação dela? Acredita ter sido a própria autora — guilhotinada em 1793.

Sob hipnose, uma dona de casa neozelandesa, Melva Drummond, terá falado e cantado em maori… tal como era falado no século XIX.

Um especialista em folclore maori conseguiu conversar com ela e declarou:

Nem um maori de sangue puro conseguiria reproduzir o comportamento que acabámos de testemunhar, nem falar e cantar dessa maneira. Isto pertence a há cento e cinquenta anos!

A professora inglesa Margaret Baker parece ter sido um cigano do século XVIII numa vida passada.

Durante regressões hipnóticas em 1978 recordou a vida e morte do negociante de cavalos Tyzo Boswell, morto na Feira de Horncastle, Lincolnshire, em 1831, depois de ser atingido por um raio.

Falando em tons ásperos e guturais e utilizando palavras romani totalmente desconhecidas para ela — como *motto* para bêbedo, *mello* para morto, e *chopping greis* significando ‘vender cavalos’ — Margaret proporcionou ao entrevistador *gorgio* (não-cigano) um fascinante retrato da vida de Boswell e da sua época.

Chegou mesmo a encontrar a sepultura dele, na igreja de St Mary, em Tetford, onde se lê que foi ‘morto por um raio’ em 5 de Agosto de 1831.

Memórias de Gandhi

Com apenas três meses de idade, Therese Gay pronunciou a primeira palavra:

‘Aroopa’.

Descobriu-se que não era francês, mas sânscrito. Significa ‘libertado da matéria’.

Depois, antes de completar um ano, a filha de pais franceses, nascida perto de Paris em 1950, começou a falar inglês, apesar dos esforços da mãe para a fazer falar francês. Chamava ao pai ‘Daddy’ e colocava os adjetivos antes do substantivo, como na gramática inglesa.

Passado algum tempo, porém, começou a falar de ‘Bapoo’ — o nome pelo qual Mahatma Gandhi era tratado pelos íntimos — e, ao brincar às lojas, atribuía a um artigo o preço de ‘três rupias’.

Nunca foi possível identificar quem teria sido na vida passada, mas a mãe e outras pessoas ficaram convencidas de que estivera ligada a Gandhi, quer na Índia quer na África do Sul, onde ele vivera durante alguns anos.

Falar Línguas Nunca Aprendidas

A esposa de um ministro metodista em Gretna, Virgínia, fala alemão quando recorda sob hipnose a vida de Gretchen.

Esta vida passada veio à luz em 1970, depois de o reverendo Carroll E. Jay — hipnotista além de pastor da Anderson Memorial United Methodist Church — ouvir a esposa, Dolores, falar durante o sono, algo que nunca acontecera nos trinta anos de casamento.

Intrigado com o que ouvira, e convencido de que não se tratava de um sonho, realizou sessões de regressão nas quais surgiu Gretchen, começando a falar alemão.

Os especialistas que ouviram as gravações ficaram convencidos de que se tratava realmente de alemão, mas insistiram que ela teria necessariamente aprendido ou sido exposta à língua em algum momento para conseguir produzi-la sob hipnose.

Ela negou.

O caso é um de dois apresentados pelo professor Ian Stevenson no livro *Unlearned Language: New Studies in Xenoglossy*.

Trata-se da continuação da obra anterior, *Xenoglossy*, onde relatava a experiência de uma dona de casa de Filadélfia, identificada apenas pelas

iniciais T.E., hipnotizada pelo marido médico (ambos desejavam permanecer anónimos).

Durante a regressão,

ela sofreu uma transformação para uma personalidade masculina que se chamava Jensen e que falava e compreendia sueco de forma inteligível. Essa personalidade — acrescenta Stevenson — não se limitava a recitar frases sem sentido: havia troca de frases significativas com pessoas que falavam sueco.

Isto não convence Sarah Grey Thomason, da Universidade de Pittsburgh.

Escrevendo na *American Speech* (Inverno de 1984), publicação trimestral dedicada ao uso linguístico, ela aborda a questão:

'Lembra-se da língua da sua vida anterior na encarnação presente?'

Depois de apresentar alguns exemplos de aparente xenoglossia que conhecera e considerar todos insatisfatórios, volta-se para o primeiro livro do professor Stevenson, explicando:

Os sujeitos hipnotizados cuja fala estudei produziram um palavreado fluente sem sentido que parece partilhar várias características linguísticas com o "sueco" de T.E. e com as expressões de pessoas que falam em línguas num contexto religioso.

E conclui:

… as provas disponíveis não sustentam a alegação de que alguém tenha falado uma verdadeira língua humana sem ter sido previamente exposto a ela de forma sistemática na vida atual.

Pergunto-me o que pensará Sarah Grey Thomason do segundo e muito invulgar caso apresentado no segundo livro do professor Stevenson sobre o tema.

Mudança de Personalidade Além da Língua

Os pais de Uttara Huddar, uma mulher solteira de trinta e dois anos que vivia em Maharashtra, no estado indiano de Nagpur, ficaram espantados em 1974 quando a filha começou a falar numa língua que não reconheciam.

A personalidade dela também mudara e passou a chamar-se Sharada.

O fenómeno causou consternação na aldeia e a família teve dificuldade em comunicar com ela até perceber que aparentemente falava bengali.

Isto foi confirmado quando pessoas que falavam bengali foram chamadas para ver a mulher.

A doutora Satwant Pasricha e o professor Ian Stevenson começaram a investigar o caso em Junho de 1975 e atribuíram grande importância à demonstração de que Uttara Huddar não aprendera nem estivera normalmente exposta ao bengali.

Mais tarde, ao reverem o historial escolar dela, descobriram que tivera algumas aulas de escrita bengali enquanto estudava sânscrito, mas aprendera apenas o suficiente para ler algumas palavras — insuficiente para ler frases completas e certamente incapaz de manter uma conversa fluente na língua.

Aliás, descobriram que até o próprio professor dela não sabia falar bengali.

Ainda assim, alguns críticos acreditam que isto compromete a credibilidade do caso.

O que torna este caso tão fascinante e desconcertante é que, enquanto a maioria das pessoas que afirmam ter memórias de vidas passadas são crianças cuja recordação é limitada e rapidamente desaparece, Uttara Huddar era uma mulher adulta que ‘se transformava’ noutra mulher.

Mas o aparecimento de Sharada não era permanente, como no caso de Sumitra Singh no Sri Lanka (Capítulo II): surgia durante períodos variáveis, desde um dia até seis semanas.

Por vezes, Uttara Huddar deitava-se à noite sendo ela própria e acordava no dia seguinte como Sharada.

Noutras ocasiões sentia uma espécie de formigueiro na cabeça, como se fossem formigas a rastejar, e pouco depois Sharada surgia.

A personalidade bengali desconhecia completamente ferramentas, instrumentos e aparelhos desenvolvidos após a Revolução Industrial e, no início, não participava nas tarefas domésticas da casa de Uttara Huddar.

Forneceu um relato detalhado da própria vida, mencionando os nomes dos pais e de uma tia materna e afirmando ter casado aos sete anos.

Disse que morrera aos vinte e dois anos após ser mordida num dedo do pé por uma cobra enquanto colhia flores.

Todos os elementos, incluindo as palavras bengali que utilizava, apontavam para o facto de Sharada ter vivido entre 1810 e 1830, e os investigadores conseguiram localizar uma família com esse nome e cujos membros teriam exatamente as relações descritas por ela.

Sharada não fazia ideia de onde estivera desde a morte.

Desde a primeira aparição de Sharada, em 1974, ela e Uttara Huddar passaram a partilhar o mesmo corpo, mas, como cada personalidade assumia controlo total, nenhuma tinha consciência da existência da outra.

Houve, contudo, sinais de que poderia ocorrer uma fusão gradual das duas personalidades.

Sem dúvida, o caso de Uttara Huddar é importante, porque levanta questões intrigantes.

Será Sharada apenas uma personalidade múltipla — um aspe

to da própria mente de Uttara Huddar?

Isso parece improvável devido à capacidade dela de falar bengali.

O que deixa apenas duas outras possibilidades:

Ou Sharada é uma memória de vida passada de Uttara Huddar que ‘assume’ o controlo do corpo.

Ou é um espírito bengali que se liga a Uttara Huddar em determinados momentos.

De uma forma ou de outra, as provas sugerem fortemente que alguma forma de sobrevivência após a morte é a única explicação satisfatória para este e outros casos em que memórias de acontecimentos e línguas parecem sobreviver à destruição física do corpo.

CAPÍTULO DEZOITO

DESENTERRANDO O PASSADO

A Cidade Antiga

O capitão Arthur Flowerdew foi atormentado durante grande parte da vida por estranhos flashbacks e pensamentos ligados a uma existência anterior.

Em criança tinha visões de um edifício com colunas talhadas em rocha negra e rosada.

Essas impressões surgiam quando pegava numa pedra do jardim de cor semelhante ou quando via um edifício com colunas parecidas.

Confuso com as experiências, falou delas ao pai, acreditando que alguém o teria levado a visitar tal lugar.

Mas o pai, pensando tratar-se de fantasia, rejeitou a ideia:

'Não quero ouvir mais uma palavra sobre isso.'

Incapaz de suprimir as memórias daquela cidade antiga, Arthur Flowerdew obedeceu às instruções do pai e nunca mais falou sobre elas, exceto mais tarde à esposa e a outras duas pessoas.

Entretanto tornara-se engenheiro, entrara para o Exército (permanecendo sempre em Inglaterra durante o serviço militar), casara, tivera filhos e acabara diretor-geral de uma garagem em Norfolk, Inglaterra.

Só quando viu um documentário televisivo sobre a Jordânia conseguiu identificar o local que recordava da vida passada.

'Olha', chamou à mulher, que estava noutra divisão, 'aquela é a minha cidade. Existe mesmo e chama-se Petra.'

O ecrã mostrava imagens da cidade rosada esculpida na rocha.

Agora em ruínas, Petra era inexpugnável no tempo que ele recordava, pois só podia ser alcançada através de uma única entrada: o Siq, uma estreita garganta sinuosa entre falésias de trinta metros de altura.

O capitão Flowerdew tinha a certeza de que, na vida anterior, fora um soldado árabe de pele escura que usava vestes esvoaçantes com capuz e faixa na cabeça, empunhando uma lança com haste de madeira e ponta de bronze.

O seu dever era ajudar a proteger a cidade e comandava dez soldados.

Naqueles dias de serviço ativo, ele e os homens cavalgavam pelo deserto e roubavam os bens de beduínos desprevenidos, muitas vezes grandes tesouros.

Quem recusava entregá-los era morto imediatamente.

Petra era habitada por uma tribo árabe, os nabateus, e a posição estratégica permitia-lhes enriquecer e tornar-se poderosos ao controlarem as rotas comerciais do Oriente e da Arábia, negociando especiarias, seda e escravos.

Só quando os Romanos estabeleceram novas rotas comerciais e tomaram o controlo em 106 d.C. terminou o domínio de Petra.

Um dia, quando invasores tentaram alcançar a cidade através do Siq, o capitão e o destacamento estavam preparados para emboscá-los.

O sol cegava os intrusos e os homens dele não tiveram dificuldade em dominá-los e matá-los à medida que emergiam da passagem com apenas três metros de largura.

Um deles, contudo,

lançou-se sobre mim e, com a lança, desferiu-me um golpe fatal no peito,

recordou o capitão Flowerdew.

Lembro-me perfeitamente do impacto e depois senti uma dor terrível nas costas. Depois… nada mais.

Foi apenas depois de ver o documentário televisivo que o capitão Flowerdew começou a interpretar os flashbacks e devaneios como memórias de reencarnação.

Se realmente vivera em Petra há quase dois mil anos, então talvez as memórias pudessem ser testadas.

A Anglia TV, uma estação regional do leste de Inglaterra, decidiu descobrir.

O capitão Flowerdew, acompanhado pelo produtor da BBC Douglas Salmon, uma equipa de filmagem e o reputado arqueólogo professor Iain Browning, foi levado para Amã e depois para Petra em Agosto de 1978.

O resultado foi um fascinante documentário televisivo de meia hora.

O primeiro teste consistia em verificar se o capitão Flowerdew conseguiria encontrar o Siq numa área com quarenta e oito quilómetros de circunferência.

'Fácil', respondeu o homem que, até então, nunca saíra de Inglaterra nesta vida.

Olhando para leste da zona rochosa, cerca de 288 quilómetros depois de Amã e já em pleno deserto, devemos procurar uma grande rocha que parece um vulcão com o topo cortado. Petra fica logo além.

E foi assim, seguindo estas instruções, que voltou a encontrar-se diante da poderosa cidade escavada na rocha.

Também explicou a existência de umas escadas que aparentemente não conduziam a lado nenhum.

Originalmente, lembrava-se, faziam parte de um importante templo provavelmente destruído pelo terramoto de 363 d.C.

Um aspeto das ruínas de Petra — filas de nichos que davam a uma parede um aspeto de colmeia — intrigava há muito os arqueólogos.

Quando lhe perguntaram sobre isso, respondeu de imediato:

'Oh, eu posso resolver esse mistério.'

Caminhou então até uma pequena colina e um ressalto rochoso que escondia a estrutura.

Aquilo, explicou, era 'O Escritório da Escala de Serviço' e os nichos estavam divididos em três secções perpendiculares:

'De Serviço na Cidade', 'Fora de Serviço' e 'De Serviço Fora da Cidade'.

Cada um dos sessenta a setenta oficiais tinha uma placa de pedra com formato diferente, que era colocada no nicho correspondente. Assim, o comandante sabia exatamente onde encontrar qualquer oficial se precisasse dele.

Mas ficou perplexo perante o magnífico anfiteatro.

'Não me lembro nada disto', afirmou diante das câmaras.

'Claro que não', disseram-lhe os elementos da equipa televisiva. 'Foi construído pelos Romanos, muito depois da sua morte.'

Os arqueólogos continuam interessados na bela cidade antiga e talvez um dia descubram provas das minas de estanho e chumbo que o capitão Flowerdew garante terem sido exploradas no seu tempo.

Afinal, não é irrazoável sugerir que, se a reencarnação for real, as memórias de vidas passadas poderão fornecer informações importantes sobre a nossa História.

Relíquias da Guerra Civil Inglesa

Outra companhia televisiva britânica enviou recentemente uma equipa de filmagem para a Escócia com Peter Hulme, que acredita ter sido um soldado de Cromwell numa vida passada, e fez descobertas surpreendentes.

Sob hipnose, Peter Hulme descreveu a vida de John Rafael e, juntamente com os irmãos Bob e Carl, conseguiu verificar grande parte do que recordava — mantendo-me informado à medida que a investigação prossegue.

Por exemplo, forneceu-me uma descrição vívida de uma batalha da Guerra Civil que ocorrera em torno de um castelo nas margens do lago Martenham, embora não existam registos locais de tal conflito.

Contudo, um mapa do século XVII mostra um 'Loch Martin' e um 'Castle Martin' exatamente onde as memórias da vida passada o situavam e — apesar de os habitantes locais nada saberem sobre isso — os irmãos Hulme encontraram as ruínas do castelo escondidas sob vegetação densa.

A Central TV decidiu aprofundar a investigação e filmou os Hulme regressando à Escócia na tentativa de provar que ali ocorrera realmente uma batalha.

As câmaras registaram Peter Hulme enquanto evocava as memórias cromwellianas, tanto sob hipnose como durante a visita ao local, e o programa foi transmitido num especial televisivo sobre reencarnação.

O ano em que atacámos este forte foi o final de 1649 — disse ele. — Ouvi um disparo de canhão e havia tantos gritos. Alguns soldados correram pela passagem para fugir. Havia pessoas a disparar do forte…

Em seguida, apareceu uma equipa com detetores de metais avançando pelas águas pouco profundas do lago enquanto o porta-voz, Scott Sibbald, explicava:

Todos estes sinais são muito fortes e [os objetos detetados] devem ser de tamanho considerável. Estão cerca de 1,20 metros abaixo da água e é impossível recuperá-los com o equipamento que temos.

O que seriam?

'Claramente não são carrinhos de supermercado', brincou Bob Hulme, 'por isso há uma forte possibilidade de serem relíquias de uma batalha da Guerra Civil.'

Ele e os irmãos esperam regressar à Escócia para recuperar alguns dos objetos com ajuda especializada.

Mas, voltando ao programa da Central TV, os detetores de metais tiveram ainda mais sucesso quando lhes pediram para examinar uma 'ravina seca' na Escócia que Peter Hulme recordava claramente como um acampamento de quinhentos homens em 1646.

Efetivamente, apesar de não existir qualquer registo de utilização militar do local, os investigadores encontraram, segundo o narrador do programa:

uma coleção que incluía balas de mosquete e relíquias típicas de um acampamento da Guerra Civil. Quem poderia explicar como foram ali parar… exceto Peter?

Os irmãos Hulme continuam a investigar este fascinante caso e vão descobrindo regularmente novas informações na tentativa de localizar a sepultura de John Rafael e provar que Peter Hulme foi realmente, noutra vida, um soldado parlamentarista, como afirma.

Pentes do Antigo Egito

Recuando ainda mais no tempo, o quotidiano dos egípcios foi descrito com um pormenor tão incrível e realista por Joan Grant que os seus romances cativaram imediatamente a imaginação do público. Mas, após o sucesso do seu primeiro livro, *Winged Pharaoh*[1], a autora inglesa admitiu que eles não eram, na verdade, ficção: baseavam-se no que ela chamava de "memória longínqua".

Ela era vidente e tinha a capacidade de se "sintonizar" com o que acreditava serem as suas encarnações passadas. Começou a ditar *Winged Pharaoh* ao seu marido, Leslie, em 1936, depois de pegar num escaravelho de cor azul-turquesa que o irmão de um amigo trouxera do Egito. Isto fez com que ela "mudasse de nível" subconscientemente e ouvisse as palavras de Sekeeta, que ditou a Leslie. Houve 200 sessões no total antes de o livro estar completo.

"O que é engraçado é que não saiu por ordem cronológica", disse ela. "Mas quando chegámos à fase de espalhar tudo no chão, descobrimos que encaixava perfeitamente e não precisava de ser reescrito."

Era a história de Sekeeta, filha do Faraó Za Atet, que se tornou ela própria uma sacerdotisa-faraó há 3 000 anos, governando o Egito com o seu irmão. Segundo Joan Grant, a história passava-se no tempo da Primeira Dinastia Egípcia.

Leslie Grant, que estudara para ser advogado mas decidira enveredar pela arqueologia, estava certo de que a sua mulher se tinha enganado no período, porque este parecia demasiado avançado. Na sua visão, tratava-se da Décima Quinta Dinastia, e basearia essa opinião, em parte, nas referências que ela fazia a cavalos, prata e outros artefactos quotidianos da vida que ele e outros assumiam não estarem disponíveis para os egípcios da Primeira Dinastia. Ele acreditava que os invasores que ela descrevia eram os hicsos, e não os zumas, e estava intrigado com o facto de ela não fazer qualquer referência às Pirâmides.

Contudo, de acordo com Jean Overton Fuller em *Joan Grant: Winged Pharaoh* (um dos *Theosophical History Occasional Papers*, Vol. II), Joan Grant estava certa. Havia cavalos naquela época — os egípcios tinham-nos tirado aos zumas. Também havia prata. E ela também estava correta ao não fazer referência às Pirâmides, porque estas tinham sido construídas durante a Terceira Dinastia.

No seu livro, Joan Grant — como Sekeeta — descreveu os pentes de marfim que usava no templo:

Gravados com o meu selo de Faraó Alado, o falcão da vontade treinada sobre o barco triunfante, acima das asas de um Ser Alado; depois, abaixo disto, o meu nome de Hórus, Zat, escrito como uma serpente, ao lado da chave da vida e ladeado por dois bastões de poder, poder exercido sobre a Terra e fora da Terra.

Jean Overton Fuller ficou sobressaltada quando encontrou um desenho linear que correspondia exatamente a esta descrição em *Archaic Egypt*, de Walter B. Emery. Poderia ela tê-lo copiado? Dificilmente: o livro de Joan Grant fora publicado vinte e quatro anos antes.

Winged Pharaoh[1], devo acrescentar, é apenas um de vários livros de memória longínqua escritos por Joan Grant que descrevem apenas algumas das quarenta vidas anteriores que ela afirmava recordar, muitas das quais terminaram de forma violenta ou trágica. Incluem outra vida egípcia, 1 000 anos mais tarde do que Sekeeta; um menestrel italiano errante do século XVI; uma prostituta nas ruas de França; uma bruxa que foi queimada viva; uma rapariga índia americana; um corredor grego; e uma mulher inglesa, Lavinia, que morreu jovem após três anos de paralisia causada por uma queda de um cavalo.

Durante estas muitas vidas, ela morrera uma vez na guilhotina, suicidara-se duas vezes, fora morta por uma lança num olho durante um torneio, sangrara até à morte após ordenar ao seu médico da corte romana que lhe cortasse os pulsos e fora mordida por cobras por duas vezes.

Escavando o Passado

O Soldado Confederado Descobre o Seu Passado

Por vezes, uma memória de uma vida passada produz provas físicas em vez de académicas. No seu espantoso relato de reencarnação em grupo, *Mission to Millboro* (ver Capítulo 7), a Dra. Marge Rieder fornece aos leitores provas tangíveis para apoiar o que, de outra forma, seria um conceito difícil de aceitar.

Joe Nazarowski, um detetive privado, foi um dos cinquenta residentes de Lake Elsinore identificados pelo seu sujeito principal, Maureen

Williamson, como pessoas que viveram com ela em Millboro numa vida passada, quando ela era Becky. Joe, tal como muitos dos outros, aceitou ser hipnotizado e a sua história confirmou o que ela dissera. No seu caso, recordou ser um soldado confederado, Charley, enviado para Millboro como agente secreto para destruir um túnel ferroviário.

Mais ainda, ele regressou a Millboro nesta vida, encontrou o túnel e até apontou os buracos que tinha perfurado em 1864 com a intenção de lá colocar dinamite. Outro homem, Pat Greene, disse que havia um alçapão por cima de uma sala escondida numa das casas que vira numa fotografia. A Dra. Rieder verificou e ele tinha toda a razão. Ela acredita que há muito mais provas para serem desenterradas em Millboro e está a tentar angariar fundos para tornar isso possível.

Escrituras Encontradas após 400 anos

O Dr. Hugh Pincott, antigo secretário honorário da *Society for Psychical Research* (SPR) e membro do seu comité de hipnose, revelou uma descoberta notável que se seguiu a uma sessão de regressão na qual esteve envolvido.

Numa conferência na SPR, disse: "Um exemplo espantoso dizia respeito a uma rapariga que, supostamente recuando 400 anos, descreveu uma casa onde uma das divisões tinha sido convertida numa antiga capela." Ele e um colega acabaram por localizar a casa em Hampshire e descobriram que o atual proprietário sabia que o seu jardim de inverno tinha sido outrora uma capela.

O Dr. Pincott continuou:

O que ele não sabia, e que nós fomos capazes de apontar, era a presença de um armário escondido atrás de um painel. Sabendo onde podia ser aberto, fizemo-lo na presença do proprietário. Continha as escrituras da casa, ali guardadas há quase 400 anos, e sobre as quais a rapariga nos tinha falado em fita gravada.

Dona de Casa Australiana Descreve Edifício Escocês

O hipnotizador Peter Ramster realizou uma experiência fascinante com quatro donas de casa de Sydney, que foi filmada e transmitida na televisão não só na Austrália, mas em todo o mundo. Cada uma recordou uma vida passada noutra parte do mundo, para onde foram depois levadas a

fim de registarem os seus sentimentos e verificarem os factos. Todos os casos foram impressionantes, mas o de Helen Pickering mereceu uma menção especial.

Ela recordou ter vivido em Aberdeen, na Escócia, como James Archibald Burns, que nascera em Dunbar em 1807. Helen foi capaz de desenhar o *Marshall College of Medicine* de Aberdeen tal como era no tempo de Burns. Desde então, o edifício mudou, mas a equipa de televisão encontrou o único homem que poderia confirmar a sua aparência antiga — o historiador local David Gordon, que colecionou todos os planos e desenhos desde a data mais antiga da faculdade.

Ele foi capaz de confirmar a precisão do desenho dela, que mostrava escadarias e corredores que já não existem. A forma como ela obteve tal conhecimento histórico era, segundo ele, "inexplicável". Uma visita à biblioteca do condado em Blairgowrie, onde Burns estabelecera uma próspera prática médica, confirmou os outros detalhes das memórias de regressão de Helen Pickering.

A Rapariga que Morreu no Titanic

Poder-se-ia pensar que, depois de tudo o que foi escrito sobre o naufrágio do *Titanic*, seria impossível lançar qualquer nova luz sobre esta terrível tragédia marítima. Mas a escritora Monica O'Hara-Keeton acredita que sim. Em *I Died on the Titanic*, ela recorda a sua vida como Lucie Latymer, a filha de um barão que fugiu no enorme navio com o seu namorado, sob nomes falsos, para começar uma nova vida. A sua história fascinante pode não aumentar o nosso conhecimento sobre o desastre em si, mas é uma história de detetives fascinante na qual a autora nos conduz pelas várias fases da sua investigação, montando o puzzle e encontrando uma reviravolta inesperada no final. É curioso saber que Monica O'Hara-Keeton não nutre qualquer simpatia pela "criança mimada" que foi naquela vida anterior.

O que torna a história do *Titanic* de particular interesse é que o hipnotizador que conduziu as sessões foi o seu marido, Joe Keeton, que provavelmente realizou mais regressões do que qualquer outra pessoa no Reino Unido. O número é estimado em vários milhares, e algumas das provas reunidas foram documentadas em *Encounters with the Past*, do qual foi coautor com Peter Moss. Keeton acredita que a memória hereditária é a

explicação mais provável para a recordação de vidas passadas, mas a sua mulher está convicta de que a reencarnação explica melhor a sua experiência no *Titanic*.

O Dinheiro Escondido

Um rapaz druso, Djebel el Alla, que recordou viver como um homem rico em Damasco, foi capaz de levar os seus espantados familiares à casa onde dizia ter vivido naquela vida. Ele tinha apenas cinco anos. A mulher que encontraram na casa era a sua esposa, afirmou ele, e forneceu uma profusão de outras provas, todas as quais se revelaram verdadeiras. Depois, revelou que tinha escondido uma quantia precisa de dinheiro na cave. Levou as testemunhas à cave, descobriu o dinheiro e contou a quantia exata.

O Tesouro Enterrado

Passei uns dias em 1994 a olhar para um buraco cada vez mais profundo no País de Gales, enquanto um americano guiava os escavadores até ao local onde acreditava que encontrariam um tesouro que lá tinha enterrado na década de 1700. Jim Bethe, um numismata do Arizona, recordou sob hipnose a vida de um soldado britânico, Jonathan Seaman, casado com uma mulher chamada Mary Merten. Enquanto esteve destacado na Índia, adquiriu um pequeno estojo de joias que trouxe de volta para Inglaterra e escondeu no País de Gales. E nesta vida, decidiu recuperá-las.

Jim e a sua esposa Stella já tinham visitado o País de Gales e ele tinha identificado o local, quando uma empresa de televisão britânica leu uma história sobre ele na *Reincarnation International Magazine* e decidiu levá-lo de volta ao Reino Unido para o ajudar a escavar o tesouro. Recomendei o hipnotizador escocês Tom Barlow para fazer a regressão de Jim Bethe para as câmaras de televisão, para que pudessem captar algum do drama das suas aparentes memórias de vidas passadas, e Tom logo o pôs a falar sobre o que fizera com o seu tesouro:

Levo-o para o País de Gales, onde tenho um esconderijo. Atravesso a pastagem até à inclinação perto do bosque. Há ali um pátio de celeiro, edifícios... Tenho o [sic] meu estojo de joias e tenho a caixa de ferro do avô que ele me deu quando faleceu. Há três caixas de tesouro aqui... Está num

sítio onde poucas pessoas gostam de andar. É no chiqueiro. Estou a abrir uma das portas duplas e a espremer-me para entrar e a descer para a gruta.

Tanto Jim Bethe como uma radiestesista, Elizabeth Sulivan, localizaram independentemente um grupo de árvores num parque galês, onde estavam convencidos de que o tesouro jazia enterrado. Parecia um local muito improvável, pois não havia indicação de que aquele ponto específico numa área arborizada tivesse sido outra coisa que não campo.

A escavação começou. Gostaria de relatar que Jim Bethe encontrou o seu tesouro, mas não o posso fazer. O que nos apanhou a todos de surpresa, porém, foi a placa sólida de betão a cerca de 3 pés (1 metro) abaixo da superfície que impediu a primeira escavação de ir mais fundo. Voltámos uns dias depois e conseguimos atravessá-la, apenas para descobrir uma arcada e uma parede construídas em tijolo e água demasiado profunda para tornar segura qualquer escavação adicional. Parece que tínhamos encontrado o seu chiqueiro, mas não o seu tesouro.

Estarão as caixas de Jonathan Seaman ainda enterradas numa encosta galesa ou terá alguém as encontrado durante os três séculos decorridos desde que ele as escondeu ali? Jim Bethe diz-me que continua determinado a chegar ao fundo do mistério... e ao buraco encharcado no País de Gales cuja localização precisa prometi manter em segredo.

MARCADO PARA A VIDA

O Rapaz que Nasceu com Ferimentos de Bala

As estranhas marcas de nascença circulares na cabeça de Titu Singh, quando nasceu, intrigaram os seus pais. Mas foram logo esquecidas à medida que o seu cabelo preto crescia, escondendo-as da vista. Titu, contudo, não as conseguia esquecer, pois foram a causa da sua morte na encarnação anterior. Eram ferimentos de bala.

Nem eram elas a única prova de que ele tinha reencarnado. Titu tinha memórias muito claras dessa vida anterior, quando era Suresh Verma, proprietário de uma loja de rádio, televisão e vídeo em Agra, com uma esposa chamada Uma e dois filhos chamados Ronu e Sonu. Desde os dois anos e meio de idade que falava da sua "outra família" e descrevia

vividamente como tinha sido baleado, o seu corpo cremado e as suas cinzas espalhadas no rio.

"Não o levámos a sério no início", diz o seu pai, "mas ele comportava-se como se não fizesse parte desta família. Titu é apenas uma criança comum, mas às vezes diz e faz coisas que só os adultos fazem."

Eventualmente, a família decidiu testar as suas afirmações e o seu irmão mais velho viajou 8 milhas (13 quilómetros) da aldeia de Baad até à movimentada cidade de Agra, no norte da Índia, famosa em todo o mundo como o local do enorme túmulo de mármore, o Taj Mahal. Não demorou muito a encontrar uma loja de rádio e TV chamada *Suresh Radio* e, lá dentro, descobriu que a mulher que a geria se chamava Uma. Ela era a viúva de Suresh, que fora assassinado exatamente como Titu descrevera.

A notícia de que o seu falecido marido tinha aparentemente renascido foi um choque para a mulher e trouxe de volta memórias daquele dia terrível em que "ouvi um barulho vindo de dentro da casa e saí pensando que o carro de Suresh tinha tido um ralo de escape. Ele não saiu do carro. Quando abri a porta, o corpo dele caiu sobre mim... Soltei um grito."

Mas a possibilidade de ele estar agora a viver noutro corpo era difícil de compreender. "Senti-me muito estranha", recorda ela, "e perguntei-me o que fazer. Falei com os meus sogros e decidi visitar a família na manhã seguinte."

Titu Singh estava a lavar-se na torneira quando ela e os pais de Suresh Verma chegaram sem aviso prévio, e ele gritou imediatamente que a sua "outra família" tinha chegado. Sentaram-se na varanda e Titu perguntou a Uma se ela o reconhecia. Ela disse-lhe que não. Ele então perguntou-lhe pelas crianças e se ela se lembrava de um passeio em família a uma feira numa cidade vizinha, onde ele lhe comprara doces. Esta revelação deixou-a atónita.

Mais tarde, Titu foi levado a Agra para visitar a loja que possuíra na sua vida anterior, mas mesmo assim o seu irmão mais velho pôs o seu conhecimento à prova. Organizou para que algumas crianças vizinhas estivessem a brincar com as de Suresh Verma quando a família Singh chegasse. Não fez diferença: Titu reconheceu Ronu e Sonu imediatamente entre o grupo. Depois entrou na loja e comentou as alterações que tinham sido feitas desde a sua morte.

A história de Titu Singh foi o tema de um excelente documentário da BBC TV, *Forty Minutes*, que foi exibido no Reino Unido em março de 1990 e no qual todas as personagens principais, incluindo o próprio rapaz de seis anos, foram entrevistadas, usando legendas para traduzir as suas palavras para inglês.

A sua mãe, que tem outros cinco filhos, todos mais velhos que Titu, confessou que não se importava realmente que ele falasse dos seus "outros" pais, pois considerava-os todos como parte da mesma família. Ela explicou:

Às vezes ele fica de mau humor e diz que tem "saudades de casa" e continua a querer ir para Agra. Uma vez ficou tão insistente que enrolou as suas roupas numa trouxa e ameaçou ir-se embora! Mesmo agora descobrimos que Titu não considera esta casa como sua. Ele insiste que não ficará connosco por muito tempo.

O pai de Titu, revelando que o rapaz insiste muitas vezes em ser levado para a sua "outra casa", comentou: "Receio que, à medida que o Titu crescer, possa quebrar todos os laços connosco. Amamo-lo muito mas, apesar de sermos instruídos, somos incapazes de compreender a sua história."

A viúva de Suresh Verma não tem dúvidas sobre o que aconteceu. "Acredito que o Titu é o meu falecido marido Suresh", disse ela à equipa de televisão. "Mas ele vive a vários quilómetros de distância. Espero que continuemos a encontrar-nos, mas além disso, o que posso eu fazer?"

Os pais do homem assassinado também ficaram impressionados com o que viram e ouviram. O pai de Suresh disse:

Estou virtualmente certo de que o Titu é o meu falecido filho Suresh. Ele agarra-se a nós com afeto. Uma vez na rua encontrou uma antiga ama. Ela pensou que o Titu era um dos filhos da Uma. O Titu ficou zangado com ela, dizendo: "Não sabes quem eu sou?". Falamos um com o outro como pai e filho. Mas não encorajo muito isso, pois perturba os seus pais verdadeiros.

Quanto a Titu, ele recorda vividamente o seu assassinato: "Estava a chegar a casa do trabalho. Ele veio a correr da esquina da rua."

Quem veio a correr? Foi capturado? Foi condenado pelo seu crime? Estas perguntas ficaram sem resposta no documentário televisivo, talvez

por razões legais, mas compensaram isso fornecendo provas positivas das marcas de nascença que Titu e a sua família acreditam ser os ferimentos de bala sofridos por Suresh Verma.

Foram usadas tesouras de barbeiro para lhe cortar o cabelo e revelar as duas marcas estranhas que estão exatamente na mesma posição que as mostradas no relatório da autópsia de Suresh Verma, causadas por uma bala na têmpora direita. Na verdade, a ferida de entrada de uma bala é sempre mais pequena do que a ferida de saída, porque a bala sai do corpo a uma velocidade mais lenta, causando mais danos. As marcas na cabeça de Titu correspondem até em tamanho, bem como em localização, aos ferimentos de bala no corpo de Suresh Verma.

Coincidência ou Prova de Reencarnação?

Se este fosse o único caso do género, seria razoável atribuí-lo ao acaso. Mas não é. Na verdade, um número surpreendentemente grande de casos de reencarnação apresenta alguma característica física que parece refletir um aspeto da vida anterior, muitas vezes um incidente violento e frequentemente a causa da morte.

Há tantos casos deste tipo que o Professor Ian Stevenson está a trabalhar num exame em dois volumes dos melhores entre eles, com uma data prevista de publicação para 1997. É considerado pela maioria dos investigadores na área como a sua contribuição mais importante para o debate sobre a reencarnação até à data. Ele já nos deu vislumbre de um ou dois dos estudos de caso que publicará, juntamente com algumas observações preliminares, num artigo científico no *Journal of the Society for Scientific Exploration*.

---

[1] *N. do T.: Título mantido conforme o original, seguindo as instruções.*

As Descobertas de Stevenson

Depois de salientar que as causas da maioria das malformações congénitas ou das marcas de nascença pigmentadas — sinais ou nevos — são desconhecidas, Stevenson revela que uma em cada três crianças que afirmam recordar vidas passadas apresenta também malformações

congénitas ou marcas de nascença que estas, ou informadores adultos, atribuem a ferimentos sofridos pela pessoa cuja vida é recordada.

De um conjunto de 895 estudos de caso que estiveram originalmente sob escrutínio (embora, desde então, tenha investigado muitos mais), houve 309 casos em que tais marcas ou deformidades coincidiam com ferimentos — geralmente fatais. Ele e os seus colegas conseguiram investigar 210 destes casos até ao ponto em que podem ser incluídos no seu próximo livro. As malformações congénitas nestes casos, refira-se, são geralmente de tipos raros.

Ao fazer a sua avaliação, ele procurou uma correspondência de 1,6 polegadas quadradas (10 centímetros quadrados) ou menos entre o ferimento e a marca de nascença ou malformação. "Na verdade, muitas das marcas de nascença e ferimentos estavam muito mais próximos da mesma localização do que isto", afirmou. "Em 43 de 49 casos em que foi obtido um documento médico (geralmente um relatório de autópsia), este confirmou a correspondência entre ferimentos e marcas de nascença (ou malformações congénitas)." Trata-se de uma concordância de 88 por cento.

Além disso, os estudos do Professor Stevenson mostram que o caso de Titu Singh não é, de modo algum, único. Em nove de catorze casos de morte por bala, ele descobriu que as marcas de nascença apresentadas coincidiam precisamente em tamanho e localização com os ferimentos de entrada e saída no corpo da pessoa falecida. Um dos casos estudados pelo Professor Stevenson é notavelmente semelhante ao de Titu Singh e diz respeito a um rapaz tailandês que recorda a vida de um homem que foi baleado na cabeça por trás. Ele estima as probabilidades de duas marcas de nascença corresponderem a dois ferimentos em uma para 25 600.

Deformidades Raras

Nem todas as marcas de nascença são resultado de ações maldosas. Uma rapariga birmanesa que se lembrava de ter sido a sua tia nasceu com uma marca de nascença hipopigmentada, longa e vertical, perto da linha média da parte inferior do peito e da parte superior do abdómen. Esta coincidia com a incisão cirúrgica feita durante a cirurgia da sua tia a uma doença cardíaca congénita de que esta morreu.

Outro caso envolve um rapaz turco que nasceu com uma orelha encolhida e malformada e também com subdesenvolvimento do lado direito do rosto. Além deste terrível desfiguramento, o rapaz lembrava-se de ser um homem que tinha sido baleado à queima-roupa, morrendo seis dias depois devido a ferimentos no cérebro causados por partículas que tinham penetrado no lado direito do seu crânio. A confirmação desta alegação foi obtida através de um registo hospitalar.

Um dos primeiros casos de reencarnação investigados, logo após a viragem do século, dizia respeito a uma criança chamada Sikh Lai que vivia em Rishalpure, na Índia, que nasceu sem dedos na mão direita. Quando começou a falar, disse aos pais que tinha sido Kashi Ram, que fora atacado por um inimigo, Chottey Lai, o qual lhe cortara os dedos e o alvejara no peito em 1908. Diz-se que o alegado assassino ouviu falar do renascimento da sua vítima e visitou o rapaz, que o reconheceu no meio de uma multidão e lhe chamou seu inimigo e assassino.

Em tempos mais recentes, uma criança indiana nascida quase sem dedos numa das mãos recordou a vida de outra criança que colocou a mão direita nas lâminas de uma máquina de cortar forragem e perdeu os dedos. Esta deformidade de nascença — braquidactilia unilateral — é extremamente rara.

Isto lembra-me o caso de Ranvir Singh, que publicámos na *Reincarnation International Magazine* em 1994. Quando entrevistei o investigador Gaj Raj Singh Gaur durante uma visita a Deli, ele mostrou-me a fotografia de um rapaz de três anos que nasceu na aldeia de Basayi, no distrito de Etah, na Índia, sem a mão direita nem o antebraço. A criança recorda ter vivido como Idrish Ali, o criado de um proprietário de terras, Shafi Alam Namberdar de Garka, no mesmo distrito, cuja mão direita foi decepada num acidente com uma máquina de cortar forragem. O que surpreende neste caso é que o acidente tinha acontecido a Idrish Ali vinte e cinco anos antes da sua morte. Além da mão em falta, Ranvir Singh também tem uma marca de nascença no topo das nádegas que se diz coincidir com um ferimento de bala sofrido na sua vida anterior, quando foi acidentalmente baleado pela polícia enquanto caçava na selva.

Outra Vítima de Assassinato que Regressou com Ferimentos de Bala

Outro dos 100 ou mais casos de renascimento investigados por Gaj Raj Gaur é o de Gulson Kumar Sakena, que nasceu em Vasantpur, Jaithra Etah, em novembro de 1991. Gulson, filho de um alfaiate, Nand Kishore, estava a brincar à porta da loja do seu pai quando viu dois clientes, chamados Rakesh e Mukesh, do distrito de Barna em Etah, chegarem para levantar roupa. O rapaz ficou imediatamente assustado e correu para dentro de casa para dizer à mãe: "Aquelas pessoas mataram-me. Por favor, escondam-me, senão eles vão matar-me outra vez."

Mais tarde, a pedido do pai, Gulson, que tinha apenas dois anos, esforçou-se por descrever as suas memórias de vidas passadas. Depois, apontou para dois locais no seu corpo — um na bochecha direita, o outro no lado esquerdo do abdómen — onde as marcas de nascença eram claramente visíveis.

A pessoa que ele recordava ter sido na sua vida anterior era Kanhkumar Pandey, cujo irmão mais velho, Gyan Singh, contou a Gaur como ele tinha morrido. Ele estava a viajar de autocarro para Etah, de manhã cedo, quando dois jovens o agarraram e o alvejaram à frente de várias testemunhas. As marcas de nascença no rapaz coincidiam com os dois ferimentos de bala. Curiosamente, um dos que viu o corpo e os ferimentos foi o próprio pai de Gulson.

Poderia essa visão tê-lo afetado de alguma forma ou ter sido transmitida à sua esposa, produzindo as marcas de nascença no seu filho? Parece improvável, uma vez que Gulson nasceu no mesmo dia em que Kanhkumar Pandey foi morto. Outra correspondência física entre o homem assassinado e a criança é que a tez de Gulson é muito clara (tal como era a de Kanhkumar Pandey), ao contrário da dos seus pais ou dos seus irmãos.

Marcas de Nascença ou Cicatrizes?

Um dos casos mais extraordinários de recordação de vidas passadas associado a marcas de nascença encontra-se nos registos da Missão Mundial Budista em Rangum. Regista que um moço de recados de doze anos de origem birmanesa do sul, proveniente de uma família cristã, era bem constituído e fisicamente saudável, à exceção de malformações invulgares nas mãos e nos pés. Havia indentações profundas ao longo da

linha do coração de ambas as palmas e outras ao longo de uma palma e do antebraço. Os seus pés e gémeos estavam igualmente desfigurados por linhas que corriam paralelas umas às outras. Um cirurgião afirmou que estas marcas não podiam ser explicadas por lesões pré-natais. Sempre que se chamava a atenção para estes desfiguramentos, o seu braço direito inchava e ele sofria dores intensas. O que as teria causado?

Enquanto estava deitado ao lado da sua mãe, numa noite, ele confiou-lhe as suas memórias de vidas passadas. Tinha sido um homem rico na sua encarnação anterior e tinha escondido muito dinheiro e prata em três casas adjacentes, onde vivia sozinho. Uma noite, ladrões assaltaram a casa e amarraram-no com arame numa posição agachada, antes de fugirem com o seu dinheiro e outros objetos de valor. Não foi descoberto durante vários dias, altura em que os arames já tinham cortado profundamente o seu corpo e ele sofrera uma morte longa, dolorosa e persistente.

Os casos simples de renascimento já são suficientemente difíceis de aceitar para muitas pessoas. Aqueles que apresentam estas características físicas bizarras e adicionais desafiam a nossa compreensão, não só da mecânica da reencarnação, mas também das leis espirituais que se pensa governarem o nosso regresso à Terra em encarnações sucessivas. Porque haveria alguém que perdeu uma mão ou dedos numa vida de ficar com cicatrizes de forma semelhante na existência seguinte? E porque haveria uma vítima de um ataque cruel de carregar as cicatrizes de uma vida para a outra?

Punido por Assassinar a Sua Mulher?

A história de H.A. Wijeratne aumenta a confusão, em certos aspetos, mas sugere que a culpa por más ações pode desempenhar um papel em tais marcas ou malformações físicas. Wijeratne nasceu com uma deformidade no lado direito do peito em Uggalkalteta, Sri Lanka, em 1947. O seu braço direito era vários centímetros mais curto do que o esquerdo e apenas metade da espessura. Os dedos dessa mão eram também muito mais pequenos do que o normal, além de estarem unidos por uma membrana de pele.

Assim que conseguiu falar, aos dois anos, ofereceu uma explicação para esta deformidade. Tinha nascido assim, disse ele, porque aquele tinha sido o braço que usara para esfaquear a sua mulher na sua vida anterior.

Fora um crime pelo qual tinha sido punido, e a criança fez uma descrição gráfica do seu enforcamento com detalhes — mais tarde verificados como corretos — sobre incidentes que precederam a sua morte. Identificou depois a pessoa que fora nessa vida — o irmão mais novo do seu pai na vida atual.

Quando a mãe do rapaz questionou o marido sobre isto, ele admitiu que tivera um irmão casado, Ratran Hami, que esfaqueara a sua mulher até à morte quando esta se recusou a regressar a casa deles depois de passar algum tempo com os pais. Ratran Hami assassinara Podi Menike a 14 de outubro de 1927. O julgamento ocorreu em junho de 1928 e ele foi enforcado um mês depois.

Pouco antes de ser executado, Ratran Hami disse ao seu irmão que iria "voltar" e essa previsão parece ter sido cumprida, embora tal não tenha ocorrido até mais de dezoito anos após a sua morte. Wijeratne aceitou claramente que o seu braço definhado era algum tipo de castigo, ou pagamento de uma dívida cármica, pelo homicídio que cometera na sua encarnação anterior. Assim, presumir-se-ia que a malformação congénita tinha um propósito — ensinar-lhe uma lição valiosa. Se assim foi, parece não ter funcionado.

Quando lhe perguntaram o que faria se o mesmo episódio com a sua mulher acontecesse novamente, deu a resposta arrepiante: "Provavelmente matá-la-ia outra vez!"

RUMO AO FUTURO

Pessimismo e Desgraça

É julho de 1998 e o mundo virou-se do avesso. Em vez de o sol brilhar intensamente sobre a paisagem do Arizona, Chet Snow olha para um deserto desolado, enquanto uma chuva miudinha, constante e gelada cai de um céu quase negro. Ele saiu para verificar os cavalos e, terminada essa tarefa, apressa-se agora a voltar para o rancho, com frio e fome. É o seu aniversário, mas ele sabe que não haverá celebração.

Esta não é uma cena de um filme futurista sombrio, mas a recordação de um homem que experimenta a "terapia de progressão". Esta e subsequentes visões hipnóticas do futuro convenceram-no de que a Terra

enfrenta uma catástrofe de grandes proporções, que será provavelmente uma inversão polar ou alguma outra inclinação do eixo do planeta.

Não é claro se se tratará apenas de um movimento da crosta terrestre, que deixará intacto o seu núcleo fundido, ou de um movimento orbital de grande escala, talvez como resultado de uma colisão ou de uma passagem próxima de um asteroide maciço ou de um cometa. Outra explicação, claro, é que poderia ser simplesmente o resultado de uma imaginação hiperativa alimentada por uma dieta de filmes de desastres e pelas previsões de famosos profetas da desgraça.

Mas a voz de Chet Snow não é caso único. Numa experiência iniciada pela hipnoterapeuta Dra. Helen Wambach em 1983, e que Chet Snow continuou após a morte desta em 1985, foi oferecida a 2 500 americanos a oportunidade de "progredir" hipnoticamente para uma vida futura. Houve semelhanças notáveis nas suas experiências, sugerindo que estavam a ver o futuro ou, no mínimo, que estavam todos a ser influenciados por outros fatores de uma forma semelhante.

Na altura em que o seu livro *Mass Dreams of the Future* foi publicado em 1989, Chet Snow já tinha ganho nome como hipnoterapeuta respeitado e juntara-se à direção da *Association for Past Life Research and Therapy* (APART), da qual Helen Wambach fora fundadora. Durante três anos, a partir de 1990, foi presidente da APART. Ele também descobriu que possuía uma qualidade rara no que diz respeito a ser submetido a progressões.

A grande maioria dos sujeitos que se voluntariaram para o projeto descobriu que alguma "barreira" os impedia de ver o que se passaria nesta vida, mas podiam, ao que parece, viajar no tempo para vidas futuras. Chet Snow, por outro lado, conseguia perscrutar o que estava adiante nesta vida. "Fui capaz de olhar para o futuro e ver algumas coisas que já se estão a tornar realidade em meados da década de 1990", disse-me quando o entrevistei para a revista:

e estas foram publicadas no livro há dez anos. A situação jugoslava já está onde está, os russos parecem muito menos amáveis — há ali uma dificuldade política real que bem pode vir novamente à superfície, como eu vi. A situação meteorológica; o aumento da atividade vulcânica e sísmica; tudo o que foi proposto para meados dos anos noventa, com as drogas, a

seca e as inundações a virem umas em cima das outras, por assim dizer, estão a conduzir a este período de grande mudança.

Claro que há sempre aqueles que acreditam que os tempos atuais são os piores na história da humanidade. Os números do crime parecem estar sempre a subir. Os desastres naturais parecem estar sempre a reclamar mais vidas. Há sempre algo que podemos usar para pintar um quadro sombrio — e, com tantas previsões, algumas têm de estar certas. Mas até Chet Snow tem uma "cláusula de salvaguarda" que é, essencialmente, que se o homem corrigir os seus caminhos malignos, algumas das convulsões que nos espreitam no futuro imediato podem não acontecer. Isto sugere que existe uma forma de responsabilidade cármica coletiva pelo planeta, pela qual os erros morais ou talvez ecológicos do homem serão punidos por todo o tipo de calamidades indizíveis.

Quanto ao seu próprio futuro, Chet Snow parece notavelmente relaxado por estar aparentemente envolvido numa profecia autorrealizável. Quando Helen Wambach o progrediu até ao seu aniversário em julho de 1998, ele não estava a viver no Arizona — que era onde se tinha visto na sua progressão anterior. No entanto, é precisamente aí que vive agora "através de toda uma série de circunstâncias ligadas ao meu trabalho", mais do que qualquer desejo de ajudar a progressão a tornar-se realidade. Mas há uma diferença. Na sua visão hipnótica ele estava sozinho, ao passo que agora está felizmente casado. Ele atribui esta mudança no seu próprio futuro à "maturidade espiritual".

Uma Queda Dramática na População da Terra

Uma previsão com a qual muitos dos sujeitos da experiência concordaram foi que haveria uma queda significativa na população ao longo dos próximos 150 anos. As estatísticas oficiais confirmam um declínio, mas não tão drástico como o visto pelos "progressionistas".

Jenny Cockell, cuja memória de uma vida passada como a dona de casa irlandesa Mary Sutton causou tanto impacto nos leitores de todo o mundo (Capítulo Dois), acredita que também viu o seu futuro... e este reside no Nepal. No seu livro *Past Lives, Future Lives*, ela dá-nos vislumbres de uma existência futura como Nadia, numa aldeia situada na encosta de uma área montanhosa caracterizada por solo de cor laranja avermelhado, de textura fina.

Tal como fizera com a sua vida irlandesa em Malahide, ela pegou num mapa da zona e sentiu-se atraída pela aldeia de Kokuwa, a meio caminho entre o Monte Evereste e a fronteira com a Índia. Além das "memórias futuras" que lhe surgiram, também recorreu ao hipnotizador Jim Alexander para a ajudar a descobrir mais informações. Ela escreve:

Esta experiência de olhar para o futuro teve uma qualidade diferente da de recordar a minha vida passada como Mary. Aquelas tinham sido como quaisquer outras memórias; nunca houve nada de estranho nelas. Com esta experiência mais recente, senti que estávamos ligadas; eu estava a viver os sentimentos não tanto como uma memória, mas como se estivesse no passado e a Nadia de dois anos me estivesse a recordar da sua vida no futuro, no ano 2040.

Ela descreve também duas outras "memórias" de vidas, uma empobrecida no século XXII, na Europa continental (possivelmente na Polónia), e a outra no século XXIII, quando é uma mulher americana que trabalha como técnica para a Unichem.

Ela não nos avisa de inversões polares ou mudanças na órbita do nosso planeta, mas concorda com os voluntários de Helen Wambach de que haverá uma queda drástica na população mundial, que ela atribui aos efeitos do uso indiscriminado de químicos que entram na cadeia alimentar.

Uma Visão Não Linear do Tempo

Acreditar que uma mente humana pode recuperar memórias de uma vida anterior impõe grandes exigências à nossa compreensão intelectual e espiritual. Aceitar que também podemos olhar para os nossos próprios futuros, individual ou coletivamente, requer certamente um salto de fé ainda maior ou a suspensão de todas as nossas faculdades críticas. A menos, claro, que estejamos a compreender mal a própria natureza do tempo. Jenny Cockell, que sempre teve lampejos psíquicos, incluindo premonições, diz que quando vê o futuro "é como se a mente existisse simultaneamente em dois pontos diferentes no tempo".

O filho dela sugeriu a seguinte explicação:

Olhamos para o tempo a partir do momento presente; vemos o passado atrás de nós e o futuro à frente, e pensamos em nós próprios existindo no agora. Mas esta visão linear pode, por si só, limitar a nossa

compreensão do tempo e da mente. Talvez a precognição envolva uma espécie de ligação telepática através do tempo.

Mas tais ideias estão para além da compreensão da maioria das pessoas que, embora felizes por satisfazerem o seu fascínio por lhes lerem a sorte, não querem debater-se com o funcionamento complexo da teoria quântica ou outras sugestões sobre como poderemos ser capazes de sintonizar o futuro.

O problema das "progressões" é que, na sua maior parte, são impossíveis de provar — pelo menos nesta vida. Mas todos deveríamos estar a ter um interesse profundo no futuro do nosso planeta e no impacto que estamos a ter nele. Afinal, se a reencarnação é um facto — para alguns ou para todos nós — então somos nós que herdaremos a Terra e seremos nós a ter de resolver amanhã os problemas que estamos a criar hoje.

CONCLUSÃO

Quando o Professor Ian Stevenson visitou Londres, perto do final de 1996, para dar uma conferência na *Society for Psychical Research*, admitiu que, após mais de trinta anos de estudo intensivo de mais de 2 500 casos de reencarnação, percebia agora que compreendia menos sobre o assunto do que pensava compreender quando começou.

Poderá haver poucos campos científicos em que tal afirmação soaria a verdade, particularmente vinda de alguém que dedicou tanto tempo e energia a investigar casos pessoalmente. Mas acontece com a reencarnação. Como vimos nos inúmeros casos citados, alguns padrões definidos emergem de relatos recolhidos em todo o mundo, contudo, eles desaparecem completamente nalgumas culturas e produzem resultados muito diferentes da norma noutras. Porquê?

Na maioria dos casos, uma memória de vida passada surge numa idade muito precoce e foi completamente esquecida antes de a criança atingir a puberdade. Mas há exceções a esta regra, incluindo algumas onde a recordação de uma existência anterior não surge completamente até à idade adulta. Porquê?

Na maioria dos casos em que uma pessoa recorda uma vida anterior, é provável que tenha renascido num corpo do mesmo sexo e na mesma cultura. Há muitos casos em que a reencarnação ocorre na mesma aldeia e até na mesma família. Mas há outras instâncias em que distâncias muito grandes separam a pessoa que tem estas memórias e o indivíduo cuja vida é recordada; encontram-se até diferenças culturais ou religiosas nalgumas delas. Porquê?

O mais intrigante de tudo, talvez, mas ao mesmo tempo provavelmente o mais convincente, são os casos — uma percentagem surpreendentemente grande — em que marcas de nascença ou malformações congénitas mostram uma correspondência estranha com ferimentos ou outras características no corpo da pessoa cuja vida é recordada. Pareceria que, para algumas pessoas pelo menos, uma morte brutal numa vida passada pode resultar no desfiguramento causado pelo método da morte transferindo-se para o novo corpo ao renascer. Porquê?

Gostaria de ser capaz de responder à pergunta "Porquê?" em todas estas instâncias, mas confesso que sou incapaz de o fazer. Há imensas teorias, claro, mas poucos factos concretos que as apoiem. No entanto, há alguns aspetos sobre os quais posso comentar com maior certeza.

Primeiro, permitam-me dizer que ignorei em grande medida as opiniões dos céticos neste livro. Não é porque desconsidere o que eles dizem. De facto, leio as suas opiniões avidamente e elas dão um contributo valioso para o debate. Apesar das suas críticas, contudo, considero pessoalmente as provas da reencarnação convincentes e esforcei-me por apresentar as razões para tal.

Sou, portanto, parcial e este livro reflete isso. Há outros que dariam uma interpretação muito diferente a muitos dos casos que citei e deve ser dito que mesmo o Professor Ian Stevenson, apesar de todos os seus esforços e com a típica cautela científica, continua a não afirmar ter provado a reencarnação. Os seus casos, diz ele, são "sugestivos de

reencarnação". Não é segredo, porém, que a reencarnação é a sua explicação preferida para os melhores casos, e essa é uma visão que partilho. Só o tempo dirá se alguma vez chegaremos ao ponto em que a reencarnação possa ser provada cientificamente.

O principal problema que temos na avaliação das provas da reencarnação é que muito do material, pelo menos inicialmente, é anedótico. Precisamos de confiar nos pais ou familiares das crianças para recordarem o que elas disseram e temos de dar margem para as suas próprias crenças, que podem colorir as suas recordações. Frequentemente, os investigadores têm de comunicar com as famílias através de intérpretes e esta é outra área onde a parcialidade pessoal do tradutor pode influenciar a forma como as recordações são experienciadas.

É também errado assumir que tal parcialidade é sempre a favor da reencarnação. Nem todos os pais acolhem bem a atenção que é dada a famílias com uma criança que tem memórias de vidas passadas. Algumas crianças são espancadas ou punidas para serem silenciadas. Assim, os investigadores que trabalham neste campo enfrentam uma tarefa muito difícil: têm de recolher informações precisas sobre afirmações feitas muito antes de chegarem ao local; por vezes encontram declarações contraditórias e têm de tomar decisões difíceis sobre a fiabilidade e os motivos das testemunhas. Toda esta operação precisa de ser repetida, claro, com a família da pessoa cuja vida está a ser recordada.

O caso ideal é aquele em que um investigador é notificado de uma criança que recorda uma vida passada logo após ela começar a falar sobre isso, sendo capaz de testemunhar essa recordação e fazer perguntas à criança. Depois, tendo colhido informação suficiente sobre a pessoa que parece ter renascido, o investigador pode ir em busca da família desse indivíduo, antes de qualquer tentativa de contacto por parte de não cientistas. Por vezes, tais buscas provam ser frutíferas, mas com a mesma frequência falham.

Qualquer cientista disposto a chapinhar nas águas turvas da vida após a morte em busca de provas de que o homem é imortal pode esperar um percurso difícil por parte dos descrentes, e o Professor Stevenson suportou muitos ataques durante a sua carreira com estoicismo e paciência. O sentido geral de tais críticas é questionar a qualidade das suas técnicas de investigação e sugerir parcialidade da sua parte.

O escritor nascido em Inglaterra Ian Wilson, por exemplo, em *All in the Mind*, criticou o Professor Stevenson por usar os serviços de Francis Story, um inglês que era budista, e do Dr. Jamuna Prasad, um psicólogo educacional do distrito de Uttar Pradesh, na Índia, que é hindu. Ele sugeriu que, uma vez que ambos estão predispostos a difundir a crença na reencarnação, não seriam as melhores pessoas para o Professor usar como assistentes de investigação ou tradutores.

Argumentou também que uma "dificuldade" no trabalho do Professor Stevenson era "a ausência, entre os seus casos publicados, de quaisquer regras discerníveis que pudessem governar a existência hipotética da reencarnação". Ele continua, queixando-se de que estes "não revelam nenhum padrão lógico" e, noutro passo, de "padrões alarmantemente inconsistentes".

O falecido D. Scott Rogo, um escritor e investigador americano que era ele próprio crítico de algum do trabalho do Professor Stevenson, não ficou impressionado com tais argumentos. Em *The Search for Yesterday*, ele menciona a recensão que escreveu do livro de Ian Wilson para a revista *Fate*, na qual descartou a crítica a Story e Prasad pelo facto de serem crentes, argumentando que Wilson poderia ele próprio ser acusado de parcialidade contra a reencarnação por ser um convertido ao Catolicismo Romano. Isto, dizem-nos, provocou uma resposta irada de Wilson, "que obviamente não percebeu que eu estava a jogar o seu próprio jogo de raciocínio tolo".

No seu próprio livro, D. Scott Rogo faz um excelente resumo de algumas das críticas que têm sido dirigidas ao Professor Stevenson e acrescenta as suas próprias. Cita quatro casos bem conhecidos e frequentemente referidos e alega que o Professor Stevenson "induziu a testemunha" no caso Mounzer Haidar (pp. 12-15); "elimina informações importantes ao escrever relatórios" no caso Mallika — nomeadamente que o pai e o avô da criança tinham negado publicamente as alegações feitas sobre o seu comportamento; exagera uma ofuscação no caso Imad Elawar "para fazer o caso caber no molde da reencarnação sem quaisquer membros procrusteanos de fora" (p. 92); e de desvalorizar uma "discrepância importante" no caso de Uttara Huddar (pp. 180-2).

Estas críticas podem parecer triviais, acrescenta D. Scott Rogo:

mas indicam que uma parcialidade sistemática pode estar a impregnar todo o trabalho de Stevenson... As falhas no seu tratamento dos casos de Mallika e Uttara Huddar só vieram a lume porque fui capaz de cruzar os seus relatórios através dos meus próprios contactos na Índia. As falhas que existiam na sua apresentação dos casos de Mounzer Haidar e Imad Elawar são de molde a que apenas um escrutínio cuidadoso dos relatórios revelaria. Portanto, surge a questão de saber se outras falhas, omissões e camuflagens podem estar a assolar o seu trabalho publicado em geral.

Uma queixa ainda mais forte foi feita por Leonard Angel, do *Douglas College*, em New Westminster, Canadá, que publicou os seus comentários sobre o caso Imad Elawar no seu livro *Enlightenment East & West*, e de forma abreviada no *Skeptical Inquirer* (outono de 1994). Escolheu-o, diz ele, porque:

apenas neste caso Stevenson registou as memórias antes da verificação, esteve presente nas reuniões iniciais entre o rapaz que tinha as memórias de vidas passadas e os membros sobreviventes da família da vida passada aparente, e conduziu as verificações das memórias.

De início, os pais do rapaz "acreditavam que ele afirmava ter sido um tal Mahmoud Bouhamzy de Khriby, que tinha uma mulher chamada Jamilah e que fora mortalmente ferido por um camião após uma discussão com o motorista". Depois de criticar o Professor Stevenson por não dar informação suficiente sobre como os dados foram recebidos, e precisamente o que os pais tinham dito, Leonard Angel continua:

Surpreendentemente, as memórias do rapaz são, no final, tidas como boas provas para a reencarnação, apesar do facto de o melhor candidato a vida passada que Stevenson encontrou não se chamar Mahmoud Bouhamzy, não ter uma mulher chamada Jamilah e não ter morrido em resultado de um acidente, quanto mais de um que se seguiu a uma discussão com o motorista.

Estas diferenças, devo salientar, são muito óbvias para os leitores de *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*, do Professor Stevenson, no qual ele trata este caso muito complicado em profundidade. E os amigos do Professor Stevenson persuadiram-no a afastar-se da sua "política de ignorar críticas publicadas em revistas" e a responder a estes pontos, insistindo no final que, apesar das opiniões de Leonard Angel, ele continua a considerá-

lo "um dos casos mais fortes" que encontrou, embora outros tenham vindo a lume desde que o investigou nos anos 60 que são "tão bons ou mais fortes". Ele insiste que Imad nunca disse que o acidente fatal de camião lhe aconteceu a ele: apenas o descreveu vividamente. E refere a possibilidade de uma "fusão de imagens na mente de Imad de 'memórias' relacionadas com a doença de Ibrahim e o acidente fatal do seu amigo Said".

Os leitores interessados no que os céticos têm a dizer sobre o assunto devem também consultar *Reincarnation: A Critical Examination*, de Paul Edwards, ainda que o seu autor recuse claramente aceitar qualquer possibilidade de sobrevivência à morte e seja, portanto, desdenhoso das provas que apontam nesse sentido.

Mas o Professor Stevenson não está sozinho na investigação de casos de reencarnação. Há vários investigadores que replicaram os seus estudos e detetaram os mesmos padrões e semelhanças. Entre eles está o Professor Erlendur Haraldsson que, em 1995, publicou no *The Journal of Nervous and Mental Disease* (Vol. 183, N.º 7) os resultados de um estudo que conduzira no Sri Lanka com vinte e três crianças que recordavam vidas passadas.

Descobriu que, em comparação com uma amostra de controlo, elas tinham maiores competências verbais e melhores memórias do que os seus pares, tinham um desempenho muito melhor na escola e eram mais ativas socialmente, mas não eram mais sugestionáveis. Eram, contudo, mais argumentativas, faladoras e perfecionistas do que as outras crianças. O Professor Haraldsson promete mais exploração para nos ajudar a compreender o significado destas descobertas.

Já comentei a queixa do autor Ian Wilson sobre "padrões alarmantemente inconsistentes" nos estudos de casos de reencarnação, particularmente entre uma cultura e outra. "Quase todos os casos dos índios Tlingit do Alasca, por exemplo, reencarnam supostamente na mesma família", aponta ele, "enquanto quase todos os casos dos indianos asiáticos ocorrem fora dela." Mas tais inconsistências poderiam ser padrões em si mesmas e ser uma força em vez de uma fraqueza. O próprio Stevenson comentou estas diferenças surpreendentes. Parece que, se a sua cultura lhe ensina que reencarna imediatamente após a morte, é isso que acontecerá. Se a crença prevalecente é a de que renascerá na sua família, é também isso que acontecerá.

Se lhe foi ensinado que a sua alma renascerá nos dois anos seguintes à morte, é também isso que ocorrerá. A cultura, a crença e até os desejos do indivíduo parecem ditar quando, onde e em quem o renascimento acontecerá. O que leva o Professor Stevenson a perguntar: "Então o que acontece às pessoas que não acreditam que irão renascer?".

Tendo investigado mais de 2 500 casos e escrito sobre cerca de duzentos deles, é quase inevitável que os críticos encontrem um ou dois dos casos do Professor Stevenson que não os satisfaçam. Mesmo que se possa mostrar que cada caso relatado pelo Professor e pelos seus colegas é falível de alguma forma, isso não significa que os casos em si não sejam prova de reencarnação. A crítica é geralmente contra o método científico mais do que contra a prova em si.

Mais pessoas do que nunca acreditam agora na reencarnação, embora tenha de dizer que a vasta maioria o faz por razões que não resistem a um exame crítico. No que diz respeito à comunidade científica, apesar dos esforços valentes do Professor Stevenson e dos seus colegas, ainda estamos muito longe de ter estudos de caso em número e qualidade suficientes para fornecer uma prova convincente.

Mas nenhum dos factos nos impede de fazer os nossos próprios julgamentos com base nas provas disponíveis, nos nossos próprios instintos, nas visões espirituais que temos ou nos ensinamentos religiosos que aceitamos. Acredito pessoalmente que alguma forma de reencarnação ocorre, para a maioria das pessoas, mas que a sua mecânica é demasiado complexa para que possamos sequer começar a compreender. Acredito também que, se mais pessoas estivessem abertas a esta possibilidade, isso poderia ajudar-nos a explorar e possivelmente lançar uma luz valiosa sobre alguns aspetos intrigantes do comportamento humano.

Por exemplo, em casos de confusão de identidade de género, poderia ajudar os indivíduos que sofrem desta condição se aqueles que os ajudam pudessem aceitar que eles possam ter vivido num corpo do sexo oposto numa vida anterior e ter retido uma memória disso.

Os psicólogos e terapeutas que se batem sobre acusações de abuso infantil e a chamada síndrome da falsa memória poderiam também considerar se tais queixas — muitas vezes patentemente falsas — não terão

sido implantadas pelo terapeuta, mas estarão a "transparecer" de uma vida anterior em que o abuso parental de facto ocorreu.

E, acima de tudo, talvez pudéssemos instilar um maior sentido de compaixão naqueles que demonstram ódio racial, religioso ou sexual, convencendo-os de que um dia poderão renascer como alguém cuja cor, crença ou género eles desprezam nesta vida.

No final, a reencarnação não se resume a estudos de caso, análise académica, estatísticas, padrões, factos e números. Resume-se a pessoas — a si e a mim. Trata-se de contemplar a possibilidade de que a vida que estamos atualmente a viver é apenas uma de muitas. Sugere que cada um de nós tem um elemento imortal, uma centelha divina, uma alma indestrutível, que sobrevive à morte corporal, e segue-se que cada um de nós tem um propósito na vida.

Se apenas um dos estudos de caso citados neste livro o tiver satisfeito quanto ao facto de um indivíduo ter vivido mais do que uma vida, então isso abre a porta à possibilidade de a reencarnação ser uma lei universal que abrange todos. Cabe a si e a mim decidir que efeito essa perceção terá no resto das nossas vidas... e naquelas que podemos esperar viver no futuro.